

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Esquisse d'une Dialectologie Portugaise

ESQUISSE

D'UNE

DIALECTOLOGIE PORTUGAISE

Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris
(FACULTÉ DES LETTRES)

présentée par

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Conservateur à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne
Ancien élève de l'École Pratique des Hautes Études

« O modo com que se falla a lingua portuguesa nas terras, v. g., da Beira é diverso do com que se falla a mesma em Lisboa, porque em uma parte se usa de umas palavras o pronúncia, e em outra parte se usa de outras ».

D. JERONYMO CONTADOR D'ARGOTE, — *Dos dialectos da lingua portuguesa* (1725).



AILLAUD & C^o

96, B⁴ MONTPARNASSE
PARIS

242, RUA AUREA, 1^o
LISBOA

1901

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

JLM Biblioteca
LEITIANA
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

José Leite de Vasconcelos

**ESQUISSE D'UNE
DIALECTOLOGIE PORTUGAISE**

José Leite de Vasconcelos

**ESQUISSE D'UNE
DIALECTOLOGIE PORTUGAISE**

Edição Crítica de Ivo Castro

Lisboa 2026

JLV Biblioteca
LEITIANA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.impresanacional.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Ivo Castro
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Esquisse d'une Dialectologie Portugaise

AUTOR

José Leite de Vasconcelos
Ivo Castro (ed.)

REVISÃO

Raquel Oliveira

DESIGN

Rita Múrias

CAPA

Rita Múrias

PAGINAÇÃO

Paulo Barata

Composto em Times New Roman e Din

Abril de 2026

ISBN 978-972-27-3192-8

A Imprensa Nacional agradece
ao Museu Nacional de Arqueologia
e ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
(Lisboa UID/214/2025 (<https://doi.org/10.54499/UID/00214/2025>))
o apoio que deram à produção deste livro.



MUSEU
NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA



Centro de Linguística
da Universidade de Lisboa

ESQUISSE

D'UNE

DIALECTOLOGIE PORTUGAISE

Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris

(FACULTÉ DES LETTRES)

présentée par

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Conservateur à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne

Ancien élève de l'École Pratique des Hautes Études

« O modo com que se falla a lingoa portuguesa nas terras, v. g., da Beira é diverso do com que se falla a mesma em Lisboa, porque em uma parte se usa de umas palavras e pronúncia, e em outra parte se usa de outras ».

D. JERONYMO CONTADOR D'ARGOTE, — *Dos dialectos da lingoa portuguesa* (1725).



AILLAUD & C^{ie}

96, B^a MONTPARNASSE
PARIS

242, RUA AUREA, 1^o
LISBOA

1901

Fig. 1: Portada da 1.^a edição (Paris, 1901).

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Novidades desta edição da *Esquisse*

A *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (1901) é uma obra maior de Leite de Vasconcelos e, por conseguinte, da linguística portuguesa. Figura ao lado da *Filologia Mirandesa*, das *Religiões da Lusitânia*, da *Antroponímia Portuguesa*, do *Fabulário Medieval Português*, e de alguns mais, na bastante curta galeria dos livros que foram integralmente planeados, investigados e escritos pela mão do Mestre, e nisso se distinguem da vastíssima pradaria bibliográfica composta por centenas de artigos e pequenas monografias, recolhidas de textos, inscrições, resenhas, nótulas, ementas, e compilações mais ou menos estruturadas desses mesmos pequenos escritos, que Leite primeiro publicava urgentemente de olhos postos na novidade e na afirmação da sua prioridade, para mais tarde os retomar em pausados tomos, como os *Opúsculos* e demais recolhidas paralelas. Sem falar dessa outra galeria formada pelas grandes obras póstumas – a *Etnografia Portuguesa*, o *Romanceiro Português*, os volumes do cancionero, das lendas, do teatro popular –, que foram concebidas e planificadas por Leite, iniciadas algumas pela sua mão (ou pelo seu ditado, nos tempos de mais reduzida visão), recheadas de documentação diretamente captada por ele, ou angariada pelos seus informantes, deixando luzir a cada esquina as centelhas do seu incomensurável saber – mas afinal escolhidas, redigidas e rematadas pelas mãos daquele grupo de discípulos que Orlando Ribeiro reuniu em torno de uma parte do espólio leitiano que foi resgatar do Museu de Arqueologia ‘à socapa’ (palavras suas¹), para que não se perdesse e fosse cumprido o voto testamentário de acabarem de publicar o que ele deixasse a meio. Essas obras fundamentais, que hoje avultam como sendo a cimalha da obra de Leite, só em partes do papel, ou até só da intenção, se podem considerar real produção sua, o que exalta o mérito dos discípulos que efetivamente as escreveram, para logo varrerem da portada as suas próprias pegadas.

É dessa biblioteca terminal e póstuma que se distinguem livros integralmente leitianos como a *Esquisse*. Apesar da modéstia do título (ensaio, esboço, tentame) e do

1 Orlando Ribeiro, prefácio a J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, vol. IV, Lisboa, 1958; reproduzida em *Mestres, Colegas, Discípulos*, vol. I, Lisboa, Gulbenkian, 2016, p. 315.

recatado prefácio («não posso pretender possuir hoje todos os elementos necessários a um trabalho definitivo»), esta obra coroa vinte anos de pesquisas dialetológicas, cumpridas por Leite tanto no terreno como na banca de escrita, com sistematizações que, mesmo nos pontos em que se acha superada pela investigação subsequente (que não teria por que ficar ociosa), a esta serve de bitola e régua, tantas vezes de bússola. O tempo que passou confere aos dados recolhidos por Leite o valor especial, de que ele talvez tivesse consciência, de testemunho contemporâneo de realidades que hoje são históricas, mas que foram presenciadas e inquiridas por ele, retiradas do chão pela sua picareta, limpas de terra pelos seus dedos, vistas (ou ouvidas, porque se trata quase sempre de frases, palavras, sons), reconhecidas, classificadas e orientadas por ele. Na introdução do livro, Leite desculpa-se por não fazer acompanhar os seus dados das habituais referências a fontes; é que, justifica, todos são provenientes de recolhas suas, e muitos deles inéditos. Tinha largos motivos para se gabar desse esforço recoletor, e da sua prática de sábio viandante: pense-se, para mais agudo confronto de métodos, no crédito que haverá de ser concedido aos dados linguísticos de um bicho de gabinete como Adolfo Coelho (genial iniciador que foi, mas sem pisar a terra); ou, mais perto de nós, a inquéritos dialetais exercidos por correspondência postal.

Não se sabe que mais apreciar: se a qualidade desses dados dialetais (melhor dito, da língua falada e por Leite escutada em todos os recantos do país), se o seu mapeamento sistemático e consistente com a história e a sociedade. Lindley Cintra considerava que a *Esquisse* era «ainda hoje [escrevia em 1971] a única descrição de conjunto dos dialectos portugueses» e chamava a atenção para a extensa perdurabilidade das descrições de Leite: obra «muito rica quanto a informações que permaneciam válidas uns cinquenta anos depois de publicadas, como tive oportunidade de o verificar, não sem alguma surpresa, ao percorrer Portugal como inquiridor do ALPI, o que prova como – entre 1900 e pelo menos 1953-1954 – os dialectos portugueses só superficialmente estiveram sujeitos à acção de factores ‘normalizadores’ como a escola e a rádio».²

E hoje? Hoje, os elementos normalizadores apontados por Cintra, acolitados por forças maiores que se manifestariam mais tarde, como sejam a televisão e os *media*, e em outro plano a ascensão social e a migração interna de grandes fatias da população, que abandonaram as províncias preservadoras dos antigos dialetos e se instalaram com estilos de viver urbano nas regiões do litoral, não poderiam ter outro efeito senão a nivelação de modos de falar, a concentração no mesmo bairro de famílias provenientes de províncias distintas, a escolarização geral e a promoção de modelos concebidos para serem imitados pelas camadas mais influenciáveis, de modo uniforme em todo o país. As missões dos linguistas são hoje, portanto, outras – a começar pela escolha da perspectiva que devem adotar: mais dialetológica ou mais sociológica? Curiosamente, observam-se sugestões de que certos traços dialetais tradicionais, em vez da morte anunciada, evidenciam resiliência e mesmo algum incremento territorial. Instigante como é esse fenómeno, que precisa de diligentes

2 L. F. Lindley Cintra, ‘Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses’, *Boletim de Filologia*, Lisboa, XXII, 1971, p. 84. Ainda hoje a afirmação de Cintra conserva a sua atualidade.

exploração e explicação, ele encerra uma pergunta da maior simpleza: até que ponto e de que modo se podem observar ainda os antigos dialetos descritos por Leite de Vasconcelos? O que resta deles? Para responder a isso, a *Esquisse* funciona como uma preciosa baliza *a quo*, a partir da qual se pode medir e traçar a evolução ou a manutenção de traços linguísticos que contribuem para o quadro social e dialetal do português europeu. Por outras palavras: a utilidade atual da *Esquisse* mantém-se, se é que não cresceu.

Primeira edição (1901)

O que seria razão suficiente para dela se fazer esta nova edição. Esgotada à nascença a 1.^a edição (lê-se em cartas de Leite as suas desculpas por não ter exemplares para oferecer: a obra saiu em Paris, teve de depositar muitos exemplares na Sorbonne, poucos lhe sobraram, e outras diplomacias assim), foi empreendida uma 2.^a edição em 1970, com características inovadoras, e em 1987 uma 3.^a, que é simples reimpressão daquela 2.^a. São hoje raros os exemplares de qualquer delas.

A presente edição dispõe de materiais e objetivos bastante distanciados das anteriores, a começar pelo facto de se destinar a publicação apenas digital, o que deverá resolver o problema da escassez de exemplares. Mas as suas características serão melhor entendidas se começarmos por refazer a história editorial da obra, deixando para o fim a sua génese, em que se acham concentradas as maiores novidades.

A 1.^a edição foi publicada por Leite de Vasconcelos em 1901 em Paris. A portada, idêntica na capa e no rosto, não é peca de informação, antes pelo contrário, como evidencia a **Fig. 1**. O editor Aillaud & C.^{ie} tinha estabelecimento em Lisboa, na rua do Ouro, mas todo o trabalho de composição, revisão de provas e impressão foi feito na sua tipografia parisiense, tendo terminado em junho de 1901 (segundo o cólofon). Apesar de a língua do livro ser o francês, o facto de todas as exemplificações e muitas das citações serem portuguesas constituiu problema de alguma delicadeza durante a revisão das provas, das quais falaremos mais adiante.

Doutoramento em Paris

Diz-nos a portada que o livro se destinava a ser tese para a obtenção de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Paris (então Sorbonne pura e simples). De facto, encontra-se numa página final (p. 221) o *imprimatur* do vice-reitor da Academia de Paris e a admissão da tese a provas, concedida pelo decano da Faculdade de Letras em 14 de maio de 1901, ou seja um mês, ou ainda menos, antes de a impressão ter sido concluída, em junho. A defesa da tese teve lugar em 15 de julho e foi noticiada na imprensa portuguesa com algum destaque, pois provas académicas desse calibre não eram frequentes, ou sequer praticadas, em Portugal. Todos os linguistas portugueses eram autodidatas provenientes de outras formações. O próprio Leite era médico, embora com uma tese de licenciatura (*A Evolução da Linguagem*, Escola Médica do Porto, 1886) que deixava transparecer que as suas inclinações iam mais para a cognição, a fisiologia e a patologia da linguagem do que para os lados

curativos da profissão, que apenas exerceu durante uns meses contrariados na região do Cadaval, entre a formatura e um lugar de bibliotecário em Lisboa, mais conforme aos seus gostos e talentos.

Entre os ecos na imprensa portuguesa do doutoramento na Sorbonne, sobressai este extenso e um tanto paroquial artigo de *O Século*, de 30 de julho de 1901, a que Leite atribuiu compreensível importância, a ponto de o ter recortado e colado nas folhas finais de guarda do seu exemplar pessoal:

Um portuguez doutorado em Paris

Paris, 18 – Por telegramma dirigido de Paris pelo sr. dr. Trindade Coelho, os leitores do *Seculo* tiveram conhecimento de que o nosso illustre e sabio compatriota sr. Leite de Vasconcellos recebeu no dia 15 do corrente o grau de doutor pela Universidade de Paris; e porque nos parece interessante e honroso para Portugal um facto d’essa natureza, de tão alta significação, não resistimos ao prazer de additar aquella noticia com as seguintes informações:

O grau de doutor foi com effeito conferido ao sr. Leite de Vasconcellos, acompanhado de menção *très honorable*, o que equivale, em Portugal, a *louvor maximo*, e, na Universidade de Paris, á mais alta classificação que ella confere.

Em 1899, o sr. Leite de Vasconcellos veiu a Paris, e matriculou-se na Universidade, na Ecole des Hautes Etudes e no Collège de France, seguindo ao mesmo tempo como ouvinte o curso da Ecole des Chartes.

Obteve o sr. Leite de Vasconcellos os diplomas de frequencia dos cursos em que se matriculou, e tambem o diploma de alumno titular da Ecole des Hautes Etudes. Os cursos que seguiu foram os de Philologia Romanica (provençal, etc.) e Celtica, e Epigraphia.

Nos annuarios da Ecole des Hautes Etudes, o nome do nosso illustre compatriota figura durante tres annos, e podemos affirmar que no decurso d’esse periodo a escola não teve estudante mais trabalhador e que mais e melhor grangeasse, com a alta consideração dos seus professores, a propria amizade pessoal d’estes, e a estima unanime dos seus condiscipulos.

A pedido dos seus sabios professores, já em 1899 o sr. Leite de Vasconcellos fez um curso de *Grammatica Historica Portugueza*, na Escola dos Estudos Superiores, e o annuario d’aquelle anno, pag. 63 e 64, refere-se a esse facto com muito elogio.

No anno seguinte, 1900, o eminente philologo Gaston Paris e Antoine Thomas fazem ao nosso illustre e sabio patricio, no annuario da Ecole des Hautes Etudes, pag. 62, as mais lisongeiras referencias, que se repetem no annuario de 1901, a pag. 98; – e, não contentes com essa alta e singularissima prova de consideração, aquelles eminentes professores da Universidade de Paris, verdadeiras celebridades scientificas da Europa, insistem com Leite de Vasconcellos para que venha defender these, concorrendo ao grau de doutor.

Acceptou o nosso illustre patricio o lisongeiro convite; e elaborando e traduzindo elle proprio para francez a sua these, que fórma um opulento

volume de cerca de 300 paginas, a que deu o titulo, para nós tão sympathico quanto modesto para o merecimento scientifico da obra, de *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, apresentou-se a defende-la no dia marcado pela Faculdade, e que foi, como os leitores do *Seculo* já sabem, o dia 15 do corrente.

A these do nosso illustre patricio abrange tres partes: 1.^a, «Historia geral dos dialectos (geographia da lingua portugueza, tanto em Por[tu]gal como no resto do mundo)»; 2.^a, «Grammatica dos dialectos do continente e do ultramar»; 3.^a, «Theoria dos dialectos».

Constou o acto, que durou desde as 9 da manhã até ao meio dia, não só da defeza da these, sobre a qual todos os professores argumentaram, mas de mais dois pontos: traducção e explicação de um texto provençal e seu commentario, e exposição toponimica portugueza em todos os seus periodos (celtico, romano, portuguez propriamente dito, etc.), tendo sido para nós verdadeiramente encantador o aspecto de essa larga ardozia da sala, onde se realisava o acto, coberta umas poucas de vezes de nomes de terras portuguezas, na maioria aldeiolas modestas das nossas provincias, evocadas tão alto pela sciencia em plena Universidade de Paris! Trindade Coelho, que assistia tambem ao acto, disse-nos commovido: «Quem me dera uma photographia d'aquella *pedra*, assim, tão cheia de nomes das nossas aldeias! Coitadas, mal dirão ellas o que se está aqui passando a esta hora!»

Antes de começar a argumentar, cada um dos sabios professores fez o elogio do sr. Leite de Vasconcellos, cuja vasta obra conheciam; e todos, sem excepção, se referiram nos termos mais calorosos á pequena mas brilhantissima phalange dos philologos portuguezes, especializando, com palavras do mais alto louvor, os srs. Adolpho Coelho, Gonçalves Vianna e D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

Fallando do sr. Gonçalves Vianna, um dos arguentes, o sr. Maurel Fotió³ disse que os seus trabalhos sobre phonetica, publicados no jornal de philologia *Romania*, tinham marcado epoca na historia da sciencia – acrescentando que era notavel o contraste entre a Hespanha e Portugal, visto que, ao passo que Portugal apresentava uma phalange de philologos de primeira ordem e marchava na vanguarda da sciencia philologica ao lado das nações mais adiantadas n'este ramo de estudos, a Hespanha, pelo contrario, pouco tinha feito, e parece que estagnára!

Outro arguente, o sr. Antoine Thomas, referiu-se em termos deveras eloquentes e affectuosos á historia dos portuguezes que tinham vindo estudar a Paris, e lembrou a «dynastia dos Gouveias» que fundaram o celebre instituto scientifico de Santa Barbara, que ainda hoje existe sob o nome de *Collège de Sainte Barbe*.

Foi com profunda emoção patriotica que ouvimos outro professor dizer, referindo-se a Portugal: *ce pays si petit par le territoire et si grand dans l'histoire* – paiz tão pequeno pelo seu territorio e tão grande pela sua historia – acrescentando que os trabalhos portuguezes sobre philologia estavam á altura das melhores produções congeneres do estrangeiro!

3 Aliás, Alfred Morel-Fatio.

Leite de Vasconcellos falou em francez durante todo o acto, findo o qual todos os professores se recolheram em breve conferencia, regressando á sala para declararem o seu veredicto: – «O jury, disse então o presidente para o sr. Leite de Vasconcellos, declara-vos doutor pela Universidade de Paris, conferindo-vos o grau com menção muito honrosa (*très honorable*)». E todos apertavam as mãos ao nosso patricio, a quem nós, os portuguezes presentes, agradecemos em seguida, em calorosos abraços, a honra, a verdadeira gloria, que sobre nós e o nosso querido Portugal de tão alto fizera incidir!

Ao sr. dr. Leite de Vasconcellos, a Gonçalves Vianna, a Adolpho Coelho e a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos os nossos mais enternecidos agradecimentos por nos haverem proporcionado a alegria de ouvir falar bem de Portugal pela bocca de homens eminentes, que são outras tantas notabilidades scientificas, n'aquelle logar e n'um acto d'aquelles: na Universidade de Paris e no doutoramento d'um portuguez!

Se os nossos politicos ligassem a estes assumptos a attenção que elles merecem, que bella occasião para galardoar alguns sabios illustres da nossa terra e os illustres e sabios professores que tão alto elevaram, em plena Universidade de Paris, o nome de Portugal! Seria nobre e seria gentil a demonstração por parte do governo portuguez, como interprete do paiz, de que lhe não são indifferentes estes assumptos e de que sabe ser grato e galardoar.

A Ordem de S. Thiago parece que foi creada para premiar o merito scientifico, e difficilmente seria conferida a quem mais e melhor a merecesse, e em condições mais honrosas para Portugal.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos tem sido muito obsequiado pelos mais illustres professores da Universidade de Paris. Tem almoçado ou jantado em casa de alguns e assistido em casa de outros a reuniões dadas em sua honra. Todos lhe mostram, a par da mais elevada consideração pelos seus merecimentos scientificos, a mais affectuosa amizade pessoal, amizade que elle, pelos seus elevados dotes de coração e de character, sabe conquistar e... merecer!

O nosso illustre amigo seguiu em viagem de estudo para a Belgica e para a Hollanda, e deve demorar-se na Allemanha um mez, pois deseja estudar gothico em Munster com o sabio e bondoso dr. Storek, outro amigo dedicado dos portuguezes e admirador e amigo do nosso patricio.

O infatigavel homem de sciencia, tão conhecido já hoje nos mais elevados circulos scientificos de toda a Europa, deve estar de volta a Portugal em fins de agosto, regressando pela Suissa e pela Hespanha – sempre em missão de estudo, modesto sempre e sempre desamparado de qualquer subsidio, apostolo que se entregou todo á sua missão e só para ella vive – e para nos honrar!

Bem haja, bem haja!

Deste doutoramento parisiense não houve, contudo, bens immediatos na vida profissional de Leite de Vasconcelos. Continuou conservador na Biblioteca Nacional e diretor do Museu Etnológico de Belém, que fundara sob o patrocínio de Bernardino Machado (e que hoje se designa Museu Nacional de Arqueologia, com o seu nome).

Só após a implantação da República e a criação da Faculdade de Letras de Lisboa daria início a uma carreira universitária que não iria ser longa, por limite de idade. A dialetologia continuaria a ser um dos seus domínios principais, fazendo pesquisa de campo e promovendo recolha de materiais, mas publicando poucos artigos novos e, sobretudo, sem retomar ou retocar, publicamente, o texto da *Esquisse*. O facto de nunca ter, que se saiba, pensado em traduzir para português o livro não significa que o tivesse retirado do pensamento. Talvez possa isso atribuir-se à familiaridade do público culto de então com a língua francesa, que era a primeira, senão a única, língua estrangeira de uso nacional. Quem se interessasse por tais matérias certamente as poderia ler no original.

Mas abundam evidências de que continuou a reler o seu livro e a retocar passagens, ou para melhorar a expressão, ou para acrescentar dados e referências. O seu exemplar pessoal, conservado no Museu de Arqueologia juntamente com a maior parte do espólio (salvo aquela parte que Orlando Ribeiro retirou, e se encontra hoje na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa), revela nas margens muitas anotações que constituem, para o que nos interessa, a expressão da sua derradeira vontade autoral. Além disso, achavam-se nesse exemplar, entre certas páginas, papelinhos soltos com notas (que foram extraídos e cuidadosamente reunidos em envelope identificado como *MNA, caixa 8, envelope 6*), tudo isso permitindo dizer que a vida da *Esquisse*, nas mãos e no interesse do autor, prosseguiu muito para além da época da publicação. Provavelmente, até à morte em 1941.

Segunda edição (1970)

Trinta anos passaram até que L. F. Lindley Cintra deu início às publicações relacionadas com o seu grande projeto de inquéritos para o Atlas Etnográfico-Linguístico de Portugal e da Galiza, que arrancou no Centro de Estudos Filológicos (hoje Centro de Linguística da Universidade de Lisboa). Foram nessa fase, inícios dos anos 70, publicados um volume de bibliografia dialetal e três cadernos de questionário que seriam depois usados para registar os inquéritos do Atlas, mas a encimar essa série de obras encontrava-se, como prova da vitalidade dos seus materiais e da sua sistematização, a 2.^a edição da *Esquisse* (Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970). Quase em simultâneo, Lindley Cintra publicava no *Boletim de Filologia* a «Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses», onde se encontra a sentida evocação da *Esquisse* que acima citei, a par de uma atualização da descrição e dos conceitos que alicerçam a dialetologia do português europeu.

Esta 2.^a edição da *Esquisse* tinha características que a distanciavam um pouco da edição original. Realizada por Maria Adelaide Valle Cintra, anunciava-se na portada como «2.^a edição, com aditamentos e correcções do Autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos, por...». O texto reproduz o de 1901. Os aditamentos e correções, tanto aqueles que formam a marginália do exemplar pessoal como os papelotes dele extraídos, foram traduzidos para francês e parcialmente redactados para «estabelecer maior coerência no texto», sendo inseridos ou dentro do texto ou como nota de rodapé, e identificados entre

parênteses retos. A série de notas é, por conseguinte, mais extensa que a da edição original. Uma curta «Nota Prévia», decerto redigida por Lindley Cintra, contextualiza a nova publicação.

Seguiu-se-lhe uma 3.^a edição (Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987), que mais não é que uma reprodução facsimilada da edição de Valle Cintra e não deveria, em rigor, ser tratada como nova edição, mas como simples reimpressão. Tive responsabilidade na sua produção e aproveitei esta ocasião para me penitenciar da indistinção terminológica.

Edição crítica

Uma nova via é iniciada com a presente edição, que é de natureza crítica e, aspiracionalmente, genética. É *crítica* porque regressa à forma fixada por Leite na 1.^a edição e à letra exata das adições por ele feitas no exemplar pessoal, sem traduções nem cortes; também porque corrige alguns poucos erros da 2.^a edição, escapados à vigilância de Valle Cintra, e ainda porque corrige erros que os tipógrafos parisienses deixaram na 1.^a edição, isto com recurso a peças do *dossier* genético.⁴

E é uma edição *genética* precisamente porque faz uso, não tão amplo quanto seria desejável, desse abundante e variado *dossier*, desconhecido até há poucos anos, constituído por quatro categorias de material manuscrito: uma redação inicial em português, uma sua tradução para francês, provas tipográficas da 1.^a edição e, finalmente, um exemplar desta edição que Leite anotou abundantemente. Com ressalva deste exemplar pessoal, os outros materiais encontravam-se dispersos e não identificados, na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia (MNA). O manuscrito original português, falho das folhas iniciais e, portanto, de título, encontrava-se entre papéis de Epifânio Dias que Leite herdou e, ao que parece, misturou com os seus próprios. O índice deste original, que teria ajudado a uma mais rápida identificação, encontrava-se em outro lugar do espólio e só agora foi reunido ao corpo central da obra. Não é possível saber se foi Leite, ou algum desarrumador subsequente, quem associou este original aos papéis epifânicos. Mas nem ele, nem a tradução francesa, cujo vaguear pelas caixas do espólio não se consegue reconstituir hoje, foram vistos por Maria Adelaide Valle Cintra quando preparou a 2.^a edição, que apenas pôde beneficiar do exemplar pessoal e suas notas marginais. Quanto às provas tipográficas, aparecem ao virar de cada esquina, tanto no MNA como na Biblioteca da Faculdade de Letras, muitas delas recicladas pelo próprio Leite para outros usos, graças ao que se salvaram.

4 Veja-se a nota 142 ao texto crítico, em que é corrigido um erro da 1.^a edição, mantido naturalmente pela 2.^a [*je vois* emendado para *je crois*]. A correção foi possível graças ao original português (falta a secção correspondente no original francês). Este caso não é único: em vários outros foi possível melhorar a lição dada pela 1.^a edição (ou pela 2.^a) com base na evidência dos manuscritos, especialmente do francês, que Leite apurou com vista à sua função de original de imprensa.

Presentemente, e em consequência da investigação preparatória desta edição,⁵ os dois originais e materiais acessórios (incluindo alguns maços de provas) acham-se reunidos numa caixa própria e identificada (MNA, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise. Originais e provas tipográficas. Caixa 3*). As provas pertencentes à Biblioteca da Faculdade de Letras estão catalogadas e digitalizadas. Assim, é possível dizer-se que em inícios de 2024, altura em que estes materiais foram pela última vez consultados, o dossier genético da *Esquisse* se apresentava com a seguinte composição:

a) *original autógrafo em português*, pertencente ao MNA; está guardado com os restantes materiais na *Caixa 3*. Era constituído por 122 fólios + 3 de índice; mas faltam os fólios iniciais até à 45, o que corresponde a uma extensa lacuna que abrange o prefácio (se ele foi escrito em português, o que não é seguro) e todo o texto até ao §44. Também faltam os fólios 49 e 64; em compensação, dois fólios foram numerados 90A e 90B. As folhas estão soltas e numeradas por Leite; a maior parte delas foi preparada para receber adições ao texto, com uma dobra à direita de cerca de um terço da largura. Muitos fólios têm recortes, ou fragmentos colados, reveladores de que a escrita nem sempre foi linear e tranquila. Para alguns cortes encontra-se uma explicação bem curiosa: as transcrições mais extensas de textos portugueses, que não se destinavam a ser traduzidas, foram recortadas deste manuscrito e coladas no lugar correspondente do original francês, de forma a poupar o tempo e o cuidado de as copiar de novo. Outros fólios foram constituídos pela colagem de fragmentos: o fólio 84 é um compósito de quatro elementos colados na vertical, no estilo das 'bandeiras' leitianas, e o fólio 87 por dois elementos. As três folhas do índice constituem um conjunto à parte e foram claramente escritas *post-factum*, mas em dois tempos: a terceira folha do índice destaca-se graficamente das anteriores e refere apenas a terceira parte do livro, as *Considerações*, porque estas devem ter sido escritas separadamente do resto da obra, assim como o índice visivelmente o foi.

b) *original da tradução francesa*, pertencente ao mesmo museu e depositado na mesma caixa; é mais completo, tendo 2+181 fólios numerados; mas faltam pelo meio bastantes folhas isoladas e tem duas lacunas importantes, uma entre os fólios 75 e 101 (apenas resta o 96) e a outra entre os fólios 145 e 158.⁶ As folhas, quadriculadas

- 5 Essa investigação beneficiou crucialmente de raras condições facultadas pelo MNA, através da sua bibliotecária, Dra. Lúvia Cristina Coito, a quem devo o acesso direto ao arquivo, a par de buscas de sua iniciativa que levaram, por exemplo, à localização muito recente de maços de provas, e a adaptação flexível da topografia e classificação dos materiais aos resultados que a pesquisa foi alcançando. O Museu encerrou ao público em meados de 2023 para prolongados trabalhos de reforma, o que inviabilizou o completo exame do *dossier* genético mas, em compensação, acelerou a presente publicação. Nas consultas e verificações realizadas nesta fase final, e especialmente na recolha e tratamento de imagens, beneficiei também da colaboração generosa da Dra. Vânia Carvalheiro Mendes, estudante da pós-graduação em Crítica Textual da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 6 Não é de excluir que estes materiais omissos sobrevivam e possam vir a ser descobertos por casualidade, o que justifica o tom cauteloso que esta exposição em certos lugares assume. A lista dos fólios omissos é a seguinte: 8, 12, 13, 71, 76-95, 97-100, 114, 117, 127, 128, 136, 139, 143-144, 146-157, 159, 160, 162.

e de grande formato, foram preparadas com a mesma larga dobra direita, destinada a adições de texto. É igualmente um autógrafo de Leite, mas exibe correções de estilo e de tradução feitas pelo menos por uma mão não identificada. Leite não se limitou a traduzir o original português, pois intercalou a tradução com muitas adições redacionais novas, o que aliás continuou a fazer, de modo intensivo, nas provas tipográficas. Alguns fragmentos colados são as referidas citações portuguesas, que transitaram de um suporte para o outro. A mão ajudante, de estilo caligráfico francês, não se limitou a melhorar a tradução, pois interveio por vezes na redação, o mesmo acontecendo na revisão das provas.

c) *provas tipográficas da edição parisiense*, algumas formando conjuntos guardados no MNA, mas muitas outras dispersas tanto nesse espólio como no da Biblioteca da Faculdade de Letras, depois de terem sido recicladas por Leite para servirem de capilha a papéis menores, ou para receberem novo texto no verso, ou fragmentadas em papéletes destinados a anotações ou marcas. Leite era grande aproveitador do desperdício das oficinas tipográficas com que trabalhava e as folhas de prova, por estarem impressas apenas numa das faces, ofereciam-lhe a outra graciosamente. Algumas provas serviram para restaurar os buracos deixados no original português pelo recorte de citações: este processo assíduo demonstra a contiguidade espacial dos dois originais, mesmo durante a fase de revisão de provas, quando estas eram substituídas pelas emendadas e se tornavam descartáveis. Muitas provas reunidas em maços foram descobertas no MNA nas vésperas do seu encerramento (agosto de 2023), e apenas receberam um exame rápido: estão guardadas na mesma *Caixa 3*. Distinguem-se nos maços que as formam dois conjuntos: um está marcado *1.^{re} épre [uve]* e é datado *6/6/1901*, enquanto o outro está marcado *2.^e épreuve, 2/5/1901*. Esta datação é incongruente e deve ter sido acrescentada tardiamente, porque algumas folhas que formam os dois conjuntos têm datas próprias, que não concordam com aquelas. Mais útil que essa datação é a distinta natureza das provas e das emendas, que ajuda a sequenciá-las: umas são provas de granel (texto corrido e ainda não paginado, que foi várias vezes revisto pela mão de Leite, que muda parágrafos inteiros, e também por um colaborador autorizado a intervir no texto, que deve ser o mesmo que tinha emendado a tradução);⁷ ficam assim documentadas sucessivas fases de revisão, e inclusão de texto novo, no período antecedente à paginação. Após esta, temos as provas de página, com menor número de emendas, mas mesmo assim apresentando indícios de corresponderem a várias etapas de acabamento.⁸ A multiplicação das fases de prova, a abundância de emendas e a natureza substantiva de muitas, mesmo

7 Quanto a provas de granel, e tomando como referência as páginas da 1.^a edição, de que essas provas foram servidoras, registam-se as seguintes omissões: páginas 5-8, 38, 51, 68, 69, 71-79, 82-95, 99-103, 105, 106, 108, 109, 112-117, 120-123, 127-130, 136, 138, 149, 150, 156, 160-162, 165, 171, 172, 175, 176, 179, 170, 182, 185, 186, 188, 189, 193, 199, 201, 202, 204, 205, 214-216.

8 Com o mesmo critério, entre as provas que correspondem a páginas definitivas, ou quase (ainda sem títulos correntes, ou com mudanças substanciais no texto), registam-se as seguintes omissões: 7-21, 25-27, 30-59, 62, 65, 68-83, 86-89, 91, 92, 97-104, 107-127, 129, 131-135, 137, 140, 142-147, 149, 151-159, 161-164, 166-172, 176-187, 191, 193, 194, 196-202, 204-220.

que tardias, a sua inter-relação com os originais manuscritos, mesmo o português (porquê?), são fenómenos que demarcam uma zona em larga medida vedada à investigação que foi possível realizar e que terão de esperar por tempos em que volte a poder examinar-se, diretamente e em conjunto, os documentos conhecidos e, quem sabe?, os que faltam ao atual inventário.

d) exemplar pessoal: já foi descrito nos seus traços gerais. Encontra-se no MNA, sem cota, na biblioteca legada por Leite de Vasconcelos. Os papelotes que Leite intercalara foram recolhidos em envelope e acham-se agora na mesma *Caixa 3*.

O projeto que normalmente decorreria do conhecimento e da exploração completa destes materiais, que, apesar de truncados, são muito abundantes e eloquentes, seria a sua colação e a reconstituição das sucessivas etapas de escrita e construção do livro, de que são de esperar revelações sobre a evolução do pensamento linguístico de Leite e sobre o acumular de leituras, influências e colheita de dados. Encontrou esse projeto um obstáculo, o encerramento do MNA no verão de 2023, apenas parcialmente mitigado por posteriores consultas pontuais. Embora a maior parte do material tenha sido reproduzido em imagens digitais, que permitem o prosseguimento de alguns tipos de trabalho de colação, há verificações de qualidade de papéis e tintas, confronto de letras e decifração de linhas cortadas ou esbatidas que apenas podem ser efetuadas através da observação direta dos suportes textuais – coisas que a presente edição deixou por fazer. Alguma coisa, mas não tudo, será dito sobre a génese do livro nas páginas que se seguem; a nova edição da *Esquisse* não esperará mais para ser facultada ao leitor estudioso; um estudo futuro dará com certeza conta do que a atual elipse documental não permite agora saber, ao mesmo tempo que reparará os erros e omissões que aqui cometo, pois não serei eu já quem levará essa viagem ao seu termo.

Comparação da edição crítica com a 2.^a edição

Quais são as principais diferenças entre esta nova edição e a edição que Maria Adelaide Valle Cintra produziu em 1970? Como não podia deixar de ser, ambas conservam com fidelidade não só o texto, mas também, quando possível, o grafismo da edição de 1901, por esta ter sido controlada até pormenores mínimos pelo autor. Por exemplo, apesar da urgência de outras tarefas, Leite mantinha-se atento às tecnicidades tipográficas, como seja a não-abertura de parágrafo após uma citação longa, que apontava sistematicamente no original de imprensa. Contudo, nem sempre é possível respeitar o *layout* da 1.^a edição, porque os materiais gráficos hoje disponíveis (fontes fonéticas, por exemplo) não são os mesmos. Os casos em que a presente edição julga estar em condições de apresentar melhores soluções de texto que as antecedentes são marcados por nota de rodapé. As poucas alterações de aspeto da página, que não afetam o texto e são motivadas pelo ambiente digital desta edição, passam sem nota especial. No final desta introdução irá uma nota sobre símbolos fonéticos.

As notas de rodapé são, talvez, o aspeto em que as duas edições mais divergem. Sem exceção, não foi seguida a opção de Maria Adelaide Valle Cintra de traduzir para francês as anotações que Leite tinha inserido no seu exemplar, nas margens ou em

papelotes intercalados, escritas naturalmente em português e em momentos diversos. Também Leite não tinha traduzido para francês as inúmeras citações, algumas delas bem extensas, que oferece de autores portugueses (ou de outras línguas, alemão incluído). Como vimos, até recortou muitas delas do original português e transferiu-as para o original francês, sem qualquer alteração no texto. Se Leite criou assim uma obra bilingue de raiz, não parece que continuar nessa veia mantendo as anotações no português em que ele as escreveu seja desprezar o seu espírito ou a sua prática.

Além disso, a opção de traduzir nem sempre conseguiu ser eficaz: na maior parte dos casos, aquilo a que chamo ‘adições de Leite’ são notas soltas, justapostas por Leite ao texto impresso, mas nele não integradas por adaptação redacional. A 2.^a edição sentiu necessidade, em certas ocasiões, de intensificar, ou mesmo criar, essa integração e para isso teve de alterar a redação, quer do apontamento adicionado, quer do texto impresso, sem deixar de identificar por meio de parênteses retos a zona de intervenção.

Também a presente edição procede desse modo, informando dentro dos parênteses se se trata de uma nota marginal (*ex. pess.*), ou de um papel solto (*solto*). Sempre que conveniente, as adições são feitas dentro do texto, mas sem se confundirem com ele; senão, aparecem em nota de rodapé. Mas o texto da adição é sempre dado na íntegra, na língua em que foi escrito e sem adaptações ao contexto, bastando – penso – que esse texto adicionado se encontre visível próximo daquele a que foi acrescentado por Leite.

Darei alguns exemplos de como estes problemas foram tratados de modo diferente nas duas edições:

a) No §6, dedicado à geografia da língua portuguesa, Leite inclui, na página 22 da 1.^a edição, uma citação extraída da revista *Panorama*:

«Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se falla um dialecto portugues, como linguagem commum entre aquellos povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francês».

Depois, na margem externa do seu exemplar, adicionou um apontamento corrido de quatro linhas, fronteiro a essa citação. Cf. **Fig. 2**.

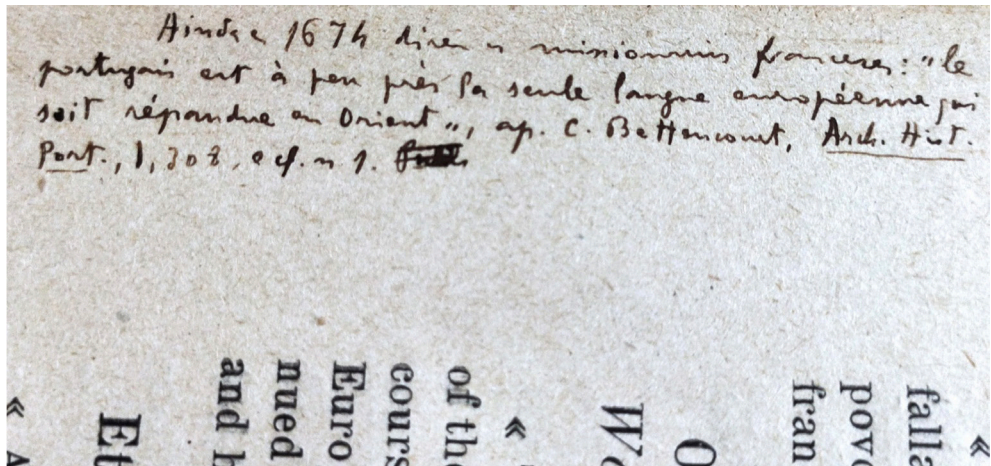


Fig. 2: Exemplo típico das anotações inscritas nas margens do exemplar pessoal. Nesta página 22, encontram-se três anotações independentes.

Na presente edição, o apontamento é mantido intacto, com a seguinte apresentação:

[*na margem do ex. pess.*: Ainda em 1674 dizem os missionarios franceses: «le portugais est à peu près la seule langue européenne qui soit répandue en Orient», ap. C. Bettencourt, *Arch. Hist. Port.*, I, 308, e cf. n. l].

Na 2.^a edição, este mesmo apontamento aparece decomposto em três blocos:

¹ [En 1674, les missionaires français disaient:

² «le portugais est à peu près la seule langue européenne qui soit répandue en Orient»]

³ *nota de rodapé*: «[Apud C. Bettencourt, *Arch. Hist. Port.*, I, 308 e cf. n. l]».

b) O final do §14, sobre uso de linguagem popular na literatura, remata com um período relativo a D. Francisco Manuel de Melo. No seu exemplar, Leite introduziu e colou aí, entre as páginas 38 e 39, uma ‘bandeira’ de adições bibliográficas ao que ficara exposto no livro. Este termo ‘bandeira’ era usado por Leite para referir folhas de papel em que ia colando sucessivos fragmentos com apontamentos rápidos, muitas vezes escritos nos caderninhos de que sempre andava acompanhado (uma célebre fotografia mostra-o na ilha do Corvo com dois desses caderninhos na mão esquerda) e depois arrancados para serem inseridos soltos em envelopes ou entre as páginas de um livro, ou colados uns a seguir aos outros nestas bandeiras, que tanto cresciam para baixo como para os lados, de modo que algumas acabavam por formar amplas superfícies, que tinham de ser dobradas e redobradas. Proust fazia o mesmo, em escala maior. Neste caso, a bandeira acha-se ainda hoje colada à página 39, na dobra. Cf. **Fig. 3**.

De toda a informação fornecida pelos oito fragmentos que constituem a bandeira, Maria Adelaide Valle Cintra escolheu apenas parte de alguns fragmentos, que distribuiu avulso pelas páginas adjacentes, sem dar notícia dos restantes, nem da sua construção em bandeira. Assim, por exemplo, após o parágrafo final (p. 37), acrescentou isoladamente isto:

[Le langage populaire du XVII^e siècle est imité par Jeronimo Bahia dans la *Fenix Renascida*, III, 1746, p. 85-86: *-om, num, mingas, leixar, diabro*, etc., mélange d’éléments archaïques et populaires].

Veja-se que diferente fica, na presente edição, a transcrição integral da bandeira, dada não no texto, mas em nota:

⁶⁵ [*ex. pess., bandeira colada na p. 39*: Ces deux œuvres, quoique composées au XVII^e siècle, ont été publiées, l’une au XVIII^e siècle, et l’autre au XIX^e. *No ex. pess., entre as p. 38 e 39, foi colada uma manta de retalhos formada por oito tiras de papel manuscritas a lápis e tinta e coladas entre si, todas intituladas* *Lingoa popular. Lidas de cima para baixo*: a) *Ling. pop.* em Simão Machado, Lx^a 1631, *Comedias*, fls. 82v-83: *inha mulher; ieu* = eu etc. e noutros lugares | b) *lingoa pop.* Simão Machado,

conjuncion, por la mayor parte es la a, entre ellos : i etc
 lugar se dirán » (f. 113-v.)

Ling. pop.
 e fins macho, Lx. 1631, Comedias,
 fls. 82v. - 87: intermetter, icu = eu etc.
 e outra lugares

Lingos pop.
 Simão Machado, Comedias fls. 68

Ling. pop., sec. XVII
 imitada de fr. Jer. Bahia na Fenix Ren., III,
 Ren., III, 1746, p. 84-86: -om,
 num, mingas, leixar, Diabro,
 compeço etc. (mixto de arc. e pop.)

Ling. pop. Lx. XVI no Auto da Ge-
 ração humana, apud Th. B., Eschola de Gil Vic.
 p. 152; noutras: p. 167

Ling. pop. do sec. XVII-X
 Simão Machado imitada
 nas Comedias, fls. 2.
 dinha mãe fls. 3v.
 fls. 15 etc. etc. Ling. da Beira Baixa,
 Trancoso

Ling. pop.: Comedias de Simão
 Machado, Lx. 1631, fls. 90v. ss

Lingos populares nas Comedias de Alfea de
 Simão Machado, p. ex. entre Gil Cabaço, vaqueiro, e
 Tomé, cabreiro, e Catrina, filha d'aquêle. Comedias, Lx. 1631, fls. 55-56v.
 Curioso

15. Du XVIII^e siècle, je ment
 portugaises composés por h
 Castello-Rodrigo e mais partes
 Raphael Bluteau dans le Suppl
 guês e latino, 1727-1728, lesque
 Portugiesische Grammatik, imp

abord les « Versos
 com palavras de
 publiés par Dom
 Vocabulario portu
 reproduits dans la
 ancfort-sur-l'Oder

¹. Ces deux œuvres, quoique composées
 au XVIII^e siècle, et l'autre au XIX^e.

ont été publiées, l'une

¹⁾ de Jean Ling, sous son nom latinisé. Cf. St.

d. III, 401, § 8.

Ling. pop., Simão Machado, Comedias
 1631, fls. 58v. ss. (Alfea)

Fig. 3: Bandeira formada por oito fragmentos colados entre si e à margem interior da página 39.

Comedias fls. 68 | c) Ling. pop., sec. XVII imitada por fr. Jer. Bahia na Fenix Ren., III, 1746, p. 84-86: -om, num, mingas, leixar, Diabro, compeço etc. (mixto de arc. e pop.) | d) Ling. pop. do sec. XVI no Auto da Geração humana, apud Th. B., Eschola de Gil Vic. p. 152; noutras: p. 167 | e) Ling. pop. do sec. XVI-XVII: Simão Machado imitada nas Comedias, dinha mãe fls. 3v, fls. 15 etc. etc. Ling. da Beira Baixa, Trancoso | f) Ling. pop.: Comedias de Simão Machado, Lx. 1631, fls 90v ss. | g) Lingoa popular nas Comedias de Alfea, Simão Machado, p. ex. entre Gil Cabaço, vaqueiro, e Tomé, cabreiro, e Catrina, filha d'aquêle. Comedias, Lx. 1631, fls. 55-56v. Curioso. | h) Ling. pop. Simão Machado, Comedias, 1631, fls. 68v. ss. (Alfea)]

c) A nota 74 da presente edição é formada por uma longa lista de palavras; na nota 70, que lhe corresponde na 2.^a edição, essa lista aparece com omissões ou leituras erradas (*satisfeita* em vez de *sustifeita*, o que anula parcialmente o objetivo da nota).

d) Uma dificuldade que se deparou à 2.^a edição (e, deve ser reconhecido, a esta também) foi a de representar certos sons com símbolos fonéticos idênticos aos de Leite. Nota-se isso especialmente no quadro geral de classificação das vogais, §35: enquanto os símbolos da 1.^a edição correspondem exatamente ao manuscrito da tradução francesa (fl. 60), a 2.^a edição nem sempre conseguiu as adequações perfeitas. Assim, em vez de *ũ*, colocou *ü* e, em vez de *aa*, *â*.

e) No §85, a 2.^a edição procede de modo radical, fazendo uma emenda direta à 1.^a (e, portanto, a Leite) com base em argumentos de natureza científica. Caracterizando o «dialeto meridional», que incluía toda a Estremadura, Alentejo (e elidia o Ribatejo, que aliás não era ainda província oficial), Leite afirma:

«Le langage de cette grande contrée a en commun: $\zeta - z$ pour $s - f$; la distinction de $v - b$ et de $ch - x$, sauf dans de rares circonstances;»

Assim vem na 1.^a edição. Mas a 2.^a suprime a parte final da frase, «et de $ch - x$ », explicando esse corte na seguinte nota:

«N. de l'Édit.: Dans le texte de la première édition, on lit ici: «la distinction de $v - b$ et $ch - x$ ». Dans l'inclusion de «et $ch - x$ », il y a une erreur évidente de l'Auteur que nous nous permettons de corriger.»

Ou seja, com base na moderna caracterização dos dialetos meridionais (isto é, a sul do Mondego), a editora considerou que Leite tinha cometido um erro ao incluir nas características meridionais a oposição entre a africada surda [*tf*], representada como *ch*, e a fricativa [*f*], representada como *x*, pois essa oposição era, e é, tida por típica dos dialetos setentrionais.

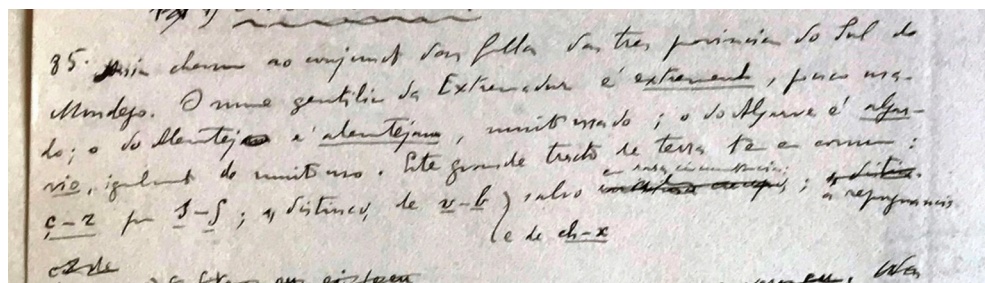


Fig. 4: Recorte do original português (fólio 82), com emendas e adições autorais.

Decisão imprudente: de facto, esta emenda conjectural da editora não tem fundamento, pois a lição da 1.^a edição encontra-se confirmada de modo categórico no original português (fl. 82, **Fig. 4**), onde se vê que Leite acrescentou na entrelinha inferior a sequência «e de $ch - x$ ». Não pode haver dúvida da intenção de Leite a este respeito:

a lição da 1.^a edição, que ele reviu, é assim confirmada pelo original português (e, naturalmente, pelo original francês), em que a peça contenciosa está presente; como foi acrescentada posteriormente, não há dúvida de que Leite a escreveu deliberadamente, completando uma primeira versão em que omitira esse dado. Aliás, seria erro? No §60, Leite já tinha afirmado que a distinção *ch* – *x* se observa em localidades do Sul próximas do Centro, até Alvaiázere; foi decerto a pensar nessa particularidade que fez a adição.

f) No §150, tanto a 1.^a como a 2.^a edições dizem «*chabe* < l. clave- (em espanhol *il y* e respectivamente *-ch-*, *ll-*, *ll-*)», frase em que passou ileso uma repetição da grafia inicial *ll-*, aqui realçada com negrito. Conferindo o manuscrito da tradução francesa (fl. 168), nele se encontra a correta sequência «*ll-*, *-ll-*», para a colocação inicial e também medial da consoante em causa. Neste, como em vários outros casos, o controle efetuado através dos manuscritos permite corrigir pequenas falhas da 1.^a edição, que a 2.^a por regra repete.

Resumindo, pode dizer-se que as duas edições divergem de forma pontual em aspetos não essenciais e, de forma sistemática, no tratamento do material autoral posterior à 1.^a edição. Assim, e para concluir, quando Leite, no início das *Considerações finais* (§156), afirma que «la langue populaire offre un grand nombre de particularités», para se arrepende e atenuar a afirmação nas margens do seu exemplar, esse facto é reportado na 2.^a edição deste modo: «la langue populaire offre un [certain] nombre de particularités», enquanto a presente edição prefere descrever a intervenção através de uma nota de rodapé, dando no texto a última versão do autor, limpamente: «la langue populaire offre un certain nombre de particularités», mas permitindo ao leitor conhecer e saborear o esbatimento de «un grand nombre» para «un certain nombre de particularités», aspeto que passa despercebido na 2.^a edição.

Estes exemplos mostram a importância que o conhecimento dos manuscritos pode trazer para a melhoria do texto da nova edição e, em outra dimensão, para sabermos mais sobre o modo como a obra foi escrita e desenvolvida. À dimensão crítica, que tem até aqui centrado as nossas atenções nas edições, soma-se agora a dimensão da génese da obra. Como e quando foi escrita? Que podemos saber a esse respeito?

Escrita da *Esquisse* – Cronologia da sua génese

Em que limites temporais se situou a escrita da *Esquisse*, de antemão se sabendo que a publicação ocorreu em junho de 1901, data que nem é o início, nem o fim da história?

Este livro não constituiu a primeira incursão de Leite de Vasconcelos nos terrenos da dialetologia e da crioulística (que ele estremava mais em termos geográficos e históricos que disciplinares). Bem pelo contrário, verifica-se que a *Esquisse* foi término de um caminho percorrido ao longo de duas décadas, durante as quais publicou artigos alimentados em larga medida por viagens de recolha de material e também pelas contribuições dos numerosos informantes com quem se correspondia. Como se pode avaliar através da bibliografia elaborada por Isabel Cepeda,⁹ a sua produção

9 Isabel Vilares Cepeda, «Bibliografia de José Leite de Vasconcelos», *Livro do Centenário (1858-1958)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1960, p. 139-268.

dialetológica era, no final do século XIX, de dimensões muito consideráveis e foi encerrada, na prática, com a publicação da *Esquisse* (se descontarmos uma breve nota sobre «Cacografia Dialectal» saída em 1916 na *Revista Lusitana*, XIX, e alguns artigos de revista saídos até 1904, mas preparados antes). E também as miúdas revisões e adições que foi fazendo a estudos anteriores. O trabalho dialetológico de Leite de Vasconcelos não terminou no início do século XX, mas as suas intensas publicações sim.

Leite estreara-se em dialetologia com uma grande descoberta, a identificação no leste de Trás-os-Montes de um dialeto de origem leonesa, que até então escapara à atenção dos eruditos e não tinha nome: «O Dialecto Mirandez (Notas glottológicas)» começou por ser uma série de cinco folhetins saídos no jornal *O Penafidelense* entre julho e agosto de 1882, logo convertida em folheto de 39 páginas (Porto, Livraria Portuense, 1882), que lhe serviria de cartão de visita internacional, graças a um prémio atribuído pela Societé des Langues Romanes em 1883. A este dialeto dedicaria nos anos seguintes vários estudos parcelares de natureza linguística:

- «Lingoas Raianas de Trás-os-Montes» I e II, *Revista de Estudos Livres*, III, 1885-1886;
- «A Lingua Mirandesa», *O Reporter*, quatro artigos, janeiro de 1897;
- «Notas Mirandesas», *Revista Lusitana*, V, 1897-1899;
- «Phonologia mirandesa», *Romania*, XXVIII, 1899, 598ss. (artigo que Cepeda não menciona);
- «Philologia Mirandesa. História do L», *Revue Hispanique*, VI, 1899;
- «Linguagens Fronteiriças de Portugal e Hespanha», *Revista Lusitana*, VII, 1902;

e outros de natureza literária:

- *Flores Mirandezas*, Porto, Livraria Portuense, 1884;
- «Um Conto Popular em Mirandês», *Revista Lusitana*, I, 1887-1889;
- «Um Texto Mirandês», *O Mirandês*, 14, 1894;
- «Sátira à Lingoagem de Palaçoulo», *Revista Lusitana*, VII, 1902;
- «Silva Mirandesa», *Revista Lusitana*, VII, 1902.

O interesse pelo mirandês, sua primeira incursão na dialetologia, traduziu-se assim numa grande atividade entre os anos de 1882 e 1902 e culminou com um tratado fundamental, que na prática encerrou esse capítulo: os *Estudos de Philologia Mirandesa*, dois volumes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900-1901. Como se vê, simultâneos com a *Esquisse* quanto às datas de publicação, mas preparados bem antes.

Esse interesse matutino por um falar fronteiriço, que se situa em território português, mas linguisticamente pertence à área do vizinho asturiano-leonês, viria a replicar-se, em fase muitíssimo posterior, quase crepuscular, pela atenção dada a outros falares de fronteira, alguns deles, se não todos, casos de dialetos portugueses sobreviventes em território espanhol. Resultados:

- «Linguagem de San Martin de Trevejo (Cáceres-Hespanha)», *Revista Lusitana*, XXVI, 1927;

- «Linguagem Portuguesa de Alamedilla ou Almedilha», *Estudios Eruditos in memoriam de Adolfo Bonilla y San Martin*, Madrid, 1930;
- «Linguagens Fronteiriças», *P'ra cá do Marão*, I, 1933;
- «Português Dialectal da Região de Xalma (Hespanha)», *Revista Lusitana*, XXXI, 1933;
- «Da Fala de Barrancos», *Boletim de Filologia*, VI, 1940;
- *Filologia Barranquenha*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1955, póstumo.

O galego, cujas relações de proximidade com o português sempre foram fonte de muito interesse e alguma ambiguidade para Leite, mereceu-lhe meia dúzia de pequenos trabalhos, além de capítulos próprios na *Esquisse*, facto que não é não desprovido de eloquência:

- «Literatura Popular Gallega», *El Folk-Lore Frexnense y Betico-Extremeño*, Fregenal, 1883-1884;
- «Poesia Popular Gallega», *Anuario para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas*, I, 1883;
- «Pronúncia Gallega», *Revista Lusitana*, I, 1887-1889;
- «Literatura Gallega», *O Reporter*, 1888;
- «Estudos de philologia Gallega», *Revista Lusitana*, VII, 1902;
- «Uma Chronica de 1404 (Observações philologicas)», Lisboa, 1903;
- «Miuçalhas Gallegas», *Mélanges Vilmotte*, I, Paris, 1909.

Mas, como era natural, a intensidade máxima da veia dialetológica de Leite concentrou-se nos estudos sobre os dialetos portugueses propriamente ditos, os quais foram todos escritos e publicados antes da *Esquisse*, embora tenham mais tarde sofrido retoques aquando da sua reimpressão nos *Opúsculos*:

- «Sub-dialecto Alemtejano», *Elvense*, 1883;
- «Tradições Populares e Dialecto do Brazil», *Revista de Estudos Livres*, I, 1883-1884;
- «Dialectos Beirões», I a VI, *Revista de Estudos Livres*, II, 1884-1885;
- «Dialectos Extremenhos» I, *Revista de Estudos Livres*, II, 1884-1885, e III, 1885-1886;
- «Dialectos Extremenhos» II, *Revista Lusitana*, V, 1897-1899;
- «Lingoagem Popular de Barcellos», *Tradições Populares de Barcellos*, 1884;
- «Dialectos Minhotos», dois artigos, *Revista de Guimarães*, II, 1885;
- «Dialectos Interamnenses», seis artigos, *Revista de Guimarães*, II, 1885, e III, 1886;
- «Dialectos Interamnenses» IX, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, II, 1891;
- «Dialectos Interamnenses» X, *Revista Lusitana*, VIII, 1903-1905;
- «Dialectos Algarvios» I-II, *A Independencia*, Póvoa de Varzim, 1886;
- «Dialectos Algarvios» III, *Revista Lusitana*, IV, 1896;
- «Dialectos Açoreanos» I-II, *Revista Lusitana*, II, 1890-1892;
- «Dialectos Alemtejanos» I-IV, *Revista Lusitana*, II, 1890-1892;
- «Dialectos Alemtejanos» V-XII, *Revista Lusitana*, IV, 1896;

- «Dialectos Trasmontanos» I-IV, *Revista Lusitana*, II, 1890-1892;
- «Dialectos Trasmontanos» V-X, *Revista Lusitana*, III, 1895;
- «Sur le dialecte portugais de Macao», Lisboa, Imprensa Nacional, 1892;
- «Dialectos Crioulos Portugueses de Africa», *Revista Lusitana*, V, 1897-1899;
- «Mappa Dialectologico do Continente Português», *Chorographia de Portugal*, Lisboa, Aillaud, 1897.

Logo no princípio das suas investigações, Leite parece ter alimentado a ideia de escrever um manual de síntese. Sabemo-lo por via indireta, uma carta de Rufino José Cuervo, filólogo colombiano que Leite frequentou em Paris, mas com quem trocava cartas desde muito cedo. Numa dessas, Cuervo agradece a oferta de separatas e acrescenta: «Estos trabajos de U[sted] anuncian que la *Dialectología portuguesa* será una obra magistral. Ojalá la disfrute el público en breve.» Esta carta é datada de inícios de 1884,¹⁰ quando Leite já tinha publicado os primeiros estudos sobre dialetos portugueses, além do mirandês e o galego. Com base nas pesquisas que os precederam (de leituras e de campo), é natural que Leite tenha percebido que, mais cedo ou mais tarde, uma apresentação sistematizadora seria necessária. Mesmo sem conhecer os termos em que anunciou esse propósito a Rufino Cuervo, não é difícil percebermos que, com o acumular de dados conducente mais a reflexão que a respostas, a «obra magistral» cedeu o passo a algo menos ambicioso, menos imediato e mais realista, como denota a atenuante *Esquisse* anteposta ao título inicialmente anunciado.

Com a escrita deste livro, que deve ter demorado pouco tempo a concluir e foi imediatamente publicado, a par do manual sobre o mirandês e de alguns artigos mais, saídos pouco depois em revistas, mas naturalmente preparados antes, pode dizer-se que no início do século XX Leite encerrou a sua atividade recoletora e sistematizadora dos dialetos de Portugal. Se continuou a correr o país recolhendo formas de falar populares e se continuou a tomar apontamentos nas margens dos seus livros, a verdade é que com a *Esquisse* encerrou o mais intenso e prolongado período da sua atividade como dialetólogo.

A escrita da *Esquisse*, e talvez a própria decisão de por fim a escrever, não podem dissociar-se das sucessivas e prolongadas estadias que Leite efetuou em Paris a partir de 1899, para estudar na Sorbonne, na École Pratique des Hautes Études e no Institut de France¹¹. Distinguem-se três campanhas em anos sucessivos: em 1899, passou três meses em Paris – abril a junho –, assistindo, a título particular, a cursos e seminários de praticamente todos os grandes filólogos que então ensinavam naquelas instituições: Gaston Paris, Arbois de Jubainville, René Cagnat, Henri Gaidoz, Héron de Villefosse, Antoine Thomas, Jules Gilliéron, Paul Meyer. Em 1900, Leite regressou a Paris durante os meses da Primavera, e o mesmo fez em 1901, desta vez para concluir a tese de doutoramento e defendê-la na universidade.

10 *Correspondência entre Rufino José Cuervo e Leite de Vasconcelos*, ed. Maria Inês Bico, Lisboa, Imprensa Nacional, 2023: carta RJC03, p. 15.

11 Ivo Castro, “Um Estudante de 40 Anos”, *Antes e depois de editar: estudos filológicos*, ed. Ângela Correia e Carlota Pimenta, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2023, p. 13-68. <http://hdl.handle.net/10451/58759>

Após os meses parisienses, Leite sempre partia em digressão pela Europa central e só voltava a Lisboa no outono. Trimestres estudiosos, seguidos de *grand-tours*. Os desígnios eram vários, e foram alcançados: conhecer e fazer-se conhecido dos grandes nomes da Romanística e da Arqueologia, adquirir ciência ao vivo, e não apenas por leituras, escrutinar bibliotecas e arquivos (assim descobriu o *Esopo* em Viena, a *Sainte Foy* em Leiden e o códice dos *pantuns* malaios em casa de Schuchardt). Não menos importante, adquirir um título académico que o superlativasse em Portugal.

Foi, assim, no espaço deste triénio que os dialetos portugueses surgiram como tema apropriado para uma dissertação doutoral, pois se prestavam à redação do trabalho de síntese para que Leite vinha fazendo investigações no terreno há duas dezenas de anos. No prefácio da *Esquisse*, desculpa-se das imperfeições do seu trabalho com o pouco tempo que teve para o pôr em francês e fazer imprimir, estando longe da pátria, onde ficaram seus livros e notas («le peu de temps que j'ai eu à ma disposition pour mettre en français et imprimer cette thèse, et l'éloignement de mon pays, où se trouvent mes livres et mes notes, qui m'auraient permis de la compléter pendant l'impression», cf. adiante p.37). O que segue é uma tentativa de reconstituição cronológica que, muito provavelmente, terá de ser revista e apurada à medida que forem sendo revelados mais documentos leitianos com interesse biográfico, principalmente as suas correspondências, que estão sendo publicadas na mesma coleção em que este volume sai.

Quando Leite fala do «pouco tempo» que teve à sua disposição, não é crível que aluda apenas aos escassos três meses que passou em Paris em 1901. Chegado em 2 de abril desse ano, matriculou-se então como aluno da École Pratique, condição para apresentar a tese. Esta foi admitida a provas seis semanas depois, em 14 de maio, sem estar ainda impressa: tanto o prefácio de Leite como o cólofon do livro estão datados de junho de 1901. Nada de anormal aí: a admissão a provas coincide com a licença para se imprimir e foi dada perante o original manuscrito, ou perante uma declaração de responsáveis de que esse original existia e estava em condições de ser avaliado.

Se atentarmos no processo de escrita que decorreu imediatamente antes, através de fases de redação, tradução, revisão de provas e impressão, que se sucederam ou sobrepueram, devemos reconhecer que foi sem dúvida um processo muito rápido, mas decerto incomportável nos escassos três meses de abril-junho de 1901, sugeridos por Leite. Grande parte do trabalho, necessariamente, tinha sido feita nos meses ou anos antecedentes. Que nos dizem os documentos a que temos acesso?

A data de remate do original português é surpreendentemente tardia: 24 de março de 1901. Esta datação está inscrita na última página do autógrafo, página 121, de forma clara e deliberada: a página está quase toda em branco e é apenas ocupada, ao alto, por um rabo de frase muito emendado, pela palavra *Fim* e por aquela data; no rodapé uma série de notas canceladas, indicando que Leite tinha desistido de prosseguir a redação:

«[...] e o germanico, apellidos tirados da lingua de Portugal.

Fim

24.III.901»

Repare-se na exiguidade temporal: esta data mostra que a redação do original português foi terminada apenas uma semana antes de Leite viajar para Paris, onde se inscreveu

na Sorbonne, tratou da impressão (não deste original, mas da sua tradução francesa!) e cumpriu as formalidades prévias ao doutoramento. Encontrava-se ainda em Lisboa quando finalizou o original português. Mas só depois disso teria iniciado a tradução?

Com certeza que não. Intercalemos aqui uma informação lateral, que torna ainda mais inverosímil tal suposição. Sabemos por várias fontes, entre as quais cartas trocadas entre Leite e Gaston Paris, que serão publicadas e estudadas por Maria Ana Ramos nesta mesma coleção, que esta estadia de 1901 em Paris foi em larga medida ocupada por uma outra atividade muito urgente, apenas indiretamente relacionada com o doutoramento. O caso é que Leite tinha descoberto um ou dois anos antes na biblioteca da Universidade de Leiden (Países Baixos) um manuscrito provençal dos séculos XI-XII, a canção de *Sancta Fides*, ou *Sainte Foy*, que Gaston Paris, informado do achado, desejou publicar rapidamente na sua revista *Romania*.¹² Para tal, conseguiu que aquela biblioteca holandesa emprestasse o manuscrito à biblioteca da Sorbonne, onde Leite fez a sua transcrição e edição, logo a seguir publicadas. Significa isto que, nos três meses primaveris de 1901, Leite esteve absorvido com este poema (que foi tema, aliás, de uma das provas complementares do doutoramento: «tradução e explicação de um texto provençal», conforme noticia *O Século*), ao mesmo tempo que revia as provas tipográficas da tese. Imaginar que, nesse curto período, ainda lhe sobrava tempo para escrever pelo seu punho as 180 páginas da tradução francesa, que não foi uma tradução simples, mas uma elaborada reescrita que substancialmente modificou várias secções, é imaginar de mais.

A composição em tipografia, a revisão de provas (que foi complicada, como já vamos ver) e a impressão (mais a canção de *Sainte Foy*) foram tarefas bastantes para ocupar Leite em Paris nesses meses.

A tradução, portanto, só pode ter sido feita mais cedo, e por fases: a conclusão intitulada *Considerações gerais*, de poucas páginas, escrita em português em papel diferente do resto do original, acrescentada ao índice em folha anexa, tem toda a pinta de ter sido escrita de jato, para fechar o livro, quando Leite estava de partida para Paris e não a podia protelar mais. É a ela, e só a ela, que respeita a data de 24 de março.

Um indício reforça que esta conclusão, de poucas páginas apenas, foi escrita tardiamente e sob pressão temporal, quando a tradução do corpo do livro já estava em curso. De facto, o original não foi todo escrito por Leite em português, mas algumas das suas partes logo diretamente em francês, para poupar tempo (ou porque na altura ele pensava mais em francês que em frases portuguesas). Vejam-se alguns exemplos, em que aparece realçada a transição para o francês (original port., fl. 113):

a) Considerações geraes

A lingoa popular obedece a leis.– Importancia da nossa Dialectologia portuguesa
au point de vue philologique de la glottologie générale, romane et portugaise, e de l'ethnologie. – **Conditions de l'existence de nos dialectes et leur degré de vitalité.**

b) Sem duvida que eu não desejo pretendo que as pessoas cultas fallem e escrevam como o povo; **chaque chose à sa place.**

12 J. Leite de Vasconcelos, «Canção de *Sancta Fides* de Agen», *Romania*, XXXI, 1902, 177-200 +2, e «Noticia bibliographica do poema provençal de *Santa Fé*», *O Instituto*, XLIX, 1902.

c) 157. O estudo dos dialectos tem muita importancia, por qualquer aspecto que os encaremos. Em primeiro lugar interessam a glottologia geral e á psychologia, porque, **tendo comme ils ont un développement plus libre et plus spontané que la langue culte, qui est en partie très subordonnée à la tradition littéraire,** [fol. 114] **et dans le lexique, dans le style, et même dans la syntaxe, aux goûts et aux caprices de l'écrivain fameux, on y peut facilement surprendre dans leur action les forces vives du langage.**

Como se vê, este texto conclusivo *do original português* foi, em parte, escrito diretamente em francês, mesmo que depois tenha recebido apuros do autor, ou de colaborador. Mas a tradução do corpo do livro já estava pronta, ou quase. Os meses do inverno de 1900-1901 passados em Lisboa podiam ter sido ocupados por Leite com essa tradução e com o enchimento do corpo do livro, nas suas complexas Partes I e II. A tradução foi feita por Leite, cuja mão pode ser observada do princípio ao fim. O papel usado, contudo, não lhe era habitual – largas folhas quadriculadas, semelhantes aos papéis escolares franceses –, mas isso não é suficiente para concluirmos que a tradução tenha sido feita em solo francês.

Mais relevante, a este respeito, é a ajuda dos colaboradores, que o apoiaram na revisão da tradução e a quem agradece no prefácio: «Je remercie les amis qui ont bien voulu relire avec moi les épreuves de mon travail, pour en améliorer le style». Note-se que ele apenas refere a ajuda que teve na ‘revisão das provas’, e não na melhoria do estilo e da sintaxe francesas. Mas, na verdade, em muitas folhas do original da tradução, integralmente escrito pela sua mão, são visíveis pequenas emendas de estilo e de língua introduzidas por alguém que tudo leu, e que se sentia abalizado a intervir na prosa francesa do autor – pessoa ou pessoas, porque as letras não estão identificadas, nem individualizadas, mas parece serem francesas, o que talvez circunscreva a sua intervenção ao espaço parisiense. Falta saber se essa revisão da tradução, lenta porque minuciosa e porque o revisor tinha de ser familiar com a letra de Leite, foi feita em Paris, a partir de abril de 1901, se em Lisboa nos meses antecedentes. Dificuldades se colocam a qualquer das hipóteses, mas é líquido que os manuscritos originais português e francês sempre estiveram juntos, onde quer que Leite estivesse (logo, não se colocando a possibilidade de Leite ter mandado à frente o seu original português por correio para ser traduzido em Paris).

Imaginemos: se durante a primeira visita a Paris, em 1899, um convite lhe tivesse sido feito para apresentar uma tese na Sorbonne, Leite poderia ter chegado no ano seguinte (1900) com o grosso da obra escrito, menos as *Considerações* finais, logo dando início à sua tradução com a ajuda de amigos franceses, para no terceiro ano, 1901, se apresentar com a obra concluída e pronta para a tipografia. É uma hipótese compatível com o pouco que conhecemos.

Independentemente de local e data, a natureza das tarefas com que Leite se ocupou é fácil de reconstituir, porque os seus resultados estão patentes. A composição do original português teve como base o saber adquirido em duas décadas de pesquisa dialetológica, quer publicada, quer em apontamentos que pululam os dois espólios leitianos. Por razões de acessibilidade a livros e apontamentos, teria sido em Lisboa que essa tarefa foi cumprida, entre 1899 e 1900. O remate das *Considerações gerais* ficou para mais tarde, o mais tarde possível (1901), quando decorria ou estava quase concluída a tradução francesa.

Nem a redação portuguesa, nem a tradução francesa foram operações singelas. O facto de as folhas, tanto de uma como da outra, terem sido preparadas com amplas margens dobradas à direita denuncia a intenção de acrescentar emendas e adições aos textos que iriam ser escritos. Em cada uma das folhas sobreviventes se encontram provas de que isso foi o que aconteceu. O exame minucioso dessa evolução redacional está por fazer, mas alguns traços se salientam:

a) O original português exhibe apenas uma mão, a do autor;

b) Abundam as emendas imediatas: frases inteiras ou incompletas, por vezes palavras apenas, que logo que foram escritas foram abandonadas, riscadas e substituídas por outras, que se inscrevem no espaço que estava livre na linha; é muito frequente as frases iniciais de uma secção passarem por duas ou mais versões, revelando que foi ali, perante a folha em branco, que Leite experimentou várias soluções de arranque, o que não deixa de ser surpreendente, pois os dados estavam em seu poder e esperar-se-ia que comandassem o discurso;

c) São ainda mais abundantes as emendas mediatas, aquelas que apetecem ao autor quando a escrita do texto está avançada e é intervalada por uma leitura do que foi escrito, leitura feita tanto quanto possível em posição de leitor; estas emendas, que implicam cancelamento de segmentos escritos e sua substituição por outros novos, tinham de ser inscritas na entrelinha ou então nas margens deixadas para esse preciso efeito;

d) O resultado destas revisões não é definitivo, pois durante a tradução francesa o texto volta a ser posto em causa e a adquirir novas direções, ou a incluir novos materiais; a tradução francesa é, assim, também uma nova etapa da evolução redacional;

e) Às variantes atribuíveis ao autor, junta-se na tradução um outro tipo de variantes devidas à intervenção do ou dos colaboradores que reviram, em primeira linha, o francês de Leite, mas que em certos casos foram mais longe e deram opinião sobre matéria substancial (movimento que se reencontra mais tarde, na revisão das provas tipográficas, em que os mesmos ou outros colaboradores têm intervenção acima do seu coturno, digamos assim);

f) Ao longo de todo o processo de escrita e reescrita, em que quase tudo no texto parece estar em causa até ao final, uma permanência sobressai: Leite, ao mesmo tempo que dobrava as margens do papel e as reservava para mudanças de opinião, deve ter, logo de início, elaborado um plano miúdo das partes do livro e das subdivisões em parágrafos, a que logo atribuiu números sequenciais. Plano que, infelizmente, não se encontra, ou ainda não foi identificado, em nenhum dos espólios, não deixando de ser plausível que o desgaste causado pelo uso intenso que lhe foi dado tenha sido fatal. Os números de parágrafo, de 1 a 162, encontram-se tanto na edição final como também no original português, o que significa que precederam o início da escrita e a acompanharam sem falha; as abundantes remissões internas que Leite lhes faz, quer em redação primária, quer em fases de revisão, mostram que essa coluna vertebral do livro tinha sido primicial e nunca mais foi posta em causa:

Leite nem sempre sabia como devia começar uma secção, mas sabia que número lhe cabia e, portanto, que lugar iria ocupar na sequência das matérias. Raras exceções, consistindo no desdobramento de números, foram detetadas: por exemplo, o §108-A, página 170 da 1.^a edição, ainda em provas aparece designado como §108, sinal de que a sua inserção tardia, reconhecida no próprio texto («Après la rédaction des §§ qui précèdent, j'ai lu...»), ainda não encontrara a melhor forma de ser resolvida.

Para tornar esta descrição mais clara, e lhe emprestar mais corpo, acompanhemos agora uma pequena secção de texto através das suas metamorfoses desde o início da escrita até à edição final. Veremos assim como as várias peças do *dossier* genético se relacionam entre si e, claro, como Leite trabalhava. Trata-se do início do §49, «Vogais átonas que não estão em hiato»:

a) O original português, fólio 51, regista três arranques em falso, só à quarta tentativa se fixando o texto com uma frase completa, na alínea a). Mas o resto da alínea, *Na Povia de Varzim* etc., seria acrescentado mais tarde, quando já estavam escritas pelo menos as alíneas b) e c), visto que o acrescento já remete para esta última alínea. Devido à falta de espaço na linha, o acrescento teve de ser feito na margem direita, aliás reservada para isso mesmo:

¹ ~~49. A inicial, conserva-se em geral em dialectos quando se conserva~~

² ~~49. a) A inicial não experimenta modificações importantes. Póde uma ou outra vez cahir, (...) Argola, porém, pronuncia-se irgola, por ex. no Norte~~

~~b)~~

³ ~~49. Considerarei o a nasal e oral, quer se p~~

⁴ 49. a) A oral inicial muda-se em *i*, por ex. no Norte, na palavra *irgola*. Em geral porém conserva-se Na Povia de Varzim ouvi *æmizade*, *aliêmbro-me*, e ao mesmo tempo *àbraçær*, *Àguoxto*. Cf. §49-c.

b) O original francês, fólio 75, tomou como base a última das versões acima, que traduz sem desvios:

49. a) L'a oral initial devient *i* dans *irgola* = **ergola* = *argola* (Nord). A Povia de Varzim on dit *æmizade*, *aliêmbro-me*, et en même temps *àbraçar*, *Àguoxto*. Cf. §49-c.

c) Existe uma prova tipográfica desta secção, que apenas emenda o acento na palavra *Àguoxto*. Mas tem também uma intervenção substancial no título do §49, que na verdade admirava ainda não ter sido feita. Visto que o título geral da secção é «Vogaes atonas fora do hiato», fielmente traduzido para «Voyelles atones hors de l'hiatus», tornava-se redundante que o subtítulo fosse «A atono». Nesta prova, o adjetivo «atono» foi cortado, assim continuando na 1.^a edição. Esta prova é de granel, prévia à divisão definitiva das páginas: assim, corresponde a parte da página 97 e a parte da 98 da 1.^a edição.

d) Esta mantém, neste segmento, tudo o que se encontrava na prova, menos o título geral, que passa de «Voyelles atones hors de l'hiatus» para «Voyelles atones qui ne sont pas en hiatus». Isto ilustra bem o tipo e o inesperado de muitas das modificações que o texto da *Esquisse* sofreu ao longo do seu processo produtivo. Ficamos, por aqui, a supor que houve mais uma prova tipográfica posterior àquela que conhecemos e que nessa é que foi decidida a mudança do título. Ficamos sem saber, porém, quem terá tomado essa decisão, já que o autor parecia confortável com o título original, que sobreviveu a uma longa série de etapas.

Passando a um segundo exemplo. O parágrafo §72.a) é dedicado aos pronomes pessoais e foi muito trabalhado na escrita original em português (fls. 69-70), com marcas de acrescentos marginais extensos devido a decisão retroativa de incluir matérias que tinham ficado no tinteiro. A tradução francesa (fls. 101-102) oferece um aspeto comparativamente mais sereno na página. No entanto, ela foi palco de transformações estruturais significativas. Destacam-se duas:

a) O original português tratava em primeiro lugar do pronome da 3.^a pessoa, *el*, só depois passando às restantes pessoas; na tradução francesa, a ordem normal é reposta, começando por ser tratada a 1.^a pessoa, seguida das restantes, como se encontra na edição;

b) Por outro lado, o parágrafo termina, após uma menção a pronomes de tratamento, *pronomina reverentiae*, com uma série de remissões para passagens da *Revista Lusitana*. No entanto, a tradução francesa insere aqui uma canção popular alentejana, que estava ausente no original português. Adições deste tipo são bastante frequentes na tradução, confirmando que ela não foi apenas transposição fiel, mas uma nova oportunidade de reformular e enriquecer a exposição com novo material.

Essa mesma tendência renovadora irá manifestar-se, em seguida, nas diversas fases de revisão de provas tipográficas. A qualidade e a quantidade das intervenções efetuadas sobre as provas permite concluir que nessas fases o texto da *Esquisse* não estava fechado e que muitas decisões de redação, e mesmo de substância, só então foram finalmente tomadas. O facto de elas tanto aparecerem registadas pela mão de Leite como por outra mão (ou mãos) alimenta fascinantes questionamentos, que já foram mencionados mais de uma vez: que grau de cooperação teria aceitado Leite no acabamento da sua tese? A quem permitiu tal grau de acesso? O seu orientador, pelo menos nominal, era Antoine Thomas, mas nem parece que este tipo de revisão coubesse nas suas atribuições, nem se observa identidade nas caligrafias. Para além disso, como serão de qualificar esses derradeiros atos de escrita, individual ou colaborativa: como ajustes de linguagem científica e de terminologia, ou antes de informação adicionada e mesmo de conceção? Estas são questões cruciais para o melhor conhecimento das ideias linguísticas de Leite de Vasconcelos, mas terão de esperar por um futuro exame do maior número possível de peças do *dossier* genético da *Esquisse* – tanto as já identificadas e aqui apresentadas pela primeira vez (esperando que não desapareçam nas movimentações do MNA) como as outras que certamente por lá se ocultam ainda.

A composição e a revisão das provas foram trabalhosas e feitas em parceria. Houve primeiro tiragem de provas de granel (recordando: estas são as primeiras

provas que a tipografia produz após a composição; a paginação é provisória, as notas são inseridas logo após a respetiva chamada e não no rodapé, que ainda não existe, e nenhum esforço é feito pelo tipógrafo para resolver os problemas de decifração, que deixa para o revisor); as emendas são introduzidas ainda no granel, como provam estados sucessivos de *emenda ordenada* > *emenda executada* > *nova emenda ordenada*, tudo isso ainda na fase anterior à paginação. Depois, há pelo menos uma tiragem de provas paginadas, finais ou não. Visto que o granel se destinava a ser revisto por duas pessoas, foram tirados vários conjuntos de provas, como se pode observar nas imagens anexas, todas elas relativas a uma secção que, na edição original, ocupa parte das páginas 19 e 20. Para melhor apreciarmos as várias intervenções, que documentam praticamente todos os tipos de intervenção que o texto sofreu nas suas metamorfoses, iremos recuar até ao manuscrito da tradução francesa dessa mesma secção (pois falta, infelizmente, o original português).

A Fig. 5 mostra a metade superior do fólio 10 do manuscrito francês, onde reconhecemos duas camadas de intervenção, uma de Leite, com emendas, e outra do revisor. Leite escreveu duas emendas, a primeira das quais imediata (*expressément* > *exprès*) e a segunda mediata, por isso inserida na entrelinha (*pour me renseigner* > *enquérir*):

En 1899 je suis allé *expressément* *exprès* à Amsterdam pour *me renseigner* *enquérir* directement ce qu'il y avait à ce propos. Malheureusement le portugais est aujourd'hui à Amsterdam une langue morte,...

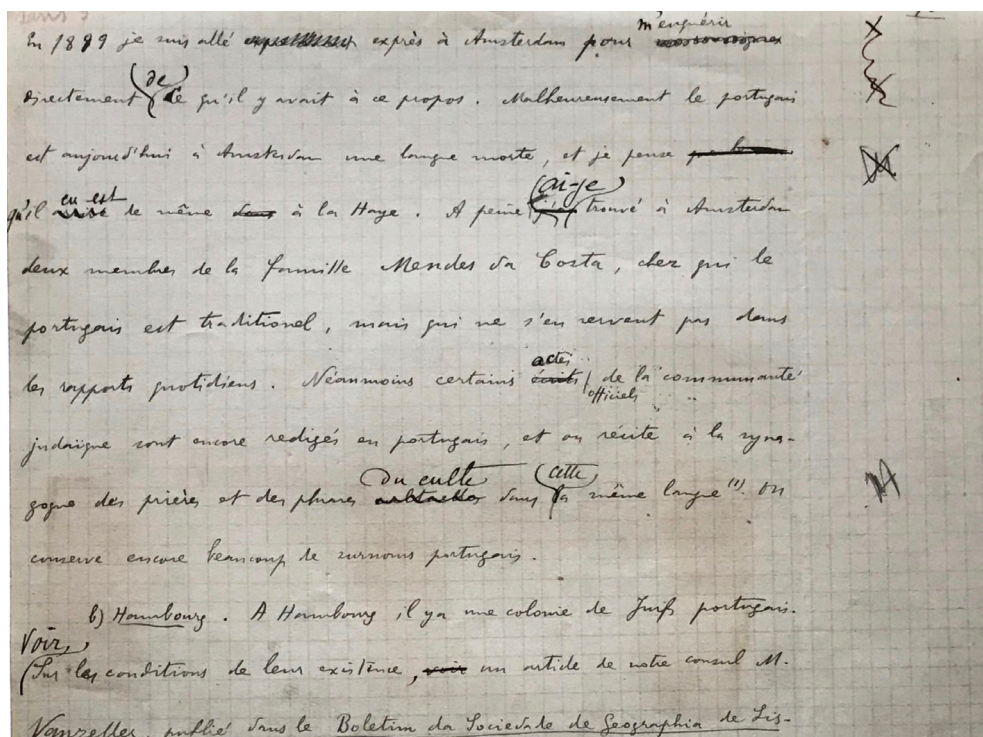


Fig. 5: Amostra do original francês (fólio 10), com emendas a duas mãos: do autor, que fez a tradução, e de um revisor não identificado.

Esta mesma frase recebeu depois um ligeiro retoque sintático do revisor (a negrito):

pour enquérir directement ce qu'il y avait > pour **m'**enquérir directement de **ce** qu'il y avait

Como se reconhece na mesma imagem, o revisor fez ainda neste parágrafo quatro outras intervenções, uma das quais particularmente interessante porque sugere que o autor-tradutor e o revisor trabalhavam juntos e introduziam emendas quase em simultâneo. A transcrição da frase parece ser esta:

je pense que ~~le même~~ qu'il en est arrive de même dans à la Haye.

O cancelamento de *que le même* deve ter sido feito por Leite, visto que foi ele que adicionou mais adiante a contrapartida, *de même*. Não cortaria um sem completar com a outra. Mas a frase ficaria truncada (*je pense arrive de même*), pois este cancelamento teria retirado o sujeito ao verbo *arrive*. O que foi resolvido pela adição, na margem e na entrelinha, pela mão do revisor, do substituto *qu'il en est*. Mas, enquanto o revisor não atuasse, a frase permaneceria truncada, e errada, à responsabilidade de Leite, o que é difícil de crer que fosse por ele consentido. A menos que ambos se achassem debruçados ao mesmo tempo sobre o papel, discutindo soluções e inscrevendo-as, ora um, ora outro. Tradução colaborativa ou, mais crível, revisão colaborativa (em Paris) da tradução antes feita (em Lisboa) por Leite.

Como se vê, quando chegamos a uma espiral de conjeturas como esta precisamos absolutamente de densas estatísticas de ocorrências e de verificações diretas dos testemunhos (traçados, tintas, espaços, etc.). Como a obtenção dessas certezas nos está vedada por ora, teremos de deixar o esclarecimento destes problemas para outro tempo.

Continuando, agora perante vários jogos de prova de granel desta mesma passagem do texto. Existe, em primeiro lugar, uma página de granel sem qualquer emenda, além de uma anotação feita no verso, em aproveitamento posterior, que nada importa para este assunto. Mas existem duas outras provas da mesma página, que nos interessam sobremaneira.

A **Fig. 6** mostra uma dessas provas, depois de emendada pelo colaborador de Leite: além de pequenas gralhas e imperfeições tipográficas (já tinha atuado sobre o manuscrito, como vimos), ele mostra ter autonomia para propor novas redações, ou seja, para intervir no texto original de Leite. Assim, a frase inicial, que já tinha sido retocada no original da tradução francesa (por ele? por outro colaborador?), é por sua iniciativa cortada e substituída por uma nova, inserida na margem superior da folha:

En 1899, je suis allé exprès à Amsterdam pour m'enquérir **directement** de ~~ce qu'il y avait à ce propos~~. > de l'exactitude de ces renseignements.

Finalmente, a **Fig. 7** mostra ainda a mesma prova, agora revista por Leite, o qual repete integralmente por sua mão aquela correção que o revisor produzira, sinal de que tinha ambas as provas à sua frente. Esta sequência de escrita, cortes e substituições não só documenta factualmente o modo como Leite, muito apoiado em

de exactitude de ces renseignements.

éminents dans les sciences on compte le philosophe Spinoza, né à Amsterdam, en 1698. « La grande prospérité des juifs portugais a disparu avec le temps ; mais ils continuent de former une congrégation distincte, dont les membres, attachés les uns aux autres par le lien des souvenirs, tiennent généralement dans la société une place honorable. » (5) « Long-temps même ils ont conservé l'usage de la langue portugaise. » (6)

(5). Esquiros, loc. cit., p. 753.
(6). id. ibidem, p. 738

En 1899 je suis allé exprès à Amsterdam pour m'enquérir directement de ce qu'il y avait à ce propos. Malheureusement le portugais est aujourd'hui à Amsterdam une langue morte, et je pense qu'il en est de même à la Haye. A peine ai-je trouvé à Amsterdam deux membres de la famille Mendes da Costa, chez qui le portugais est traditionnel, mais qui ne s'en servent pas dans les rapports quotidiens. Néanmoins certains actes officiels de la communauté judaïque sont encore rédigés en portugais, et on récite à la synagogue des prières et des phrases du culte dans cette même langue (1).

(1). Je remercie encore une fois M. Abraham Isaac Mendes da Costa de tous les renseignements qu'il a bien voulu me donner sur ce sujet.

~~On conserve encore beaucoup de surnoms portugais.~~

b) ~~Hambourg.~~ A Hambourg, il y a une colonie de Juifs portugais. Voir sur les conditions de leur existence, un article de notre consul M. Vanzeller, publié dans le *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1880, p. 725. — En 1889 je suis allé aussi exprès à Hambourg pour savoir s'ils parlaient encore ou non notre langue. Mais hélas le portugais y est également une langue morte ; on ne l'emploie que dans certains actes religieux, et on trouve par ci par là un mot portugais perdu au milieu de l'allemand (2).

(2). M. Isaac Cassuto, Israélite portugais qui parle parfaitement la langue de Camões, m'a fourni à ce propos diverses données, dont je le remercie.

c) ~~Bavière.~~ Au XVIII^e siècle, il existait encore en Bavière des vestiges importants d'une colonie d'Israélites d'origine

et il existe dans cette ville un certain nombre de noms de famille portugais.

éminents dans les sciences on compte le philosophe Spinoza, né à Amsterdam, en 1698. « La grande prospérité des juifs portugais a disparu avec le temps ; mais ils continuent de former une congrégation distincte, dont les membres, attachés les uns aux autres par le lien des souvenirs, tiennent généralement dans la société une place honorable. » (5) « Long-temps même ils ont conservé l'usage de la langue portugaise. » (6)

(5). Esquiros, loc. cit., p. 753.
(6). id. ibidem, p. 738

En 1899 je suis allé exprès à Amsterdam pour m'enquérir directement de ce qu'il y avait à ce propos. Malheureusement le portugais est aujourd'hui à Amsterdam une langue morte, et je pense qu'il en est de même à la Haye. A peine ai-je trouvé à Amsterdam deux membres de la famille Mendes da Costa, chez qui le portugais est traditionnel, mais qui ne s'en servent pas dans les rapports quotidiens. Néanmoins certains actes officiels de la communauté judaïque sont encore rédigés en portugais, et on récite à la synagogue des prières et des phrases du culte dans cette même langue (1).

(1). Je remercie encore une fois M. Abraham Isaac Mendes da Costa de tous les renseignements qu'il a bien voulu me donner sur ce sujet.

~~On conserve encore beaucoup de surnoms portugais.~~

b) ~~Hambourg.~~ A Hambourg, il y a une colonie de Juifs portugais. Voir sur les conditions de leur existence, un article de notre consul M. Vanzeller, publié dans le *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1880, p. 725. — En 1889 je suis allé aussi exprès à Hambourg pour savoir s'ils parlaient encore ou non notre langue. Mais hélas le portugais y est également une langue morte ; on ne l'emploie que dans certains actes religieux, et on trouve par ci par là un mot portugais perdu au milieu de l'allemand (2).

(2). M. Isaac Cassuto, Israélite portugais qui parle parfaitement la langue de Camões, m'a fourni à ce propos diverses données, dont je le remercie.

c) ~~Bavière.~~ Au XVIII^e siècle, il existait encore en Bavière des vestiges importants d'une colonie d'Israélites d'origine

Figs. 6 e 7: Duas provas sucessivas da mesma página: na primeira, o revisor introduz na redação do texto certas mudanças que, na segunda, são aceites pelo autor.

colaboradores, avançou rapidamente para a publicação da sua tese, como também sugere que talvez houvesse algum ascendente do revisor, ou revisores, sobre o texto de Leite, ou sobre o próprio. Se um dia for possível identificar esse revisor, perceberemos melhor como as coisas se passaram.

Nem sempre se observa, porém, essa anuência de Leite às emendas do revisor. Não precisamos de sair das mesmas folhas de prova, nem sequer do mesmo parágrafo, para assistir a uma mostra da sua independência. Se regressarmos à **Fig. 6** vemos a última frase do parágrafo, escrita por Leite sem emendas suas, ou do revisor:

On conserve encore beaucoup de surnoms portugais.

A frase, chegada a provas, foi riscada pelo revisor, que lhe deu uma nova versão, adicionada na margem inferior (**Fig. 6**):

~~On conserve encore beaucoup de surnoms portugais.~~ > et il existe dans cette ville un certain nombre de noms de famille portugais.

Mas, chegados à **Fig. 7**, verificamos que Leite, embora aceitando a versão proposta pelo colaborador, decide introduzir uma generalização da sua lavra:

et il existe ~~dans cette ville~~ en Hollande un certain nombre de noms de famille portugais.

Quando os manuscritos puderem ser examinados com demora, muito mais haverá a dizer sobre a gênese da *Esquisse* e sobre a fase final da sua escrita, tradução e produção. Também uma análise completa dos autógrafos sobreviventes, porventura acrescidos de novas descobertas (pois sofrem de bastantes lacunas), deve aguardar pela reabertura do arquivo. Mas, assim como foi possível determinar que ainda na fase de revisão de provas tipográficas certas novidades de redação foram introduzidas, também entre o original português e a sua tradução se detetam variantes que, pela natureza e extensão, mostram que esta não foi uma simples tradução, mas uma fase suplementar de reelaboração e amplificação do texto (como sempre acontecia quando Leite retomava um escrito anterior seu).

Vejam os ainda um outro caso de reescrita, providenciado por uma prova de granel que, ao contrário das que até aqui vimos, está mais acessível porque pertence ao espólio da Faculdade de Letras (BFLUL, espólio Leite, caixa 05, envelope 07). Ela corresponde, na 1.^a edição, a partes das páginas 119 e 120, e exhibe marcas de revisão tanto de Leite como de um seu colaborador. São emendas de rotina: pontuação, falta de letras, etc. Mas o confronto com as páginas efetivamente impressas na 1.^a edição revela que depois disso (portanto nas segundas provas) três alterações de peso ainda foram feitas no texto:

a) No §62, a 1.^a edição lê: «A Cadaval, on dit *Imurozio = Imbrosio = Ambrosio*, avec l'intercalation d'un *u*, le *b* ayant été absorbé par la nasale qui précède,» etc., mas na prova de granel a frase era mais curta, faltando-lhe o segmento «avec l'intercalation d'un *u*», que não contradiz o que estava escrito, mas complementa e esclarece a mecânica do fenómeno epentético que estava a ser tratado;

b) Pouco adiante, a 1.^a edição lê: «Dans *felor = flor, gueloria = gloria, pelantar = plantar*, les groupes FL, GL, PL sont détruits par l'intercalation d'un *e*». Trata-se de novo de um fenómeno de inserção vocálica, uma epêntese destinada a eliminar grupos consonânticos iniciais. Na prova de granel, esse fenómeno era classificado como «suarabacti», termo que foi conservado apenas com uma pequena emenda tipográfica. Mas, posteriormente, foi eliminado, o que significa que alguém teve dúvidas quanto à classificação do fenómeno e optou por a suprimir; ou seja, optou por dizer menos, em contraste com o passo anterior, em que decidira dizer mais;

c) Decisão não menos autoral que estas duas é a terceira: a secção que na fase de granel se intitulava «9. *Phénomènes généraux*» passou para «9. *Phénomènes phonétiques généraux*».

Estamos, assim, perante três decisões com alguma importância, todas afetando não a substância, mas antes a clareza da exposição, que só foram tomadas na fase da

revisão das provas finais de página, às portas da impressão. Não sabemos se todas as outras emendas terminais foram da mesma índole – redacional, e não científica. É provável que sim, mas não deixa de ser notável que tenham sido feitas numa fase em que habitualmente a preocupação dominante é encerrar os trabalhos, de uma maneira ou outra.

Preocupação análoga à que me assalta neste momento. Vai longa esta apresentação da nova edição da *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, justificada em primeiro lugar pela possibilidade de melhorar, em aspetos de pormenor, a leitura que as edições anteriores proporcionavam. E justificada mais ainda pela recente descoberta de importantes materiais de arquivo, que permitem reconstituir com abundância de dados o processo criativo, em que se combinam escrita, reescrita e reconfiguração de pensamento científico, de uma obra máxima de Leite de Vasconcelos.

Ivo Castro

Nota sobre as convenções

1. Muitas das anotações marginais inscritas pelo autor no seu exemplar pessoal, com vista a uma possível reedição da *Esquise*, foram convertidas em notas de rodapé e adicionadas às notas originais, de que se distinguem por estarem colocadas entre parênteses retos. Todas elas são iniciadas pela indicação da sua proveniência: *ex. pess.* = exemplar pessoal. As notas são, assim, muito mais numerosas nesta edição que na original; e as respetivas numerações não se correspondem, não por esse motivo, mas porque aqui a numeração é única e progride ao longo do volume, ao passo que na original ela recomeçava em cada nova página. A p. 58 e seguintes abundam em notas deste tipo.

Além disso, quando as anotações sugeriam, pelo lugar que ocupam e pela redação, que Leite de Vasconcelos as imaginou integradas dentro ou anexas a frases do texto (isto é, as destinou a serem lidas dentro do texto, e não no rodapé) então foram assim colocadas, entre parênteses retos. Veja-se as p. 48-51 para diversas intervenções desse tipo.

Por vezes, a anotação marginal ocupa um recorte de papel que foi colado a uma página, ou inserido entre duas, sempre com sugestão da secção do texto a que dirige. Nesses casos, para sublinhar que o apontamento tem mais independência que as *marginalia* habituais, a nota é encabeçada pela palavra *solto*.

2. O livro, sobretudo a partir da Parte Segunda, abunda em símbolos fonéticos, que colocam um problema de escolha: Leite de Vasconcelos usa nos seus trabalhos, e neste particularmente, um conjunto de símbolos fonéticos que nem sempre coincidem com os que integram o *IPA* (*International Phonetic Alphabet*), que é o sistema mais frequentemente usado por linguistas na transcrição dos sons da fala. O *IPA* era de criação recente ao tempo da escrita da *Esquise* e Leite parece nunca o ter adotado.

Os símbolos que usou na *Esquise* impressa (1.^a edição) correspondem inteiramente aos dos seus manuscritos e podem ter sido adaptados na tipografia parisiense conforme indicações suas. Aparentemente, tal resolveria o problema da presente edição, bastando manter integralmente o mesmo sistema.

Mas uma consideração de outra ordem pesa contra essa solução: a circulação que tiveram os exemplares da 1.^a edição da *Esquise* foi muito reduzida, sendo de recordar que o próprio Leite lamentava não ter exemplares para oferta. Praticamente toda a divulgação e a influência que este livro teve devem-se à 2.^a edição, e é de crer que a maior parte das citações e referências sejam feitas com base nas transcrições fonéticas desta. Ora, estas transcrições não acompanham integralmente as de Leite, pois a 2.^a edição teve, decerto por razões de disponibilidade do material de composição, de fazer certas adaptações e de recorrer a símbolos equivalentes, mas não idênticos. Assim,

- ou* foi substituído por *â* para representar a vogal *a* labializada
- ę* foi substituído por *ə* para representar o chamado *e* mudo
- ě* foi substituído por *ě* para representar o «*e* guturalizado do Baixo Douro»
- u* foi substituído por *ü* para representar um «som análogo ao *u* norueguês»
- ĵ* foi substituído por *dj*, dígrafo que Leite também usa (§§134 e 135)

Embora a disponibilidade de materiais gráficos seja atualmente superior àquela de que gozaram os tipógrafos da 2.^a edição, verificámos que em relação a alguns símbolos teríamos de fazer escolhas que nos afastariam tanto do original de Leite como da 2.^a edição, o que faria desta uma terceira variante do original. Para evitar tal dispersão, e reconhecendo que são as mais divulgadas na bibliografia existente, foi decidido aderir às transcrições fonéticas da 2.^a edição.

A lista completa dos símbolos fonéticos usados encontra-se no §35 e no §38, respetivamente para os sons vocálicos e para os consonânticos.

**ESQUISSE D'UNE
DIALECTOLOGIE PORTUGAISE**

Préface

Quoique je recueille dans mon pays des matériaux dialectologiques, au moins depuis 1881, je ne puis prétendre posséder aujourd'hui tous les éléments nécessaires pour publier un travail définitif. Cependant, ce que je possède déjà est suffisant pour tenter une *Esquisse de la Dialectologie Portugaise*, qui en même temps qu'elle rendra compte de ce qui existe, servira aussi de point de départ à d'autres recherches plus approfondies.

J'ai choisi un sujet philologique comme thèse, parce que les cours que j'ai fréquentés à l'Université de Paris sont des cours de philologie; et, dans ce domaine, j'ai donné la préférence à la dialectologie portugaise, parce qu'ainsi ce sujet sera traité pour la première fois dans son ensemble, et que j'ai voulu avoir l'honneur d'offrir à la Faculté des Lettres les prémices de mon travail dans un ordre d'études auquel j'ai toujours porté un très vif intérêt. Je regrette seulement de ne lui présenter qu'une esquisse imparfaite.

Aux difficultés inhérentes à la matière, et aux lacunes de ma préparation, s'ajoutent encore d'autres circonstances qui ont contribué à l'imperfection de mon travail: le peu de temps que j'ai eu à ma disposition pour mettre en français et imprimer cette thèse, et l'éloignement de mon pays, où se trouvent mes livres et mes notes, qui m'auraient permis de la compléter pendant l'impression.

Le français n'étant pas ma *parladura natural e drecha*, je pourrai dire avec un poète du XIII^e siècle:

Si m'escuse de mon langage
Car nés ne sui pas de Paris.

Je remercie les amis qui ont bien voulu relire avec moi les épreuves de mon travail, pour en améliorer le style.

Sur le plan que j'ai suivi, je dis quelques mots à la p. 58. Ici j'ajouterai seulement que j'ai compris dans mon plan les dialectes créoles, parce qu'ils sont un des développements de notre langue. Je me suis abstenu presque toujours d'établir

des comparaisons avec d'autres langues, l'espace et le temps me manquant. Dans les chapitres I^{er} et II^e de la II^e Partie, où je m'occupe des dialectes continentaux et insulaires, je ne fais que rarement des citations bibliographiques, car la plupart des données je les ai recueillies moi-même; les faits qui constituent les autres chapitres ont été aussi, en grande partie, collectionnés par moi: quand les matériaux dont je me sers appartiennent à d'autres investigateurs, je le mentionne toujours.

Avant de terminer, je désire témoigner ici toute ma reconnaissance à mon ami et compatriote, M. Jules Aillaud, de la maison Aillaud et C^{ie} si honorablement connue en Portugal et à Paris depuis environ un siècle, lequel m'a spontanément offert d'être l'éditeur de ce livre.

Paris, juin 1901.

J. LEITE DE VASCONCELOS

PREMIÈRE PARTIE

Histoire Générale des Dialectes Portugais

Chapitre I

Délimitation du sujet

A. – Portugais populaire et portugais littéraire

1. Dans l'histoire de la langue portugaise, de même qu'en général dans celle des autres langues néo-latines, on peut établir trois grandes époques principales: préhistorique, protohistorique, et historique proprement dite.

2. L'époque préhistorique de la langue portugaise commence aux origines de la langue, et se prolonge jusqu'au IX^e siècle, où apparaissent nos premiers documents latino-portugais. La langue à cette époque ne peut guère être appréciée que par conjecture, parce que les inscriptions christiano-latines trouvées en Portugal, et datant du V^e siècle, fournissent très peu d'éléments d'étude.¹ Lorsqu'on compare la forme actuelle *eido* à la forme latine correspondante *aditu-*, on doit admettre qu'il y a eu entre les deux une autre forme intermédiaire **ádidō*; de même lorsqu'on compare la forme actuelle *Vouga* (nom d'un fleuve dans la province de la Beira) à la forme lusitanienne *Vacua = Οὐάκουα*,² il faut aussi admettre qu'il a existé un **Vágua = *Vágoa*:³ ces formes et d'autres semblables nous sommes tenus de les supposer, quoiqu'il soit difficile de préciser le moment où, au nom de latin vulgaire, il y a lieu de substituer celui de portugais.

3. L'époque protohistorique commence au IX^e siècle et finit vers les XII^e-XIII^e siècles. On étudie la langue de cette époque dans les documents écrits en latin dit barbare, lesquels laissent transparaître à chaque instant des formes franchement portugaises. Nos plus anciens documents écrits en latin barbare de date certaine

1 Voir Hübner: *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, Berlin 1871; *Inscriptiones Britanniae Christianae*, Berlin 1876 (avec un appendice sur l'Hispanie); *Inscriptiones Hispaniae Christianae (Supplementum)*, Berlin 1900. – Cf. aussi *O Archeologo Português*, II, 177, et III, 289-293.

2 Ptolémée, *Géogr.*, II, 5, 3, éd. Didot.

3 [ex. *pess.*: *Váüca* > *Váüga* > *Vauga* > *Vouga*].

remontent au IX^e siècle. Le recueil le plus considérable de documents de cette espèce, intitulé *Portugaliae Monumenta Historica*, a été publié par l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne.⁵ On trouve aussi beaucoup de textes latino-barbares dans plusieurs chroniques et histoires, dans les œuvres imprimées et manuscrites de João Pedro Ribeiro,⁶ dans l'*Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo,⁷ dans les *Documentos ineditos dos seculos XII-XV* de Oliveira Guimarães,⁸ dans les *Documentos historicos da cidade de Evora* de G. Pereira,⁹ dans le *Glossario português da idade-media e da renascença* de Delfim de Almeida¹⁰ [dans le II^e volume de *Questões da Lingua Portuguesa* de F. Adolfo Coelho].¹¹ En ce qui concerne la Galice, où l'on parle le galicien, si étroitement apparenté au portugais, nous avons beaucoup de documents de cette époque dans l'*España sagrada* de Flórez.

Les éléments fournis par nos documents latino-barbares doivent être utilisés avec circonspection, parce qu'il y a des phénomènes semblables dans les documents trouvés dans d'autres pays: avec les formulaires juridiques se transmettaient aussi les formules de langage. Dans le latin barbare, on reconnaît donc trois sortes de phénomènes: les formes traditionnelles qui venaient d'autres pays; les altérations phonétiques qui se manifestaient sous la plume des *scribae*, d'accord avec la phonétique locale, ou amenées par l'influence des vocables portugais analogues par le son; et finalement la latinisation ou reproduction fidèle des mots de notre langue courante. C'est cette dernière série de phénomènes qui fait que nos documents latino-barbares sont une source précieuse pour l'étude de l'ancien portugais.

- 4 *Portugalia* est la latinisation de *Portugal* sur le modèle de *Gallia*, *Hispania*, *Germania*, mots qui se terminent en *-ia*. Quoique cette forme apparaisse déjà au moyen âge (dans des documents, des monnaies et des sceaux), on doit la considérer comme barbare. Au moyen âge, on employait aussi *Portugale*, qui se trouve dans plusieurs documents. Une forme antérieure à celle-ci est *Portucale* ou *Portocale*, qu'on lit, par exemple, dans l'Idace et sur une monnaie wisigothique frappée dans la ville de Porto (Oporto). *Portocale* se décompose en *Porto-Cale*: le second élément apparaît dans l'*Itinéraire* d'Antonin, etc. [voir *Monumenta Linguae Ibericae* de Hübner, p. 227].
- 5 Ce recueil, dont la publication a été commencée en 1856, comprend: *Scriptores; Diplomata et chartae; Leges et consuetudines*. Les *Diplomata et chartae* ne forment qu'un volume, Lisbonne 1867.
- 6 Voir surtout *Dissertações chronologicas e criticas*, I, 193 suiv., et II, 226 suiv. Sur son *Glossario*, qui est resté manuscrit, voir ce que j'ai dit dans la *Revista Lusitana*, IV, 122-123.
- 7 Lisbonne, 1798-1799. On en a fait une deuxième édition en 1865.
- 8 Publiés d'abord dans la *Revista de Guimarães*, dont on a fait un tirage à part, Porto 1896.
- 9 En trois volumes (trois parties), Evora 1885-1891.
- 10 Cette œuvre, publiée aux frais de notre Académie des Sciences, a commencé par avoir le titre de *Antiguidades de Portugal*, Lisbonne 1885 (112 pages seulement ont paru); ensuite l'auteur l'a refondue, en lui donnant le titre que je cite dans le texte, comme on peut le voir dans la *Representação feita á 2.^a classe da Academia em 1890* du même (il n'a également paru de cette édition que 112 pages); enfin il l'a refondue encore une fois (de cette troisième édition, interrompue par la mort d'Almeida, il n'a paru que 24 pages).
- 11 [ex. pess.: O vol. II das *Questões da l. port.* de F. A. Coelho], isto é: Francisco Adolfo Coelho, *Questões da lingua portuguesa*, Segunda Parte, Porto-Braga, 1874.

Voici quelques exemples :

1) IX^e siècle:

Lauredo, Lauridosa, paredes, veridate, vida, Sautelo, Sauto, Rodorigus, Portuga-lensis, Migaeli, Vauga, Mondego, logo, aliguno, Acibeto, Salbatoris, pumares, lago-na, Fornos.

2) X^e siècle:

Lombo, Lomba, Felgaria, lenço, sudes, Ameixenedo, ameneiro, autario, estrata, figa-rias, Lauritello, ovelia, nassarios, mazanarias, comaro, vai, Tamiga.

3) XI^e siècle:

Carreira, auteiro, foit, souttos, Loureiro, vay, Doiro, deu, eira, Nespereira, For-nellos, Cortegaza.

Il serait très facile de multiplier les exemples. Un mot tel que *Acibeto*, par exemple, nous fait de suite reconnaître *Azevedo*, parce que le *t* est déjà représenté par *d* dans le *paredes* des documents du même siècle. Un mot tel que *ovelia* cache *ovelha*, parce que le mot latin correspondant est ovic'la-; en effet, comme le scribe savait que le latin -lia était en portugais représenté par -lha, comme par exemple dans *filha* < filia-, il a pensé que le -lha de *ovelha* venait de -lia, et de ce mauvais raisonnement est sortie la forme barbare *ovelia*, ce qui prouve jusqu'à l'évidence que déjà à cette époque on disait *ovelha*. Le mot *flubio* est tout simplement le latin *fluvius* prononcé par la bouche d'un habitant du Nord du Portugal, où, comme nous le verrons plus loin (§58), un *v* primitif devient facilement *b*. Des mots comme *Carreira, eira, vai, comaro* sont déjà franchement portugais.

Dans l'*Espanña sagrada*, vol. XVIII (documents galiciens), nous trouvons, par exemple, *Junqueras, Ermigildus, Sisnandus*, au IX^e siècle; *ribulo, Toro, Aucteiro, Pereiras, Celleiro, liteyra, Seixas*, au X^e siècle. Dans *Junqueras* et dans *Toro* se décèle l'influence castillane; *Aucteiro* = *outeiro* et les mots suivants sont galleco-portugais.

Il est donc possible de suivre en partie l'évolution de notre langue depuis le IX^e siècle, à travers le latin barbare. La phase de la langue portugaise que nous ne connaissons que par ce moyen peut, il me semble, être appelée *portugais protohistorique*.

Selon ce que j'ai remarqué ci-dessus, il n'est pas toujours facile de dire si tel ou tel mot trahit l'influence de la phonétique locale, ou était au contraire usité dans le latin barbare d'autres contrées de l'Europe; pour plus de sûreté, il est bon de recourir, surtout si cela est possible, aux noms géographiques et à certains termes techniques locaux (ruraux et autres). Dans le pays même, il y a des différences dans le langage de ces documents. João Pedro Ribeiro dit que de la comparaison des documents des diverses provinces et territoires:

«parece que a barbaridade estabeleceu o seu throno na Maia: com effeito, os documentos do cartorio de Moreira vencem a todos em rusticidade». ¹²

Maia est un territoire dans le Nord du Portugal, dans l'ancienne province d'Entre-Douro-e-Minho; Moreira est le chef-lieu de ce territoire, et a été le siège

12 *Dissertações chronologicas e criticas*, I, 188.

d'un monastère de religieux de l'ordre de Saint-Augustin, aux archives ou «cartorio» duquel João Pedro fait allusion.

4. Au fur et à mesure que nous nous approchons du XII^e siècle et que nous arrivons au XIII^e, les formes strictement portugaises abondent de plus en plus, de manière que nous possédons au XII^e siècle des documents entiers, et d'autres presque entiers, en portugais. C'est pourquoi j'ai mis comme limite du portugais protohistorique les XII^e-XIII^e siècles. Le portugais vraiment historique commence à cette époque.

Je publie ici pour la première fois un de nos plus anciens documents, qui date de la fin du XII^e siècle. Je l'ai trouvé dans nos Archives Nationales (Torre do Tombo):

«In Xⁱ nomine Amē eu Eluira sanchiz offeyro omeu Corpo áás virtudes de sam saluador do Moñ. de vayram. e offeyro com o meu corpo todo oherdamento que eu ey en centegãus. e as tres quartas do padroadigo dessa eygleyga. etodo hu herdamento. de Crexemil assy usdassestas como todo u outro herdamento. que u aia u Moensteyro de vayram por en secula seculorum Amē. facta Karta Mense Stb^r era M^aCC^aXXX^aJ^a. Menendus sanchiz. testes Stephanum suariz. Testes. Vermúú ordoniz. testes. Sancho diaz testes. Gonsaluñ diaz. testes Ego Gonsaluus petri presbyter. Notauit».

Au verso on lit en écriture plus moderne: *Doação da Jgreija de sam Miguel de Sentegãos* (aujourd'hui on écrit *Santegãos*), *no Arcebispado de Braga, feita a este mosteiro no ano*¹³ *de 1231 annos. N.º 2.*¹⁴

Quoiqu'il y ait déjà des textes portugais au XII^e siècle, on continue à employer à côté le latin dans les documents jusqu'à une époque assez tardive. – On peut voir d'anciens textes portugais et latino-portugais dans les recueils cités au §3.

5. Jusqu'au XII^e siècle, la langue portugaise n'existait que comme langue parlée; au moins on ne connaît pas, antérieurement à cette époque, de documents entièrement écrits en portugais. Naturellement, les classes les plus instruites, comme celle des clercs, employaient, par opposition au peuple, des formes considérées comme plus choisies; mais ce ne fut que lorsqu'on commença à écrire le portugais, et surtout depuis que cette langue devint proprement littéraire (XIII^e et XIV^e siècles), que l'on peut distinguer clairement deux courants, l'un populaire, et l'autre érudit. C'est avec raison que notre ancien grammairien João Franco Barreto écrit:

«Em cada naça e ã cada lingua ha ãs que fallam melhor que outros: e parece que acerca do vulgo e gente popular plebea e servil, ha uma lingoagem, e acerca dos nobres, cortesãos e pessoas de juizo e letras outra».¹⁵

13 C'est-à-dire *na era*.

14 Parchemins du monastère de Vairão, sans désignation de dossier.

15 *Ortografia da lingua portuguesa*, 1671, p. 31.

À partir des XV^e-XVI^e siècles, la langue littéraire présente quelques caractères qui sont en désaccord avec le langage de la province du Minho, et d'accord avec le langage actuel du Centre du pays (Beira) et du Sud, par exemple la terminaison *-ão* dans les noms de la III^e déclinaison latine. Ainsi l'origine de notre idiome littéraire pourrait être, plutôt qu'ailleurs, cherchée à Coïmbre ou à Lisbonne.¹⁶

B. – Géographie de la langue portugaise

6. Afin que l'on puisse dresser un tableau des dialectes dont l'ensemble constitue la langue populaire ou vulgaire, qui est la seule dont je m'occupe dans ce travail, il faut jeter un coup d'œil sur l'aire géographique où elle vit ou a vécu.

«Está la lengua portuguesa muy dilatada no solo en Europa, sino tambien en todas las partes del mundo, Africa, America, hasta los fines de la Asia, donde no solamente los Portugueses que por alla andan la hablan, mas todas aquellas gentes que tienen trato con ellos, que son muchissimas».

Ainsi s'exprime un écrivain portugais du XVII^e siècle, Antonio de Sousa de Macedo, dans les *Flores de España, excelencias de Portugal*, Lisboa 1631, cap. XXII, excel. VIII, qu'il a écrites en espagnol.¹⁷ – Examinons la vérité de cette assertion.

a) Outre le parler du «concelho» de Barrancos ou *fala arraiana* (§85), et certains parlers spéciaux et populaires apparentes au portugais, comme le *mirandês* qui se parle dans la *Terra de Miranda* (§153), et le *rionorês* et *guadramilês* qui se parlent sur la frontière dans le «concelho» de Bragança (§§149 et 151), le portugais vulgaire, au sens précis du mot, présente beaucoup de singularités sur le continent même, comme on le verra plus loin avec plus de détail.

On peut employer le mot *dialecto* «dialecte» pour définir soit ces singularités, soit d'autres analogues; en effet, ce mot a été déjà employé dans notre littérature. Le P. Dom Rafael Bluteau dit dans son *Vocabulario português e latino*,¹⁸ s. v. DIALECTO:

16 *Dois fragmentos soltos foram referidos a este lugar: [1.º solto: Esquisse, p. 15. Cit.: ... a população coimbrã... desfructa a merecida fama de ser a mais bem falante de Portugal... A. d'Oliveira, E. de Queiroz, p. 189]; [2.º solto: Dialecto (beirão) | Nos Apolog. dial. p. 262, falando-se do dialecto atico: «se cá entre nós dissessemos, se fallava mais elegantemente em Coimbra, que em outras partes, não mentiriamos, sendo alli o coração & alma das sciencias que se ensinão e aprendem». | Para a Esquisse p. 15].*

17 Cf. aussi sur la géographie de la langue portugaise: Duarte Nunes do Lião, *Origem da lingua portuguesa*, Lisbonne 1606, chap. XXIV, où il parle de l'extension de notre langue hors de l'Europe; Ferreira de Vera, *Louvores da ling. portug.*, Lisbonne 1631, f. 87v; Faria e Sousa, *Europa Portuguesa*, III, Lisbonne 1680, p. 397; Fr. Antonio da Purificação (XVII^e siècle), *Chronica dos eremitas de S. Agostinho*, I^{re} Partie, préface. Il était naturel que parmi les mérites que nos ancêtres attribuaient à la langue portugaise on mît en relief celui d'avoir servi de moyen de propagation à la foi chrétienne: voir, outre Lião et Vera, que je viens de citer, João de Barros (XVI^e siècle) dans la *Copilação de varias obras*, Lisbonne 1785, p. 230 [*Dialogo em louvor da nossa linguagem*, et la dédicace à Dom Philippe]. [ex. pess.: *Della ling. e lett. port.* por B. Biondelli, Milano, 1840, p. 1: diz algo.]

18 Lisbonne 1712-1721.

«Modo de fallar proprio e particular de huma lingoa nas diferentes partes do mesmo Reino: o que cõsiste no accento, ou na pronunciação, ou em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar.»

Contador d'Argote (XVIII^e siècle), Monte-Carmelo (XVIII^e siècle), Gonçalves Coutinho (XIX^e siècle), Gomes de Moura (XIX^e siècle), – pour n'en pas citer d'autres, – ont employé également le même mot, appliqué aux portugais.

Il y a des dialectes anciens et des dialectes modernes, car, selon ce qu'a remarqué Fernão d'Oliveira, grammairien du XVI^e siècle:

«Hũa mesma nação e gente, de hũ tempo a outro, muda as vozes e também as letras». ¹⁹

La connaissance que nous avons des anciens dialectes est limitée. J'y ai déjà fait une allusion quand je me suis occupé du portugais protohistorique (§3). Plus tard, quand il s'agira de la bibliographie dialectologique et de la grammaire, nous verrons d'autres faits.

b) En Galice, on parle le galicien (§147), qui, comme je l'ai déjà dit, est en rapports intimes avec le portugais; ces rapports étaient autrefois encore plus grands, à cause des affinités ethniques et historiques qui existaient entre la Galice et le Portugal. Déjà Nunes de Lião²⁰ (XVI^e-XVII^e siècles) a remarqué que les langues galicienne et portugaise:

«erão antigamente quasi hũa mesma, nas palauras e nos diphtongos, e pronunciação que as outras partes de Hespanha²¹ não tem». ²²

Le galicien, non seulement possède des sous-dialectes en Galice, mais dépasse encore les limites de cet ancien royaume, dans l'intérieur de l'Espagne même (§148).

c) À Ermisende, dans l'ancien royaume de Léon, on parle une langue frontière, laquelle est essentiellement portugaise.²³ À Olivença, aussi en Espagne, mais située sur la frontière portugaise de l'Alemtejo, on parle une variété du portugais-*alemtejano* (§85), parce que cette ville nous a appartenu.²⁴ À Alamedilla, village espagnol dans la province de Salamanque, à deux lieues de Vilar Formoso (Portugal), sur la frontière, on parle, à ce qu'on m'a dit, le portugais; les Espagnols appellent à cause de cela les habitants d'Alamedilla *mestizos*. Manoel Severim de Faria, au XVII^e siècle, dit de Séville:

19 *Grammatica da linguagem portuguesa*, 2^e éd., p. 17.

20 [ex. *pers.*: na margem, o autor emenda a lápis *do Lião* para *de Lião*; por extensão, a emenda foi aplicada em todo o livro].

21 *Hespanha*, au sens ancien de *Péninsule hispanique* ou *Hispanie*.

22 *Origem da ling. portug.*, éd. de 1606, p. 32.

23 Voir mes *Estudos de philologia mirandesa*, II, 56-57.

24 Voir *Revista Lusitana*, II, 347-349.

«Muitas pessoas affirmavaõ que a quarta parte dos moradores de Sevilha eraõ nascidos em Portugal, e que em muitas ruas d'aquella cidade se fallava a nossa lingua, e naõ a castelhana». ²⁵

d) Hors de la Péninsule Ibérique, l'aire géographique de la langue portugaise est très vaste.

e) En premier lieu, et pour ainsi dire à notre porte, je dois mentionner les archipels des Açores et de Madère, qui sont considérés comme annexes au royaume, et où le portugais est la seule langue générale.

f) En Europe même, sans parler de colonies portugaises libres qui existent dans plusieurs pays, nous avons jusqu'il y a peu de temps le portugais des Juifs, surtout aux Pays-Bas, en Allemagne et en Italie. Les Juifs qui habitaient le Portugal en ont été chassés par le roi Emmanuel vers la fin du XV^e siècle, et ils se sont disséminés dans diverses contrées, outre celles mentionnées ci-dessus, telles que la France, l'Angleterre, la Scandinavie, etc. ²⁶ Ils y ont naturellement porté avec eux la langue de leur patrie. L'importance que le portugais a eu hors du Portugal chez les Juifs se manifeste dans les travaux littéraires qu'ils ont composés et imprimés dans cette langue, au moins aux XVII^e et XVIII^e siècles, à Amsterdam, à La Haye et en d'autres villes. ²⁷ Cependant, c'est seulement sur le portugais des Juifs de Hollande, d'Italie et d'Allemagne que je possède quelques renseignements spéciaux.

α. Hollande et Italie. Dans un manuscrit du XVIII^e siècle on lit:

«acho razão aos Judeus da Hollanda e Leorne [Livourne] de falarem todos a lingua portuguesa, dizendo ser esta a sua nação e o seu reyno». ²⁸

Les Juifs portugais et espagnols réfugiés à Livourne au XVI^e siècle ont donné à cette ville une grande vie commerciale; mais je ne sais de leur langue que ce qui vient d'être mentionné. – En Hollande:

«les Juifs espagnols et portugais ont établi leur quartier général à Amsterdam et à La Haye, où ils ont continué de cultiver le commerce,

25 *Noticias de Portugal*, p. 8.

26 Sur les Juifs, voir *Geschichte der Juden in Portugal* par Kayserling, Berlin, 1867 (le chapitre VI de la II^e Partie traite des migrations de nos Juifs); *Os Judeus em Portugal* par Mendes dos Remédios, 1895 (le 1^{er} volume, seul paru, traite des Juifs jusqu'à l'époque de leur expulsion). [ex. pess.: Azevedo, *Rev. Lus.*, VIII, 154ss.].

27 Sur la littérature des Juifs portugais en général, voir: A. Ribeiro dos Santos, «Da Litteratura sagrada dos Judeus Portugueses» dans les *Memorias de Litterat. Portug. da Academia*, II-IV; Ricardo de Matos, *Manual bibliographico*, Porto 1878, p. 566 suiv.; Mendes dos Remédios, *Os Judeus em Portugal*, p. 343 suiv.

28 Voir *Revista Lusitana*, IV, 124.

la littérature et les sciences». ²⁹ «La grande prospérité des Juifs portugais a disparu avec le temps; mais ils continuent de former une congrégation distincte, dont les membres, attachés les uns aux autres par le lien des souvenirs, tiennent généralement dans la société une place honorable». ³⁰ «Longtemps même ils ont conservé l'usage de la langue portugais». ³¹

En 1899, je suis allé exprès à Amsterdam pour vérifier l'exactitude de ces renseignements. Malheureusement, le portugais est aujourd'hui à Amsterdam une langue morte, et je pense qu'il en est de même à la Haye. À peine ai-je trouvé à Amsterdam deux membres de la famille Mendes da Costa, chez qui le portugais est traditionnel, mais qui ne s'en servent pas dans les rapports quotidiens. Néanmoins, certains actes officiels de la communauté judaïque sont encore rédigés en portugais; on récite à la synagogue des prières et des phrases du culte, dans cette même langue; et il existe en Hollande un certain nombre de noms de famille portugais. ³²

β. *Hambourg*. A Hambourg, il y a une colonie de Juifs portugais. Voir sur les conditions de leur existence, un article de notre consul M. Vanzeller, publié dans le *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1880, p. 725. – En 1889, je suis allé aussi exprès à Hambourg pour savoir si ces Juifs parlaient encore notre langue. Mais hélas! le portugais y est également une langue morte; on ne l'emploie que dans certains actes religieux, et on trouve par ci par là un mot portugais perdu au milieu de l'allemand. ³³

γ. *Bavière*. Au XVIII^e siècle, il existait encore en Bavière des vestiges importants d'une colonie d'Israélites d'origine portugaise, qui avaient abandonné le Portugal à cause de l'intolérance religieuse:

«ils conservèrent longtemps la langue portugaise; mais depuis plus de ces trois dernières générations ils sont entièrement assimilés aux autres communautés israélites et aux Allemands». ³⁴

29 A. Esquiros, «Les Juifs en Hollande», dans la *Revue des Deux Mondes*, 1856, t. v., p. 751. – Parmi les Juifs portugais qui ont été éminents dans les sciences, on compte le philosophe Spinoza, né à Amsterdam en 1632.

30 Esquiros, *loc. cit.*, p. 753.

31 *id.*, *ibidem*, p. 738.

32 Je remercie encore une fois M. Abraham Isaac Mendes da Costa de tous les renseignements qu'il a bien voulu me donner sur ce sujet.

33 M. Isaac Cassuto, Israélite portugais qui parle parfaitement la langue de Camões, m'a fourni à ce propos diverses données, dont je le remercie.

34 Buckmann, dans le *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1880, p. 672. – La Société de Géographie de Lisbonne a adressé, avec autorisation du Gouvernement, un questionnaire à nos légations et consulats pour demander des renseignements sur les colonies portugaises dans les pays étrangers. On a commencé la publication des réponses dans le *Boletim* cité, 1880, p. 340. Ce questionnaire comprenait un chapitre (le IV^e) sur la langue.

g) Hors de l'Europe, nous trouvons la langue portugaise très répandue, surtout par le fait des découvertes et des conquêtes de nos ancêtres, dès le XV^e siècle. M. H. Schuchardt écrit à ce sujet:

«Die Geschichte der portugiesischen Entdeckungen und Eroberungen ist im Allgemeinen auch die Geschichte der Ausbreitung der portugiesischen Sprache».³⁵

La même pensée se trouve dans Duarte Nunes de Lião, *Origem da lingua portuguesa*, Lisboa, 1606, chap. XXIV:

«E manifesto he que, como entre todas as naçoës que no mundo ha, nenhũa se alongou tanto de sua terra natural, como a naçaõ portuguesa, pois, sendo do ultimo occidente, e derradeira parte do mundo,... penetráraõ tudo o que o mar Oceano cerca, e comsigo leváraõ sua lingua».

Quelquefois la propagation de la langue a été due à de simples émigrations.

h) En Afrique, nous trouvons le portugais, quoique souvent à côté d'autres langues, sur toute la côte occidentale, à partir de notre archipel du Cap Vert, et en suivant la Guinée portugaise et Ajudá (où nous possédons une forteresse), le golfe de Guinée (îles portugaises de Saint-Thomé et Príncipe et île espagnole d'Anno-Bom), et Loango, jusqu'à la province portugaise d'Angola. Les notices de M. Albéca sont intéressantes à ce point de vue:

«La langue de Camões s'est répandue jusqu'aux bouches du Niger; elle est fréquemment parlée encore à Porto-Novo, à Ouidah [= port. *Ajudá*] et à Agoué, et a fourni beaucoup de mots aux dialectes éoués [Dahomey – Côte des Esclaves]».³⁶

Dans l'île de Sainte-Hélène, un «gebrochenes Portugiesisch»³⁷ était encore en usage dans le dernier quart du XVII^e siècle. À Christiansborg, dans la Côte d'Or [ex. pess.: Golfo da Guiné], on a parlé jadis le portugais, de même que dans l'extrémité méridionale du Cap de Bonne-Espérance.³⁸ Sur la côte orientale, à côté des langues indigènes et d'autres, on parle le portugais dans notre colonie de Moçambique, et plus au Nord, au moins jusqu'à Quiloa, l'île de Zanzibar, Mombaça et Mélinde.

35 Dans la *Zeitschrift f. rom. Philologie*, XIII, 477.

36 Dans *Le Tour du Monde*, 1895, p. 97.

37 Apud H. Schuchardt, in *Zs. f. r. Phil.*, XIII, 479 et 506.

38 Schuchardt, *loc. cit.*, p. 479 et 506; cf. *Description du Cap de Bonne-Espérance tirées des Mémoires de Mr. Pierre Kolbe*, t. I, Amsterdam 1741, p. 58. [ex. pess.: Sobre palavras indo-pgs. do holl. do Cabo vid. Schuchardt, *Litbl.*, 1885, p. 468].

i) En Orient:

«Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se falla um dialecto português, como linguagem commum entre aquellas povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francês».³⁹

[*na margem do ex. pess.*: Ainda em 1674 dizem os missionarios francezes: «le portugais est à peu près la seule langue européenne qui soit répandue en Orient», apud C. Bettencourt, *Arch. Hist. Port.*, I, 308 e cf. n. 1].

On lit aussi dans le *Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words* de Yule & Burnell, Londres 1886, p. XVI:

«The natives in contact with the Portuguese learned a bastard variety of the language of the latter, which became the *lingua franca* of intercourse, not only between European and natives, but occasionally between Europeans of different nationalities. This Indo-Portuguese dialect continued to serve such purposes down to a late period in the last century, and has in some localities survived down nearly to our own day».

Et dans une note:

«At Point de Galle [Ceylan], in 1860, I found it in common use, and also, somewhat later, at Calecut» [côte de Malabar]. *Ibidem*.

Colombo (capitale de l'île de Ceylan) a été, et continue à être, dans une certaine mesure, un centre de productions littéraires (religieuses) en indo-portugais (§115). Avec plus de détail Cunha Rivara dit:

«Esta lingua falla-se, e he vulgar, desde o Guzerate até ao Cabo Comorim. Não é desconhecida na costa de Coromandel até Bengala. He commum, com maior ou menor pureza, em Ceilão, no Archipelago Malaio, e na China. Entende-se em Sião, e em varios grupos dos Archipelagos Oceanicos, etc.».⁴⁰

[*ex. pess.*: Uso diplomatico do port. em Sião, do sec. XVII ao XIX: Cardoso Bettencourt, no *Arch. Hist. Port.*, I, 308. Publica um texto do sec. XVII, vindo de Sião, com alg. particularidades: *esso* «esse», *vanidade*, *le* «lhe», «até me trazer», *ib.* Vid. adiante].

MM. Adolfo Coelho et Hugo Schuchardt ont fait, surtout le dernier, beaucoup de recherches sur le domaine géographique de la langue portugaise dans les pays d'outremer: voir *Os dialectos romanicos ou neolatinos na Africa, Asia e America*, du premier de ces auteurs, et *Kreolische Studien et Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch*, du second. Dans le *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*

39 Dans le *Panorama*, VI [Lisbonne 1842], p. 56.

40 *Introd. à la Gramm. concani* du P. Th. Estevão, Nova Goa 1857, p. XXVI, note.

on trouve aussi plusieurs notices à ce sujet. Sur le portugais d'Orient nous devons considérer comme très importants les renseignements que fournit M. Schuchardt dans les *Beiträge*, V (voir la *Zs. f. rom. Phil.*, XIII, 476-479), en se fondant sur la «*Nachricht von den Portugiesen in Indien*» publiée dans *Der königl. Dänischen Missionarien aus Ost-Indien... Berichte, Dritter Theil*, Halle [1729-] 1735. En prenant pour base les œuvres ci-dessus citées et d'autres notices que j'ai recueillies, on peut établir ce tableau sommaire de la géographie du portugais en Orient:

1) Asie occidentale:

a) Perse (Gameron, Gamron ou Gomron = *Comorão*)⁴¹. [ex. *pers.*: Gambroun et Gomeron, depuis appelé Bender-Abassi, dans le Golfe Persique]⁴²

b) Turquie (Bassorah).

c) Arabie (Moka).

2) Inde:

a) Côte occidentale⁴³.

b) Côte orientale.

c) Bengale.

3) Ceylan (voir ci-dessus, p. 50).

4) Asie orientale:

a) Indo-Chine (Arracan, Pégou, Siam⁴⁴, Malacca, P. Pinang,⁴⁵ Singapour, etc.).

b) Chine (Macao; il y a des colonies portugaises libres à Hongkong⁴⁶ et à Changai).

c) Japon (Nagasaki).

5) Archipel asiatique et Océanie:⁴⁷

a) Sumatra.

b) Java (Batavia, etc.).

c) Bornéo.

d) Célèbes (Macassar).

41 Cf. Mandelslo, *Voyages de Perse aux Indes Or.*, [ex. *pers.*: o autor corrige *Amsterdam 1727* para *Leide 1719*, t. I, col. 33. e acrescenta: Tambem ha *Serra dos Camarões* na Africa Occ. (Guiné), fr. *Cameroun*, ingl. *Cameroons*, all. *Kamerun*. Vid. *Bolet. Soc. Geogr.*, 1906, p. 371].

42 [ex. *pers.*: Grose, *Voyage aux Indes Orientales*, Londres 1758, p. 93].

43 Même hors des possessions portugaises, ou État de l'Inde (Diu, Daman = *Damão*, Goa), on publie encore des périodiques avec titres et articles portugais, par ex. à Bombay *A Luz* (en portugais, anglais et dans une langue indigène), *O Luso-Concanim* (idem), *O Anglo-Lusitano*.

44 Par exemple, à Bangkok, il y a une colonie portugaise libre. [ex. *pers.*: vid. a nota ms. a p. 23 (isto é, a adição feita pelo autor na p. anterior, nesta ed. p. 50)]

45 [ex. *pers.*: Cf. Prostes, *Bolet. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 701. Ilha Pinang = Poulou-Pinang = Principe de Galles, à entrada do estreito de Malaca, cap. Pinang. — Português quebrado de Malaca et Macau].

46 La colonie portugaise d'Hongkong publie un journal, *O Porvir*, qui est dans sa cinquième année.

47 Cf. aussi *Boletim da Soc. Geogr. de Lisboa*, 1883, p. 277 et suiv.

- e) Moluques⁴⁸ (Amboine,⁴⁹ Ternate).
- f) Sonde (Timor, etc.).
- g) Sandwich (Hawaï).⁵⁰ [ex. pess.: Parece que nas Flores (Larantuca), segundo me diz o Prof. Gongryp.]

j) En Amérique, le portugais a un domaine tout spécial au Brésil, où il est l'idiome national et officiel, le Brésil ayant été colonie portugaise. En outre, on le parle dans d'autres contrées américaines où il y a des émigrants portugais. Les faits que je connais peuvent être distribués ainsi:

1) Amérique du Nord.

Les émigrants portugais qui se sont établis aux États-Unis sont venus surtout des Açores.

α. Californie. En 1876, il y avait dans la Californie une colonie de 12.000 Portugais⁵¹. Ils conservent la langue sans changement (?).⁵² A S. Francisco, il y a au moins un journal, *A União Portuguesa*; à Sacramento, on publie *A Liberdade*;⁵³ à Oakland, on publie *O Arauto*, «the largest in size and circulation among the 80.000 Portuguese in the United States» (selon son épigraphe).

β. Massachusetts. A New-Bedford, il y a une colonie de 500 Portugais, qui parlent un portugais spécial;⁵⁴ cette colonie publie des périodiques, comme le *Correio Português*, *O Independente*. Il y a aussi des colonies portugaises libres à Boston, à Cambridge, à Lowell.

γ. Il y a encore des colonies portugaises libres dans d'autres états de l'Union, comme Rhode Island (Providence), etc.

2) Amérique du Sud:

α. Brésil (voir ci-dessus, p. 51).

β. Au Paraguay et dans la République Argentine, il y a des colonies portugaises libres.⁵⁵ À propos de Buenos-Aires, capitale de la République Argentine, on lit dans le *Boletim da Socied. de Geogr. de Lisboa*⁵⁶ que l'émigrant portugais:

48 Nos anciens auteurs employaient aussi la forme *Maluco* [«ilhas de Maluco»], par ex.: Barros (XVI^e siècle), *Decadas da Asia*, III, liv. V, chap. 5 (éd. de 1777); F. Guerreiro, *Relação annual*, 1605, f. 28; Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*, 1674, II, 851.

49 Cf. Mandelslo, *Voyages de Perse aux Indes Or.*, Leide 1719, t. I, col. 411-412. [Amsterdam 1727, segundo a 1^a ed., mas a 2.^a ed. retifica a data, mantendo a paginação]

50 Il y a là une colonie de 16.000 Portugais, qui publie au moins un journal portugais. Cf. *Revista colonial e maritima*, vol. II, p. 1492 suiv.

51 Voir *Boletim da Soc. Geogr. de Lisboa*, 1880, p. 342.

52 Voir *Boletim da Soc. de Geogr.*, 1880, p. 355.

53 Par initiative des rédacteurs de ce journal, on a créé à Sacramento une école portugaise: voir *O Século* (de Lisbonne) du 11 Février 1901.

54 H. Lang, dans la *Revista Lusitana* I, 378.

55 Voir *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1880, p. 344.

56 Vol. de 1880, p. 553.

«na generalidade não conserva a lingoa por muito tempo; começa a fallar mal o castelhano, e depois para sempre mistura as duas lingoas, não usando nem a portuguesa, nem a castelhana».

γ. Suriname. M. Hugo Schuchardt m'a fourni chez lui, à Graz, en 1900, la note suivante de Ludwig, sur le négro-portugais de Suriname:

«Among the first settlers of Surinam were, besides Englishmen, many Portuguese Jews, whose numerous slaves soon adopted, in an imperfect manner, the language of their masters, speaking a broken Portuguese, which has now vanished from the colony with the wealth of those who originally introduced it. At the present time it is only spoken by one tribe of the free Bush Negroes, the so-called Saramaccans, on the Upper Surinam, descendants of the Plantation negroes, who, at the time of the treaty of the peace in 1760, inhabited the forest on the Upper Saramacca, deep in the interior. These Saramacca Negroes, at least those among them who hold intercourse with the colony, understand. besides their own *Djoe-tongo* (= Jew's language), the Negro-English. No printed specimens known».

Cf. aussi: A. Coelho, *Os dialectos románicos* etc.; II, p. 24; et Addison van Name, que je cite plus loin, p. 82.

δ. Sur la Guyane Anglaise, voir: Adolfo Coelho, *Os dialectos románicos* etc., III, p. 24; et *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1880, p. 345.

k) Les conditions dans lesquelles le portugais s'est implanté dans de si diverses régions d'outremer ont donné lieu tantôt à des parlars spéciaux, comme les dialectes créoles, tantôt à de simples particularités dialectologiques de moindre importance, ce qu'on verra plus loin, dans la Partie II, ch. III.⁵⁷

57 De l'implantation du portugais dans ces régions lointaines, il résulta encore un autre phénomène philologique: l'introduction de mots portugais dans les langues indigènes ou dans les langues européennes que l'on parle dans ces contrées, par exemple l'anglais, le français, le hollandais. Sans pouvoir développer ici ce sujet, je me contenterai de donner quelques renseignements bibliographiques:

1) Sur l'Afrique, cf. §142.

2) Sur l'Amérique (Brésil), cf. §100.

3) Sur l'Orient. Les mots portugais introduits dans le malais ont donné lieu à une étude de M. Aristide Marre intitulée: *Notice sur la langue portugaise* (extr. des *Annales de l'Extrême Orient*), p. 3-5; et à une de M. Gonçalves Vianna intitulée: *Les vocables malais empruntés au portugais* (extr. des *Mélanges Charles de Harlez*, p. 336). M. H. Schuchardt a fait une critique du travail précédent [ex. pess.: in *Wiener Zs. für die Kunde des Morgenlande*, vol. XI, et Adolfo Coelho, in *Rev. crit. de historia e literatura*, Agosto de 1896]. – Sur les rapports existant entre le malais et le portugais, voir aussi Schuchardt, *Kreolische Studien*, IX, Vienne 1891, p. 147. – On lit dans le *Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words* de Yule & Burnell, Londres 1886: «The conquests and long occupation of the Portuguese, who by the year 1540 had established themselves in all the chief ports of India and the East, have, as might have been expected, bequeathed a large number of expressions to the European nations, who have followed, and in great part superseded them». Pag. XVI. →

1) Après la lecture de cet abrégé géographique, on comprend avec quelle intuition historique le grand chroniqueur du XVI^e siècle João de Barros a dit dans le *Dialogo em louvor da nossa lingua*:

«As armas e padrões portugueses, postos em Africa e em Asia, e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das tres partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar; pero nã gastará doutrina, costumes, linguagem que os portugueses nessas terras leixarem».⁵⁸

C. – Classification des dialectes portugais

7. Pour synthétiser ce que je viens de dire, et pour mieux faire comprendre les faits que j'ai encore à exposer, je classerai ici sommairement les dialectes portugais, considérés dans leur ensemble. Dans ce classement, qui est tout à fait provisoire, je ferai donc entrer, et les *dialectes* proprement dits, c'est-à-dire les différenciations locales du portugais, et les *codialectes*, c'est-à-dire les idiomes particuliers qui, quoique n'étant pas aujourd'hui rigoureusement portugais, sont cependant dans un intime rapport avec cette langue: voir sur ce sujet mes *Estudos de philol. mir.*, II, 66 suiv. Les dialectes, de même que quelques-uns des codialectes, offrent des sous-divisions secondaires, qu'on peut, si l'on veut, appeler *sous-dialectes* et *variétés*.

I. Portugais proprement dit:

A. Dialectes continentaux:

I. Dialecte *interamnense* ou d'Entre-Douro-e-Minho:

- 1) sous-dialecte *alto-minhoto* ou de l'Alto-Minho;
- 2) sous-dialecte *baixo-minhoto* ou du Baixo-Minho;
- 3) sous-dialecte *baixo-duriense* ou du Baixo-Douro.

Dans le sous-dialecte *baixo-minhoto*, il y a les petites variétés de Porto et de la Borda-d'Agoa (Povoa, Villa do Conde).

II. Dialecte *transmontano* ou de Tras-os-Montes:

1) sous-dialecte *raiano* ou de la frontière, auquel se rattache la variété d'Ermissende (Espagne);

→ «It may... be easily understood how a large number of our Anglo-Indian colloquialisms, even if eventually traceable to native sources (and especially to Mahratti, or Dravidian originals) have come to us through a Portuguese medium». Pag. XVII.

Cf. aussi Schuchardt, *Zs. f. r. Phil.*, XIII, 509 suiv.

Le phénomène inverse s'est également produit. Dans le lexique portugais, soit dans celui du continent, soit dans celui d'outremer, il y a une grande quantité d'éléments d'origine exotique. Voir une courte liste de ces éléments dans Adolfo Coelho, *A lingua portuguesa*, Porto 1887, p. 169 suiv. Sur le Brésil, voir: Silvio Romero, *Estudos sobre a poesia popular*, Rio de Janeiro 1888, p. 313 suiv.; José Verissimo, *A vida amazonica*, Lisboa 1887, p. 38 suiv. Le VIII^e volume des *Obras* du cardinal Saraiva, Lisbonne 1878, contient à la page 209 suiv., un «Glossario de vocabulos portugueses derivados das linguas orientaes e africanas, excepto o arabe».

58 *Copilação de varias obras* de João de Barros, Lisbonne 1785, p. 229.

- 2) sous-dialecte *alto-duriense* ou de l'Alto-Douro;
- 3) sous-dialecte occidental et central.

III. Dialecte *beirão*:

- 1) sous-dialecte *alto-beirão* ou de la Beira-Alta;
- 2) sous-dialecte *baixo-beirão* ou de la Beira-Baixa;
- 3) sous-dialecte occidental («districtos» de Coïmbre et d'Aveiro).

IV. Dialecte *méridional*:

- 1) sous-dialecte *estremenho* ou de l'Estrémadura;
- 2) sous-dialecte *alemtejano* ou de l'Alemtejo, auquel se rattachent la variété d'Olivença (Espagne) et l'idiome de Barrancos;
- 3) sous-dialecte *algarvio* ou de l'Algarve.

B. Dialectes insulaires:

I. Dialecte *açoreano* ou des Açores.

II. Dialecte *madeirense* ou de Madère.

C. Dialectes d'outremer:

I. Dialecte brésilien.

II. Indo-portugais:

- 1) dialecte créole de Diu,
- 2) dialecte créole de Daman (= Damão),
- 3) dialecte *norteiro* ou du nord de la côte occidentale de l'Inde,
- 4) portugais de Goa,
- 5) dialecte créole de Mangalor,
- 6) dialecte créole de Cananor,
- 7) dialecte créole de Mahé,
- 8) dialecte créole de Cochin,
- 9) portugais de la côte de Coromandel.

III. Dialecte créole portugais de Ceylan.

IV. Dialecte *macaista* ou de Macao.

V. Malayo-portugais:

- 1) Dialecte créole de Java,
- 2) Dialecte créole de Malacca et de Singapour.

VI. Portugais de Timor.

VII. Dialecte créole *caboverdiano* ou du Cap Vert.

VIII. Dialecte créole *guinéense* ou de la Guinée.

IX. Dialectes créoles du Golfe de Guinée:

- 1) Dialecte de l'île de St-Tomé.
- 2) Dialecte de l'île du Principe [Prince].
- 3) Dialecte de l'île d'Anno-Bom.

X. Portugais des côtes d'Afrique.

D. Portugais des Juifs:

- 1) d'Amsterdam,
- 2) de Hambourg.

II. Codialectes portugais:

- I. Galicien,
- II. Riodonorais,
- III. Guadramilais,
- IV. Mirandais (et Sendinais).

7-A. Je ne me dissimule pas combien difficiles sont les classifications de cette espèce, et je n'ignore pas non plus quels doutes a soulevés parmi les philologues la notion de dialecte: je me suis occupé de cette question dans mes *Estudos de philologia mirandesa*, II, 65 suiv.; cependant, on ne peut pas nier que l'ancienne nomenclature n'ait une certaine utilité pratique: c'est pourquoi je l'adopte ici.

7-B. La classification que je viens d'établir de tous les dialectes portugais est, comme on l'a vu, surtout géographique, mais elle est en même temps glottologique, ce que je montrerai dans la Partie II, et aussi historique: en effet, les *dialectes continentaux* sont une évolution du latin vulgaire dans un certain milieu; les *dialectes insulaires* sont une évolution du portugais du continent, dès l'époque de la colonisation, aussi dans un certain milieu, mais différent du premier, et indépendamment de toute influence étrangère; les *dialectes d'outremer* sont encore une évolution du portugais de la même époque, cependant dans des milieux différents de ceux dont je viens de parler, et qui ont agi sur notre langue d'une manière particulière. – Le portugais des Juifs représente de même une évolution spéciale, due en partie à des circonstances historiques.

8. Le peuple lui-même a conscience, comme il est naturel, non seulement des variations idiomatiques selon les localités, mais aussi des différences qui existent entre la langue littéraire et le parler populaire.

Dans la province de Tras-os-Montes, par exemple, on appelle *fala chamorra* le langage populaire de la frontière, par opposition à la *fala politiga* ou *politega*, c'est-à-dire au portugais pur. Dans tout le royaume, on entend fréquemment des expressions comme *falar à labrega*, *falar à rustiga*, qui signifient «parler à la manière des personnes sans instruction». Dans mes *Estudos de philol. mir.*, I, 12 suiv., j'ai cité les termes qui sont usités à Miranda pour désigner le mirandais et le portugais, par exemple, *fala charra* et *fala grabe*. Le mot *charro*, -a signifie en portugais «grossier», et en espagnol «paysan», «rustique»; il est employé par Gil Vicente, *Obras*, I, 129 (édit. de Hambourg):

Que se fora a cachopa peca ou *charra*...

Dans certaines localités de la Beira-Baixa, on dit *falar à chacôca* dans le sens de «parler grossièrement»; je pense que *chacôca* est une déformation de *enxacôco*, qui signifie «baragouin» et «baragouineur» [ex. *pers.*: de *chacota* + *enchacôco*]. Une autre expression péjorative est *fala chacota = fala de chacota*;⁵⁹ le mot *chacota* signifie aujourd'hui «badinage», «raillerie», «moquerie», mais autrefois c'était le nom d'une sorte de danse et de chanson:

Pois não sabemos rezar,
Façamos-lhe hũa *chacota*...

dit Gil Vicente, *Obras*, I, 145; et dans un autre passage:

Em tanto, por vida minha,
Será bem que ordenemos
A nossa chacotazinha;
E com ella nos iremos
Ver El-Rei e a Rainha... (II, 445)

et le poète ajoute:

«Ordenarão-se todos estes pastores em *chacota*, como lá se costuma, porém a cantiga d'ella foi cantada de canto d'orgão» (ibidem).

Et à la page 419:

«tornarão todos a cantar a modo de *chacota*: *Por el rio me llevad*».

On lit dans la *Prática de tres pastores* (éd. de M^{me} Carolina Michaëlis de Vasconcellos, 1881), p. 35:

Agora, sem mais tardança,
Digamos uma cantiga
De *chacota*...

Ou le mot *chacota* a signifié d'abord pièce de théâtre populaire et a fini par acquérir un sens péjoratif, ou c'est le contraire qui a eu lieu.

Quelquefois on emploie certains mots caractéristiques pour définir les langages locaux: a Fozcoa, par exemple, où le *ch* conserve son ancienne valeur de *tx* (c'est-à-dire de palatale explosive sourde), quand quelqu'un, après avoir habité temporairement hors de ce bourg, revient ayant perdu cette prononciation et l'ayant remplacé par *x*, on s'écrie, pour se moquer de sa façon de parler: *lá vem o da xave, xapeu, fixadura!*⁶⁰

59 Voir *Rev. Lusit.*, II, 98.

60 Sur des faits analogues dans l'Alemtejo, voir *Rev. Lusit.*, IV, 18. [Na p. 32 do ex. *pers.*, *Leite colou um longo recorte do Diário de Noticias de 16-X-900, anterior portanto à impressão do livro*; →

8-A. Cependant, abstraction faite des codialectes, et des dialectes créoles, qui diffèrent considérablement soit du portugais commun, soit très souvent les uns des autres, les divergences que l'on remarque entre le parler populaire (continental et insulaire) et la langue littéraire, d'une part, et entre les dialectes eux-mêmes, d'autre part, ne sont pas grandes, et ne sauraient être comparées à celles des dialectes de France, de Suisse et d'Italie, par exemple. Un paysan du Nord du Portugal comprend sans difficulté un autre du Sud.⁶¹

9. Donc la DIALECTOLOGIE PORTUGAISE doit être, d'après ce que l'on vient de dire (chap. I), l'étude non seulement des parlers populaires du Portugal, du galicien et des idiomes de la frontière hispano-portugaise, mais aussi des modifications qu'a éprouvées notre langue dans les régions lointaines où elle a été portée par des conquérants, des colons, ou de simples groupes d'émigrants (Partie II), et en même temps l'examen des conditions dans lesquelles se sont opérées ces évolutions (Partie III); on y ajoutera, comme complément naturel du sujet, la bibliographie dialectologique (chap. suiv.).

→ *o relato refere terem sido detidos «na linha de Elvas a Hespanha quatro individuos sentados, alguns de cara rapada, que eram portuguezes e pela pronuncia pareciam ser de Setubal ou Barreiro». Esta passagem foi sublinhada a azul por Leite*].

61 Sur le peu de différences qui existaient entre le langage du Nord du Portugal et le langage du Sud au XVI^e siècle, cf. une observation dans la *Noticia do Brasil* (dans la *Collecção de noticias para a hist. e geogr. das nações ultramarinas*, Lisbonne 1825, t. III, p. 56 et 307); mais l'auteur parle en historien, et non en grammairien. [solto: Esquisse, p. 33, n. 2: Na *Noticia do Brasil* (na *Collecção de noticias p. a hist. e geogr. das nações ultramarinas*, t. III, pt. I, Lx^a. 1825), cap. CLXXVIII, diz-se que na linguagem os Tupinaes e os Tupinambas «não tem mais differença, huns dos outros, do que tem os moradores de Lisboa dos de entre Douro e Minho», p. 307].

Chapitre II

Bibliographie dialectologique

10. Ce chapitre est, pour plus de clarté, divisé en deux sections: dans l'une j'indique les textes populaires; dans l'autre j'indique les travaux doctrinaux, ainsi que de simples notices, sur les dialectes.

A. – Textes populaires

11. Comme le peuple lui-même se rend compte des différences dialectales (§8), certains auteurs ont employé le langage populaire dans leurs écrits, surtout pour leur donner un tour satirique ou un ton spécial. Le langage populaire a été aussi quelquefois noté phonétiquement dans des études dialectologiques ou folkloriques. Il y a en outre les cacographies⁶² et les documents officiels d'un caractère local. Nous pouvons donc considérer cinq classes de textes: a) littérature de colportage; b) littérature traditionnelle; c) divers écrits littéraires; d) orthographes erronées (cacographies); e) documents. Dans mon exposition, je ne suivrai pas cependant cet ordre, parce que quelques textes peuvent appartenir à plus d'une classe; je suivrai l'ordre chronologique, en considérant les groupes dialectaux selon la classification faite au §7.

12. Commençons par les dialectes continentaux. Jusqu'au XVI^e siècle, on ne trouvera que des mots ou des expressions isolés de caractère local dans des documents

62 Dans un livre contenant des enseignes de magasins de Lisbonne, on trouve beaucoup de fautes d'orthographe et de mots populaires qui ont un certain intérêt philologique, par ex., *madera*, *viradacero*, *licori*, *semeio* (< > semeadura), *cambara* = camara, *sorveja* = cerveja. Je cite ce livre ici, et non pas plus loin, dans sa section, parce que l'exemplaire que j'ai consulté est incomplet du commencement, et que je n'en sais par conséquent ni le titre ni la date: à mon regret, je n'ai pas pu réussir à en trouver un exemplaire complet. [ex. pess.: Obtive um ex. que tem este título: *Segunda parte da Collecção dos lettreiros celebres... d'esta capital por hum taful de luneta*, Lisboa 1806: 220 pag. + 4 innumeradas. Na pag. 220: "Fim da II parte". É de Ant.º Maria do Couto].

plus ou moins étendus, rédigés en portugais. Les *Portugaliae Monumenta Historica* et l'*Elucidario* de Viterbo (§3) fournissent à ce propos d'intéressants matériaux: voir, par exemple, dans la dernière de ces œuvres les mots *alfoufe*, *alcorcova*, *bodivo*, *busto*, *chavadego*, *chousal*, *Bemquerença*. D'après ces documents et d'autres semblables, on pourra se faire une idée de nos anciens dialectes (§6-a).

13. Au XVI^e siècle, nous avons une mine très riche chez Gil Vicente. Dans la *Revista Lusitana*, II, 340-342, j'ai publié une note sur le langage de ce poète, où je dis:

«À semelhança do que fizeram os comicos de todos os tempos, desde a antiguidade, o nosso Gil Vicente pôs muitas vezes na boca das suas personagens plebeias linguagem popular, que importa não confundir com a linguagem litteraria da epocha, que elle também emprega, – ainda que ás vezes a distincção se torna difficil, porque expressões que hoje nos parecem só do vulgo, como *polo*, *frol*, *fermoso*, *no 'mais*, *pera*, eram cultas no século XVI, e porque havia, como hoje, inúmeros termos populares que tinham entrado na lingua culta, e outros cultos que estavam a popularizar-se».⁶³

Antonio Ribeiro Chiado, comme Gil Vicente, reproduit dans les *Autos* plusieurs expressions du langage populaire. Il en est de même d'Antonio Prestes et d'autres poètes de la même école, soit au XVI^e siècle, soit aux siècles suivants. Voir sur ces derniers la Bibliographie chronologique des *autos* et *farças* du théâtre national (XVI^e-XIX^e siècles), dans le livre de M. Th. Braga, *Eschola de Gil Vicente*, Porto 1898, p. 557.

Sá de Miranda a écrit une églogue intitulée *Basto*, qui peut être citée ici, parce que, d'après ce que dit M^{me} Carolina Michaëlis, dans son édition des *Poesias* de Miranda (1886):

«é nela que [le poète] se entrega simplesmente á inspiração do seu génio, acertando no tom genuinamente popular, e traçando episodios puramente *minhotos*, i. é, *agallegados*, d'uma candura encantadora» (p. XXVII).

et dans un autre endroit:

«a lingoagem, a metrificacão, os personagens, tudo é genuinamente nacional, e neste caso pôde dizer-se um perfeito exemplar do genero Miranda (*a lo sayagues*)» (p. 774).

14. L'*auto* qui est intitulé *Pratica de tres pastores* appartient au commencement du XVII^e siècle ou à la fin du XVI^e. M^{me} Carolina Michaëlis, qui en a donné aussi une édition (1881), le considère «als altes Denkmal des portugiesischen Volksidioms» (p. 5), et elle insiste sur cette valeur aux pp. 9 et 11. En effet, les personnages y parlent le langage populaire. Quoique certains phénomènes, comme *ê* = *ei*, dans *alquêve*,

63 [solto: Falar do *beirão* de G. V., que eu indiquei primeiro, e em que D. Carol. insiste depois: *Not. Vicent.*, IV, 392-396. | A par com o alentejano [Nada das outras prov.]].

ô = ou, dans *enloqueceu*, et encore d'autres montrent que l'auteur connaissait le langage du Sud, il n'y a pas de doute qu'il n'ait voulu tenter un mélange et non reproduire un dialecte spécial: ainsi, à côté des faits cités, on en trouve d'autres qui sont caractéristiques du langage du Nord et de celui du Centre, comme *b* au lieu de *v* et vice-versa, dans *bicio*, *vento* = bento, *enbiado*; quelquefois même l'auteur emploie des formes qui, je crois, n'appartiennent qu'à lui seul.

Des faits semblables se trouvent dans les pièces de Simão Machado (XVII^e siècle): *Comedia do Cerco de Diu*; *Comedia de Alfea*. L'auteur y fait parler le langage de la Beira à quelques-uns de ses personnages; mais, comme il était né à Torres-Novas (Estrémadure), quelques phénomènes du dialecte *estremenho* y apparaissent, par ex.: *desn'* «desde», *quim* en proclise «quem», *inha mãe* «minha mãe».

Parmi les textes populaires du XVII^e siècle, il faut remarquer les deux églogues que Faria e Sousa a composées dans le style rustique du Minho, et qui ont pour titre *Montanha*; elles ont été publiées dans la *Fuente de Aganipe*, Partie IV, Madrid 1644, où elles portent les numéros VII et VIII. Faria e Sousa dit à ce propos:

«A la parte del Oriente de la comarca de Entre Duero i Miño se levanta una montaña que al centro de la misma comarca, el qual es el sitio de mi nacimiêto, i aqui me parecio que devia hazer el teatro de unas competencias en los amores de una Montañesa, en que sucedio parte de lo referido en las dos Eglogas» (f. 113-r).

L'auteur avait l'intention de publier un vocabulaire, projet qu'il n'a pas réalisé. On lit dans l'œuvre citée:

«Sobre la explicacion de las palabras rusticas, de que se usa en estas Eglogas, fuera necessario dezir mucho, si uviesse de darlas a entender a los muchos que no las entenderán. Tengo intento de hazer a parte un vocabulario breve de la lengua Portuguesa, para que sin dilatarme aqui no dexe de dar luz a los que desearen entenderla en estas rimas, o en otros escritos» (f. 113-v).

Il parle plus en détail du caractère du langage des églogues:

«Aqui digo solo que en varios modos se dificulta el entendimiento del dezir en estas dos Eglogas: el primero es por ser algunas palabras muy otras ã las politicas; el segundo por pronunciarse las politicas con tanta diferencia que parecen otras; el tercero por atropellarse unas con otras con las sinalefas, que es natural de los rusticos; el quarto, porque la *e* conjuncion, por la mayor parte es la *a*, entre ellos; i otros que en su lugar se dirán» (f. 113-v).⁶⁴

Malgré ce qu'il dit, il n'emploie pas toujours le langage du Minho: dans ces imitations du parler populaire, tantôt il se sert de certains mots qui étaient devenus des *lieux-communs*, comme *mey*, *ey*, *samicas*, tantôt il se sert de mots que je suppose fantaisistes, comme *coiraçom* = *coração*, *soysmente* = *somente*.

64 [ex. pess.: Extratos em Costa e Silva, *Ensaio*, VII, 135-144].

Dans le manuscrit N° 344 d'Alcobaça (XVII^e siècle), aujourd'hui à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne, il y a au f. 82 une poésie, *Trovas jocosas de passa tempo*, qui imite parfois le langage populaire; on y retrouve des formes qui étaient traditionnelles dans ce genre de compositions, comme *samicas* (que nous avons déjà vu dans Faria e Sousa), *sicaes*, *bofás*, *entonces*. Le mot *samicas* «por ventura» est considéré déjà comme locution vieillie par Fernão d'Oliveira dans sa *Grammaire*, p. 81, 2^e édit. (la 1^{ère} édition est de 1536).

Dom Francisco Manoel de Mello, qui connaissait très bien le langage et la vie du peuple, les reflète à chaque instant dans ses œuvres. A cet égard la *Feira de anexins* est particulièrement curieuse. Dans les *Apologos dialogaes*, on trouve aussi plusieurs éléments d'étude.⁶⁵

15. Du XVIII^e siècle, je mentionnerai d'abord les «Versos portugueses compostos por hum curioso com palavras de Castello-Rodrigo e mais partes da Beira», publiés par Dom Raphael Bluteau dans le *Supplemento ao Vocabulario português e latino*, 1727-1728, lesquels ont été reproduits dans la *Portugiesische Grammatik*,⁶⁶ imprimée à Francfort-sur-l'Oder en 1778, p. 231-233; je les ai réimprimés dans les *Dialectos beirões*, II, Porto 1884.⁶⁷

L'habitude de mettre au théâtre le langage vulgaire dans la bouche des gens du peuple, qui, comme nous l'avons vu (§13), date du XVI^e siècle, se continue au XVIII^e. Je n'en citerai ici qu'un exemple: c'est celui qu'on trouve dans les *Operas portuguesas*, t. II: voir mes *Dialectos minhotos*, I, 9.

Dans le *Parecer anatomico, historico, critico e juridico* du Dr. Egidio Albornos de Macedo (pseudonyme de Dom Jeronymo Contador d'Argote), Lisbonne 1742, il y a une préface qui imite, pour s'en moquer, le langage vulgaire; on y remarque *samicas*, que nous avons déjà vu au §14; mais l'auteur s'efforce, à ce qu'il me semble, d'imiter le langage du Nord, parce qu'il y emploie *nom*, *Bieito*, *a-i-agua*. Je parlerai encore d'Argote, plus loin, au §25.

Les pièces de colportage (en port. «literatura de cordel»), parce que ces brochures se vendaient autrefois suspendues à un *cordel* «ficelle») existent en abondance au XVIII^e

65 [ex. pess., *bandeira colada na p. 39*: Ces deux œuvres, quoique composées au XVII^e siècle, ont été publiées, l'une au XVIII^e siècle, et l'autre au XIX^e. [no ex. pess., *entre as p. 38 e 39, foi inserida uma manta de retalhos formada por oito tiras de papel manuscritas a lápis e tinta e coladas entre si, todas intitulasas Lingoa popular. Lidas de cima para baixo: a) Ling. pop. em Simão Machado, Lx^a 1631, *Comedias*, fls. 82v-83: *inha mulher, ieu = eu etc. e noutros lugares* | b) *lingoa pop. Simão Machado, Comedias* fls. 68 | c) *Ling. pop., sec. XVII imitada por fr. Jer. Bahia na Fenix Ren., III, 1746, p. 84-86: -om, num, mingas, leixar, Diabro, compeço etc. [mixto de arc. e pop.]* | d) *Ling. pop. do sec. XVI no Auto da Geração humana*, apud Th. B., *Eschola de Gil Vic.* p. 152; noutras: p. 167 | e) *Ling. pop. do sec. XVI-XVII: Simão Machado imita-a nas Comedias, dinha mãe* fls. 3v, fls. 15 etc. etc. *Ling. da Beira Baixa, Trancoso* | f) *Ling. pop.: Comedias de Simão Machado, Lx. 1631, fls. 90v ss.* | g) *Lingoa popular nas Comedias de Alfea, Simão Machado, p. ex. entre Gil Cabaço, vaqueiro, e Tomé, cabreiro, e Catrina, filha d'aquele. Comedias, Lx. 1631, fls. 55-56v. Curiosos.* | h) *Ling. pop. Simão Machado, Comedias, 1631, fls. 68v. ss. [Alfea Cf. Fig. 3, p. 18].**

66 [ex. pess.: De von Jung, como está na lombada. Cf. Storck, *Sämmtl. Ged.* III, 401, §8].

67 Le mot *marofa*, qu'on lit au v. I, doit être écrit avec M [majuscule], car *Marofa* est le nom d'une montagne dans la Beira-Baixa.

siècle.⁶⁸ Dans beaucoup de ces pièces on imite le langage du peuple. Dans la *Relação curiosa da fugida que fez huma velha para o deserto, com temor de ser serrada*,⁶⁹ par A. da R., Lisbonne 1785, un berger de la Serra-da-Estrela (Beira) se sert de son propre langage; mais l'auteur lui fait employer quelques-unes de ces expressions traditionnelles dont j'ai parlé au §14 (par ex. *mei* «meu», forme qui se trouve aussi dans les *Operas portuguesas* et dans la *Pratica de tres pastores*), et d'autres qui appartiennent aussi bien au Centre du pays qu'au Nord, comme *belha, vosque, fazer*. Dans l'*Exortação de Joseph Carranca*, Lisbonne 1777,⁷⁰ on trouve pareillement quelques expressions dialectales.⁷¹ La *Novella disparatada*⁷² *do gigante sonhado*, par A. S. C., Lisbonne 1745, imite la *Feira de anexins* (§14):⁷³ on y lit des phrases vulgaires comme «em quanto o diabo esfrega um ôlho», «nada entre dois pratos», avec des vers et des proverbes intercalés; beaucoup de ces phrases diffèrent de celles qui sont aujourd'hui en usage, ou sont à présent tout à fait inconnues. Le *Marujo saudoso*, Lisbonne 1788, est écrit entièrement dans un langage plus ou moins populaire (en prose et en vers): on y lit *caige, considro, cedade, desne, ami* «amei», *havéra*.⁷⁴

Dans la *Chronica dos Carmelitas* de Fr. Joseph Pereira de Sant'Anna, Lisbonne 1745, t. I, se trouvent quelques poésies, qui, d'après ce que dit l'auteur du livre, étaient chantées par le peuple en l'honneur du connétable D. Nuno Alvarez Pereira, au XV^e siècle. C'est dans cette croyance qu'elles ont été publiées de nouveau dans la *Revista universal lisbonense*, IV, 563 et 576, dans le *Cancioneiro popular* de Th. Braga, Coïmbre 1867, p. 9 suiv., dans la *Vida de Nun'Alvares* de Oliv. Martins (en partie), p. 428 suiv. Voyons ce qu'il faut penser de leur authenticité. M^{me} Carolina Michaëlis a dit dans le *Grundriss der rom. Philologie*, II, 234, n. 4:

68 [ex. pess.: Ha algo no *Auto dos escrevaens do pelourinho velho*, Lisbonne 1722. Tenho ex.].

69 C'est une allusion à la mi-carême.

70 [ex. pess.: Na T. do Tombo, 7 F/12].

71 [ex. pess.: *Expressão de uma velha dirigida ao feliz dia da aclamação da Rainha Nossa Senhora*, Lisboa 1777, contém por ex.: *rapaira, antans, tuburna* (= tribunal), *mèminho*. Ha na T. do Tombo: 7 F/12].

72 [ex. pess.: ou disparatoria?].

73 [ex. pess.: Cf. D. Carolina, *Tausend Sprichwörter*, p. 19, n. 4, que se baseia aqui, creio].

74 [1.^o *solto de 2 pgs.*: [1] *Lingua Popular* sec. XVIII | Num folheto de cordel, *Banquete das danças*, sem data, mas é do sec. XVIII, impresso em Lisboa: — quigera, rp., — quem me havera de dezer!, — prúveco = publico, — grólia, vangrólias, — cando, — pl. -ães: funções, tostães, ocasiães, opiniães, obrigações, prijunções, caldeirães, incasiães, paixães, cações (= -ões), — sustifeita, — desgracia, — Madanela, — Farnandes, — perdolario, — munta, rp., — acramação (aclamação de rei), — retoleca = retorica, — in Rey, — acauso, — pra-ceiras (= par-), — prijunções, — crelgo, — parouvelas, — comion (comiam), — xovion (cho-viam), — dávum (davão), — forun-se, — sintenas = centenas, — pertindentes, — vindios, — sintença, — tinção, — corintena = quarentena, — assintey = assentei | [2] pret. em -í: formí = formei, pasi = passí [passei], torní (tornei), dí = dei, passí [passei], — pexe rp., — dixera, cági = quasi, — fraviquei, fravicou, — brabas = barbas, — Setúveli = Setubal. A linguagem é um mixto de linguagem pop. geral e *linguagem estremenha* [-im, -ães, -om, pret. em -i]). [2.^o *solto*: lingua popular, sec. XVIII, em Alexandre Antonio de Lima, *Rasgos metricos*, Lx^a. 1742, p. 55, 59, 204 ss., e 208 ss.].

«Das Schweigen der zeitgenössischen ausführlichen Chroniken Johans I. und des Condestavel; die späte klösterliche Überlieferung und die unlauteren Sprachformen der Gedichte erlauben es nicht, an ihre Echtheit zu glauben».

La notice la plus ancienne que nous en avons est contenue dans un ms. de Fr. Manoel de Goes (†1595), cité par Jorge Cardoso dans l'*Agiologio*, III, 217, lequel s'exprime en ces termes:

«... Entoando [le peuple] com muita graça (segundo as Memorias do P. F. Manoel de Goes) esta letra :

El gran Condestable
Nuno Alvres Perera
Defendió Portugale
Con sua Bandera,
E con su Pendone [ex. pess.: pendõe]
No me lo digades none, [ex. pess.: nõe]
Que Santo es el Conde.⁷⁵

Estas seguidilhas erão muitas, de ã só achamos o seguinte pé, cõ ã todas rematavão:

No me lo digades none,
Que Santo es el Conde».

On en peut conclure qu'il n'y avait dans Goes rien de plus que ce que cite Cardoso. Ensuite ces poésies apparaissent, *traduites en portugais*, dans la *Chronica dos Carmelitas*, dont l'auteur, cité plus haut, Pereira de Sant'Anna, dit qu'il les a transcrites d'un ms. de Fr. Jeronymo da Encarnação (†1631). D'une autre poésie, publiée dans la *Chronica*, p. 439,

O gram Condestabre
Em o seu mosteiro,

Sant'Anna ne nous indique pas la source. La poésie, publiée à la p. 469,

Santo Condestabre,
Bone Portugués,

a été transcrite, dit la *Chronica*, de «huma antiga memoria», ce qui est sujet à caution. Celle de la p. 470,

Do Restello a Sacavem
Nem ningola, nem ninguem,

75 [ex. pess.: Na poesia hesp. -e em none etc. musical: Pidal, *Leyenda de los infantes*, p. 418-419].

a été extraite de «firmissimos monumentos», affirmation qui ne mérite non plus aucun crédit. La première poésie, qui serait la seule pouvant passer pour vraie, a contre elle le fait d'être écrite en espagnol (ou de vouloir l'être!) et de ne nous être connue que par les Mémoires du carmélite, qui avait tout intérêt à glorifier son ordre; le mot *none* semble être la reproduction de la prononciation de l'ancien espagnol *non*.⁷⁶ On s'attendrait à ce que le langage des poésies représentât celui de l'Estrémadure; mais ce n'est qu'un langage mixte, comme dans les pièces de colportage et dans d'autres semblables (§§ 14 et 15); on sent chez l'auteur (ou chez les auteurs) de ces poésies l'intention de leur donner un tour populaire et archaïque. Quand on compare ces textes à ceux des *Cartas* «lettres», publiées par le même Sant'Anna dans la *Chronica*, I, 484 (et il ne faut pas une grande expérience pour voir que toutes ces lettres sont grossièrement apocryphes), on s'aperçoit qu'il y a une grande ressemblance entre les uns et les autres: dans tous on trouve *b* pour *v* (ce qui est étranger au langage de l'Estrémadure), une grande quantité de substantifs en *-ança*, le verbe *sondes*, le verbe *fager*, etc. En outre, il y a un accord complet entre les *miracles* cités dans les poésies de la p. 470 et ceux que la chronique mentionne aux p. 486 suiv.:⁷⁷ or, une telle ressemblance est bien suspecte! Des miracles eux-mêmes, la *Chronica do Condestabre*, éd. de 1526, f. LXVI, ne dit que ces seuls mots:

«e fez muytas (sic) millagres naquell lugar honde seu corpo jaz: que som asaz denotados e manifestos».

– Ainsi, de l'analyse externe et interne des poésies on peut conclure qu'elles sont réellement apocryphes. Les carmélites faisaient tous leurs efforts pour rehausser la mémoire du connétable, leur confrère, qu'ils considéraient comme un saint; la cause de la canonisation commença à être introduite en 1674.⁷⁸ Ces mots de Pereira de Sant'Anna, dans la *Chronica*, I, 469, sont particulièrement expressifs à propos des chants où l'on raconte les miracles du connétable:

«sem desestimarmos semelhantes vulgaridades, porque com ellas se prova ser tão constante a noticia dos referidos prodigios, que estes serviam de particular assunto ao applauso commum de SUA ACREDITADA SANTIDADE».

Ces poésies sont donc l'œuvre des moines carmélites, qui ne nous ont pas donné en cela une grande preuve de science, ni de vertu. – Cependant, si les poésies sont apocryphes, elles contiennent plusieurs traits du langage populaire des XVII^e et XVIII^e siècles, par ex. (outre ceux cités ci-dessus): *ropa* = roupa, *mai-la* «mais a», *bades* = vades, *otra* = outra, *ber* = ver, *le* «lhe»; et c'est pour ce motif que je les ai mentionnées ici.⁷⁹

76 [ex. pess.: Vid. a nota a lapis a p. 42 [isto é, a nota imediatamente anterior]].

77 On observe seulement quelques différences dans le langage: dans le textes en prose, on lit *João, Esteves, Affonso*, tandis que dans les poésies, on lit *Joanne, Estés, Affons* [ex. pess.: abreviaturas]. On voit nettement que les poésies ont été faites d'après la chronique, et qu'on a déguisé le langage de celle-ci, en lui donnant un coloris populaire.

78 Oliv. Martins, *Vida de Nun'Alvares*, p. 465.

79 [ex. pess.: *Confissão do marujo* s.d. [sec. XVIII ou XIX]. Tenho].

16. Arrivons au XIX^e siècle. – Au premier quart, appartiennent le *Poesias* de Maria Margarida Pereira Cambiaxi, «folheto» 1^{er} et «folheto» 2^e, Lisbonne 1816 (deux brochures).⁸⁰ Bien que sans valeur littéraire, ces deux brochures sont intéressantes en ce qui concerne le langage; à part certains mots de fantaisie ou conventionnels, comme *mis* «mas», *antans*⁸¹ «então», et un mélange de patois de diverses provinces, Cambiaxi s'efforce d'employer les patois du Sud, ce qu'on voit dans des expressions telles que *fali*, *piscaria*, *pixinho*, *pinsamento*, *feneza*. Quelquesunes des poésies ont même pour titre «glosa de Algarve», où *Algarve* ne signifie pas «algarvio» en général, mais «catraeiro natural do Algarve», selon l'usage du parler de Lisbonne. – En 1840, ont été publiés les *Versos* de J. C. Lara de Carvalho, où il y a une poésie écrite en langage de Bemfica (localité des environs de Lisbonne), que j'ai reproduite dans la *Revista Lusitana*, V, 142 suiv.; elle a pour titre «Zanguizarra». – De même qu'au XVI^e siècle les auteurs dramatiques ont imaginé le *Ratinho*, le type populaire de l'habitant de la province de la Beira, de même récemment, dans les pièces de théâtre, figure à chaque instant le *Galego* «Galicien», le *Brasileiro* «Brésilien», et surtout à Lisbonne le *Saloio*. A Lisbonne on appelle *Saloios* les paysans qui vivent dans la banlieue de notre capitale. Les *Versos* de Lara ci-dessus cités reproduisent donc le langage de ces populations. Les pièces dramatiques de colportage où le *Saloio* mis en scène parle son langage sont très nombreuses. Je ne pourrais pas les citer toutes, mais j'en citerai quelques-unes: *O juiz eleito* par Luis de Araujo, Lisbonne 1854; *Zé Canaia*, par le même, Lisbonne 1861; *O casamento do vaqueiro* par Queiroz Sarmento, Lisbonne 1864; *Mariquinhas a leiteira* par Aristides Abranches, Lisbonne 1865; *O casamento do Descasca-Milho* par Alcantara Chaves, Lisbonne 1865; *O baptizado do filho do Descasca-Milho* par le même, Lisbonne 1865; *Luisinha a leiteira* e *O Descasca-Milho* par le même, Lisbonne, 4^{me} édit., s.d.; *O Manoel d'Aballada* par le même, Lisbonne, 2^e édit., s.d.; *O thio Manel do Esprito-Santo* par A. E. de Sousa, Lisbonne 1869; *O Zé Gallo na cidade* par J. F. Pinheiro, Lisbonne 1871; *Onde está o gato?* par Theotonio dos Santos, Lisbonne 1878; *Um saloio em Lisboa* par Feliciano Corrêa, Lisbonne s.d.; *Confissão de um Saloio* «por um Saloio da Portella», Lisbonne s.d.; *O recruta* par José Reis, Lisbonne s.d.; *Toma limão verde!* par A. Monteiro, Lisbonne s.d.; *O frescata da Malveira* par J. Dumont, Lisbonne s.d.; *O Tio Zé Chibato* par Luis de Araujo, Lisbonne, 2^e édit., s.d.; *Desabafos do Zé-Leiteiro* par le même, Lisbonne s.d.⁸². Araujo est aussi l'auteur d'un livre *Contos e historias*, Lisbonne 1871, où figurent le *Saloio*, l'*Algarvio*, etc. En 1856-1857, a paru un journal intitulé *O Saloio*, où il y a un dialogue renfermant quelques vocables locaux, qui ont été reproduits dans la brochure *Physiologia do Saloio* (sans nom d'auteur), Lisbonne 1858, p. 45-57. Un journal, publié à Lisbonne sous le

80 [ex. pess.: *Obra poetica* de Antonio Joaquim de Carvalho, t. I, Lx^a 1806, t. II, Lx^a 1807. Aquelle tomo tem poemas em ling. pop., p. ex. p. 127-129].

81 Dans l'*Exortação de Joseph Carranca*, Lisbonne 1777, que j'ai citée au §15, on lit *entances* ou *antances* [je cite de mémoire]; cette forme me semble un compromis entre *entonces* (pop. et arch.) et *então* ou *antão* (moderne). Au Brésil, *intãoce* [apud Adolfo Coelho, *Os dialectos romanicos*, etc., III]. En indo-port. *antos* [apud Schuchardt, *Kreol. Stud.*, II, 19].

82 Toutes les pièces sans date appartiennent à la seconde moitié du XIX^e siècle, et même aux vingt-cinq dernières années. [ex. pess.: *Confissão do marujo com uma gravura*, Lix^a 1851. Ling. pop. Seguida do *Dialogo entre um algarvio e a sua Maria e da Fabulla d'Ulysses*].

titre de *Malcriado* et ensuite de *Mal amanhado*,⁸³ contient plusieurs correspondances humoristiques, en langage *saloio*. Les rédacteurs de ce journal ont aussi composé un *Almanach do MAL AMANHADO para 1890, escrito em lingoagem saloia*, Lisbonne 1890. – Parmi les villages du Portugal où la verve populaire place des types ridicules, se trouve A Lourinhã,⁸⁴ l'idée n'a pas non plus échappé aux auteurs dramatiques: on a publié à Lisbonne en 1863 *O noivo da Lourinhã*, comédie de Martins de Paula, où un des personnages parle *viciado*.⁸⁵ – Dans l'*entre-acto* comique *Dois tolos felizes* de José Romano, Lisbonne s.d., les personnages parlent également *viciado*; l'auteur y a voulu reproduire surtout le langage du Sud. Dans le goût des compositions de D. Maria Cambiaxi, citée au commencement de ce §, est *O Algarvio*, monologue de A. Garraio, Lisbonne s.d., où le personnage principal est un *homem do mar* qui «solta a expressão rude de um algarvio» et dit par exemple:

Sou do Algarve, e p'ra galeota
Do sé ré vim despachado.
Sou da terra da bolota,
Nam nasci p'ra star calado...

Dans ces vers, il y a une allusion à l'idée qu'on se fait vulgairement des habitants de l'Algarve, qui, à ce qu'on dit, parlent trop. Une autre pièce du même genre est le *Dialogo entre um algarvio e a sua Maria*, Porto 1885, où l'on trouve des expressions telles que *mandí* «mandei», *botí* «botei», *armí* «armeí», *amezade*, *Recarda*, *senais*, etc., qui appartiennent en effet au langage de l'Algarve.⁸⁶ – Je ne dirai pas que dans tous ces écrits le parler du peuple soit toujours bien observé et fidèlement reproduit, parce que leurs auteurs recherchent non pas l'exactitude scientifique, mais seulement des effets comiques; cependant, de telles tentatives ne manquent pas parfois d'un certain intérêt, quoique l'on regrette de n'y pas trouver plus d'exactitude phonétique.

Ce que j'ai noté jusqu'ici se rapporte au langage du Sud. Je pourrai aussi donner quelques renseignements en ce qui concerne le Centre (Beira) et le Nord.

Du Centre, je possède peu de chose: une lettre publiée dans la *Reacção* périodique de Mangualde, du 1^{er} janvier 1893, où l'on reproduit imparfaitement le langage de la Beira; un texte que j'ai analysé et dont j'ai fait des extraits dans les *Dialectos beirões*, I; et un feuilleton publié dans le *Jornal de Paços de Ferreira*, des 1^{er} et 8 janvier 1898, où il y a quelques expressions de la même province.

Du langage de Tras-os-Montes, je possède deux sonnets manuscrits, œuvre d'un curieux, et qui sont inédits.

83 J'en possède des exemplaires de 1890 et 1891.

84 Cfr. *Anuario das tradições populares portug.*, Porto 1882, p. 48.

85 *Viciado*, c'est-à-dire «d'une manière corrompue», est l'expression pittoresque dont se servent les libraires de Lisbonne pour désigner les pièces de théâtre qui reproduisent plus ou moins fidèlement le parler du bas peuple.

86 [ex. *pers.*: E tenho uma ed. de Lix^a 1852, e tambem vem incluída na *Confissão do marujo*, 1851].

Du langage du Minho,⁸⁷ on peut voir quelques spécimens dans un journal de caricatures, de Porto, qui s'intitule *Charivari*, et qui commença en 1886. J'en ai parlé dans les *Dialectos interamnenses*, IX, 26 suiv. Les *Minhotos* (habitants de la province du Minho) jouent aussi leur rôle au théâtre: *O Zé do Minho*, chansonnette de Rodrigo Vieira, Lisbonne s. d., en est un exemple, mais l'auteur n'emploie que quelques termes qui sont du Nord, et, partant, du Minho, par ex.: *ber, coibes*; d'autres qu'il emploie, comme *brigarmos, dermos, estragarmos, formos*, au sens du prétérit parfait, sont surtout du langage du Riba-Tejo (je les ai rarement entendus dans le Nord). Cette pièce appartient à la *literatura de cordel*. Il y a une grande quantité d'œuvres de ce genre dans la collection dénommée *Bibliotheca para o Povo*, publiée par la Librairie Cruz Coutinho, de Porto: voyez en la liste jusqu'au n° 67 dans la *Zts. f. rom. Philol.*, 1879, III. Bd., 5. Heft (Bibliographie 1878, p. 85-86). Le grand romancier Camillo Castello Branco transcrit dans quelques-uns de ses écrits des mots et des phrases du Minho, par ex. dans la *Brasileira de Prasins* et dans les *Volcões de Lama*.

D'autres auteurs font de même à l'égard d'autres provinces, mais il me semble que ce que je viens de citer est suffisant pour l'objet que je poursuis dans cette *Esquisse*.

Finalement, je dois mentionner les collections de textes populaires destinées à servir aux études dialectologiques et folkloriques. On en peut voir quelques-uns dans les périodiques spéciaux, comme *Revista Lusitana*, *Revista do Minho* et *A Tradição*, dans d'autres encore, comme *Independencia* (de Povoá de Varzim: voir plus loin, p. 81), et dans quelques périodiques d'Elvas.⁸⁸

17. Après avoir parlé des dialectes du continent, je parlerai de ceux des îles adjacentes, quoique j'en aie peu à dire. Dans les *Cantos populares do Archipelago açoreano* de Th. Braga, Porto 1869, et dans le *Romanceiro da Madeira* de A. Rodrigues de Azevedo, Funchal 1880, on respecte parfois le langage populaire. Dans la première de ces œuvres, l'auteur publie une liste de vocables des Açores, et il dit à la p. XIV:

«Se observarmos o glossario das palavras antigas de que o povo [des Açores] se serve nos seus romances, vemos uma grande parte d'ellas de origem anterior aos quinhentistas, usuaes e vernaculas no sec. XIV e XV».

Dans le *Romanceiro da Madeira*, p. 501, il y a une remarque sur le langage; il est bon de noter que les articles *lo* et *la* qu'on lit constamment dans les *romances* n'appartiennent pas au parler populaire: ils ne sont qu'une reconstruction, du reste peu heureusement faite par le collecteur, d'après le modèle de *todo-los homens*; le collecteur lui-même me l'a affirmé.

87 [ex. pess.: Na comedia-drama *Leandro* de Valladares Torres, natural de Caminha, Porto 1890, ha ling. pop. do Minho | *Retalho do Mundo* por D. Maria Peregrina de Sousa, Porto 1859, contém vocabulario minhoto e espécimes de pronuncia popular. *Acrescentado a lápis*: É preciso lê-lo todo e extratar. | *Médico à fôrça* de Castilho [trad. de Molière], p. 151-152 da ed. de 1869, tem miscellanea de ling. populares, Baixo-Minho, p. ex., *uô = ô, f = z*].

88 [solto: Ling. pop.: *N-O Seculo Comico, Carta do Jerolmo*. Muito artificial, e até se falseia a ortografia.]

18. Je passerai aux dialectes d'outremer. – Sur le portugais parlé au Brésil, on peut glaner beaucoup dans toute la littérature brésilienne.⁸⁹ Du portugais parlé à Goa et sur les côtes d'Afrique on trouve aussi des spécimens dans des journaux et des livres. – Voyons maintenant les créoles.

Dans la *Grammatica da lingua portuguesa* de João de Barros, imprimée pour la première fois en 1540, cet auteur dit:

«Bem como os Gregos em Roma aviã por barbaras totalas outras nações estranhas a elles, por nã poderem formar sua linguagẽ: assi nós podemos dizer que as nações de Africa, Guiné, Asia, Brasil barbarizam quando querem imitar a nossa».⁹⁰

Notre langue est donc devenue burlesque dans la bouche des Nègres (et des Maures), et elle a été à cet égard exploitée comme sujet comique par divers écrivains. M. Adolfo Coelho dans son travail *Os dialectos romanicos em Africa, Asia, etc.*, en a cité déjà des exemples du XV^e siècle (du *Cancioneiro* de Rêsende) et du XVI^e siècle (de Gil Vicente); voir III, p. 25, et I, p. 45-47. Du XVIII^e siècle il a aussi cité un exemple *ibidem*, I, 47. De mon côté, j'en pourrai citer d'autres. Dans ses *Autos*, Antonio Ribeiro Chiado (XVI^e siècle) imite le langage des Nègres, par exemple dans la *Pratica d'oyto fequras* et dans l'*Auto das regateyras*. J'en donne ici un petit échantillon, extrait du premier de ces *Autos*, d'après l'exemplaire de notre Bibliothèque Nationale:

doso galya huo capam
a mim trazé turo junto
ho coeyo co treze pombio...⁹¹

Du XVII^e siècle⁹² nous avons dans les *Apologos dialogaes* de Dom Francisco Manoel de Mello, p. 267,⁹³ le curieux passage suivant, où l'auteur traite le sujet d'une fable bien connue:

«Mostrava um Christão em Ceuta certo painel de Santiago a hum Mouro, e tinha o Santo muytos Mouros desbaratados e rendidos a seus pés. Construia-lh'ò, dizendo:

– Olha, perro, quantos Mouros que venceu o Senhor Santiago!

89 Dans notre *litteratura de cordel* et dans quelques romans il y a des textes et des dialogues imitant le langage du Brésil, mais cela n'a pas de valeur scientifique.

90 P. 161-162 de l'édition de 1785 [*Copilação de várias obras*].

91 Des *Obras* de A. R. Chiado il y a une édition faite par M. Alberto Pimentel en 1889. Sur l'insuffisance de cette édition, voir ce que M. Epiphanyo Dias a écrit dans la *Zts. f. roman. Philologie*, XV (1891), 550-558.

92 [ex. pess.: *Villancicos que se cantarão na capella de D. Aff. VI. Alguns em lingua de Preto: Lisboa 1662* [tenho]].

93 Cette œuvre est posthume: Lisbonne 1721.

- Perguntou-lhe então o Mouro, muyto soccorão,⁹⁴ em sua má algarabia:
 – *Quem pintar Senhor Christão? Pintar Christão, ou Mouro?*
 – Como *pintar Mouro!* (dizia o Christão). Pintou-o um Christão muyto honrado, e Christão Velho.
 – *Pois* (respondeu o Mouro) *bem parecer; porque, se pintar Mouro, pôr Mouro a cavallo e mais de trinta Santiagos ao pé!*
 Tanto tomão as pinturas da mão de quem faz os payneis!».

Au XVIII^e siècle, on a fait beaucoup de pastiches semblables, soit au théâtre, soit dans d'autres genres. J'en cite ici quelques exemples. Dans la farce de «cordel» *O contentamento dos pretos*, Lisbonne 1787, quelques Nègres parlent leur langage. Il en est de même dans *O outeiro ou os poetas afinados*, Lisbonne 1783, et dans *O miseravel enganado*, Lisbonne 1788 (littérature de colportage). Dans un ms. qui appartient à M. José Calado, il y a un *Soneto em preto* dirigé contre le marquis de Pombal. Une coutume curieuse fut celle de publier des calendriers et des almanachs écrits aussi en *lingua de preto*.⁹⁵ Je connais beaucoup d'écrits analogues, appartenant au premier quart du XIX^e siècle, par exemple: *Pronostico curioso e lunario para os anno de 1802 por os pleto Flancisco Suzá Hallus*, éd. de Porto; *Plonostico curioso e lunario pala os annos de 1806 por os pleto Flancisco Suzá Halley*, ibid.; et d'autres à peu près avec le même titre, pour les années suivantes, jusqu'en 1824, éd. de Porto, Lisbonne et Coïmbre; *Novo plonostico ou abuize*⁹⁶ *de piar os colles para o anno de 1806 que compoze... Flancico Bandu*, et pour les années suivantes jusqu'en 1821, éd. de Lisbonne; *Lunario e plonostico e culioso por os pleto o pai Bassião pala os anno de 1818*, éd. de Lisbonne; *Plonostico colioso lunario para os anno de 1820, por os pleto Flancisco Suze*, éd. de Lisbonne; *Trataro para lavladores por os pleto Flancico Suza Haley*, Lisbonne 1822; *Os viziadoro moderno plognostico ou culioso Sarrabar*⁹⁷ *pala os anno de 1809 pelo paizio*⁹⁸ *Pantareao Pires*, éd. de Lisbonne, et d'autres à peu près avec le même titre, pour les années suivantes jusqu'à 1817, éd. aussi de Lisbonne; *Carendalio rusitano pala os anno de 1856 por os pleto Flancico de Susá Halley*, éd. de Coïmbre. Après 1856, je ne connais plus d'almanachs de ce genre.⁹⁹ – En 1870 a été publié à Lisbonne le *Sermão ao menino Jesus em linguagem*

94 [ex. pess.: (?) = socarrão, cf. hesp. *socarrón*].

95 [ex. pess.: *O preto e o bugio*, Lix^a 1789 [tenho] | Algo no *Auto dos escrivães do pelourinho velho*, Lisboa 1722, que citei a pg. 40, á penna. | Algo em a Comedia intitulada *A Beata Fingida*, 1840 [tenho] | Algo de ling de preto nas *Viagens de Silverio Diniz* por J[oaquim] d[e] M[acedo], 1.^a Pt., Lix^a 1815, pag. 32. Tenho. | Uma carta em lingua de preto no *Folheto de ambas Lisboas*, 1730. Tenho].

96 *abuize* = abuí ou buís: engin pour prendre des oiseaux.

97 *sarrabar* = sarrabal, synonyme d'almanach. Voir *Revista Lusitana*, VI.

98 *pai* (le *paizio* = paizinho), nom qu'on donne aux Nègres à Lisbonne (et *mã*, *mãzinha* aux Nègresses): par ex.; *pai Thomas*, etc. A propos, je cite le quatrain suivant, très populaire à Lisbonne: *A mãe Maria – e o pai Bassião – estão na cozinha – a fazer mexilhão*. – Je pense que *Bassião* est pour (Se)bastião.

99 Toutes ces pièces sont conservées à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne.

africana, qui a pour base un ms. également du XVIII^e siècle, mais augmenté par J. C.; le titre du sermon, qui commence à la page 7, est celui-ci: «Sermão ós sioro Santa Minina Zazu Clisto nos seu nascimenta».¹⁰⁰

Un des phénomènes phonétiques que l'on note fréquemment dans ces imitations, est celui de la substitution de *i* à *lh*, par exemple dans *buia* = *bulha*, *veio* = *velho*, etc.; à ce propos, je lis dans Duarte Nunes de Lião, *Origem da lingoa portuguesa*, Lisbonne 1606, chap. XXIII:

«Tal he a pronunciaçãõ das palauras que escreuemos com *lh*, que... nem... a (sic)¹⁰¹ podem pronunciar por suas letras... os Arabes e Mouros de Africa, com tormento».

Cependant, les textes possédant une valeur réellement scientifique pour la connaissance du langage de nos créoles ne remontent qu'au XVII^e siècle; et il n'y en a en quantité abondante qu'au XIX^e siècle. On possède des textes relatifs aux dialectes de l'Afrique, de l'Inde, de Macao, de Java, etc. Voir sur ce sujet, le §29. Les travaux que j'y cite au point de vue de la philologie pure renferment aussi des notices sur les textes. J'y ajouterai ce qui va suivre:

a) **Afrique.** *Compendio de la doctrina cristiana en castellano y fa d'Ambú para uso de los habitantes de Annobón* par le P. Isidro Vila, Madrid 1891 (cf. Schuchardt, *Litbl.*, XIV, col. 401); [*ex. pess.*: Traducção das *Endechas a Barbara* de Camões na *Previdão d'amor* de X. da C., Lisbonne 1893, 1.^a, 291-294];¹⁰² *Litteratura dos Negros* par M. Marques de Barros, Lisbonne 1900, in-8^o (incomplet),¹⁰³ où sont imprimés des textes en portugaiscréole de la Guinée; quelques morceaux aussi en portugais-créole, dans les *Estudos da ling. port.* d'A. F. Barata, Évora 1900, p. 44, empruntés à d'autres ouvrages.

b) **Inde et Ceylan.**¹⁰⁴ *Cantigas e louvors per serviços-missionario*, traducido per o lingoa portugueza qui tem papiado ne Çeylon, Colombo, Missão-Wesleyano 1883, 103 pag. in-16^o [*ex. pess.*: tenho]; *Signor Vitalis, o Engrato homi*, traducidu de engres por J. A. Janz, Columbu, Holmes 1883, in-8^o (202 chansons) [*ex. pess.*: tenho todo?]; quelques autres *Istori* traduites par le même; *The Parish Paper*, périodique (vol. IV, 1895), avec des textes en indo-portugais [*ex. pess.*: tenho]; *Christmas Supplement to the Ceylon Examiner*, Colombo 1894 (avec des chansons indo-portugaises); *A tody party*, Colombo, «Times of Ceylon» s. d. (avec des poésies indo-portugaises); *Bible, Pentateuch and Psalter, Os cinco livros de Moses chomado Genesis* etc. traducido

100 On connaît des faits semblables dans d'autres pays. Sur l'Espagne, voir, par exemple, R. J. Cuervo, dans le *Bulletin Hispanique*, III, 56.

101 Le sens exige *as*.

102 [*ex. pess.*: nota marginal para substituir este texto, que foi riscado e retirado: «un catéchisme aussi à l'usage des habitants d'Anno-Bom, Lisbonne 1828 (en portugais ou en dialecte créole?), cité aux p. 6-5 de l'ouvrage précédent;»].

103 [*ex. pess.*: «Art. do conego Barros informa»].

104 [*ex. pess.*: «art. do Th. B. no *Circulo Camoniano*»].

ne portuguez de Ceylon, Colombo 1833, in-4^o; *Genesis, o primero livro de Moses chomado Genesis* (la 1^{re} page manque) [ex. pess.: tenho]; *A forma da oração publico*, 2^e éd., London 1826; *Um curto catichismo da Biblia*, traducido em indo-portugueza de R. Newstead, London s. d.; *O Evangelho fórma de Santo Matheu*, Colombo 1819; une autre édition, Londres 1851,¹⁰⁵ un verset de la Bible en indo-portugais (*British and Foreign Bible Society's Specimens of Language*, Londres 1889, p. 35); *As promesses fazido de nosso Senhor Jesus Christo per a Bemdita M.M. Alacoque* (un feuillet imprimé à Dayton, Amérique, s. d.); *A lingoa portuguesa nas regiões orientaes* par Bernardes Branco, dans *A Locomotiva*, Aveiro 1883, n^{os} 16, 32, 45 et 56, et dans le *Boletim da Soc. de Geogr. Commercial do Porto*, II, 118-119 (1883-1885), textes copiés des *Kreolische Studien* de Schuchardt, II et III; dans le livre *Diu*, par J. Quadros, Nova Goa 1899, p. 98-99, note, a été reproduite une partie des textes en portugais de Diu publiés dans les *Kreolische Studien* de Schuchardt, III; dans l'*Estrella do Norte* (Bombay 1862), il y a un dialogue en portugais «norteiro», sous le titre de «Variedades»,¹⁰⁶ dans l'*Hist. de Damão*, d'A. F. Moniz, Bastorá 1900, p. 215-216, il y a des textes en portugais de Daman; dans les *Estudos praticos da lingua portugueza* d'A. F. Barata, Evora 1900, p. 40-44, l'auteur emprunte à des livres qui sont à la Bibliothèque publique d'Evora quelques passages en indo-portugais.¹⁰⁷

c) **Extrême Orient.** Sur le dialecte de Macao: quatre feuillets avec le titre de *Folhetim, carta de tia Paschoela á sua sobrinha Florencia*. Macao 12 et 25 octobre 1869, 7 avril et 3 juin 1870, que j'ai examinés aussi chez M. Schuchardt (le même professeur possède beaucoup de mss. en «macaïsta»); *Os Camaristas, carta da Avó Rita á sua neta Ignacia*, Macao 4 avril 1872 (feuille volante qui m'a été offerte par M. Marques Pereira); quelques poésies mss. que je dois à M. le Dr. J. Batista de Castro; M. Marques Pereira possède de son côté plusieurs *Folhetins* (ici au sens de «feuillets»), les uns imprimés, les autres mss., et en outre les ouvrages suivants qu'il a bien voulu me montrer: *Memoria dos festejos que tiveram logar em Go-Mi-Cai*, par Manico de Santo Castro (pseudonyme), t. II,¹⁰⁸ Macao 1867, où il y a quelques textes «macaïstas»; *Ensaïos litterarios*, de Silva e Sousa, vol. I, Hongkong 1863, p. 95, où il y a aussi quelques textes en portugais de Macao; M. Marques Pereira, qui

105 J'ai examiné toutes ces brochures sur Ceylan à Graz, chez M. le Professeur H. Schuchardt, qui a bien voulu me faire présent d'un exemplaire du *Signor Vitalis*, qu'il possédait en double.

106 C'est M. Marques Pereira qui m'a communiqué et offert ce texte. [*Na margem do ex. pess.:* «Vid. a Bibliogr. dada por Dalgado»].

107 A ce propos M. Barata dit: «A glottologia não descansa em procurar dialectos ás linguas: a portugueza de Fr. Luiz de Souza, dentro em pouco, estará desfeita, delida em dezenas de chamados dialectos, verdadeiros *patois* do vulgo ignorante. Basta ver os trabalhos do Sr. Leite de Vasconcellos para o leitor se capacitar da affirmativa» (p. 44). Comme si les sciences étaient la cause des phénomènes qu'elles observent et analysent! Mais il est bien curieux que la même personne qui dédaigne autant le parler du peuple ait cité dans ses *Noites de Evora*, 1897, p. 29 suiv., sous le titre pompeux et ronflant de LINGUISTICA, des expressions aussi vulgaires que *beo* «veio», *binherom* «vieram», et d'autres encore!

108 C'est une satire. Je pense que l'on y a ajouté «tome II», en considérant comme tome I la brochure à laquelle cette satire se rapporte, et qui a un titre semblable.

a l'intention de publier une bibliographie complète du «macaïsta», m'a également montré un *Folhetim* imprimé en 1871, comme spécimen du portugais parlé par les Chinois (§123).¹⁰⁹ – Comme spécimen du portugais de Singapour, j'ai obtenu, par l'entremise de M. le Professeur David Lopes, une *Orasão para nosso Senhora*, imprimée (mais s. d.). M. Schuchardt possède un très intéressant ms. du XVII^e siècle, contenant une collection de *Pantuns* («chansons») en malais et portugais-créole de Batavia, que j'ai vu chez lui (cf. *Kreol. Stud.*, IX, 17).¹¹⁰

19. Sur le portugais des Juifs, voir ce qui sera dit aux §§143-145.

20. Pour compléter les indications bibliographiques que je me suis proposé de fournir, il me reste à parler des codialectes. Je serai très bref. En riodonorais et en quadramilais, il n'existe, que je sache, rien d'écrit. Sur le mirandais, j'ai cité dans mes *Estudos de philologia mirandesa*, I, 1-31, tout ce qui avait été publié jusqu'en 1900; le vol. II de cet ouvrage, Lisbonne 1901, p. 81 suiv. et 283 suiv., contient même quelques textes. Des textes galiciens j'ai parlé, *ibidem*, vol. II, 58-59, où j'ai cité le *Catálogo de obras escritas en gallego*, publié par la «Liga Gallega», de La Corogne, en 1898; ce catalogue mentionne tout ce qui avait paru jusqu'à cette date, qui n'est pas encore très éloignée de nous; il ne me semble pas nécessaire de le reproduire ici.¹¹¹

B. – Notices et études sur les dialectes

21. Les travaux se rapportant à nos dialectes sont naturellement de deux catégories: les uns obéissent déjà à la méthode scientifique qui a été inaugurée au XIX^e siècle, et les autres suivent les anciens procédés, d'après lesquels le langage populaire était considéré uniquement comme corrompu, et par cela même digne de la censure des grammairiens, des auteurs de traités d'orthographe et des puristes. Dans l'aperçu que je vais en faire, j'adopte le même ordre que dans la section précédente.

22. Les dialectes du continent ont été étudiés les premiers. Au XVI^e siècle, nous trouvons quelques remarques dans Oliveira et dans Barros, nos plus anciens grammairiens.

La 1^{ère} édition de la grammaire de Fernão d'Oliveira est de 1536; il y en a une édition de 1871, dont je me sers. Cet auteur montre à la p. 85 qu'il possédait une certaine notion de la nature des dialectes: en traitant des variétés lexicologiques relatives à chaque métier, à chaque classe sociale, etc., il dit:

109 [ex. pess.: «*Ta-ssi-yang-kuo* 1899-»].

110 [ex. pess.: «Em carta de 16 Set. 906 disse-me o Schuchardt que me deixava este ms. em testamento»].

111 Dans notre littérature de colportage, il y a beaucoup de textes soi-disant galiciens, parce qu'au théâtre on adopte quelquefois la langue de Galice pour obtenir des effets comiques. Il en est de même en Espagne. Rien de tout cela n'a d'importance philologique. Cf. la note 89 sur le brésilien.

«tãbê se faz ã terras esta particularidade, porq̃ os da Beira tem hũas falas e os Dalentejo outras; e os homẽs da Estremadura são diferentes dos dantre Douro e Minho, porq̃ assi como os tẽpos, assi tãbê as terras criaõ diuersas cõdições e cõceitos».

Comme vocables caractéristiques du dialecte de la Beira, il cite *som* «sou» (p. 114), *nego* «senão» (p. 118). Comme particularité du langage d'Entre-Douro-e-Minho, il cite certaines nasales (p. 108). Comme formes archaïques générales du langage populaire, il cite à la p. 81 *acaraõ* «junto», *samicas* «por ventura». Le mot *samicas* a fait fortune chez les imitateurs du parler du peuple (voir §§14 et 15).

Depuis longtemps, le langage *interamnense* a été considéré comme archaïque. Voyons ce que dit João de Barros dans le *Dialogo em louvor da nossa linguagem*:

«A my muito me contentam os termos que se conformam com o latim, dado que seiam antigos: ca destes nos deuemos muito prezar, quando nã acharmos serem tã corrutos, que este labeo lhe faça perder sua autoridade. Nã somente os que achamos per escrituras antigas, mas muitos que se usam antre Douro e Minho, conseruador da semente portuguesa: os quaes algũus indoutos desprezam, por nam saberem a raiz donde nacẽ».¹¹²

João de Barros veut dire que le langage *interamnense* est un portugais de bon aloi, une excellente semence («semente»). – Barros fait aussi dans le passage suivant une allusion au langage populaire, quoiqu'il n'indique aucune province en particulier:

«E *apraz, jaço* carecem de participio em bõa linguagẽ; porque [= pelo que] os rusticos o formam muitas vezes»;¹¹³

ce qui signifie que dans le langage vulgaire on disait *aprazido* et *jazido*.¹¹⁴

23. L'Orthographia da lingua portuguesa et l'Origem da lingua portuguesa de Duarte Nunes de Lião appartiennent en partie au XVI^e, en partie au XVII^e siècle.¹¹⁵ De ces deux œuvres on a fait une édition en 1864 en un seul volume; c'est celle dont je me sers.¹¹⁶ L'*Orthographia* nous offre deux passages où il y a des allusions au langage archaïque du Minho (cf. ci-dessus, le §22):

«... antiga terminaçaõ dos Portugueses de *-om...* a qual ainda agora guardaõ alguns homens d'entre Douro e Minho e os Gallegos, que dizem

112 *Copilação de varias obras do insigne portuguez Joam de Barros*, Lisboa 1785, p. 225-226 (*Dialogo em louvor da nossa linguagem*). La 1^{re} édition est de 1540.

113 *Copilação*, p. 139 (*Gram. da ling. portug.*). La 1^{re} édition est de 1540.

114 [*solto*: Esquisse, p. 57 | Outro João de Barros do sec. XVI, o Doutor, diz na *Geographia* que os habitantes de entre Lima e Minho «são quais como Galegos, e da mesma lingoagem», p. 83. Cito nos *Opusc.* II].

115 *Orthographia*, 1^{re} édit., 1576. *Origem*, 1^{re} édit., 1606.

116 [ex. pess.: «alusão á Beira. *Origem* 2.^a ed. p. 89-90»].

fizerom, amaram, capitom, cidadom, taballiom, appellaçom» (p. 142); «... nos Gallegos, e em alguns Portugueses d'entre Douro e Minho, que por vós e vosso dizem *bós* e *bosso*, e por *vida* dizem *bida*» (p. 106).

Nunes de Lião publie aussi des listes de vocables considérés comme populaires, dans l'*Origem*, chap. XVIII, et dans l'*Orthographia*, p. 201.

24. Au XVII^e siècle proprement dit, Faria e Sousa fait quelques remarques dans l'*Europa Portuguesa*, t. III, Lisbonne 1680, sur Entre-Douro-e-Minho, qui est «la provincia adonde mas biẽ se habla» (p. 158); sur Tras-os-Montes, dont les populations «hablan nuestro idioma con grande corrupcion»; et sur la Beira, où est «la lengua mal conocida» (p. 160). Ces remarques se répètent dans son *Epitome de las historias portuguesas*, p. 617-620, et dans les passages correspondants de l'*Historia del reyno de Portugal*, du même auteur publiée en 1730.¹¹⁷ Faria fait l'éloge du langage du Minho, parce qu'il était «minhoto»; cependant il note: «Si el juicio no me engaña, y no me ciega la aficion». Ce qu'il dit des autres provinces signifie uniquement qu'il y a là diverses variétés dialectologiques. – Sur le vocabulaire qu'il avait l'intention de publier, voir le §14.

Ferreira de Vera, dans son *Orthographia*, Lisbonne 1631, chap. IV, fait une allusion à la prononciation du Minho:

«Da letra B... Tem esta letra muita semelhança e afinidade com a letra consoante v; com que faz errar a muitos Portugueses de entre Douro e Minho, e os mais dos Castelhanos, que, não advertindo o que vai de hua á outra, as trocã na pronunciação, dizendo: *brabo* e *bravo*, *avano* e *abano*, *aldraba*¹¹⁸ e *aljava* como *aldrava* e *aljaba*, *barrer* e *varrer*; e peor, dizendo *bosso*, *buestro* por *vosso* e *vuestro* etc.».

Cette confusion du *b* et du *v* est encore aujourd'hui considérée comme caractéristique du dialecte *interamnense*, quoiqu'elle ne lui soit pas spéciale.

Dans l'*Orthographia da lingua portuguesa*, Lisbonne 1671, João Franco Barreto note quelques manières de parler de différentes localités. Il dit du Riba-Tejo:

«Os verbos da primeyra conjugaçaõ todos fazem o preterito ã -ey, como *amey*, *faley*, *jantey* etc. sã nenhũa exceçã. Ainda que por este Ribatejo todos os mudam ã *i* agudo, dizendo *ami*, *falli*, *janti*, etc., que he uma notavel barbaria, e mayor por ser aqui tã vizinho da Corte» (p. 54).

Il dit des *Saloios* (§16):

117 [ex. pess.: «Faz algumas obs. sobre a linguagem de Lisboa, que elle censura, nos Comment. às *Rimas* de Camões, Pt. II, p. 114a e 265b»].

118 *Esta citação de Vera foi mal transcrita por Leite no ms. francês* («como *aldraba* e *aljaba*») e *diferentemente na 1.^a ed.* («*adraba* e *aljava* como *aldraba* e *aljaba*»), *o que influenciou a 2.^a ed.* («como *aldraba* e *aljaba*»). *Só regressando a Vera se recupera o vero sentido dos exemplos.*

«... *calções, tostães*, como o vulgo circunvisinho de Lisboa costuma, e o que aõde [= mão-de] acabar ã *-aês*, acabam ã *-oês*, como *capitões, Alemões*» (p. 105).

A l'égard du Minho, il remarque sur le *b = v* et sur le *-om* ce que Nunes de Lião avait déjà remarqué (§23): voir p. 171 et 100. Il observe dans le langage d'Entre-Douro-e-Minho un des moyens d'éviter l'hiatus:

«He esta letra *a* fatal para os de entre Douro e Minho, e Beyrões, siguindo-se-lhe outro *a*, porque ñ os podem pronunciar ambos, ã de tras do outro, sã lhes meter de permeyo ã *y*, e assi, havendo de dizer *a agua, a alma*, infallivelmente hã de dizer *ay agua, ay alma*» (p. 73).

D'une manière générale, il traite de la confusion qu'établissent les paysans entre *x* et *ch*, p. 172 (ce qu'on doit entendre du langage du Sud); et il donne une liste très longue de mots populaires à la p. 265, d'après le modèle de Nunes de Lião (§23).

C'est encore une liste de mots populaires que nous trouvons dans les *Regras geraes breves e comprehensivas da melhor orthographia* de Bento Pereira, Coïmbre 1733, p. 65 suiv.

Dom Francisco Manoel de Mello, dans les *Apologos dialogaes* (éd. de 1721), p. 261-262, établit des différences entre les langues, suivant le degré de culture plus ou moins élevé des personnes qui les parlent:

«humas, sendo mais sutis que outras em juizo e pronunciação, pronunçião com mayor suavidade as palavras, e as escolhem com mayor prudencia; os mais grosseyros tudo isto fazem rudamente».

Nous avons vu au §5 que Franco Barreto a dit à peu près la même chose. Mello continue:

«Daqui procedeo que os Gregos dividirão seu idioma em quatro classes»,

c'est-à-dire, dans quatre dialectes, le dialecte attique étant la classe «mais sublime, regular e concertada», à cause de «caber em seu districto a universidade de Athenas». Comme il y a aussi chez nous, à Coïmbre, une université ancienne et célèbre, il ajoute:

«se cá entre nós dissessemos se fallava mais elegante em Coimbra, que em outra parte, ño mentiriamos, sendo alli o coração e alma das sciencias que se ensinam e aprendem».

L'idée d'après laquelle Coïmbre est la ville où l'on parle le mieux est encore aujourd'hui admise par bien des gens.¹¹⁹ Chacun prêche pour son saint, selon ses préférences naturelles: Mello préférait Coïmbre; Faria, le Minho (§24); et nous verrons plus tard (§25) que Verney et Carmelo donneront la préférence à Lisbonne.

119 [Par exemple, Alberto d'Oliveira, qui écrit: «... a população coimbrã... desfructa a merecida fama de ser a mais bem falante de Portugal...» (*Eça de Queirós*, 1919, p. 189)]. – Este comentário ño se encontra nem no exemplar pessoal, nem nos apontamentos soltos, desconhecendo-se se esta citação está caucionada por Leite.

25. Déjà au XVIII^e siècle, Dom Jeronymo Contador d'Argote dans ses *Regras da lingua portuguesa*, 2^e édit., Lisbonne 1725, p. 291 suiv., a écrit un chapitre très intéressant sous ce titre: DOS DIALECTOS DA LINGOA PORTUGUESA.¹²⁰ C'était la première fois qu'on publiait un tableau général, bien qu'imparfait, de nos dialectes. Argote, en s'éloignant, dans une certaine mesure, de la manière générale de penser des puristes et des grammairiens entêtés (§21), et en voyant les choses comme elles sont en réalité, appliquait à la langue de son pays les distinctions de la grammaire grecque (cf. ci-dessus, le §24). Il classe les dialectes ainsi: a) *dialectes locaux*; b) *dialectes de temps*; c) *dialectes de profession*. Dans les dialectes locaux, il considère les parlers d'Entre-Douro-e-Minho, Tras-os-Montes, Beira, Estrémadure et Algarve, laissant de côté l'Alemtejo, parce que, dit-il, le langage de cette province diffère peu de celui de l'Estrémadure; et il indique quelques caractéristiques phonétiques et lexicologiques de chacun de ces dialectes. Il fait encore une allusion aux codialectes du Nord de Tras-os-Montes (si j'interprète bien ses paroles), aux dialectes d'outremer, au langage populaire en général, à l'argot de Lisbonne, et aux dialectes des *Ciganos*. Il appelle *dialectes de temps* les différentes phases chronologiques de la langue portugaise, lesquelles il dénomme: très ancienne, ancienne et moderne. Sous la désignation de *dialectes de profession* il comprend:

«a differença de fallar a lingua, de que usão os que exercitão diversa profissão de fallar»;

et il en donne comme exemples: la langue de la prose (qui peut être littéraire et familière) et la langue poétique. – La plus curieuse de ces trois classes est sans doute la première.¹²¹

Dom Raphael Bluteau (cf. §15) a publié comme appendice au Supplément du *Vocabulário português e latino*, Lisbonne 1728, un *Vocabulário de palavras e modos de fallar do Minho e Beira*, dont j'ai donné une édition critique dans mes *Dialectos interamnenses*, VIII. Le même auteur, dans ses *Prosas Portuguesas*, Partie II, Lisbonne 1728, p. 186, fait une allusion à l'hiatus qui existe dans *a agua* et qu'on évite dans les provinces du Minho et de la Beira en y insérant un *y*, et en disant donc *a y agua* (cfr. §24). Dans le *Vocabulário português e latino*, on peut aussi trouver quelques remarques dialectologiques isolées.

Un des *orthographistes* les plus célèbres du XVIII^e siècle est Madureira Feijó. Son *Orthographia* a été imprimée pour la première fois en 1734. On en a fait un grand nombre d'éditions. Je me sers de la 2^e, Lisbonne 1739. Outre une longue liste d'*Erros communs da pronunciaçam do vulgo*, qui prend la plus grande partie du volume (p. 157 suiv.), on y trouve souvent diverses observations dialectologiques: ainsi, aux pages 34 et 89, il parle du changement de *v* en *b* chez les «Interamnenses» ou d'Entre-Douro-e-Minho; aux pages 43, 90 et 543, il parle du changement de *ch* en *x* chez les habitants de Lisbonne; il distingue aussi l'*s* du *ç*, suivant le dialecte de Tras-os-Montes, sa patrie, et où il avait habité jusqu'à l'âge de 15 ans (p. 215): sur cette distinction faite par Feijó, voir *Rev. Lusit.* II, 112.

120 La 1^{re} édit. des *Regras* est de 1721, et elle a apparu sous un pseudonyme. Le chapitre sur les dialectes n'y est pas encore.

121 Ce chapitre d'Argote a été plagié par les grammairiens Meldola (1785) et Gonçalves Coutinho (1817), ce qu'on verra à sa place.

João Bautista de Castro, dans le *Mappa de Portugal*, vol. I, Lisbonne 1762 (2^e édition, revue par l’auteur), à la p. 198, parle du *-om* du Minho (cfr. §23).

Verney dans le *Verdadeiro methodo d’estudar*, t. I, Valença 1746, a quelques remarques sur la prononciation d’Estrémadure (p. 30), de la Beira (*ib.*), d’Entre-Douro-e-Minho (à la p. 27). Il combat la distinction qu’on fait entre *ch* et *x*, défendue par Madureira (voir ci-dessus), et il dit que:

«sempre se-devem preferir os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura» (à la p. 30).

José de Paiva, dans les *Infermidades da lingoa*, Lisbonne 1759,¹²² fournit une grande quantité d’expressions populaires; quoiqu’il ne possédât pas une notion claire de l’essence du langage, ces listes sont intéressantes, parce qu’elles témoignent de la richesse de notre lexique.

Monte Carmelo est un digne émule de Madureira Feijó; cependant son *Compendio de Orthografia*, Lisbonne 1767, n’est pas aussi connu que le livre de ce dernier auteur. Carmelo donne cette idée du langage populaire:

«Devemos fallar e escrever como pratica o maior número, nam dos ignorantes ou plebeus, que corrompem os idiomas, mas do doutos e peritos da côrte».¹²³

Il connaissait fort bien notre lexique, littéraire et vulgaire. En ce qui concerne la dialectologie, le *Compendio* a beaucoup de valeur. On y parle des dialectes en général, à la p. 500; des dialectes du Nord, aux p. 357 et 420; des langages «interamnense», «beirão», «trasmontano», «estremenho», «algarvio» et brésilien, dans plusieurs endroits.

Dans la *Portugiesische Grammatik* [ex. pess.: de von Jung (Junk, Jungh)], Frankfurt s./O. 1778, que j’ai déjà citée au §15, on reproduit le «Vocabulario minhoto-beirão» que Bluteau avait publié pour la première fois (voir ci-dessus). L’auteur de la Grammaire dit:

«Die Büchersprache ist in Portugall eben so wenig die allgemeine, als sie es in andern Ländern ist. Es giebt daselbst wie allenthalben verschiedene Mundarten, deren jede viel eigenthümliches hat, und nur durch einen anhaltenden Aufenthalt in den Provinzen, wo sie zu Hause ist, erlernt werden kann» (p. 220).

En 1785, a été publiée à Hambourg la *Nova Grammatica Portuguesa* composée par le Juif Abraham Meldola, avec la traduction allemande en regard. A la p. 32, il y a un chapitre *Dos dialectos da lingoa portuguesa*, qui est une copie de celui qui a le même titre dans les *Regras* d’Argote (§25); et ce plagiat n’est pas le seul que Meldola fait d’Argote.

122 Cette œuvre a été publiée sous le pseudonyme de *Sylvestre Silverio da Silveira e Silva*. L’auteur a tenu à se montrer *sauvage!*

123 Préface.

A l'exemple de Du Cange, le Frère Joaquim de Santa Rosa de Viterbo a composé l'*Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*, Lisbonne 1798-1799. Je l'ai déjà cité au §3. Viterbo y reconnaît les différences dialectales de notre langue, soit anciennes, soit modernes: voir p. III, XVI et XX; et il cite continuellement dans son œuvre des vocables de la Beira (sa patrie), du Minho, de Tras-os-Montes, etc.

Dans les *Reflexões sobre a lingua portuguesa*, Lisbonne (1842), œuvre posthume, 3 vol., Francisco José Freire (†1773) donne des règles sur l'usage classique de la langue; à ce propos, il mentionne plusieurs expressions du vulgaire.

Dans le *Diccionario da lingua portuguesa* de notre Académie des Sciences, t. I, Lisbonne 1793, il y a une place pour les

«termos privativos das provincias e conquistas de Portugal, que se achão nas obras impressas dos nossos escriptores classicos»;

et pour les

«termos comicos ou rusticos que se encontram com orthographia de proposito viciada, para se arremedar assim ao natural o idiotismo da baixa plebe».

Voir l'Introduction, à la p. XIII.

On trouve dans les *Memorias de Litteratura* publiées par la même corporation scientifique divers travaux qui concernent plus ou moins le langage populaire. Dans le vol. IV, p. 160, Antonio das Neves Pereira dit avec beaucoup de bon sens:

«que em Lisboa se chama *viga* o que no Minho ou na Beira se denomina *caibro* ou *barrote*; que numa parte se diga *bilha* o que nas outras se chama *cantaro* não prova que huns tenham melhor nem peor lingua. Os nossos Portugueses na India dizem em bom português *veniaga*, como nós cá dizemos *mercadoria*: tudo val o mesmo». ¹²⁴

Il mentionne ensuite l'iotacisme qui se remarque dans *a ialma*, *a iaga* chez les paysans d'Entre-Douro-e-Minho et de la Beira (§24), et il le justifie, parce que ce phénomène tient à la nature même du langage. Le même auteur cite plusieurs termes populaires, par exemple, dans le vol. IV, p. 356, 371, 390, 397; dans le vol. V, p. 170, 187, 246, 251.

Parmi les manuscrits de Dom João da Annunciada, conservés à la Bibliothèque publique d'Evora (manuscrit III-IV, «maço» n° 37), il existe une collection de *Palavras e frases de Melgaço*, faite dans le goût du petit vocabulaire de Bluteau, cité ci-dessus. Cette liste n'est pas de la main d'Annunciada; on la lui a envoyée probablement de l'Alto-Minho, où est situé Melgaço; la lettre est du XVIII^e siècle. ¹²⁵

124 [ex. pess.: «Ainda h. em Santarem: *viga* e *barrote* (P. d'Azevedo)»].

125 M. Barata (cf. ci-dessus, à la note 107) en a publié un extrait dans ses *Noites d'Evora*, 1897, p. 29 suiv., avec quelques incorrections, et sans en indiquer la provenance. Parmi les incorrections, je signale *feso* (= *fezo*), que M. Barata a pris pour un participe, et traduit par *feito*, tandis que ce mot est un prétérit et signifie «fez». — Il y a longtemps que j'ai copié ce manuscrit, que je compte publier tout entier dans la *Revista Lusitana*.

26. Nous sommes arrivés au XIX^e siècle. Dans le *Breve tratado ou explicação do que é grammatica*, Lisboa 1817, par Gonçalves Coutinho, il y a, à la p. 21, un chapitre ou dialogue qui se dénomme *Dos dialectos da lingua portuguesa*; ce travail n'est qu'un abrégé, et parfois une copie fidèle, du travail qu'Argote a publié sous le même titre (§25), quoique G. Coutinho le présente comme sien. Le même auteur fait dans la *Grammatica*, Lisbonne 1821 (la 1^{re} édit. est de 1814), une remarque insignifiante sur le *b = v* du Minho.

Sans dépasser les vues étroites de la plupart des anciens grammairiens, Soares Barbosa recueille dans la *Grammatica philosophica da lingoa portuguesa*, Lisbonne 1822, p. 50, des «Vícios da pronuniação»; il indique en même temps quelques faits phonétiques des dialectes du continent et du Brésil; à ce point de vue, il reste très inférieur à Argote (§25).

Avec un jugement plus sûr, Balbi signale dans son *Essai statistique sur le royaume de Portugal*, t. II, Paris 1822, p. 30, n., quelques différences qui existent entre le langage de l'Alemtejo et celui du Minho.

Cunha Portugal, dans l'*Ortographia da lingoa portuguesa*, Paris 1837, p. 3, reproduit dans une note le chapitre de Soares Barbosa, mais il en mentionne l'auteur. A la p. 104, il publie une longue liste des «Erros communs da pronuniação do vulgo, com as suas emendas em cada letra», dans le genre de celles qu'ont publiées Madureira, Carmelo et d'autres.

A propos des règles de l'éducation de la jeunesse, J. I. Roquete cite dans le *Codigo do bom tom*, Paris 1845, p. 247 suiv., un certain nombre de plébeïsmes, soit de Lisbonne, soit des provinces, par ex. *menza, frof, pirola*.

La *Grammatica analytica da lingoa portuguesa* de F. Solano Constancio, Paris 1855, p. 203, contient un chapitre «Dos vícios de pronuniação mais notaveis», semblable à celui de Soares Barbosa: il y traite du langage populaire en général; du langage provincial; du langage brésilien: mais tout cela d'une manière très sommaire. L'auteur dit avec raison que certaines formes populaires appartiennent au langage archaïque.

On pourrait encore citer d'autres ouvrages du même genre et de la même valeur, mais cela devient inutile, parce que généralement leurs auteurs se copient les uns les autres. J'ometts aussi certaines petites notices isolées.

En 1836-1843, Frédéric Diez a publié la Grammaire des langues romanes. Il y insère quelques notes sur nos dialectes; mais ce n'est pas pour cela que je cite ici sa Grammaire: je la cite à cause de l'esprit nouveau qu'elle a introduit dans la science, quoique cet esprit ne se soit fait sentir que plus tard dans notre dialectologie.¹²⁶

Augusto Soromenho, dans l'*Origem da lingoa portuguesa*, Lisbonne 1867, p. 24, classe les dialectes portugais en deux groupes: celui du Nord du Mondego, et celui du Sud. Il prenait ainsi pour modèle, comme il le laisse lui-même entendre, la distinction qu'on fait en France entre *langue d'oïl* et *langue d'oc*. Toutefois la comparaison est bien lointaine!

Dans les travaux de M. Adolfo Coelho, publiés depuis 1868, et qui se rattachent à l'école de Diez, on trouve de temps à autre des faits dialectologiques; mais il n'existe

126 [solto: Pg. 67 da *Esquize*: 1849, Fuchs, *Die rom. Sprache*, p. 60-64, fala do portug. dentro de Pgl. e fóra].

aucun travail de cet auteur consacré exclusivement aux dialectes du continent: il y a toutefois dans son livre *A lingua portuguesa*, Porto 1887, p. 134, une légère allusion au sujet.¹²⁷

En 1881, j'ai publié dans le *Pantheon*, p. 319, un petit article sous le titre de «Linguagem popular portuguesa», qui a été suivi d'un autre publié avec le même titre dans *O Penafidense* en 1882. Ce dernier article a servi de base à un autre que M. Soeiro de Brito commença à publier sur le langage de l'Alemtejo dans un journal d'Elvas, et qu'il n'a pas terminé: les deux articles étaient publiés l'un vis-à-vis de l'autre, chacun dans sa colonne; on en a fait un tirage à part de 12 pages.

A propos d'une analyse critique qu'a publiée M. Gonçalves Vianna dans *O Positivismo*, IV (1882), n° 1 et 2, des *Cantes Flamencos* de M. H. Schuchardt, il a inauguré chez nous l'étude de la phonétique scientifique. Un peu après, en 1883, il a fait paraître dans la *Romania*, t. XII, son bel *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (on en a fait un tirage à part). Il présente dans ces deux travaux des observations justes et nouvelles sur notre phonétique dialectale.

Le premier fascicule de mes *Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa* remonte à 1884 (j'avais fait déjà une courte note sur le sujet dans l'introduction de *O Dialecto Mirandês*, Porto 1882). Ce travail se rapporte non seulement aux dialectes du continent, mais aussi à ceux des îles et d'outremer. Jusqu'à présent, plus de 20 fascicules ont été publiés. [ex. pess.: E um art. sobre o Dial. *minhoto* no *Penafidense* de 2.XII.1884].

M. Theophilo Braga a consacré quelques lignes aux dialectes dans son *Curso de hist. da litterat. port.*, Lisbonne 1885, p. 36 (déjà, en 1875, le même auteur y avait fait une allusion dans le *Manual da hist. da litterat. port.*, p. 10-11).

En 1887, commença à paraître la *Revista Lusitana*, organe des études de philologie et de dialectologie portugaises. On y trouve des articles de M. Gonçalves Vianna sur les parlers de Tras-os-Montes, Alemtejo et Açores; de M. Lang sur le portugais de New-Bedford et Açores; de MM. A. Alves et Felício dos Santos sur la Beira; de MM. A. Moreno, P. Tavares, H. das Neves, Castro Lopo sur Tras-os-Montes; de M. Márques de Barros sur le *guinéense*; de M. S. R. Dalgado sur le portugais de l'Inde; du directeur sur les dialectes de Tras-os-Montes, Alemtejo, Olivença, Algarve, Açores, Africa, etc. Il y paraîtra prochainement une étude de M. J. J. Nunes sur l'*algarvio*, et un *Vocabulario alentejano* de M. A. Th. Pires. De cette revue ont été publiés six volumes; le sixième est sous presse.

Dans l'*Independencia*, périodique de Pova de Varzim, M. C. A. Landolt a publié en 1887, n° 266, un article sous le titre de *Folklore varzino*, qui contient un petit glossaire. Dans le même périodique, 1892, n° 513, il a publié un autre, *Tradições varzinas*, avec une courte introduction phonétique. Aux *Tradições populares colhidas no concelho de Barcellos* du même auteur, Barcelos 1884, j'ai ajouté une préface sur le parler de Barcellos.

Les *Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Esposende* de M. Silva Vieira, Esposende 1888, se terminent par un vocabulaire. Cette brochure a servi de sujet à une autre, de M. Armando da Silva, *Folklore e dialectologia de Esposende*, Esposende 1890.

127 [ex. pess.: «Aqui era o logar de Pacheco da Silva Junior, que na *Gram. hist. da líng. port.*, Rio 1878, tem a pag. 137-150 um cap. sobre «Dialectos, provincianismos, brasileirismos», onde faz obs. sobre os nossos dialectos e dá longa lista de brasileirismos, e falla do continente»].

Les dialectes portugais ont été mis à contribution par M. J. Cornu dans son travail *Die Portugiesische Sprache*, publié dans le *Grundriss der romanischen Philologie*, vol. I, 1888, p. 715 suiv., (tirage à part, 1 vol. de 89 p.), et par M. Meyer-Lübke dans la *Grammatik der romanischen Sprachen*, 1890-1899.

M^{me} Carolina Michaëlis de Vasconcellos a fait insérer dans le *Roman. Jahresbericht* de K. Volmöller, I, 163, et IV, 336 suiv., un aperçu bibliographique et critique de tout ce qui en fait de dialectologie avait paru depuis 1887 jusqu'à 1894.

Mon *Mappa dialectologico do continente português* a été publié à Paris en 1897. Il avait paru d'abord dans la *Chorographia de Portugal* de M. Ferreira Deusdado, Paris, s. d. (1893). Cette carte a été reproduite, avec mon assentiment, par M. Mendes dos Remedios dans son *Introdução á historia da litteratura portuguesa* (Coïmbre 1898); le même auteur y présente, aux p. 34 et 80, un tableau de nos dialectes.

27. Dans ce que je viens de dire à propos des travaux sur les dialectes, je me suis peut-être trop étendu, en citant quelquefois des ouvrages ou des auteurs peu importants; cependant, si certains détails considérés en eux-mêmes ne semblent pas avoir de valeur, ils en ont une, lorsqu'on les groupe et les considère ensemble. Notre bibliographie dialectologique est modeste; abstraction faite du *Vocabulario do Minho e Beira* de Bluteau (§25), de telle ou telle observation isolée, et du chapitre de Contador d'Argote (§25), qui du reste ne possède que le mérite de la nouveauté, nous n'y trouvons jusqu'aux temps modernes rien qui soit bien notable; et même de nos jours ce qui a été publié n'est pas très considérable, quoique dans les travaux parus il y ait des matériaux utiles.

28. Afin de suivre le même ordre que j'ai suivi quand je me suis occupé des textes populaires, je devrais parler maintenant des dialectes insulaires, car jusqu'ici je n'ai parlé que de ceux du continent; mais sur le dialecte de l'archipel de Madère je ne connais rien, et de ce qui existe sur le langage des Açores j'ai donné la liste dans la *Rev. Lusit.*, II, 289-290.¹²⁸

29. En ce qui concerne les dialectes d'outremer, je citerai d'abord quelques mots de Contador d'Argote:

«Ha os dialectos ultramarinos e conquistas de Portugal, como India, Brasil, etc., os quaes tem muytos termos das linguas barbaras, e muytos vocabulos de portuguez antigo».¹²⁹

Cette affirmation est corroborée par ce que dit Gomes de Moura:

«A lingua portuguesa varía, ainda que levemente, de umas para outras provincias; he porém maior a differença entre a lingua portuguesa europêa e a *ultramarina*».¹³⁰

128 [ex. pess.: «Provincialismos açorianos n-0 Século, dia 5-VII-909»].

129 *Regras da ling. port.*, Lisbonne 1725, p. 300.

130 *Monumentos da ling. latina*, Coïmbre 1823, p. 10.

L'importance scientifique des dialectes créoles en général a été déjà signalée en 1869-1870, par Addison van Name, bibliothécaire du Yale-College, dans un article qui s'intitule «Contributions to Creole Grammar», publié dans les *Transactions of the American Philological Association*, [ex. pess.: Hartford, 1871], p. 123-167, dans lequel il s'occupe de dialectologie créole française, espagnole, hollandaise et anglaise. Il fait une rapide allusion au dialecte créole portugais de Suriname, aux p. 126 et 163-164.¹³¹ Le mouvement s'est propagé ensuite. La plus ancienne étude scientifique publiée sur un dialecte créole portugais est l'*Indoportoghese*, de E. Teza (1872). – Je donne ici un résumé de la bibliographie de nos dialectes d'outremer:

a) **Portugais du Brésil.**¹³² Voir, outre les quelques observations de nos anciens grammairiens citées au §26, les *Dialectos romanicos ou neo-latinos em Asia, Africa e America* de M. Adolfo Coelho,¹³³ et les *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* de M. Silvio Romero, Rio de Janeiro 1888, p. 308: dans ces deux travaux, on cite divers écrits sur la philologie brésilienne. A la bibliographie qui y est donnée, je ne puis ajouter que ceci: dans la *Vida amazonica* de José Verissimo, 1887, p. 24 et 27,¹³⁴ dans le *Diccionario grammatical* de Alexandre Passos, 1865, p. 273, dans les *Notas sobre a lingua portuguesa* de Pires Ferreira, 1894, p. 39, dans le *Parnaso português moderno* de Th. Braga,¹³⁵ p. XXXIII, on trouve plusieurs observations grammaticales. Dans la *Revista Lusitana*, II, 272, j'ai publié une note du Dr. G. Studart sur le langage du Ceará, et dans le même périodique, V, 189, un résumé d'un article de Sellin sur les «portugaisismes» ou «brésiliennismes» de l'allemand parlé au Brésil par les colons originaires d'Allemagne.

b) **Négro-portugais de Suriname.** Cf. §6-j, et le passage de l'article d'Addison van Name, ci-dessus cité. M. Schuchardt possède et compte publier une copie qu'il m'a montrée du ms. suivant: 1778, C. L. Schumann, *Wörterbuch der Saramacca Negersprache* («in possession of the Moravian Missionaries at Paramaribo»).

131 Ce travail, je l'ai vu pour la première fois à Graz, chez M. Schuchardt. — Je corrige ainsi ce que j'ai affirmé d'un peu inexact dans ma brochure *Sur le dialecte portugais de Macao*, Lisbonne 1892, p. 8-9.

132 [ex. pess.: «Miguel Lemos, *Normas ortograficas*, Rio de Janeiro 1901, p. 45 | Na *Gram. hist. da ling. port.* de Pacheco da Silva junior, Rio de J. 1878, p. 137-150 vem um cap. interessante: «Dialectos, provincialismos, brasileirismos», com longa lista de vocab. brasil. Copiei-o. | *Vocabul. Sul Riograndense* pelo Dr. J. Romanguera, Pelotas 1898, 234 p. [dialectal] | Nas *Provincianas* (versos) de B. Taveira Jr., Rio 1886, nota lexicologica [dial.] | Art. na *Gazeta Litteraria*, vol. I. Tenho»].

133 Cet auteur, dans le fascicule II, p. 10, attribue au Prince L.-L. Bonaparte la paternité de la *Collecção de Vocabulos e frases usados em S. Paulo*; or, cette brochure n'est pas du Prince; elle est de Pereira Coruja. Le Prince en a été, je pense, l'éditeur. J'en possède un exemplaire, dont il m'a fait cadeau.

134 [ex. pess.: «Sahiu primeiro na *Rev. Amazonica*, I, 48 ss.»].

135 [ex. pess.: «já cit. pelo Romero»].

c) **Portugais de l'Inde.**¹³⁶ Voir Schuchardt, *Kreolische Studien*, II, III, VI, et *Beiträge zur Kenntniss des kreol. Romanisch* (in *Zs. f. r. Philol.*, [ex. pess.: 1888-1889]), V et VI; et S. R. Dalgado, *Dialecto indo-português de Goa*, Porto 1900 (extr. de la *Revista Lusitana*, VI) [ex. pess.: Dalgado, *Dial. indo-port. de Damão* 1903 (separata do *Ta-ssi-yang-kuo*)].

d) **Créole de Ceylan.** Voir M. S. R. Dalgado, *Dialecto indo-português de Ceylão*, Lisbonne 1900, où il cite, à la p. 77, presque tous les ouvrages qui existent sur ce dialecte créole. Pour ma part, j'y ajoute: *First introductions in the Ceylon-Portuguese language* by W. B. Fox, Colombo 1818 (brochure que M. Schuchardt m'a montrée); dans le *Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words* de Yule & Burnell, Londres 1886, p. XXIV, une courte note du second de ces auteurs sur «The Indo-Portuguese Patois»; un aperçu trop rapide de M. Z. Consiglieri Pedroso dans le *Brasil-Portugal*, n° 41 (1900).

e) **Portugais de l'Extrême-Orient.** Voir: Adolfo Coelho, *Os dialectos romanicos*, etc., I, II et III; H. Schuchardt, *Kreol. Stud.*, IX, et *Beiträge*, X; ma brochure *Sur le dialect portugais de Macao*, Lisbonne 1892; la revue *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, publiée par M. Márques Pereira, Lisbonne 1899-1900. On y cite plusieurs travaux philologiques sur nos dialectes de l'Extrême-Orient. – M. Schuchardt possède un petit dictionnaire ms. *macaista-português*, composé récemment à Macao. Moi-même, j'ai composé un vocabulaire *português-macaista*, encore inédit, dont la plupart des matériaux m'ont été fournis par M. le Lieutenant-Colonel Raphael das Dores, qui connaît fort bien les choses portugaises de l'Extrême-Orient, pour y avoir habité très longtemps. Dans le livre *Macao e os seus habitantes* de Bento de França, Lisbonne 1897, il y a un chapitre (le XXIII^e) sur la «Lingua de Macao».¹³⁷ Le *Jornal Unico* («4^o centenario da India»), Macao 1898, contient à la p. 42 un article sur «O patois de Macao» (une courte notice et des textes)¹³⁸. On trouve une légère allusion au dialecte de Macao dans une correspondance publiée dans la *Folha Nova*, de Porto, n° 284 (1882). – Voir encore un article de H. Prostes dans le *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1882, p. 702 (sur le portugais de Malacca), reproduit dans le *Diario da Manhã*, n° 3118, du 29 Août 1883.

f) **Créoles d'Afrique.** Voir la bibliographie que j'ai donnée dans la *Revista Lusitana*, V, 243-246. Je puis y ajouter «Estudos sobre Cabo Verde» publiés par Sousa Monteiro dans la *Revista Popular*, IV (1851), p. 102; *Elementos de la gramática ambú ò de Annobón* par Isidro Vila, Madrid 1891 (cf. *Litbl. f. germ. u. rom. Philolog.*, XIV, col. 401); *O guinéense* par M. Márques de Barros, Porto 1899 (extrait de la *Rev. Lusit.*, vol. V; M. Márques de Barros a continué la publication de son travail dans la même revue, vol. VI).

136 [ex. pess.: «J. Long *The Portuguese in North Ind.* in *Calcuttá Review*, V, 1846, p. 243-292. Import., mas material mal ordenado. Cit. por Schuch., *Beiträge*, 499»].

137 Ce chapitre a été publié d'abord dans les *Novidades* de Lisbonne [15 Septembre 1894], et il a donné lieu à une réplique insérée dans le même journal [n° du 17 Septembre 1894]. – Je dois cette note à Márques Pereira.

138 Le *Porvir*, journal portugais d'Hong-Kong, dans son n° du 11 Juin 1898, a adressé à cet article une critique, qui a été réfutée dans l'*Echo Macaense* du 19 du même mois.

30. Je ne connais aucune étude sur la langue des Israélites portugais.

31. Passons maintenant aux codialectes.

Sur le galicien, je puis citer: les Dictionnaires de Rodriguez (1863), Cuveiro (1876) et Valladares (1884); les Grammaires de Mirás (1864) et de Saco Arce (1868); *Portoghese (e gallego)* de F. d'Ovidio et Monaci (1881); *El habla gallega* de Cuveiro (1868); *Los defectos de lenguaje en Galicia y León* de Gimenez (1890); *El idioma gallego* d'Iglesia (1886); *Macias o Namorado* de Rennert, Philadelphia 1900 (avec une introduction philologique); *Cronica Troyana*, ms. du XIV^e siècle, publiée par A. Martínez Salazar, La Corogne 1900, 2 vols., avec une introduction et un glossaire de R. Rodriguez. La *Revista Gallega* et la revue *Galicia* contiennent diverses études philologiques. Comme appendice au galicien, je citerai les *Ensayos poeticos en dialecto berciano* de Fernandez y Morales, León 1861. Cf. en outre mes *Estudos de philologia mirandesa*, II, 57 suiv., et *Revista Lusitana*, I, 183 et 381, et VI, 261 suiv. (article de M. Pedro d'Azevedo).

Sur le mirandais et le sendinai, j'ai donné toute la bibliographie dans les *Estudos de phil. mir.*, I, Lisbonne 1900, p. 21 suiv. et vol. II, Lisbonne 1901, p. 29 suiv. et appendices.

Sur le riodonorais et le quadramilais voir mes *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, 1886, p. 5, et encore mes *Estudos de phil. mir.*, II, 53-56 et 269-271.

DEUXIÈME PARTIE

Grammaire Sommaire des Dialectes Portugais

Observation Préliminaire

32. Je considérerai en premier lieu le portugais proprement dit, et en second lieu les autres parlars qui se rattachent au portugais; puis, dans chacun de ces groupes, les sous-divisions respectives.

Voici la disposition générale de la matière:

- I. Dialectes continentaux;**
- II. Dialectes insulaires;**
- III. Dialectes d'outremer;**
- IV. Portugais des Juifs;**
- V. Codialectes portugais.**

Ce sont les quatre premières sections qui constituent le portugais proprement dit.

Toutefois, comme je n'écris qu'une *Esquisse*, je n'entrerai pas dans de longs développements; je ne m'étendrai un peu que sur les dialectes continentaux, et je passerai rapidement sur les autres.

Chapitre I

Dialectes continentaux

33. Afin d'abrèger, je me servirai de ces expressions: NORD, pour indiquer à la fois les provinces d'Entre-Douro-e-Minho («districtos»¹³⁹ de Porto, Braga et Vienne) et de Tras-os-Montes, c'est-à-dire les dialectes *interamnense* et *trasmontano*; CENTRE, pour indiquer la province de la Beira (Beira-Maritime, ou Occidentale, c'est-à-dire les «districtos» d'Aveiro et Coïmbre; Beira-Alta; et Beira-Baixa), c'est-à-dire le dialecte *beirão*; SUD, pour indiquer les provinces du Sud du Mondego (Estrémadure, Alemtejo et Algarve), c'est-à-dire le dialecte méridional.

34. Comme la langue littéraire représente fréquemment une phase intermédiaire entre le latin et les dialectes, je crois simplifier mon travail en partant plus souvent de la langue littéraire que du latin. Ce ne serait que dans une histoire développée de la langue portugaise que je devrais toujours partir du latin, et étudier l'évolution de chaque phénomène en même temps dans la langue littéraire et dans les dialectes; j'ai observé cette dernière méthode dans ma *Grammaire mirandaise*.

139 Le mot *districto* s'applique aux grandes divisions administratives du territoire portugais, qui correspondent à peu près aux départements français.

I. – Phonologie

a) Classement, description et notation des sons

35. Les principaux sons vocaliques portugais sont les suivants (oraux):

		á	
æ			â
é	ẽ	â	ó
è			ò
ê	œ	õ	ô
ə	ĩ	ü	—
ï			—
ĩ			u
á	par ex. dans <i>pá</i> . C'est aussi littéraire.		
æ	comme <i>a</i> dans l'anglais <i>bad</i> : par ex. <i>mas</i> (Minho).		
é	par ex. dans <i>pé</i> . Aussi littéraire.		
è	entre <i>é</i> et <i>ê</i> .		
ê	par ex. dans <i>vê</i> . Aussi littéraire.		
ə	par ex. dans <i>se</i> . Aussi littéraire.		
ï	par ex. dans <i>vi</i> . Aussi littéraire.		
ĩ	par ex. dans <i>márij</i> . C'est un <i>i</i> un peu assourdi. Littéraire également.		
ẽ	<i>é</i> gutturalisé, par ex. dans <i>mëu</i> (Baixo-Douro).		
œ	<i>e</i> labialisé, par ex. dans <i>vær</i> (Fundão).		
ĩ	par ex. dans <i>barril</i> . Également littéraire.		
â	par ex. dans <i>da</i> . Également littéraire.		
õ	son analogue à l' <i>o</i> anglais dans <i>no</i> (voir <i>Estudos de philol. mir.</i> I, 174), par ex. dans <i>põuco</i> , Nord.		
ü	son à peu près analogue à l' <i>u</i> norvégien, par ex. dans <i>tü</i> (Beira-Baixa, Alto-Alemtejo, etc.) ¹⁴⁰		
â	<i>a</i> labialisé, par ex. dans <i>câsa</i> (Algarve).		
ó	par ex. dans <i>pó</i> . Également littéraire.		
ò	son compris entre <i>ó</i> et <i>ô</i> . Cf. <i>è</i> .		
ô	par ex. dans <i>lôdo</i> . Également littéraire.		
u	par ex. dans <i>canto</i> (= <i>cantu</i>). Également littéraire. Cf. <i>ĩ</i> . Je le représente habituellement par <i>o</i> .		

Une oreille délicate pourra encore découvrir des nuances dans quelques-uns de ces sons, suivant les provinces.

140 [solto, refer. a p. 80 ss.: Esquisse | O nosso u de TM, B. Baixa, Açores, Alto Alemtejo, Algarve de Barlavento, devo dizer que corresponde em P. Passy, *Petite Phonét. comparée*, 2^a ed., p. 101, ao som que ele representa por y [= u fr. em nu], e em que nota alguma variedade (sueco). | Ou então dizer: analogo ao u francês de nu, alemão ü de über, e talvez existente em escandinavo com variedades [P. Passy, *Petite Phonét. comparée*, 2^a ed., p. 101]. Viana comparou-o primeiramente com o u sueco, depois com o u norueguês. Mas nos Arrifes achou u fr. [vid. meu *Dial. açor.*, I]. Represento-o por ü. | Paralelamente ô, corresponde a eu fr. de *peu*, ô alem. de *schön* e *können*, Passy, p. 102. Não em inglês: ib. Represento-o por ö. | ou inglês, Passy, p. 97-99].

Toutes ces voyelles, exception faite d'õ, d'ê et peut-être d'æ, peuvent être nasalisées. Les voyelles nasales peuvent être ou non gutturalisées. Dans l'*interamnense* il y a des voyelles nasales gutturalisées comme dans le français: cf. Gonçalves Vianna, dans la *Romania*, XII, 37, n. L'intensité de la nasalité varie selon les localités: cf. *Rev. Lusit.*, IV, 19. Dans le Sud (Lisbonne, Setubal, etc., mais surtout dans l'Alemtejo), les voyelles atones finales sont nasalisées emphatiquement: cf. *Rev. Lusit.*, II, 25, et IV, 20.

36. Les demi-voyelles, soit de la langue populaire, soit de la langue littéraire, sont: *i, u*, qu'on ne trouve que dans les diphtongues, ex. *ai, ei, au* (diphtongues décroissantes). Dans l'ancienne orthographe, l'*i* était quelquefois représenté par *y* (*ay, ey, uy, oy*), et *u* par *o* (*ao, eo, io*), ce qui arrive encore aujourd'hui de temps à autre. Les mêmes semi-voyelles se trouvent dans les diphtongues croissantes: *quatro* = quatro, *piêra* = pyêra = pera (Minho).

37. a) Les diphtongues orales décroissantes sont: *áu, âu* (elle n'existe que dans le lang. pop.), *âu, êu* (elle n'existe que dans le lang. pop.), *éu, êu, iu, âi, âi, éi, êi, ói, ôi* (seulement pop.), *ói, ui*. Exception faite d'*éu, êu, ói*, et peut-être d'*ôi*, toutes les autres peuvent être nasalisées; cependant quelques-unes de celles-ci peuvent l'être aussi dans certaines phrases (phonétique syntaxique), par ex. *éu* dans *é um homem*.

b) Les diphtongues orales croissantes sont: *uá, uâ, ué, uê, uí, uî, uó, uô, iê*; on peut encore considérer comme telle les syllabes *-io, -ia* (dans *principio, cópia*) et même d'autres. Comme diphtongues nasales, nous avons par ex. *uõ, uĩ*.

c) Triphthongues, par ex.: *uáu* et *uão* à Mertola, *ueí* à Sátão, *iêu* et *uói* dans le Minho; *uõi* (ibidem).

d) C'est une tendance générale de la langue d'éviter dans certains cas les diphtongues au milieu des mots; c'est pourquoi on dit familièrement *Lipoldo* = Leopoldo, *mancheia* = mão cheia.

38. Tableau des principales consonnes portugaises:

		LABIALES		LINGUALES		PALATALES (linguo-palat.)		UVULAIRE
		bi-labiales	labio-dentales	linguo-dentales	linguo-gingivales	antero-palat.	postero-palat (gutturales)	
Explosives	sourdes	<i>p</i>	—	<i>t</i> — —	<i>t̃</i>	<i>ch</i> *	<i>c (k, q)</i>	
	sonores	<i>b</i>	—	<i>d</i> — —	<i>d̃</i>	**	<i>g</i>	
Nasales		<i>m</i>	—	<i>n</i> — —	—	<i>nh</i>	<i>ŋ</i>	
Latérales	pures	—	—	<i>l</i> — —	—	<i>lh</i>		
	gutturalis.	—	—	<i>l̃</i> — —	—	—	—	
Vibrantes	forte	—	—	— — — <i>rr</i>	—	—	—	
	faible	—	—	— — — <i>r</i>	—	—	—	
Fricatives	sourdes	—	<i>f</i>	— <i>ç s</i> —	—	<i>x</i>	—	
	sonores	<i>β</i>	<i>v</i>	<i>ð z</i> <i>f</i> —	—	<i>j</i>	<i>g</i>	<i>R</i>

*[Et le *t̃* de Açores = *t* en contact avec *i* oral ou nasal: *fitar, pintor*. V. G. Vianna, *Rev. Lusit.*, I, 226]

**La sonore *dj* existe dans le portugais d'outremer.

Il n'y a que quelques-uns de ces signes qui aient besoin d'explication.

Les consonnes *b, g, d*, entre voyelles se prononcent *ḃ, ḡ, ḏ*. Ces sons existent aussi dans la langue littéraire: *aba, fogo, lado*. Dans les citations, je n'altérerai pas cependant l'orthographe ordinaire.

- l* par ex. dans *salto*. Également dans la langue littéraire. Ainsi se prononce l'*l* qui termine une syllabe. L'ancienne orthographe la notait par *ll*, par ex. *ell-rey, mall*: voir *Rev. Lusit.*, I, 64. Je ne modifierai pas dans mes textes l'orthographe ordinaire. – Cf. G. Vianna, *Romania*, XII, 34.
- ch* n'existe comme son courant que dans le Centre et dans le Nord; dans le Sud, il est sporadique.
- t* Ex. *peito* dans l'Extrémadure.
- d* Ex. *lendia* dans l'Alemtejo.
- η* Ex. *ũηa* dans le Minho, etc.
- R* C'est l'*r* habituel des habitants de Setúbal.

Pour plus de détails, soit sur les consonnes, soit sur les voyelles, voir: *Rev. Lusit.*, IV, 18 suiv.; mon *Evolução da linguagem*, p. 28-30 (cf. *Rev. Lusit.*, I, 77, article de M. Gonçalves Vianna); mes *Estudos de philologia mirandesa*, I, 173 suiv.; et surtout l'excellent *Essai de phonétique portugaise* de M. Gonçalves Vianna, dans la *Romania*, XII, et l'*Exposição da pronuncia normal port.* du même auteur.

Sur les consonnes aspirées, voir *Rev. Lusit.*, IV, 23.

39. Les voyelles *a, i, e, o, u*, quand elles sont suivies de *l* qui forme une syllabe avec elles, peuvent être gutturalisées et labialisées, par ex. dans *saltar, silva, melro, sol, culpa*.

40. Les voyelles nasales exercent une grande influence sur les sons voisins.

a) Dans la plus grande partie du pays, une consonne nasale intervocalique nasalise la voyelle qui précède, par ex. dans *câma, pêna, vînho*. J'ai observé ce phénomène dans l'*interamnense*, dans presque toute l'étendue du *trasmontano*, dans le *beirão*, dans l'*alemtejano* et dans l'*algarvio*; il n'existe ni à Lisbonne, ni à Setubal, ni, à ce qu'il semble, dans certains domaines du *trasmontano* et du *beirão*. L'action de la voyelle nasale peut encore se manifester au commencement d'une syllabe, par ex. dans *menza* = mesa, *ôtro dia* = (n)outro dia, *nôjo, nôte* = nôte = noite, *mês* (tous ces exemples sont du Sud), *mãgusto* = magusto (Cadaval); à un habitant de Tras-os-Montes, j'ai entendu dire *Môfreita* = Mòfreita. C'est par cette action de l'*m* initiale qu'on doit expliquer les formes portugaises courantes *mãe* = **mai*, *muito* = arc. *muito*, *minha* = arc. *mĩa* = arc. *mia* (cf. §159 et n.).

b) Certaines voyelles nasales ou nasalisées peuvent être ouvertes, ce qui arrive par exemple dans le *minhoto* avec *a* (*câma*), dans le *baixo-duriense* avec *o, e* (*põnte, péna*), et, avec une ouverture moindre, dans le Baixo-Alemtejo (*êrmã, pêna*: voir *Rev. Lusit.*, IV, 19). Ce phénomène se produit tant dans la prononciation des personnes instruites, que dans celle des gens du commun. Nous avons ici un caractère dialectal, parce que, en d'autres régions, les voyelles dans les mêmes conditions sont fermées (*câma, sôno, pêna* dans la Beira-Alta et à Lisbonne; *piêna* dans le Minho).

c) Lorsqu'une voyelle nasale est suivie d'une consonne labiale, gutturale ou dentale, on entend généralement *m*, *n*, *ŋ* entre la voyelle et la consonne, par ex. *câmpo*, *dênte*, *mõŋco*: voir *Rev. Lusit.*, IV, 24. On observe ces phénomènes dans toutes les classes sociales, quoique l'orthographe ne les manifeste pas.

b) Liaison des sons entre eux

1. Syllabes et accents

41. a) Les mots portugais peuvent être monosyllabes et polysyllabes. Les monosyllabes sont par nature oxytons, lorsqu'ils sont isolés. Les polysyllabes peuvent être oxytons, paroxytons et proparoxytons.

b) La langue populaire a une tendance générale, du moins apparente, à éviter les oxytons et les proparoxytons, par l'effet de certaines lois auxquelles obéissent les sons (cf. §63): ainsi *sal* devient *sale* (*sali*, *sala*); *pateo* devient *páito* dans le Sud; des noms en *-encia* deviennent des noms en *-ença* (dans le Sud).

c) Il y a aussi une tendance, dans certains cas, à baisser, en quelque sorte, le timbre d'une voyelle ouverte, mais atone: par ex. *comprar* et *lembrar* deviennent fréquemment *cumprar* et *lembrar* (*limbrar*). Par la même raison *soldado* (et d'autres mots où la langue littéraire a *-ól-*) devient facilement *suldado*. Dans le Sud on prononce *pædrinha*, *pæxinho* (*pixinho*, *p'xinho*) pour un motif analogue. Cf. *Rev. Lusit.*, I, 245.

d) Les syllabes postoniques sont chuchotées, lorsqu'elles renferment des consonnes sourdes, par ex. *copo*, *monte*. Cf. *Rev. Lusit.*, IV, 23.

[ex. pess.: e) Podia pôr aqui que ó, á, é em syll. at. soam *u*, *a*, *ə* etc.]

2. Phonétique syntaxique

42. La phonétique syntaxique, soit de la langue générale, soit des dialectes, a déjà été étudiée par M. J. Cornu dans la *Romania*, XII, 243; par M. Gonçalves Vianna, *ibidem*, XII, 62; et par moi-même dans divers chapitres de mes *Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa*. Je ne citerai ici que quelques faits saillants. – L'hiatus entre deux voyelles orales est évité par l'intercalation d'un *i* ou d'un *u* (cf. §24), par ex. *a i agoa* (Nord et Centre), *é i um* (Sud), *já u a vi* (Nord, Centre, et dans certaines régions de l'Alto-Alemtejo). Entre une voyelle nasale et une voyelle orale, on met *ŋ* dans le Nord, par ex. *um ŋ homem*; entre *-im* et une voyelle orale, on intercale *nh*, dans le Minho, par ex. *dá-me a mim nh isso*.¹⁴¹ Quelquefois, on forme une crase ou des diphtongues: *minhàmiga* = minha amiga, *êũ homem* = é um homem. Une *r* devant la consonne initiale du mot suivant disparaît facilement dans le langage courant: *trabalhá' todo o dia* = trabalhar todo o dia. Dans la liaison de *-s* (*z*) avec *-s*, il peut arriver que la dernière *-s* soit assimilée à l'autre, ou vice-versa: *trex'acos* = tres

141 [ex. pess.: «Cant. pp. de Lousada: «Ó lugar de S. Lourenço, / De longe parece villa: / Têi-nh-um cravo na intrada, / Ûa rosa na saida»].

sacos (Sud); *tré'sacos* = tres sacos (Nord, Centre); cela dépend de la valeur de l' *-s* (dans certaines régions = *x*, dans d'autres = *s*). Il se produit un fait semblable dans la liaison de *-s* (*-z*) à *x-*, *j* ou *r-* (*rr-*), par ex.: *o'jarros* = os jarros, *o'xailes* = os xailes, *dérreis* = dez reis (ce sont des phénomènes généraux). On doit aussi considérer comme un phénomène général le changement de l' *-s-* intervocalique en *-z-*: *az obras* = as obras. Par l'effet de la proclise, quelques diphtongues peuvent disparaître: *Ri-Maior* = Rio-Maior, *má vidro* = mau vidro, *Pai-Pires* = Paio-Pires. Dans le Baixo-Alemtejo, la diphtongue *-iu* des prétérits, quand elle est couverte, peut se simplifier: *abri-se* = abriu-se. La simplification d'*eu* dans *mê pai* = meu pai, et dans des cas analogues, est encore un effet de la proclise. A Chaves on dit *ande fostes* = aonde fostes, et dans le Sud *nã vai* = não vae, *sã nas terras* = são as terras. On note dans ces phénomènes une tendance à faire disparaître les diphtongues internes (§37-d). Quand les pronoms *o*, *a* sont unis enclitiquement à une forme verbale terminée par *-s*, on y ajoute un *-i-*; par ex., dans le Sud, *viamos-i-o* = viamos-o (viamo-lo); cf. *pús-i-o* = pús-o (pu-lo) dans la Beira, et *fez-i-o* = fez-o (fê-lo) en Tras-os-Montes. – Voir d'autres exemples aux §§44-n, etc. [ex. pess.: Estremadura: *fiz-i-o*, *pús-i-o*, *traz-i-o* (Azevedo)].

c) Étude spéciale des altérations de chaque son et de chaque groupe de sons

1. Voyelles toniques qui ne sont pas en hiatus

A

43. L'*a* du langage littéraire (< lat. *Ā*, *Ǻ*, etc.), soit oral, soit nasal, éprouve quelques changements remarquables dans le parler populaire.

a) Il devient *é* dans un territoire très étendu de la Beira-Baixa et de l'Alto-Alemtejo;¹⁴² par ex.: *giêda* = geadá, *kêma* = cama, *crivér* = crivar. Cf. *Rev. Lusit.*, IV, 217-218. Ce phénomène s'observe aussi à Ferreira-d'Aves (Beira-Alta), mais seulement devant *m*, *n*: *rémo* = ramo, *péno* = pano, où je crois¹⁴³ que l'*é* n'est pas nasalisé.

b) Dans plusieurs localités, l'*a* est labialisé: *câsa*, *mâri* à Vila-do-Bispo et à Sagres (Algarve); *mânto* et *sânto* dans le *concelho* de Ferreira-do-Zêzere; *pâ*, *câsa* à Alvações-do-Corgo (Tras-os-Montes). Sous l'influence des labiales, le même phénomène s'observe aussi au Fundão, quand l'*a* est nasal: *bânco* (mais *barco*), *mânta* (mais *má*).

c) Sous l'influence d'un *i* postonique, l'*a* devient *ái*: *vigairo* = vigario (le suffixe d'origine littéraire *-ario*, *-ária* devient toujours et partout *-áiro*, *-áira*); dans l'Algarve: *Sáigres* = *Sáigris* (Sagres) < lat. *sacris* (c'est un exemple de la conservation de l'ablatif), *venáigre* = *venagri* = vinagre; à Lisbonne: *quaise* = quasi (ou *quasie); dans le Sud: *páito* = pateo. Quand l'*a* est nasal, il peut subir le même traitement: *empörtainça* = importancia (Algarve). Dans tout le Portugal, on dit *saingue* < l. *sanguine* (l'*a* est devenu diphtongue sous l'influence de l'*i*). – Sous l'influence d'un *u* postonique, l'*a* devient *áu*: *áuga* = agoa (partout), et même quelquefois *áugoa*; *táuba* = taboa (Estrémadure).

142 [ex. pess.: «Fenomeno tardio. Cf. Zs. RPh., XXIX, 215»].

143 [ex. pess.: je vois da 1.^a ed. é emendado para je crois].

d) L'*a* devient *uá* dans le *concelho* de Sátão: *muar* = mar, *cuaco* = caco, *suapo* = sapo; et, sous l'influence d'une labiale, dans le *concelho* de Mértola: *vaso* = vaso, *bualho* = balho «baile», *puato* = pato. Dans le N. de Tras-os-Montes (Val-de-Frades), j'ai entendu prononcer: *abuáda* = abada, *puáta* = pata (*uá* avec l'*a* labialisé: presque *uó*).

e) L'*ã* (*am*, *an*) est ouvert dans le dialecte *interamnense* (§40-b), ainsi que l'*a* nasalisé, c.-à-d. *a + m*, *n*, par ex.: *tánto*, *cáma*, *páno*. En dehors d'Entre-Douro-e-Minho, l'*a* dans ces conditions est généralement fermé: *tánto*, *cáma*, *páno*. L'*ã* peut devenir *ão* (ouvert) dans le Baixo-Minho: *sãoto* = santo, *cãopo* = campo; même à Amarante j'ai entendu prononcer *cãopo*. L'*-ã* peut devenir *-ão* en Entre-Douro-e-Minho: *Campanhão* = Campanhã, *irmão* = irmã. Dans le *concelho* de Sátão j'ai entendu prononcer: *rãi* = rã, *lãi* = lã, *maçãi* = maçã, et même *rãij*, *maçãij* (§66-c).

f) Dans le Nord et dans le Centre, on dit *-ãij-* et *-ãich-*, au lieu de *-ãnj-* (*-ãj-*), et *-anch-* (*-ãch-*), tandis que, dans le Sud, on dit *-anj-* (= *-ãj-*), et *-anch-* (*-ãx-*): *larãija*, *larãja* < arabe narandj, *ãicho*, *ãcho* < l. amplu. Dans certains cas, l'*i* est originaire: *ãijo* = angio = arc. *angeo* < l. *angelu-*.

g) Influence de l'N, M: §40. Influence de l'L: §§39 et 59-d. Influence des palatales: §69-a.

E

44. L'*e* tonique de la langue littéraire peut être ouvert (*é*) ou fermé (*ê*); *a* tonique n'existe que dans les monosyllabes *me*, *de*, *que*, *se*, etc., qui toutefois, à cause de leur emploi syntaxique, sont d'ordinaire atones. L'origine de l'*e* est le lat. *Ē*, *Ī*, *Ĕ*, AE, OE, etc.

a) Sur la frontière du Minho et de Tras-os-Montes, on confond très facilement *é* et *ê*. A Freixo-d'Espada-Cinta on dit *conhéço*; à Arcos-de-Val-de-Vez *préto*, *césta*; à Castro d'Avellãs *tésto*. Sur les limites extrêmes de la frontière, il semble que l'*e* ouvert (*é* ou *è*) remplace l'*ê* littéraire: j'ai observé ce phénomène à Chaves, Vimioso et Caminha. – Dans l'intérieur même du pays, on dit dans quelques endroits *adéga* (Beira), dans d'autre *adéga* (Sud); *moêda* et *moéda*; *mêda* et *méda*; *esquéço* et *esquéço*. [ex. *pers.*: *aquêço* (Beira)].

b) L'*ê* oral ou nasalisé, et l'*ê* (*em*, *en*) initial ou médial deviennent *iê* dans le Baixo-Minho: *piêra*, *tiêmpo*, *miênos* (*iê* est une diphtongue, où l'*i* n'est pas toujours très distinct). A Ponte-do-Lima, j'ai entendu prononcer aussi *tiêno*. Il est notable qu'à Sinfães (Beira) et à Vila-Real (Tras-os-Montes) on dise pareillement: *piêra*, *iêrmo*. – Dans le Baixo-Alemtejo (Alandroal) on dit *iê*, *ié*, sous l'influence des gutturales: *quiêdo* = quedo, *quiêrix* = queres: voir *Rev. Lusit.*, IV, 240.

c) L'*e* médial devient *ié* (avec un *e* plus ou moins pur), à Póvoa-de-Varzim: *biélas* = velas, *jiniéla* = janella. A Barcelos, il semble qu'on dit aussi *Barciélos*, *tiérra*. Même à Porto, il ne serait pas difficile d'entendre cette diphtongue.

d) Le son de l'*e* est différemment nuancé suivant les localités: *æ* dans l'Algarve devant une consonne: *pæs* (mais *pè*), *fæsta*: j'ai entendu ce son à Lagos, Loulé et Alportel. A Nisa (Alemtejo): *træs* = tres.

e) Dans le *concelho* de Sátão, *é* et *ê* deviennent diphtongues (cf. *a*, au §43-d): *pué* = pé, *morruêr* = morrer.

f) Au Fundão, l'*e* se labialise au contact des labiales: *vær* = ver.

g) Le littéraire *-elh-*¹⁴⁴ (lat. -ĪC'L-, -EC'L-) est représenté par:

- êlh-* dans la plus grande partie de Tras-os-Montes, dans l'Alto-Minho (Arcos), dans le Baixo-Douro (Baião), dans la Beira et dans presque tout le Sud: *abêlha* < apic'la-, *spêlho* < spēc'lu, *têlha* < tęg'la;
- éilh-* généralement dans le Baixo-Minho: *abéilha*, *spéilho*, *téilha*;
- âlh-* à Lisbonne: *abâlha*, *ispâlho*, *tâlha*.

A Avelanoso (Tras-os-Montes) on prononce *-eilh-*, comme en mirandais.

h) Le littéraire *-enh-* (lat. -ENIV-, -ĪGNV- etc.) est représenté par:

- enh-* (-*ênh-*, -*ênh-*) dans le Nord de Tras-os-Montes (Rio Frio) et dans presque tout le Sud du Portugal;
- ãnh-* dans l'Alto-Douro, dans la Beira et dans certains endroits de Tras-os-Montes (Alvações, etc.);
- êinh-* ou -*einh-* dans le Baixo-Douro et dans le Baixo-Minho;
- ânh-* à Lisbonne.

Exs.: *lênha* (*lênhã*), *lãnhã*, *lêinha* (*leinha*), *lânha*: < lat. ligna-; orthographe littéraire, *lenha*.

i) Le littéraire *-ej-* (-*eij-*) < l. -ESIV, -ASIV, est représenté par:

- éij-* en Entre-Douro-e-Minho, et dans la plus grande partie de la Beira et en Tras-os-Montes;
- âj-* à Lisbonne;
- êj-* dans le reste du pays (Sud).

Exs.: *béijo*, *bâjo*, *bêjo*: < l. basiu-, dans la langue littéraire *beijo* et *bejo*; *igrêija*, *igrâja*, *igrêja*: < l. ecclesia-, dans la langue littéraire *igreja* (*egreja*). On doit remarquer que *ei* peut être prononcé *éi* ou *âi*.

144 [Na 1.^a ed., -*enh-*, mas no ex. pess. emendado para -*elh-*, e seguido pela 2.^a ed. O orig. port. também grafava -*elh-*. A origem do erro autoral está na trad. franc., em que o autor introduziu -*enh-*, por influência da alínea seguinte; este erro passou inadvertido à 1.^a ed.].

j) Les combinaisons *-ech-* et *-ex-* peuvent avoir une destinée parallèle à celle de *-ej-*: du moins, elles deviennent *-eich-* (*-eix-*), *-âch-* (*-âx-*), *-êch-* (*-êx-*): *feicho, fâcho, fêcho; peixe, pêxe*; dans la langue littéraire: *fecho, peixe*. Cf. §44-1.

k) *e + m, n* devient facilement une diphtongue, en Tras-os-Montes, près du cours du Douro, à Alvações, Mesão-Frio, Barqueiros: *méinos* = *menos*, *piquéino* = *pequeno*, *réimo* = *remo*. Il est probable que ce phénomène a¹⁴⁵ dans le Nord une étendue encore plus grande. A Baião: *péna* (*é* nasal).

l) Dans l'Alto-Alemtejo, l'*e* devient diphtongue dans certains cas très spéciaux: *peira* = *pera*, *reigo* = *rego*, *teimpo* = *tempo*, *deido* = *dedo*, *peina* = *pena* (Castelo-de-Vide). Mon ami A. Thomás Pires me fait remarquer qu'à Elvas on dit: *teimpo, vêijo, leime* = *leme*, *leinte* = *lente*. Je n'ai pas pu encore saisir la loi de ce phénomène.

m) L'*em* (*en*) de la langue littéraire, au commencement des mots devient:

<i>êi</i> (<i>âi=âî</i>)	à Marco-de-Canaveses, Baião, Sinfães, Rêsende, Amarante, Regoa, Alvações, Vila-Real: <i>téimpo, véinto</i> ; ¹⁴⁶
<i>ã</i> (<i>am, an</i>)	dans l'Alto-Douro: <i>tampo, vanto</i> ;
<i>ẽ</i> (<i>em, en</i>)	dans le reste du pays, à quelques exceptions près (§44-1) ¹⁴⁷ , ce son étant soit ouvert (Nord), soit fermé (Centre et Sud).

Les phénomènes ici étudiés sont, en partie, parallèles aux phénomènes étudiés au §44-h.

n) A *-em < l*. -ENE correspond *-ẽ* dans certains endroits de la frontière de Tras-os-Montes et du Minho, et *-êi* ou *-âi* dans le reste du pays: *bẽ* = *bem* = arc. *bẽe < l. bene; bêi* ou *bâi*. Le phénomène que l'on retrouve à la frontière répond bien au phénomène archaïque. Dans le Baixo-Alemtejo et dans l'Algarve, on dit *-êi* en syllabe découverte, et *-ẽ* en syllabe couverte, par ex.: *bêi, bẽ bom*. Même dans les syllabes finales découvertes, j'ai entendu prononcer à Lagos (Algarve) *bẽ* et *tẽ*, avec le même *ẽ* de *tempo*. Dans le reste du pays, il est quelquefois difficile de distinguer *êi* de *âi*, de même que, parallèlement, il est difficile de distinguer *éi* de *âi* (§44-i), la diphtongue orale correspondante.

o) Influence de L: §§39 et 59-d. Influence de *U* postonique: *léuga* = *legua* (*legoa*) au Cadaval.

145 [Assim na 1.^a ed.; o ex. pess. não foi emendado, mas a 2.^a ed. decidiu emendar para *Il est probable que ce phénomène ait*. O orig. port. usava o conjuntivo: *É provavel que este phenomeno tenha*. A trad. franc. dá duas fases: *Il est probable que ce phénomène ait une étendue a dans le Nord une étendue*. Como se vê, foi no decurso desta emenda que o autor passou do conjuntivo para o indicativo. Isso, e a subsequente manutenção da peculiaridade verbal, obrigam a que esta seja respeitada].

146 Dans le *concelho* de Santa Marta de Penaguião, on dit: *ã* (Sanhoane) et *êi* (Alvações). C'est donc là que se trouve une des limites géographiques du phénomène.

147 Dans les régions voisines de *ã*, on peut entendre aussi *ã*, par exemple à Taboço (Beira), et dans les régions voisines de *êi*, on peut entendre également *êi*. A S. Pedro do Sul, on dit *veinto, teimpo*.

O

45. Les phénomènes concernant l'*o* sont en partie analogues à ceux qui concernent l'*e*. L'*o* tonique de la langue littéraire peut être ouvert (*ó*) ou fermé (*ô*); l'*o* de *do*, *no*, etc., se confond avec *u*. L'origine de l'*o* est le latin *Ō, Ȫ, Ȭ*, etc.

a) Sur la frontière du Nord et du Centre, il se produit parfois une confusion entre *ó* et *ô*; on entend là à chaque instant (surtout en Tras-os-Montes), et même un peu dans l'intérieur: *mórro*, *pórco*, *óssso*, *óbo* = ovo. Il semble que sur la frontière, il n'y a qu'une sorte d'*o* tonique, prononcé *ó* ou *ô*. – Dans le reste du pays, on trouve aussi une confusion, mais à l'état sporadique: *alfôrge* à côté d'*alfôrge*; *bólsos* à côté de *bôlsos*.

b) Les habitants du Baixo-Minho emploient la diphtongue *uô* au lieu d'*ô* (soit oral, soit nasal): *puôço*, *cuômo*, *fuônte*, *Báluôngo* = Vallongo. Cette diphtongue est équivalente à *iê* (§44-b). – Dans le *concelho* de Mertola, *ô* et *ó* deviennent *uô*, *uó* (diphtongues) au contact des labiales: *vuóto* = voto, *fuórti* = forte, *fuôgo* = fogo. Il en est de même à Val-Frades (Tras-os-Montes): *puoço*, *muoço*. Cf. §43-d.

c) L'arch. *om* < l. -ONE, mod. *ão*, est devenu *-ôu* dans le Baixo-Minho, dans le Baixo-Douro et dans la partie de la Beira située en face de cette dernière région: *melôu* «melão», *carbôu* «carvão». Ce phénomène, dans sa forme la plus archaïque, a déjà été observé par les anciens grammairiens (§23, etc.). La diphtongue *-ão* de la langue littéraire a été souvent par analogie, dans le Minho, remplacée par *-ôu*, même dans les mots où elle ne lui correspond pas étymologiquement: *côu* «cão» < l. cane-, *pôu* (quelque part *pôuŋe*) «pão» < l. pane-. On dit de même dans le Baixo-Minho: *côu* = l. cum, *bôu* = arc. *bão* < l. bonu-. Sur l'Alto-Minho, je ne possède pas de renseignements bien précis. Dans le reste du pays, prévaut généralement la prononciation de la langue littéraire.

d) Dans le Baixo-Douro, l'*o* nasal et nasalisé est ouvert: *pônte*, *sôno* «somno», *sônhô*. Cf. §44-k [et §40-b]. Dans les régions septentrionales où l'*ô* n'existe pas (§45-a), l'*o* dans ces cas est naturellement aussi ouvert.

e) A *-oj-* de la langue littéraire, correspond *-ôij-* dans le Nord et dans le Centre, et *-ôj-* dans le Sud: *hôije*, *hôje*, dans la langue littéraire *hoje*.

f) Dans les «districtos» de Lisbonne et de Leiria, on dit fréquemment *nume* = nome, peut-être sous l'influence de *nomear* (= numiar). [ex. pess.: (a)nomear: *nume* :: alumear : lume]

g) Influence de l'L: §§39 et 69-b. Influence de l'*i* postonique: *Vitoira* et *Bitóira* = Victoria (partout), *spóira* = *spória* = spora (Estrémadure).

I

46. L'*i* de la langue littéraire provient surtout de l'Ī latin. Il y a peu à dire sur ce son.

a) Dans le «concelho» de Sátão, j'ai entendu prononcer *î* dans *lînhã*, *vînhã*, *fîm*, *mîm*, *jardîm*, cas où il est nasal ou nasalisé. J'y ai entendu: *vuînhô* = vinho (avec une diphtongue). En même temps, j'ai entendu *suisco* = cisco.

b) Influence de L: §59-d.

U

47. L'*u* de la langue littéraire provient surtout de l' \bar{V} latin. Il y a peu à dire sur l'*u*, mais ce peu de chose est important.

Dans une région très vaste, qui s'étend pour le moins de Fundão et Certã (Beira-Baixa) jusqu'à Portalegre (Alto-Alemtejo), et qui comprend quelques territoires de l'Estrémadure (Alvaizere, Paialvo), l'*u* de la langue littéraire devint *ü*: *rüa, müro, düas*. Ensuite le phénomène apparaît dans l'Algarve (Barlavento), où je l'ai observé à Lagos et à Villa-do-Bispo: *üm, lüa, viüva*. Il est probable que l'*ü* existe aussi dans certains endroits compris entre ces zones.¹⁴⁸

2. Voyelles toniques en hiatus

48. J'ai seulement à faire quelques observations sur les groupes vocaliques *ãa* (arch.), *ea*, *oa*, *io*, qui sont les plus importants.

a) A S. Julião (Bragança) on disait autrefois, et encore aujourd'hui les vieillards: *irmãna* = arch. *irmãa* < l. germana-; *lãa* = arch. *lãna* < l. lana-. Cf. dans la même localité *grãnado* = **grãado* (arch.) < l. granatu-; *dobãnar* = **dobãar* (arch.) < > hesp. *devanar* < l. panu-.¹⁴⁹ L'hiatus est donc détruit par l'intercalation de *ŋ*: cf. §42.

b) Le groupe vocalique *ea-*, qui peut provenir du lat. -ENA, -ELA, -EDA, etc., est en général traité dans les dialectes comme la diphtongue *ei* + voyelle (§56-g). Cependant, on peut faire remarquer quelques particularités. La langue littéraire elle-même hésite entre *-ea* (*-êa*) et *-eia*. A Chaves (Tras-os-Montes) j'ai entendu prononcer: *-êa*. Dans le Douro *-êia*, de même qu'aux environs de Lisbonne. En Entre-Douro-e-Minho, dans la Beira-Alta et à Lisbonne, on dit *-éia* (*-âia*). A Serpa et dans quelques autres endroits de l'Alemtejo, j'ai entendu *-ê-ia*. Dans l'Algarve, j'ai entendu tantôt *-êa*, tantôt *-êia*. Exs.: *cêa, céia (çâia), cêia (cê-ia), cêa*.

c) Le groupe *-oa*, qui peut provenir du lat. -ONA, -OLA, du lusitanien -VDA (dans *Coa* < *Cüda*) etc., est d'ordinaire traité comme la diphtongue *ou* + voyelle (§56-e). Mais, de même que pour *ea*, il y a ici aussi certaines particularités. A Chaves (Tras-os-Montes) on dit *-ôa*, par exemple *bôa, abôa* «voa». A Baião (Baixo-Douro) les verbes dans *-oa* se prononcent avec *-ôia*, comme *perdôia* = *perdoa* < l. perdonat; dans les autres cas, on dit *-ôa*, par exemple *bôa, pessôa*. Dans le Nord de Tras-os-Montes (sur la frontière), on dit *sôa* < l. *soia*, féminin de «só». Dans la Beira on dit dans certaines régions *bôa*, dans d'autres *bôua*. Dans le Minho *bôua*. Dans le Sud *bôa*.

148 Ceux qui cherchent les «motivi etnologici delle alterazioni del linguaggio» [G. I. Ascoli, *Una lettera glottologica*, Torino 1881] pourraient trouver ici un appui à leurs théories, en expliquant notre *ü* par le gaulois, d'autant mieux que Strabon, *Géogr.*, III, 1, 6, et Pline, *Nat. Hist.*, IV, 114-116, parlent des *Celtici* dans la région du Tage. Mais ce phénomène ne se produit pas, que je sache, dans le Nord du Portugal, où les Celtes se sont aussi établis. En outre, des phénomènes semblables peuvent avoir des causes différentes. Cf. encore: Thurneysen, *Kelt-romantisches*, Halle 1884, p. 10 suiv.; et Loth, dans les *Annales de Bretagne*, I, 270. [ex. pess.: Meyer-Lübke pöe m¹⁸⁵. duvidas à celticidade: Zs. 35, 244 ss. Import.: Rohlf's in *GRM*, XVIII, 37 ss.].

149 Sur *devanar*, voir M^{me} Carolina Michaëlis de Vasconcellos dans la *Miscellanea Caix-Canello*, p. 124.

d) Le groupe *-io* < l. -IVV, etc. devient *íu* ou *íu* dans le Nord de Tras-os-Montes, par exemple *Riu-Frìu* «Rio-Frio». Dans le «concelho» de Sátão, on dit: *tuíu* = tio. Dans la proclise: *ti'N...* «tio F.» (passim): cf. §42. Sur l'*-io* des prétérits de la III^e conjugaison, voir §56-d.

Les faits que je viens de citer constituent des caractères dialectaux; il y en a d'autres, plus ou moins isolés, comme: *-õua*, qui représente *-ua* (dans les verbes en *-uar*), par exemple *arrecõua* = recúa, de «recuar» (dans le Nord de Tras-os-Montes), *sõua* = sua, de «suar» (Beira), sous le modèle de *magõua*, *magoua* (magoar = maguar); *an*, qui représente *uan* et *oan*, dans *q'ando* = quando (partout) et *consante* «conforme» = consoante (Centre etc.); *á*, qui représente *uá*, dans *q'atro* = quatro (partout); *aié*, qui représente *aé*, dans *Micaiela* = Michaela. – La proclise en offre de même quelques exemples: cf. §42. – Dans les exemples cités plus haut, c'est tantôt la première voyelle du groupe, tantôt la seconde qui est tonique.

3. Voyelles atones qui ne sont pas en hiatus

A

49. a) L'*a* oral initial devient *i* dans *irgola* = **ergola* = argola (Nord). A Povia de Varzim, on dit *æmizade*, *æliêmbro-me*, et en même temps *àbraçar*, *Águôxto*. Cf. §49-c.

b) L'*ã* initial a une tendance à devenir *ê* dans l'Algarve (du moins): *entigamente*, *endar*. Mais dans tout le Sud, dans la Beira et dans le Minho, on trouve des exemples où *ã* est devenu soit *ê*, soit *ĩ*: *Imbrosio* = Ambrosio, *inguiã* < anguila, *emparar*, *empóla*. Madureira dans l'*Orthographia*, 2^e édit., 1739, cite: *imbição* = ambição, *empolheta* = ampulheta, *enzol*, *enguia*, *Ingola* = Angola. Carmelo dans l'*Orthografia*, 1767, cite *Engola* = Angola, *entena* = antenna. Il va sans dire que entre *ã-* et *ĩ-* il y a eu une forme intermédiaire *ê-*; les exemples cités le prouvent: cf. *Ingola* = *Engola* = Angola.

c) L'*a* et *ã* médiaux peuvent devenir *e* par dissimilation: *rezão*, *reção*, *câmera*, *sábedo*, *selada*; Madureira, loc. cit., cite: *baquemarte*, *badelada*, *cadefalso*, *aventajar*. La forme *rezão* se trouve déjà au XVI^e siècle. Ces faits ne constituent pas de caractéristiques dialectales, parce qu'ils appartiennent au langage populaire de tout le pays. Dans le Baixo-Minho on dit *pàgar*, avec *a* ouvert (atone). A Povia de Varzim on observe ceci: tantôt *a* atone devient *æ*, tantôt *à*, par exemple: *caeminho*, *Mæria* (à cause de l'*i* tonique suivant?), et *àcàbar*, *pàceio* (passeio). Dans le Baixo-Douro, *ã* atone peut être ouvert: *càntar*. A Villa-Real (Tras-os-Montes), j'ai entendu prononcer: *pègar*, *kèsaco* = casaco (avec l'*e* un peu ouvert). Dans le Minho, on dit *Famelicõu* = Famalicão, *Frecisco* = Francisco, *Metildes* = Matilde, où l'*a*, par l'influence de l'*i* tonique suivant, se change en *e*.

d) L'*a* final devient quelquefois *-ia*, ex.: *ôndia*, *Ilisia* = Elisa, *iscádia* = escada, formes qui appartiennent au Nord et au Centre. Dans l'Algarve, j'ai entendu prononcer *arrúdia* = arruda. Ces faits ne sont pas très caractéristiques.

e) Le lat. -ANT des verbes est dans la langue archaïque représenté par *-ã* (*-an*, *-am*). Ce trait se maintient aujourd'hui dans quelques endroits de la frontière du Nord, par exemple à Campo-de-Viboras (Tras-os-Montes), où l'on dit *stábã* < l. stabant. Cependant, la même voyelle est représentée par *-ĩ* ou *-êi* à Zeive (Bragance), par

exemple dans *córrĩ* ou *córrēi* < > l. current, *-ábĩ* ou *-ábēi* < > *-abant*. Aussi dans la langue archaïque, on trouve des formes en *-om* < > l. *-ant*, trait conservé à présent dans le dialecte *interamnense*, où l'on dit *erum* et *ero'* = *érom* < > l. *erant*. – Les formes dans *-ĩ*, *-ēi* peuvent s'expliquer par *-ē*, sous l'influence de *-ENT*; et les formes dans *-õ* (*-om*) peuvent s'expliquer par *-VNT* (analogie); *-o'* est une simple dénasalisation de *-õ*, phénomène très fréquent dans le dialecte *interamnense*. – Cf. MORPHOLOGIE (§74-f).

E

50. a) L'*e* atone à l'initiale se prononce *i* dans la langue littéraire (il n'y a que quelques personnes qui, sous l'influence de l'orthographe, prononcent *Êrculano* = Herculano, *êrói* = heroe, au lieu de *Irculano*, *iròi*). Exception faite de quelques endroits de Tras-os-Montes, par exemple Avellanoso, où l'on dit *ei-* (comme en mirandais), on peut établir cette règle: *e-* non suivi de *s* impur est représenté par *i* (comme dans la langue littéraire) dans le Nord, dans le Centre et dans l'Estrémadure Cistagane, et par *ê-* dans l'Estrémadure Transtagane, dans l'Alemtejo et dans l'Algarve; dans les trois premières régions on trouve aussi fréquemment *ĩ* (*in-*, *im-*), par exemple *Inlena* = Helena, *interno* = eterno (peut-être une confusion de préfixe). La combinaison *est-* < l. *ST-* est représentée soit par *st-*, soit par *ist-*: dans le Nord, en général, on n'entend que *st-*, par exemple *strêla*, *strêla* «estrella»; dans la Beira-Alta, que *ist-*, par exemple *istrêla*; dans le reste du pays, il y a hésitation. Faits isolés: *avangelho* (et *invangelho*) = evangelho, *Agito* (et *Ingito*) = Egypto, *cris* = eclipse (aussi arch.).

b) L'*ē* initial a une destinée analogue à celle de *e-* (§50-a): d'une manière générale, on peut dire que *ē-* devient *ĩ-* dans le Nord, dans le Centre et dans l'Estrémadure Cistagane, *ẽ-* plus au Sud; ex.: *intrar*, *entrar* (*êntrar*, *ènttrar*).

c) L'*e* médial peut se changer en *i* sous l'influence des palatales (§69-a). Dans une syllabe initiale, il devient aussi parfois *i*, par exemple *dipois*, *Climente* (cf. 52-c). Par influence de l'*r*, *e* devient *a* (§69-b).

d) L'*ē* médial est représenté par:

- ē-* dans l'Algarve, dans la plus grande partie de l'Alemtejo, et dans une partie de la Beira-Alta (conservation de la forme littéraire);
- ēi-* dans le «concelho» de Baião, à Mesão-Frio, Alvações, Villa-Real;
- ã-* dans le Minho et dans une grande partie de Tras-os-Montes et de la Beira-Alta;
- ĩ-* dans certains endroits du Nord de Tras-os-Montes, dans une partie de la Beira et de l'Alto-Alemtejo, et dans l'Estrémadure;
- ã-* dans l'Alto-Douro.

Exs.: *lembrar*, *leimbrar*, *lẽmbrar*, *limbrar*, *lambrar* «lembrar».

e) L'*e* final devient fréquemment *i*, surtout dans le Sud: voir *Rev. Lusit.*, IV, 30 et 327, et V, 144. On trouve aussi des exemples de ce phénomène en Entre-Douro-e-Minho.

f) L'*ē* final perd en général la nasalisation en Entre-Douro-e-Minho, soit dans les noms, soit dans les verbes, par exemple: *birge* = virgem, *bérte* = vertem. Dans l'Estrémadure, il est représenté par *-ĩ*, dans l'Alemtejo et Algarve, par *-ē* (conservation

de la forme littéraire), dans la Beira, d'ordinaire par *-êi* (*-ãi*): exs.: *bátĩ, bátê, bátêi* (*bátãi*) «batem». En Tras-os-Montes, les verbes offrent dans certaines régions *-ĩ*, dans d'autres *-êi*; les substantifs perdent quelquefois la nasale (*-e*).

O

51. a) L'*o* initial (qui, dans la langue littéraire, se prononce *u-*) est généralement représenté par *ô-* ou *ó-* dans l'Estrémadure, dans la plus grande partie de l'Alemtejo et dans l'Algarve; par *öu-* dans quelques points du Nord de Tras-os-Montes, par *u-* dans le reste du pays. Exs.: *ôrelha, órelha, urelha* (*ureilha*), *öubedecer*. Ce phénomène est parallèle à celui de l'*e-* (§50-a).

b) L'*ô* initial est en règle générale représenté par *õ-* dans l'Algarve et dans l'Alemtejo, et par *ũ-* ou par *õ-* dans le reste du pays: *onzeneiro, unzeneiro*.

c) L'*o* médial, qui en général se prononce *-u-*, peut se changer en *-ə-* par dissimilation: *ameroso*. Il peut subir d'autres changements sporadiques. Devant L: §69-b.

d) L'*ô* médial est représenté par:

<i>-õ-</i> fermé ou demi-ouvert	dans l'Algarve, dans le Baixo-Alemtejo, dans une partie de l'Alto-Alemtejo et dans une partie de la Beira-Alta;
<i>-õ-</i> ouvert	dans le «concelho» de Baião, à Mesão-Frio, et dans d'autres endroits du Nord;
<i>-ũ-</i>	dans l'Alto- et Baixo-Minho, dans une grande partie de Tras-os-Montes et de la Beira-Alta, et dans presque toute l'Estrémadure.

Exs.: *cômprar, còmprar, cumprar*. Il existe un certain parallélisme entre *-ũ-*, d'un côté, et *-õ-*, *-ĩ-* (§50-c), de l'autre.

e) Sur l'*o* final (= *u*) j'ai peu à dire. Dans l'Algarve, dans la région où l'on prononce *ü* (§47), l'*o* (-*u*) se prononce *-ü-*, exemples: *pontü, mudü*; ce son s'entend plus facilement, comme il est naturel, quand on sépare les syllabes: *pon-tü, mu-dü*.

f) Le lat. -VNT dans les verbes est représenté en portugais ancien par *-om*. Dans la langue de Guimarães au XVII^e siècle, on trouve encore dans des mss.: *vierom, despachárom, mandárom*. Aujourd'hui l'*-õ* (= *-om*) se conserve dans une grande partie du Sud, où il alterne avec *-ũ* et avec *-o'* (*-u'*); en Entre-Douro-e-Minho, à Sinfães et à Rêsende, on dit couramment *-o'* (*-u'*). Dans la Beira, de même qu'à Tras-os-Montes, on trouve *-ũ* et *-ão*. Exs.: *forõ, forũ, foro, forão* «foram» < l. *furunt < fuerunt.

I

52. a) L'*i* initial subit le même sort que l'*e* initial (§50-a). Des formes isolées: *potéca* = hypotheca (Vimioso), *tropesia* = hydropisia (Minho), *Zabel* = Isabel (fr. *Isabelle*).

b) L'*ĩ* initial subit aussi le même sort que l'*ê-* (§50-b): *ingrato, engrato*.

c) L'*i* médial au commencement d'un mot se change facilement en *ə* dans l'Algarve: *terar* = tirer, *verar* = virar, *melagre* = milagre. Dans les proparoxytons: *décema* = décima (Sud). Par dissimilation: *vezinho* (aussi arch.), *menistro*, *inemigo* (c'est là la prononciation normale, et non *mi-nis-tro*, *i-ni-mi-go*, qui est une affectation).

d) L'*ĩ* médial se change facilement en *-ẽ-* dans l'Alemtejo et dans l'Algarve: *brençar* = brincar, *prencipio* = principio, *pentar* = pintar. Cf. §52-c.

e) L'*i* final est très rare. Le mot *quasi* < lat. quasi ou *quasie (d'après M. A. Thomas) est représenté par *quaise* (§43-c), *quais*, *quaije*, *aquaijo*, *caijo*, *acaijo*, selon les régions.

f) Dans la langue littéraire *ĩ* atone final n'existe pas.

U

53. a) L'*u* à l'initiale des mots subit le même sort que l'*o*- (§51-a).

b) L'*ũ* initial est représenté par *õ-* dans l'Algarve et dans l'Alemtejo, par *ũ-* (comme dans la langue littéraire) dans le reste du pays: *ontar*, *untar*. Forme sporadique: *imbigo* = umbigo.

c) L'*u* médial, comme l'*o* (§51-c), a une tendance à devenir *-ə-* par dissimilation: *feturo* = futuro.

d) L'*ũ* médial a un sort pareil à celui d'*ũ-* (§53-b): *fondura*, *fundura*.

e) L'*u* final est très rare, et il subit le même sort que l'*o* (§51-e).

f) Dans la langue littéraire, il n'existe pas d'*ũ* atone final.

54. Sur la nasalisation emphatique de toutes les voyelles atones finales, voir §35.

4. Voyelles atones en hiatus

55. Sur ce sujet, il y a peu à noter. La proclise offre quelques exemples de simplification d'un groupe vocalique (§42). Dans *Joquim* = Joaquim, *gardar* = guardar, *Manel* = Manoel, *contia* (déjà dans des mss. des XVI^e et XVII^e siècles du Minho) = quantia, *coresma* = quaresma, *catorze* = quatorze, nous voyons certains groupes de voyelles réduits à des voyelles simples, mais ce sont là des phénomènes généraux. Ces groupes de voyelles peuvent être considérés comme des diphtongues croissantes. Cf. encore: *aduiecer* = adoecer (Estrémadure), dans d'autres régions *aducer*. – Vid. §48-a.

5. Diphtongues toniques et atones

56. Pour simplifier, j'étudie les unes et les autres dans la même section.

a) Diphtongue *au* < l. -ALV, -ADV. Quelquefois l'*a* se labialise. Dans le «concelho» de Mertola, on dit, avec triphongue: *puáu* = pau. L'*au* atone a une tendance à se réduire

à *â* dans l'Alemtejo et Algarve: *âmento* = au(g)mento; le même phénomène s'observe plus ou moins partout, dans certains cas de proclise: *mâ pelo* = mau pelo (où *au* est devant une consonne).

b) Diphtongue *êu*: < l. -EV, EGO, etc. Au «concelho» de Baião l'*e* est ouvert et un peu gutturalisé: *mêu*, *Dêus*. Dans les pronoms *eu*, *meu*, *teu*, *seu*, cette diphtongue se réduit à *ê* (ou *é*) en proclise devant une consonne, dans tout le Sud et dans les régions orientales de la Beira et de Tras-os-Montes, au moins jusqu'à Freixo-de-Espada-à-Cinta (ce phénomène s'observe dans la Beira au moins jusqu'à Mangualde et Carregal-doSal); devant une voyelle, elle devient très rarement *ei*, mais en général elle se maintient, de même que quand elle est finale. Cependant, on récite dans l'Alemtejo ce quatrain populaire:

– Ah câes de Nisa,
Que mataram o nosso Dês (= Deus)!
– Não fomos nós,
Foram os d'Arês!

où la rime montre que la diphtongue se simplifie même à la pause. La voyelle à laquelle la diphtongue se réduit, est d'ordinaire *ê*, mais dans quelques endroits on prononce *e* (Certã, «concelho» de Mertola, Lagos). On m'a dit que dans la région du Barroso, on emploie *mé* ou *mêi* = *meu*, et qu'à Fozcoa et Meirinhos (Moncorvo), on emploie *mei*, mais je n'en suis pas certain. Sur *mei* dans l'ancienne littérature «de cordel», voir *Rev. Lusit.*, IV, 27. Dans le Baixo-Douro et dans la Beira-Alta *meu* peut devenir *mou* en proclise, peut-être sous l'influence de la labiale initiale. Dans le Sud (au moins dans l'Alemtejo), la réduction d'*eu* couvert à *ê* se produit même dans les prétérits: *morrê-le* = morreu-lhe. Dans le Minho, *eu* devient une triphtongue: *iêu* = *eu*, *miêu* = *meu* (§44-b).

c) Diphtongue *êu*: < -ELV, etc. Au moins dans le Baixo-Alemtejo (Alandroal), elle se réduit à *é*,¹⁵⁰ en proclise devant une consonne: *xapé baxo* = chapéu baixo.

d) Diphtongue *iu*. Cette diphtongue, dans la langue littéraire, n'existe que dans les prétérits de la III^e conjugaison: < -iut du latin vulgaire¹⁵¹. Elle est représentée de plusieurs façons dans nos dialectes: par le groupe *io* dans l'Alto- et Baixo-Douro et dans une partie de la Beira; par *i*, en proclise, dans l'Alemtejo (Alandroal); par *-íu* dans la plus grande partie du Portugal. Exs.: *partio*, *parti'-se*, *partíu*. A Oliveira d'Azemeis, soit parce que l'*i* dans cette diphtongue a un son voisin d'*ê*, soit parce qu'il se change réellement en *e*, j'ai trouvé dans un ms. populaire *veu* = *viu*, et en outre *reu* = *riu* (en rime avec *teu*). [ex. *pers.*: Ovi mesmo a gente semi-culta de Oliv. d'Azem. *vêu*, *fugêu*, *partêu* (rimam com *meteu* etc.): analogia com a II].

e) Diphtongue *ou*. Cette diphtongue peut naître de AV, d'une dissolution de consonne (ALT etc.), d'une attraction (*soube* < *sapuit*), d'une syncope de consonne

150 [elle se réduit à *e* – esta é a lição das 1.^a e 2.^a eds., emendada segundo o orig. port.]

151 Cf. *Estudos de philologia mirandesa*, I, 388.

(*vou* < *vado*), de *oi* (*Dôuro* = *Doiro*) etc. Quelle qu'en soit l'origine, cette diphtongue est représentée dans les dialectes par *ôu*, *öu*, *óu*, *ôi*, *ô*, *ó*, *ö*, *uôi*. La diphtongue *ôi* existe plus ou moins dans tout le pays, car elle alterne avec *ou* dans certains mots: *dois* ou *dous*, *oiro* ou *ouro*; il y a cependant quelques mots dans lesquels *oi* est dialectal, et non général, comme *oivir*, *toica* (à Moncorvo). On peut donner ces règles:

- ôu* domine dans une partie de Tras-os-Montes et de la Beira-Alta, dans n'importe quelle position, et dans une partie de la Beira et du Sud, seulement à la fin des mots et devant un mot qui commence par une voyelle;
- öu* domine dans le N. de Tras-os-Montes et peut-être dans une partie de la Beira, et (avec *óu*) en Entre-Douro-e-Minho;
- ô* domine (au milieu des mots) dans une partie de Tras-os-Montes et de la Beira, dans l'Algarve, et dans les régions *estremenhas* et *alemtejanas* qui ne connaissent pas *ö* (au commencement des mots, il peut parfois avoir le son de *ó*). [ex. *pers.*: E temos *ó*: *Róriça*, *Lóridos*].
- ö* domine dans une partie de la Beira-Baixa et de l'Estrémadure et dans le N. de l'Alemtejo, c.-à-d. dans la zone où existe *ü* (§47), l'Algarve excepté, parce que je n'y ai pas encore observé *ö*.
- uôi* se trouve dans le Baixo-Minho dans les mêmes mots où il y a *ôi* (littér.): *cuôibe*, *cuôiro*.

Si nous en faisons un schéma, nous mettrions *öu* dans le Nord de Tras-os-Montes et (avec *óu*) en Entre-Douro-e-Minho; *ö* dans la Beira-Baixa et dans l'Alto Alemtejo; *ô* dans l'Estrémadure, dans le Baixo-Alemtejo et dans l'Algarve; *ôu* dans la Beira-Alta et dans une partie de Tras-os-Montes.

Exs.: *pöuco* (*póuco*), *pöco*, *pôco*, *póuco*. Le point de départ est dans *pouco* (forme littéraire). – Par conséquent:

$$ou (oi) \begin{cases} \ddot{u} (óu), \ddot{o} \\ \hat{u}, \hat{o}, \acute{o} \\ \hat{i}, u\hat{i} \end{cases}$$

Dans les régions de *ô* on peut toutefois entendre encore *ôu* avant les mots qui commencent par une voyelle, ou à la pause, par ex.: *vôu agora vôu*; mais *vô lá*. La réduction de *ôu* à *ô* est déjà ancienne; mais il y a des cas où ces sons alternent, selon l'âge de celui qui parle; ainsi a Carrazeda-d'Aniciães j'ai entendu les vieillards dire *vôu*, *pôuco* (bien qu'avec un *u* très assourdi: *ôu*) et les jeunes gens *ô*. [ex. *pers.*: *lòreiro* tem outra explicação.] À Lisbonne on peut aussi observer les mêmes faits. Cependant, il n'est pas tout à fait rare d'entendre dans le Sud *ô* dans n'importe quelle position. – Ce qui vient d'être dit de *ô* et *ôu* s'applique en partie à *ö* et *öu*.

On voit que la réduction de la diphtongue à une simple voyelle (*ou* > *ô*, *öu* > *ö*) caractérise le Sud et les régions orientales de la Beira et de Tras-os-Montes. Il y a dans ce phénomène une sorte de transition du portugais à l'espagnol, qui n'admet pas *ou*, et le remplace par *o* (esp. *oro*, port. littéraire *ouro*). Il serait intéressant de savoir à quelle époque commença la simplification de la diphtongue. Dans mon *Subdialecto alemtejano*, Elvas 1883, p. 7, j'ai montré qu'au XVIII^e siècle, il y a de nombreux exemples de *o* pour *ou* tonique et atone dans des documents manuscrits. Dans la

Feira d'anexins de Dom Francisco Manoel de Mello (XVII^e siècle), Lisbonne 1875, p. 168, cet auteur fait un jeu de mot avec *osso* et *ouço*, ce qui montre qu'il prononçait *ô* la diphtongue *ou* (ou au moins il prononçait *ou* avec un *u* très assourdi). Dans les apocryphes du Connétable cités au §15, dans ceux du moins qui appartiennent aux XVII-XVIII^e siècles, on trouve, sans aucun doute, *ô* pour *ou*. Mais la simplification peut avoir commencé avant le XVII^e siècle. Cf. §§98 et 158; les dialectes d'outremer fournissent à ce point de vue quelques renseignements: voir les §§98 et 158.

f) Diphtongue *ái*. Provient du latin -ADI-, -ATI-, -AGI-, etc. Dans les dialectes du Sud, elle peut se réduire à *á* en proclise, dans certains cas: *vás* = *vais*, *más* = *mais*. M. José Joaquim Nunes me cite dans l'Algarve *favás* = *favaes*, *pombás* = *pombais*, à ce qu'il semble, à la pause.

g) Diphtongue *ei*. Elle peut provenir de -ARI- (-ARE-) + voyelle, par ex. *eira* = *area*; de la dissolution d'une consonne, par ex. *seis* < *sex*, *eito* < *actu-*; de *ea*, par ex. *cheia* = arch. *chea* < l. *plena-*; de la syncope d'une consonne, par ex. *Recarei* (nom de lieu d'origine germanique) < *Reccarédi*; de AI roman, par ex. *amei* < *ama(u)i*; de l'arabe, par ex. *azeite*; etc. Quelle qu'en soit l'origine, cette diphtongue est dans les dialectes représentée par < *éi* (*ái*), *uéli*, *êi*, *ê*. On peut établir que:

- éi* (*ái*) domine en Entre-Douro-e-Minho, en Tras-os-Montes (presque partout) et dans la Beira (presque partout également), ex. *rêi* (*râi*).
- uéli* existe dans le «concelho» de Sátão.
- ê* devant une consonne, existe dans la partie orientale de Tras-os-Montes (Moncorvo) et dans une partie de la Beira-Baixa; et domine dans tout le Sud, exception faite de quelques endroits voisins de la Beira-Baixa (Alvaiázere), où ce son alterne avec *ei*, et aussi exception faite de Lisbonne, où l'on dit *ái*, par ex. *râi* = *rei*.
- êi* devant une voyelle, existe dans les mêmes régions où existe *ê* devant une consonne.

Dans les régions de *ê*, peut aussi exister *êi* à la fin des mots, mais il est aussi fréquent d'entendre *-ê*. Dans les mêmes régions on trouve parfois *ei* + *t* gingival, par ex. *peito* = *peito* («districto» de Lisbonne etc.). Lorsque dans les régions de *ê* il existe *êi*, l'*i* est très affaibli.

Si nous voulions faire un schéma de tous ces phénomènes, nous mettrions: *éi* (*ái*) dans le Nord, dans le Centre et à Lisbonne, *ê* + cons., *êi* + voy., et *êi* final, dans le Sud.

En ce qui concerne la date à laquelle le phénomène de la simplification commença à s'accomplir, je dirai qu'il y a des faits qui permettent de la faire remonter au XVII^e siècle; mais on pourra encore la reculer. Le phénomène de la réduction de *ei* à *ê* est à peu près parallèle à celui de la simplification de *ou* (§56-e). Nous avons ici également comme une transition entre le portugais et l'espagnol (port. littéraire *primeiro* < > esp. *primero*).

h) Diphtongue *ôi*. Cette diphtongue se confond dans beaucoup de mots de la langue usuelle avec *ou* (Cf. 56-e). Dans le Minho on dit *buôï* = *boi* < l. *boue-*, *fuôï*

= foi < l. fuit, selon le §45-b. Au Fundão: *bôï*, *ôito* < octo. – De la diphtongue *ói* je n’ai rien à dire.

i) Diphtongue *úi*. Quelques mots qui, dans l’ancienne langue, avaient cette diphtongue, et qui ne l’ont plus aujourd’hui dans la langue littéraire, la conservent dans le parler populaire: *truita* < tructa, *fruito* < fructu, *chuiva* (*chuiba*) < pluuvia. Cependant, la tendance à réduire les diphtongues médiales (§37) se manifeste dans le mot populaire du Sud *cudar* = cuidar, où la diphtongue est atone. – La 1^{re} personne sing. du prétérit de *ser* se prononce *foi* dans plusieurs endroits; dans les régions de *ú* (§47) on dit *fúi*. – Quoiqu’on écrive *muito*, on prononce dans la langue littéraire *mũito*; Camões (XVI^e siècle) fait encore rimer *muito* avec *enxuito* et *fruito*. L’ancienne prononciation se conserve, je suppose, dans certains endroits, mais on dit très fréquemment *munto*, à côté de *mũito*.

j) Diphtongue *-ão*. Provient: du lat. -ANV; du port. arch. -om < l. -ONE, -VNT; du port. arch. -ã < l. ANE-, -ANT, etc. Quand elle est tonique, devient une triphthongue au «concelho» de Mértola: *puão* (§43-d). A Campo-de-Viboras (Vimioso), on dit *capitã* (cf. esp. *capitan*), et, si je ne me trompe, *entã* < > port. *então*. – Quand *ão* est atone et médial, il a une tendance à se réduire à *-ã* dans le Sud: *cãzinho* = *cãozinho*; en proclise: *nã quero* = *não quero*. On dit partout: *mancheia*. Cf. en outre: *nãja* (*nanja*) = *não já*. – La diphtongue *ão* finale se réduit à *-o* dans ces mots: *Cristóvo* = *Christovão* (au diminutif: *Cristòvinho*); *Estêvo* = *Estevão*; *orfo* = *orphão*: – on voit que tous ces noms sont originaires des noms en -ANV. Cf. le nom de ville *Faro* = arch. *Fárão*. Déjà Monte Carmelo, *Orthografia*, 1767, p. 20, cite *orfo*, et à côté *orgo* = *órgão*, et d’autres. – Sur *-om* voir §§45-c et 51-f.

k) La diphtongue *-ãi* (*-ãe*) dans *mãi* se prononce avec le *a* ouvert en Entre-Douro-e-Minho (§40-b). L’ancienne forme de ce mot, c.-à-d. *mai*, se conserve dans quelques villages du N. de Tras-os-Montes. – Dans les formes plurielles en *-ães*, le peuple dans plusieurs endroits remplace cette terminaison par *-ões*; par ex. *capitões*; mais ce phénomène est de nature morphologique.

6. Semi-voyelles¹⁵²

57. Il y a peu à dire des semi-voyelles. Dans les mots tels que *ceia*, il peut arriver que dans le langage du Sud (Alemtejo) le *i* forme une syllabe avec la voyelle suivante: *cê-ia* (Cf. *Rev. Lusit.* IV, 23-24), et non *cei-a*, comme dans le Nord. – Dans l’Alemtejo on dit *familha* = familia, continuation moderne du phénomène de *lh* < LI + -semi-voyelle, dans *filha* < l. filia-. A l’Alandroal, *t* et *d* deviennent *ʧ* et *ʤ* dans des cas comme *pençar*, *coçia*: voir *Rev. Lusit.* IV, 24-25. Dans le «districto» de Lisbonne, il est fréquent d’entendre aussi *peito* (§56-g). *Antonio* = Antonio et *Demonho* = Demonio, où la semi-voyelle palatalise l’*n*, se disent partout. [ex. *pe.ss.*: *cando*, *a caijo*, *cantia*, etc.]

152 [No ex. *pe.ss.*, junto a este título o autor anotou, enigmáticamente, «tipo de Brota = abutre»].

7. Consonnes simples

58. Labiales:

a) P: provient de P, -PP- latins, etc.

Il se change en *b* dans *bescoço* (Sud, etc.) = *pescoço*.

b) M: provient de M, -MM- latins, etc.

Dans *borna* = *morna* (Norte, etc.), l'*m* se change en *b* (par dissimilation). Il est fréquent d'entendre *belancia* < > *melancia*.

On dit *Lamede* = **Namede* = *Mamede* (aussi par dissimilation); cf. dans la langue littéraire: *lembrar* < *nembrar* < arch. **membrar* < **mem'rar* < l. *memorare*.

c) B, V: proviennent de B, -P-, -F-, V latins, etc.

Dans la Beira, en Entre-Douro-e-Minho et dans la partie Sud de Tras-os-Montes, on confond d'une manière générale *b* avec *v*, et l'on dit *vom binho*. Dans le Nord de Tras-os-Montes, la règle est de ne pas prononcer *v* et de le remplacer toujours par *b*: *bida* = *vida*, *balente* = *valente*¹⁵³. Dans les autres régions ci-dessus citées, il y a plus de tendance à changer le *v* en *b* que le *b* en *v*. – C'est là un caractère dialectal très important. Ces phénomènes s'observent au moins jusqu'à Alvaiázere et à Arnal (Leiria); ils sont étrangers à la plus grande partie du Sud. A Barrancos (Alemtejo) et à Villa-Real (Algarve), on trouve aussi la même confusion de *b* avec *v*, par influence de l'espagnol, qui se parle dans le voisinage de ces localités; en espagnol, comme on sait, il n'existe pas aujourd'hui de *v*. – Nos anciens grammairiens (§§23 et 24) mentionnent déjà cette particularité phonétique.

Changements sporadiques: de *b*, par ex. dans *matata* = *batata* (Alto-Minho), *manifrate* = *bonifrate* (Madureira, *Orthogr. port.*, 2^e édit., p. 222), *moncra* = *boneca* (id. *ibid.*; très usité), *pofetada* = *bofetada* (Elvas, etc.); de *v*, par ex. dans *gomitar* = *vomitar*, *Demioso* = *Vimioso* (Tras-os-Montes), *Ade-Maria* = *Ave-Maria*, *troufe* = *trouve* «trouxe» (Minho), *coufe* = *couve* (Minho)¹⁵⁴.

Dans les provinces du Sud, il semble que le *v* se prononce en serrant davantage les lèvres.

d) Sur l'*F* je n'ai rien à dire.

59. Linguales:

a) T: provient de T, -TT- latins, etc.

Au Minho, on dit *S. Trocade* = *S. Torquato* (dissimil.?).

Sur le *t*, voir §§56-g et 57.

b) D: provient de D, -T- latins, etc.

Sur le *d*, voir §57.

153 Voir sur ce phénomène mes *Estudos de Philologia mirandesa*, I, 193.

154 *Demioso* et *Ade-Maria* s'expliquent très bien par dissimilation: *v - m > d - m*. Dans *coufe* et *troufe*, au lieu de *couve* et *trouve*, où le *v* est après la diphtongue *ou*, on peut voir aussi un phénomène du même genre.

c) N: provient de N, -NN- latins, etc.

N se change en *l*, dans *linho* = *ninho* (dissimil.). Près de la Serra-da-Estrella, on dit *loiva* = *noiva*.

Sur *nh* = *n* + semi-voyelle, voir §57.

d) L: provient de L, -LL- latins, etc.

A la pause, *-l* reçoit en général un *e* (*i*) ou *a* d'appui, par ex. *sóle* (N. et Centre), *sóli* (Sud), *sóla* (Alemtejo) «sol». L'*l* intervocalique est quelquefois redoublée, et par ce fait la première *l* se gutturalise: *salla* (Centre, etc.).

Dans le Minho, et surtout dans le Baixo-Minho, l'*l* se change en *r*, avec le dégagement d'un *u*, lorsqu'il n'existe pas déjà un *u* ou un *o* devant l'*l*:

al > *áur*: par ex. *áurma* = *alma*, *áurdeia* = *aldeia*;

el > *éur*: par ex. *réurba* = *relva*;

il > *íur*: par ex. *síurba* = *silva*;

ol > *uôr*: par ex. *cuôrmo* = *colmo* (§45-b);

ul > *ur*: par ex. *úrtemo* = *último*, *surdado* = *suldado* (§41-c).

Il faut faire à ce propos quelques remarques. A la fin des mots, le changement s'observe rarement (ex. *azur* = *azul*), parce que *-l* devient *-le*, comme il vient d'être dit; *áur*, *éur*, *íur* ont d'abord passé par la phase intermédiaire *ául*, *éul*, *íul* (cf. *Estudos de philolog. mir.*, I, 456), ex. *áuldeia*, qui peut encore s'entendre aujourd'hui; les mêmes syllabes peuvent se réduire à *ar*, *er*, *ir*, ex. *carcar* = *calcar*, *Ansermo* = *Anselmo*; *a*, *e*, *i* sont gutturalisés, et l'*a* est gutturalisé et labialisé: ainsi *carcar* se prononce presque comme *côrcar*, et *auldeia* presque comme *ourdeia*. À la rigueur, on pourrait dire que *úrtemo* est au lieu de **úurtemo*. – Ce phénomène est peut-être postérieur au XVII^e siècle, parce que je ne le trouve pas reproduit dans les églogues de Faria e Sousa (§14).

Changements sporadiques de l'*l*: *desnocar* = *deslocar*, *S. Neutel*¹⁵⁵ = *S. Eleutherio*. – Cf. §65.

e) Ç, Z, S: proviennent de CE, CI, S, SS, RS latins, etc.

Sur la frontière d'Entre-Douro-e-Minho, de Tras-os-Montes et de la Beira, et même dans quelques endroits de l'intérieur du pays l'ancienne distinction se maintient entre ç – z et s – f¹⁵⁶ initiaux et intervocaliques: ex. *paço* – *passo*, *cozer* – *coser* (= *cofer*). Dans les autres localités des provinces ci-dessus mentionnées, exception faite de Porto, Lamego et autres villes importantes, ç et s ont été remplacés respectivement par s (ss) et f (-s-) dans les conditions indiquées: ex. *cassa* = *caça*, *sinco* = *cinco*, *sento* = *cento*, *diser* ou *deser* = *dizer*. Dans le Sud du Portugal et dans les villes que je viens de mentionner, s et f (-s-), dans les mêmes conditions, ont été remplacés respectivement par ç et z: ex. *póço* = *posso*, *ceis* = *seis*, *cim* = *sim*, *roza* = *rosa*. Comme on le voit, les sons ont été uniformisés. – Devant une consonne sourde, et à la fin des mots, on prononce généralement s affaibli, dans le Centre et dans le Nord (exception faite des frontières), et x dans le Sud; devant une consonne sonore, on

155 Nom d'un fortin à Chaves. Voir: Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, II, 284.

156 f = -s- sonore [s intervocalique dans la graphie usuelle].

prononce *f*, dans le Centre et dans le Nord (exception faite aussi des frontières), et *j* dans le Sud: ex. *lus, testo, mefmo; lux, texto, mejmo*. Sur les frontières du Nord et du Centre, le *z* garde son ancienne valeur de *-ç*: ex. *luç = luz*. Je n'entre pas ici dans plus de détails, par exemple sur la distinction entre le *ç* de Lisbonne et celui de Porto, et sur l'indication précise des limites de ces phénomènes. Résumé schématique:

<i>s - f</i>	}	sur les frontières d'Entre-Douro-e-Minho, de Tras-os-Montes e de la Beira;
<i>ç - z</i>		
<i>s = ç</i>	}	dans le reste des provinces ci-dessus mentionnées;
<i>f = z</i>		
<i>ç = s</i>	}	dans le Sud du Portugal.
<i>z = f</i>		

A peu près jusqu'au XVI^e siècle, la distinction se maintenait encore dans la prononciation littéraire entre *s - f* et *ç - z*; aujourd'hui, elle n'existe que dans l'écriture. Les personnes instruites prononcent *ç* (*z*) ou *s* (*f*), selon leurs lieux de naissance. – Sur *-s* devant *x, j*, dans le Sud, voir §64.

Dans le Nord, l'*f* se change en *j* entre un *i* oral et une voyelle [ex. *pess.*: (sobretudo *e, i*)], et l'*s* se change en *x* entre un *i* oral ou nasal et une voyelle, dans certains mots: *quijer* = quiser, *Jabel* = Ijabel = Isabel, *inxinar* = ensinar, *dixe* = disse. [ex. *pess.*: *bejitas, in xima* = em cima].

Dans l'Estrémadure, il est fréquent de remplacer *-s* d'une syllabe atone (en proclise) devant une consonne sonore (surtout *d*) par *r*: *ór domingos* = aos domingos, *máir dinheiro* = mais dinheiro, *or dedos* = os dedos, *mermo* = mesmo.¹⁵⁷

Dans la prononciation courante *-s* (*-z*) se perd devant *r* (= *rr*), exemple: *o' reis* = os reis, *dé' reis* = dez reis (on dit par affectation *dezz reis*). On dit aussi *o' jarros* = os jarros, *a' xaves* = as chaves, à cause de la valeur de l'*s* (voir ci-dessus). Dans le Sud: *xêxo* = *sêxo* = seixo, *Xanxa* = *Sanxa* = Sancha. Nous avons là des phénomènes d'assimilation (absorption). – Cf. §42.

f) R, RR: proviennent de R, RR lat., etc. En proclise, l'*r* final disparaît devant une consonne dans la prononciation négligée, du moins dans le Centre et dans le Nord (cf. §42): *comprá' caro, po' teu pé, se não fô' muito tarde* [ex. *pess.*: *-r > -l*: *Xavie[l]*]. L'*r* final à la pause reçoit une voyelle d'appui, *-e, -i* (*-i*), *-a*, comme l'*l* (§66): *máre, mári, mára* «mar». L'*r* se dissimile fréquemment dans le parler populaire: *ralo* = raro (forme aussi archaïque), *propio* = proprio (cf. esp. *propio*). Dans *Ancola* = Ancora (Minho), l'*r* s'est changé en *l*, parce qu'il était dans la syllabe finale d'un proparoxyton: cf. §63. – Dans la prononciation des habitants de Setubal, comme il a été dit au §38, il y a une R grasseyée qui correspond soit à l'*r* «lenis», soit à l'*r* fort (*rr*) de la langue littéraire, exemple: *andaR, tRás, demoRasse, foRa*. Ce n'est pas seulement le vulgaire qui prononce cette R, mais aussi les personnes instruites.

157 Il se produit quelque chose de semblable en provençal: *Deurde* = Deus dedit, *irla* = isla, *acermar* = acesmar, *almorna* = almosna. Par exception, je fais un rapprochement avec une langue étrangère, parce qu'il me semble que ce phénomène n'est pas fréquent. [ex. *pess.*: «Thèse de Paris sur l'S en fr.»].

60. Palatales:

a) CH et X: proviennent de CL-, PL-, SS + y.

L'ancienne distinction entre *ch* et *x*, encore aujourd'hui conservée par l'orthographe, se maintient dans ces régions: Tras-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho (exception faite de quelques endroits où l'on remplace *x* par *ch*), Beira (jusqu'à Figueira-da-Foz); ce fait s'observe même dans les localités du Sud voisines du Centre, par ex. à Alvaiázere, où il semble que se termine l'aire de la distinction. Exs.: *chamar*, *coxear*. Dans tout le Sud, *ch* a été généralement remplacé par *x*, qui a passé à la langue littéraire; ex. *xamar* = *chamar*: cela arrive au moins dès le XVIII^e siècle (§25). A Villa-do-Conde *x* est remplacé par *ch*, par ex.: *baicho* = *baixo*, *caicha* = *caixa*, *faicha* = *faixa* (*faxa*), *cuoicho* = *coixo* (*coxo*): phénomène vraiment remarquable, mais pas du tout surprenant, parce que l'on constate un échange semblable entre *s* et *ç* (§59-e). – Résumé schématique:

ch – x dans la Beira, en Tras-os-Montes, et dans presque tout Entre-Douro-e-Minho;

ch = x dans la Borda-d'Agoa (Villa-do-Conde);

x = ch dans le Sud.

Sur *x* = *tx*, voir §62. – L'*x* de l'Alemtejo, etc. n'est pas celui du Nord; il est plus voisin du *ch* français.

b) J: provient de I, S + I-semi-voyelle, etc.

Par dissimilation, *j* devient *z* dans *Jorze* = *Jorge* (Estrémadure).

Le *j* du Sud est plus voisin du *j* français que celui du Nord. Nous avons vu qu'il en est de même de l'*x*.

c) Sur NH et LH, je n'ai rien à dire.

d) C (Q), G: proviennent de -C, -CC-, -C-, G latins, etc. – Dans les proparoxytons, *c*, entre deux voyelles, dont la seconde n'est pas *e* ou *i*, se change en -g- dans plusieurs mots: *rústego* = *rustico*, *viátego* = *viatico*, *sismátigo* = *scismatico*, *gramátigo* = *grammatico*, *irtego* = **irteco* «*hirto*». Ce phénomène, qui est la reproduction anachronique de ce qui est arrivé dans le passage du latin au portugais (cf. -ago < -aticu-, *amigo* < *amicu*-) se manifeste dans des mots d'origine littéraire avec la terminaison ou le suffixe -ico. Ces exemples appartiennent à toutes les provinces.¹⁵⁸ – Changements sporadiques de *c* en *g*: *Santa-Guiteria* = *Santa Quiteria* (Minho); *garapau* = *carapau* (Madureira, *Orthogr.*, p. 230).

A Carrazeda d'Anciães, j'ai entendu prononcer le *g* un peu palatalisé dans le mot *rapariga*, où le voisinage de l'*i* a donné lieu au phénomène.

61. De ce qui vient d'être dit sur les consonnes simples, il résulte que dans le langage populaire il n'y a d'altérations profondes et étendues, en ce qui concerne les

158 Un mot de cette espèce, *cónego* [arch. *coonigo*] < l. *canonicu*-, qui est évidemment d'origine ecclésiastique (s'il était d'origine populaire, l'-n- ne se serait pas conservée), est passé dans la langue littéraire.

sons qui sont représentés dans le langage littéraire, que dans B-V, CH-X, S-*f*, Ç-Z, -S, -R, AL, EL, IL, OL, VL et -C- dans des proparoxytons. Les autres changements ou sont limités, ou sporadiques.

8. Groupes de consonnes

62. Il y a peu d'altérations importantes dans les groupes de consonnes.

Dans M'R on intercale *b*, l'*m* se transformant en une résonance nasale: *numero* = num(e)ro, *cambra* = cam(e)ra (dans tout le pays).

A Alandroal, T'X (où l'*x* provient de -s) devient *ch*: *parch* = partx = part(e)s: voir *Rev. Lusit.*, IV, 22, 25-26.

A Cadaval, on dit *Imurozio* = *Imbrosio* = Ambrosio, avec l'intercalation d'un *u*, le *b* ayant été absorbé par la nasale qui précède, de même que dans les mots très usités partout *tamém* = tambem, *imora* = embora.

Des expressions telles que *Santo-Tisso* = Santo Thyrso (Minho), *cramar* = clamar (Minho), *prantar* = plantar «pôt» (Beira, etc.), *dino* = digno, appartiennent aussi au langage archaïque.

Dans *tropesia* = hydropisia (forme d'origine littéraire) nous avons *tr* au lieu de *DR* (cf. §67).

Dans *Costantino* = Constantino (passim) il n'y a pas, à proprement parler, un groupe, parce que l'*n* sert à nasaliser l'*o*: il y a là une dénasalisation.

Dans *têlro* = tenro (Sud) il n'y a pas non plus un groupe, mais une voyelle nasale suivie d'*r* (*rr*): voir §66.

Dans *felor* = flor, *gueloria* = gloria, *pelantar* = plantar, les groupes FL, GL, PL sont détruits par l'intercalation d'un *e*.

Dans les groupes ST, SP, l'*s* disparaît dans ces mots (Estrémadure surtout), en proclise: *tá* = *stá* = *está*, *péra* = *spera* = *espera*; sur d'autres cas de liaison d'*s* avec une consonne, voir §59-e.

On peut donc établir en résumé: que dans le langage populaire les groupes qui sont représentés dans le langage littéraire ne souffrent pas d'altérations profondes, et que leurs éléments se conservent en général; il n'y a, pour ainsi dire, qu'un léger adoucissement de certaines syllabes plus difficiles à prononcer. Rien n'existe de semblable, par exemple, au changement de FL- lat. en *ch*- dans des mots comme *Chaves* < (Aquis) Flaviis (où nous avons en même temps un exemple de la conservation de l'ablatif pluriel).

9. Phénomènes phonétiques généraux

63. Accent. L'accent a une grande influence sur la destinée des voyelles, comme nous l'avons vu. Dans le langage du Sud, l'action de l'accent se fait sentir d'une manière remarquable dans les proparoxytons, qui se réduisent à des paroxytons: *paciença* = *paciencia*, *côida* = *côdia* = *codea*, *tauba* = *taboa*. Le même phénomène se trouve aussi, mais à l'état sporadique, dans le Nord et dans le Centre. – Sur d'autres influences de l'accent, voir §§57, 59-e et 60-d. – Les déplacements sont rares: *pessêgo* au lieu de *pêssego* < (malum) Persicu-, par influence de *pessegueiro*, selon le modèle qu'on trouve dans *abrunho* – *abrunheiro* (Beira-Alta).

64. Assimilation et absorption. Les phénomènes de ce genre sont très nombreux dans le langage populaire de tout le pays: *amos de dois* = ambos de dois (§62).¹⁵⁹ Les exemples qui suivent ont un caractère dialectal plus marqué: *doi 'xacos* = dois sacos = dois sacos (Sud); *metí-nas* = metínas = *metílas «metti-as». L'absorption qui se serait fatalement produite dans des expressions telles que *as xavex, os jarrox*, et qui réellement s'est produite dans la plupart de nos parlers, on l'évite à Alandroal en donnant à l'*s* la valeur d'*s* initiale, c.-à-d., de *ç*: *aç xavex*, et devant une sonore: *ozz jarrox*. A Chaves on dit *anindastes* = *andindastes* = aonde andastes, par assimilation du *d* à la nasale qui précède, comme dans le mot archaïque *tanaginha* = *tã d'aginha*; dans l'Estrémadure, *inàgora* = inda agora. – Cf. §59-e.

65. Dissimilation. J'ai déjà parlé de la dissimilation aux §§49-c, 51-c, 52-c, 53-c. On trouve des phénomènes de dissimilation dans le langage de tout le pays: *nadrilho* = ladrilho (Avis); *questume* = costume, *c'ruja* = *queruja* = coruja (formule: *e – ú = u (o) – ú*); *Bernaldo* = Bernardo (Beira-Baixa); *frol* = arch. *fror* (Tras-os-Montes), *cramol* = arch. *cramor* (Minho).

66. Addition de sons. On peut ajouter des sons au commencement, au milieu et à la fin des mots.

a) La prothèse d'un *a* est un phénomène très fréquent dans le langage de tout le pays [ex. *pess.*: *suarabhacti*], par ex. *alembrar, arrã* «rã», *alinterna* «lanterna», *arreceber* «receber» (surtout devant *l* et *r*); mais dans l'Alemtejo (Alandroal), ce phénomène a une grande extension: *abomba* = bomba, *axumaço* = chumaço.

b) Epenthèse d'*l* entre voyelle nasale et *r* (Sud): *gêlro* = *genro*, *ôlra* = *honra* (cf. fr. *gendre*, esp. arch. *ondra*). J'ai remarqué aussi ce phénomène près de Bragança. – Cf. §62. – Faits isolés: *dugas* = *duas* (Mangualde: Beira-Alta),¹⁶⁰ *belanciga* = *melancia* (Beira). D'autres exemples aux §§42, 48-a, etc.

c) Paragoge. Il y a quelques faits très intéressants. [ex. *pess.*: *condes* sing. (vulg.), *duques* sing. (em um romance de Baião)]. Addition de *η* à une syllabe nasale: *jardîη* = *jardim* («concelho» de Satão: Beira-Alta); de *a* après *-l, -r*: *alguidára* = *alguidar, mara* = *mar* (Mertola, Serpa: Baixo-Alemtejo), *anela* = *anel* (Serpa); de *-e, -i*, voir §§59-d, 59-e; de *i* après *-é*: *péi* (pé-i) = *pé* (Sud); de *u* après *-ó*: *póu* (pó-u) = *pó* (Mertola).

Sur les diphtongues et triptongues, voir §§43-46, 48, 69-a, etc.

[ex. *pess.*: Hiatus, §42].

67. Suppression de sons. Cf. §63. On trouve, dans le parler de tout le pays, des cas isolés de suppression de sons. Au Sud: *ôlvál* = *olival*, *mê'-dia* = *meio dia*, *val* = *val(e)* = *valle*. *Tresa* = *Theresa* s'est produit d'autant plus facilement que le groupe *tr* est d'un usage très général. Sur les dénasalisations finales, voir §§51-f et 50-b. Sur

159 Cet exemple rappelle le phénomène qui s'observe dans l'irlandais *imm* < gaul. *ambi-*; cf. picard *game* < *gamba*, anc. esp. *amos*.

160 Cf. catal. *dugas*, gasc. *dibos*, béarn. *dibes*.

Costantino, §62. Font partie de cette section, en général, les noms hypocoristiques, tels que: *Nel* = Manoel, *Zé* = José, *Quim* = Joaquim. Cf. *Zabel* ou *Jabel* (§59-e), *Delaide* = Adelaide. Dans le langage des enfants: *Lulú* (Lu-Lu) = Luís, *Lèlé* (Lé-Lé) = Helena, *Mimi* (Mi-Mi) = Herminia, *titi* (ti-ti) = tia, *bóbó* (bó-bó) = abó = avó.

68. Métathèse. Cf. §63. On dit partout *probe* = pobre; dans quelques endroits on dit *vrido* = vidro; à la p. 33, n., j'ai cité *vir dacero* = *vidracêro* = *vidraceiro*, mot qui appartient au langage du Sud.

69. Influence réciproque des sons les uns sur les autres: J'en ai déjà cité quelques exemples dans le cours de ce livre, mais il convient, pour plus de clarté, de les grouper ici.

a) **Sons palataux.** Les sons palataux exercent une grande influence sur les voyelles, soit atones, soit toniques, en les modifiant de plusieurs façons. Il y a, à ce propos, quelques différences entre le Nord et le Centre, d'un côté, et le Sud, de l'autre. *Fichar* = *fechar*, *tilhado* = *telhado*, *sinhor* = *senhor* appartiennent à tout le pays; *pexinho* (*pixinho*) = *peixinho* appartient au Sud. Les diphtongues qui dans le Nord et dans le Centre existent dans *caixa*, *baixo*, *loija*, *beijo*, *ãijo* = *anjo*, *gãicho* = *gancho*, *fêichão* = *fecham* (de *fechar*), *grãija* = *granja*, *frãija* = *franja*, *foige* = *foge*, *Teijo* = *Tejo*, n'existent pas dans le Sud, où l'on dit: *cáxa*, *báxo*, *lója*, *bêjo* (et *bâjo*), *frâja*, *gãxo*, etc. Cf. §§43-f, 45-c; et voir aussi §§44-g (-*eilh-* <> -*elh-*), 44-h (-*eih-* <> -*enh-*).

b) **Sons linguaux.** Les principales influences des sons linguaux ont été déjà indiquées: §59-d (AL, EL, IL, etc.); §39 (gutturalisation); §56-g (*ei* dans *peito*). Je pourrai ajouter d'autres faits. L'*o* atone devant *l* se prononce *ô* dans le Sud, *u* dans le Centre et dans le Nord (§41-c): *sôldado*, *suldado*; dans le Minho, on dit *surdado*, selon cette loi, combinée avec celle du §59-d. Dans l'Alto-Minho, on prononce *âlqueire*, tandis que la prononciation normale est *alqueire*. Quelquefois encore, par l'influence de l'*l*, l'*e* atone se change en *a*: *baldroega* (Madureira, *Orthogr. port.*, 2^e éd., p. 219). Il y a une influence semblable de l'*r* (*rr*) dans *barboleta* = **berboleta* = *borboleta*, *sarrar* = *serrar*, *amaricano* = *americano*.

c) **Sons labiaux.** On trouve partout, à l'état sporadique, des exemples d'influence des consonnes labiales dans les voyelles atones: *sumana* = *semana*. Il y a cependant quelques particularités, qui ont été signalées aux §§43-b, 44-f, etc. Dans l'Estrémadure (Cadaval, Obidos, etc.) on peut donner comme règle générale que l'*e* atone se change toujours en *u* au contact des labiales: *purder* = *perder*, *Vurgilo* = *Vergilio*; cf. aussi *Rev. Lusit.*, IV, 34 (Alandroal).

d) **Sons nasaux.** Voir §§40, 44-k, 45-d, etc.

II. - Morphologie

1. Noms

70. J'étudierai successivement la formation du pluriel, le genre des noms, la formation des augmentatifs et des diminutifs, et les degrés de comparaison.

a) **Formation du pluriel.** Dans les noms terminés par *-ão*, il y a plusieurs hésitations. A Elvas, on dit *scribões* «*escrivães*»; dans un ms. du XVII^e siècle provenant de la même ville, j'ai trouvé *tecelães* «*tecelões*». Dans le Minho, on dit *mações* «*maços*». Des pluriels comme *capitões* «*capitães*», appartiennent plus ou moins à tout le pays. A Campo de VÍboras (N. de Tras-os-Montes), on dit *irmães* «*irmãos*» («*dois irmães*»). Les uns et les autres sont analogiques. Dans quelques localités, les noms en *-al*, *-el*, *-il*, *-ol*, *-ul*, qui, selon le §59, reçoivent une voyelle d'appui, forment le pluriel régulièrement: *animales*, *aneles* (Chaves: N. de Tras-os-Montes): voir *Rev. Lusit.*, III, 60; dans le langage littéraire *-ais*, *-eis*, etc. Aux hésitations de *ó*, *ô*, au singulier, correspondent des hésitations pareilles au pluriel: §45. A l'Alandroal (Alto-Alemtejo¹⁶¹), on dit *devôtos* «*devôtos*». Dans tout le pays on dit, plus ou moins: *péses* «*pés*», *póses* «*pós*»; le P^e Torquato Peixoto dans ses *Memorias de Guimarães*, p. 490, emploie *javalises* «*javalis*»: cf. Meyer-Lübke, *Gram. der rom. Sprachen*, II, §42. A Guimarães, on dit: *duas bês* = *duas vezes*. Dans l'Estrémadure: *vâes* «*valles*», parce qu'au singulier on dit *val* (§67). [ex. *pess.*: Arc. *alvarães*, pl. de *alvará*].

b) **Genre des noms.** Certains noms en *-a*, qui dans le langage littéraire sont masculins, sont féminins dans le langage populaire, en vertu de la tendance à mettre d'accord la terminaison avec le genre: *uma sistema* «*um systema*». ¹⁶² Le féminin de *pardal* est *pardaloca* (Alandroal, etc.), et celui de *melro* est *melroa* < l. *merula*, ou *merla*, selon les localités. Sur la frontière de Tras-os-Montes, on emploie les anciens féminins *abòa* < l. **avola* <> *aviõla*, et *sòa* (adjectif) < l. *sola* (dans le langage littéraire: *só*, des deux genres, et *avó*, f.). L'ancien adjectif *bõa* < l. *bona* est encore très usité dans le langage de tout le pays. Dans le Minho, on dit *lavradeira* comme féminin de *lavrador*: il y a là, à proprement parler, un changement de suffixes (*-eira* pour *-ôra*). D'après l'analogie avec les noms en *-ôa*, fém. de noms en *-ão*, le peuple peut dire *barõa* «*baronesa*». Dans le langage populaire *fim* est du genre féminin (comme dans le portugais archaïque) dans la phrase pétrifiée: *a fim do mundo*: l. *fine-* (masc. et fém.: cf. fr. *la fin*, prov. arc. *la fin*, *la fi*). [ex. *pess.*: *o febre* (Baião, Mondim)].

c) **Augmentatif et diminutif.** Sur l'augmentatif, il n'y a rien d'important à dire. Dans les diminutifs il faut remarquer: *fontezinha* (Tras-os-Montes) = *fonte-z-inha* «*fontinha*», *côpezinho* «*copinho*» («*districto*» de Leiria, etc.). A Guimarães etc., on emploie le suffixe *-ico*: *ventico*, *saiica*; à Cadaval (Estrémadure), le suff. *-éco*: *couzéca*,

161 [Baixo-Alemtejo na 1.^a ed., erro emendado no ex. *pess.*].

162 Cf. en provençal: *la propheta* et *la papa* «le Pape», qui sont aussi du genre féminin, par une raison semblable. [ex. *pess.*: «fr. arc. *la Pape*, *amulette*»].

caxéco (de *cacho*). Dans la prononciation des diminutifs, il y a quelques différences entre le Sud et le reste du pays: dans le Sud, on dit, selon le §41-c, *pædrinha*, *nutinha* (de *nota*); dans le Centre et dans le Nord: *pèdrinha*, *nòtinha*, d'après *pédra*, *nóta*.

d) **Degrés de comparaison.** On dit fréquemment: *mais grande* «maior», *mais pequeno* «menor», et même *mais maior*. Dans le Minho *maor*. Superlatif double: *grandessissimo* (cf. *Estudos de philologia mir.*, I, 345). Le peuple a peu de tendance à employer des comparatifs et superlatifs qui ne soient pas périphrastiques, c'est-à-dire formés avec *mais*, *menos*, *tão*. Dans la Beira, on dit *grandôrrô* = *grand-orro*, au sens de «muito grande».

2. Noms de nombre

71. Je considérerai les cardinaux et les ordinaux.

a) Cardinaux.

ũa, très fréquent (= arc. *ũa*); *ũa* dans le Nord, «uma» < l. una-.

dugas, dans le «concelho» de Mangualde (§66) < lat. duas par l'intermédiaire de **duwas* = *duuas*.

catro = quatro (§48) < l. v. quattro = quattuor.

[ex. pess.: *cinkio* (šinkio) = 5 (Barrô), como *brinkio* = brinco].

óito dans le Centre et dans le Nord; *ôito* dans le Sud. Les personnes instruites disent *ôito* ou *óito*, selon leurs lieux de naissance. La forme *ôito* < l. ôcto est la normale (cf. *biscôito* < l. bis + cōctū-); *óito* s'est produit par l'influence de *dezóito* (littéraire, et aussi dans la plus grande partie du domaine populaire) = *dezaóito* (archaïque): *aô* = *ó*.

[ex. pess.: *trêuze* = treze. Lagenas do Mondego].

catorze = *quatorze* < lat. quattuordecim (§55). Dans tout le pays.

dezóito = dezóito (Alvaiázere), par influence de *ôito*. C'est le phénomène inverse de celui qui s'est produit dans *óito* (influence de *dezóito*), au lieu de *ôito*.

vinta um, *vinta dois*, etc. «vinte e um», etc. Fréquent dans l'Alemtejo, etc. On trouve cette forme déjà dans des mss. d'Elvas du XVII^e siècle. Gil Vicente (XVI^e siècle) a aussi *vinta tres*. Le *a* de *vinta* résulte de l'analogie avec le *a* de *dezanove* = deza-nove, arch. *dezaioito* = deza-oito, *dezasete* = deza-sete, *dezaseis* = deza-seis, qui sont les nombres immédiatement inférieurs à *vinte*. On pourrait aussi penser à l'*a* de *trinta*, *quarenta*, etc., nombres immédiatement supérieurs; mais, comme on dit *trinta e um*, *trinta e dois*, et non pas *trinta um*, *trinta dois*, tandis que l'on dit *vinta um*, sans *e*, il me semble que la première explication est la vraie. [ex. pess.: Não se diz *vinta* porque também não se diz *deza*; o -a só aparece na junção].

corenta = quarenta (§55). Fréquent dans tout le pays. On pourra entendre aussi *carenta*.

Ces formes sont les seules qui ont besoin d'une explication particulière. Je laisse donc de côté celles qui obéissent à la phonétique générale, comme *binte* dans les régions de B = V (§58-c), *dés* dans les régions de -s = -z (§59-e), *uônze* dans la région de *uô* (§45-b), et encore d'autres.

Dans la liaison de *ambos* avec *dois*, on dit *ambos a dois* et *ambos e dois* (cf. *Estudos de philol. mir.*, I, 350), et dans l'Estrémadure *ambordois* (= amburdois), *amordois* (= amurdois), *amerdois* (= amærdois): cf. §59-e.¹⁶³

b) Ordinaux.

Dans *primeiro*, le premier *i* se change en *e* (§52-c) ou en *u* (§69-b): *premeiro*, *prumeiro*; en outre, dans les régions de *ê* = *ei* (§56-g), nous avons: *premêro*, *prumêro*, observation qui doit s'appliquer aussi à toutes les formes populaires qui correspondent à des formes littéraires où il y a *ei*, par ex. *tercêro* = *terceiro*.

En général, le peuple fait un usage modéré des ordinaux, à l'exception des premiers de la série et de ceux qui entrent dans des expressions pétrifiées, telles que *sesta-feira*, qui dans le Nord se prononce parfois *sta-feira* = *s(e)sta feira*. Dans la région de *iê* = *ê* (§44-b), nous avons *ciênto* = *cento*.

3. Pronoms (et articles)

72. Pour abrégé, j'étudierai dans la même section les pronoms et les articles.

a) **Pronoms personnels.** Selon les régions, nous avons pour la 1^{re} personne *eu*, *ê*, *êu*, *iêu* (§56-b). Sur *ei* (*ey*), voir *Rev. Lusit.*, IV, 27. – Au lieu de *mim*, on peut parfois entendre *mi* sur la frontière de Tras-os-Montes (*mi* est une forme archaïque, < l. *mi* = *mihi*; la forme moderne *mim*, aussi littéraire que populaire, provient de *mi* par la nasalisation de l'*i*, sous l'influence de l'*m* initiale: cf. §40-a). Dans l'Alemtejo et dans quelques régions du Nord et du Centre, on dit *sim* «*si*», par analogie avec *mim* (déjà dans des mss. du XVII^e siècle); et je crois avoir aussi entendu *tim* «*ti*». – Au lieu de *nos*, on dit dans plusieurs régions, surtout dans le Nord, *mos* (cf. *Estudos de philol. mir.*, I, 354). Comme forme emphatique, on dit dans l'Algarve *nós ôtros* (cf. op. cit., I, 353). – Le cas sujet du pronom de la 3^{me} personne sing. est *el* dans certaines régions du N. de Tras-os-Montes; cf. arch. *ell*, où *ll* indique la gutturalisation (voir *Rev. Lusit.*, I, 64): lat. *ille*; dans ces régions, le pluriel de *el* est *eis*, par analogie avec les noms en *-el*. Pour le datif, nous avons *le* «*lhe*» partout, soit au singulier, soit au pluriel, forme qui est tout simplement le lat. (il)li (cf. en espagnol *le*); l'emploi de *le* au pluriel peut s'expliquer par analogie avec *se*. – Le pronom accusatif, quand il est agglutiné aux formes verbales terminées par *-s* (*-z*) ou *-r*, garde la forme ancienne *lo* dans la langue littéraire¹⁶⁴ et dans la langue populaire de la plus grande partie du pays; mais dans quelques endroits, par exemple dans l'Alemtejo, le pronom revêt la forme moderne: *dêxemos-a* «*deixemo-la*», *mátas-o* «*mata-lo*», et quelquefois avec un *i*: *mátasi-o* (voir *Rev. Lusit.*, IV, 36). Il semble que dans quelques villages du Nord de Tras-os-Montes, la forme *lo* possède encore sa valeur individuelle: à Talhinhos, j'ai entendu dire: «*O burro fui-lo levar*», phrase où *lo* n'est pas *l'o* «*lh'o*», mais «*o*». Sur la frontière du Nord on dit couramment *ullo* < *ub(i)* (il)lu- «*onde o?*». – Dans les régions de *-ũ-* = *-õ-* (§51-d), on dit *cuntigo* «*comtigo*», *cunsigo* «*comsigo*».

163 [ex. *pers.*: *amordois* (Obidos)]. Esta anotação está na margem da p. 130, deslocada do seu contexto.

164 Cf. Epiphânio Dias, *Grammat. portug. elementar*, 8^e édit., §58.

Dans le Sud, on peut entendre *còmigo*, *cõmigo* par influence de la nasale de *comtigo*, *comsigo*, puisque la forme littéraire est *comigo* < com-migo (cõ-migo), par absorption de la nasale dans l'*m* suivante; dans la forme méridionale, la nasale primitive reparait ou se maintient. – Dans les régions de *ü* on dit *tü* (§47); dans celles de *b = v* on dit *bós*, etc. – Comme *pronomina reverentiae*, la langue populaire possède les suivants: *vossemeçê* = *vossamecê < l. *vostra-mercede-*, *vòmecê*, *võcé*, *você*, *m'cê*; *tu*; *tio* < l. *thiu-*, en proclise *ti'*, au féminin *tia*, *ti'*; *sinhôr* (*siôr*, *sôr*, *sô*, *sê*, *seu*, *s'*; *nhôr*, *nhô*), au féminin *sinhôra* (*sôra*, *nhôra*). Toutes ces formes se retrouvent dans tout le pays. Dans l'Alemtejo, on emploie *mano*, qui apparaît déjà chez les comiques du XVI^e siècle; cf. cette chanson populaire *alentejana*:

Adeus, ó Campo-Maior,
Adeus, ó terra das manas:
Umas d'ellas são ingratas,
E as outras são tyrannas.

Dans l'Algarve, on se sert de *compadre* à côté de *mano*. Voir, à ce sujet, *Rev. Lusit.*, II, 375; IV, 37, 220 et 328.

b) Pronoms démonstratifs. Dans la Beira-Alta, on dit au féminin: *êsta*, *êssa* (dans la langue littéraire, et dans la plus grande partie du pays: *êsta*, *êssa*). Je crois que l'on dit aussi quelque part *aquêlla*. [ex. *pers.*: o tais, a tais]. Dans Tras-os-Montes on dit *aquel*, *aqueis*, ce qui est symétrique avec *el*, *eis* (§72-a): lat. *eccu'ille*. [ex. *pers.*: *aquisso em d'aquisso, dequisso* (Moncorvo)]. – Dans les régions de *öu* et de *ô* (§56-e), on dit *öutro*, *ôtro*: lat. alt'ru-. Dans le Baixo-Minho, j'ai entendu *söutro* = (e)ss'outro (cf. le mirandais). [ex. *pers.*: oître]. Dans la Beira, *ôitro* s'emploie comme pronom indéfini: «como diz o ôitro» (en fr. *comme on dit*), «como o ôitro que diz». Cf. §72-d. A l'Alandroal, on dit *aquelôtro* = *aquel'outro*. – Au lieu de *mesmo* < l. **med-ipsimu-*, on dit dans le langage familier de l'Estrémadure, en proclise, *mêmo*, phénomène un peu semblable à *tá* et *péra* (§62); dans la même province, on peut aussi entendre *mermo* (cf. §59-e).

c) Articles. L'ancienne forme *lo* se maintient dans la langue populaire après les mots (surtout après les verbes), terminés par *-s*, *-r*, qui tombent: *vê-las festas* «ver (ou *vês*) as festas», *vê-lo pai* «ver (ou *vês*) o pai»; le même phénomène arrive dans la langue littéraire, lorsque *lo* est le pronom personnel enclitique (§72-a). En liaison avec *a*, l'article défini se prononce *ó*, *âu* ou *áu*, selon les régions (la forme *ó* est la littéraire; anciennement on écrivait même *ô*). – Formes de l'article indéfini: *um*, *ũa*, *ũja*, *uma* (§71-a) [ex. *pers.*: *hũ'hora*]; en proclise *'ma* = (u)ma (Baixo-Alemtejo). – Dans *maluta* = (u)ma luta (Beira) et dans *zorate* – *zorates* = (o)s orates (partout) nous avons une agglutination des articles: voir *Revue Hispanique*, V, 423 suiv., où j'ai cité beaucoup d'exemples de ce genre.

d) Pronoms indéfinis. Le pronom *nenhum* (*ninhum*) peut revêtir les formes *n'nhum*, *nhum*, dans quelques endroits. Dans l'Alemtejo, on dit *nim um* «nem um»; c'est la forme primitive ou restaurée (cf. *cõmigo* au §72-a). [ex. *pers.*: *dinhum*, *dinhuma* (Alg.)]. En proclise: *al'ma coisa* = alguma coisa, *quæda* = cada < gr. *κατά*.

Au lieu de *qualquer*, on dit partout *quaisquer* (câisquer), de même qu'on dit *quais* ou *cáis* (§72-e). *Tude-nada* «tudo nada» (renforcement de *nada*) [ex. *pers.*: Ou *tudo de nada*]; dans le Douro *túido* «tudo». ¹⁶⁵ On emploie, surtout dans le Centre, *um home* au sens du fr. *on*, prov. arch. *om*, *homs*, etc., all. *man*, par ex. «um home num ganha nada» (*on ne gagne rien*, «*não se ganha nada*»): cette manière de parler existait aussi dans notre ancienne langue. Sur *ambos*, voir §71-a.

e) **Pronoms relatifs et interrogatifs.** Le pronom *que* prend quelquefois en emphase la forme *qui*, même quand une voyelle ne suit pas (devant une voyelle, *que* se prononce toujours *qui*, soit dans la langue littéraire, soit dans la langue populaire, selon la règle générale des noms terminés en *-e* atone). Dans les régions de *-ĩ-* (§50-d), on dit *quim* pour *quem*, en proclise. Au lieu de *qual* [ex. *pers.*: (cal)] on dit fréquemment *quais* (*cáis*); ce serait séduisant de rapprocher cette forme du latin *qualis*. Dans une interrogation emphatique on dit dans le Baixo-Douro «*quia!*» (*p'ra quia! o quia!* «*p'ra quê!*» «*o quê!*»), forme qui pourrait être pour *quie* = que é, avec un déplacement de l'accent sur l'*i*, comme dans *adéi* (§77-a), parce que toute l'emphase retombe sur le pronom; à Avellanoso (N. de Tras-os-Montes) «*qué!*». Dans l'Alemtejo on dit *q'adela* = que é d'ela (dans l'interrogation).

f) **Pronoms possessifs.** Au masculin: *meu*, *mëu*, *mou*, *mê*, (et *mei?*), et respectivement *teu*, *seu*, *tê*, *sê*: voir 56-b. A Chaves (N. de Tras-os-Montes) *môu*, *tôu*, *sôu*: cf. mirandais *tôu* < l. *tũu* (voir *Estudos de phil. mir.*, I, p. 231 et 365). A Deilão et à S. Julião (N. de Tras-os-Montes), j'ai entendu *mia* «*minha*» (forme archaïque). Dans l'Estrémadure, il est fréquent d'entendre *'nha* en proclise: cf. *Rev. Lusit.*, V, 258. Dans une inscription portugaise du XIII^e siècle, appartenant au «concelho» d'Alijó (Tras-os-Montes), j'ai trouvé *sun* «*seu*». [ex. *pers.*: ?]

4. Verbes

73. Pour étudier en détail la conjugaison, il faudrait disposer de beaucoup de temps et d'espace. Je dois donc me borner à l'exposé des faits les plus importants.

74. Verbes réguliers ou faibles

a) 1^{re} Personne du singulier:

Présent de l'indicatif. – Il n'y a rien à remarquer.

Imparfait. – Comme dans la langue littéraire, sauf dans les régions de *b = v* (§58-c), où l'on dit *-aba* (cette observation s'applique à toutes les autres personnes: *-abas*, *-abamos*, etc.).

Parfait. – A la 1^{re} conjugaison:

-ei (-âi) dans le Nord, ex. *amei* (*amâi*);

-âi à Lisbonne (§56-g), ex. *amâi*;

165 [ex. *pers.*: infl. de *muito*]. Na 1.^a ed., o autor admitiu outra explicação, através de uma forma hipotética **túdio*, que riscou no seu exemplar pessoal.

-ê dans les régions de $\hat{e} = ei$ (§56-g), ex. *amê*;

-i dans le Riba-Tejo, dans certains endroits de la Beira-Baixa, et plus ou moins dans tout le Sud. Ce phénomène résulte de l'influence des autres conjugaisons, et il est déjà connu depuis le XVII^e siècle (§24). Ex. *ami* «amei» (cf. *bebí* dans la II^e conj.; *acudí* dans la III^e). [ex. *pers.*: Na Lousã todos os preteritos terminados em vogal tónica ou em ditongo são nasalados: *dobrêi-as, varrî, vivî, fûi, dêi, vî = vi, pûs, iscovêi-as, fûi, vestî-me, fîz, quîs*. Mas: *tive, pude, stive, trôce*. Provavelmente a origem foi vim, que provocou *fûi* em pret. de *ir* e de *ser*; e como este vb. é normalissimo, propagou a nasal].

Dans les autres conjugaisons, le parler populaire est d'accord avec la langue littéraire, exception faite de quelques régions du Sud, où l'on nasalise l'*i*, par ex. *ouvî* «ouvi», ce qui est un des caractères des verbes forts (cf. *Revista Lusit.*, IV, 221). – Sur *-êi*, voir §56-g.

Plus-que-parfait. – Comme dans la langue littéraire, quelques endroits de la frontière de Tras-os-Montes exceptés, où l'on dit *-era*, à la I^e conj., d'après le modèle du parfait *ameste* (voir ci-dessous); ex. *améra* «amar».

Futur. – *-êi, -âi, -êi, -ê* dans toutes les conj. (§56-g); ex.: *amarêi, amarâi, amarêi, -ê; meterêi, meterâi, meterêi, -ê; unirêi, unirâi, unirêi, -ê*.

Conditionnel. – Il n'y a rien à dire.

Présent du subjonctif. – Il n'y a rien à dire.

Imparfait. – Comme dans la langue littéraire, exception faite des régions de *-era* (voir ci-dessus), parce qu'on y dit *-êsse*, ex. *amêsse* «amasse».

Futur. – Dans les mêmes régions, on dit *-ér*, ex. *saltér*.

b) 2^e Personne du singulier:

Au parfait de la I^e conjugaison, on ajoute *-s*, à peu près dans tout le pays, à la voyelle finale, par analogie avec les autres personnes, parce que toutes se terminent par *-s*; par exemple: *tu amastes* (comme *tu amas, tu amáras*), *tu unistes* (comme *tu unias, tu unas*), etc.: < l. -STI [ex. *pers.*: *tu fotes, tu vites* (Algarve)]. Sur la frontière de Tras-os-Montes, on dit fréquemment *-êste*, par analogie avec la I^e personne, comme en mirandais (cf. *Estudos de philol. mir.*, I, 390): par ex. *tu saltêste*, et, d'après ce modèle, on doit dire: *-éras* (plus-que-parfait), *-éres* (fut. du subj.). – Dans la II^e conjug., on dit sur la frontière *-iste*, de même qu'en mir.: ex.: *corriste* «correste». – Les autres formes s'accordent avec la langue littéraire, exception faite des modifications phonétiques générales (*-e, -i, -x*, etc.).

c) 3^e Personne du singulier:

Le parfait se termine dans la I^e conjug. par *-ôu, -öu, -ô*, etc., d'après le §56-e; dans la II^e par *-eu, -ê*, etc., d'après le §56-b; et dans la III^e par *-iu, -io*, etc., d'après le §56-d: ex. *amôu* (*amô*, etc.), *meteu* (*metê*, etc.), *uniu* (*unio*, etc.). [ex. *pers.*: Nas fronteiras por *-o*]. Dans les zones de *-êste* (parfait), *-éras* (plus-que-parfait), *-éres* (fut. du conj.), on doit dire *-éra, -ér, -êsse*. Les autres temps sont d'accord avec la langue littéraire, si ce n'est dans les formes en *-e*, parce qu'il peut y avoir *-i* (§50-e), ex. *ame, âmi*.

d) 1^{re} Personne du pluriel:

Présent de l'indicatif. – Il y a plusieurs hésitations. Au Nord de Tras-os-Montes, on dit, à la 1^{re} conjug. *-amos*, ex. *amamos* < l. *-amus*; dans une grande partie du pays, au Nord, aussi bien qu'au Sud, on dit *-emos*, ex. *amemos*, – peut-être sous l'influence de *temos* (et aussi *havemos*), qui est d'un emploi si fréquent dans la conjugaison périphrastique. Dans le Minho, on peut entendre *-ámos*. [ex. *pess.*: *descimos* (Batalha)]. – Dans les autres conjugaisons, il n'y a rien à observer.

Imparfait. – Il semble que dans le Nord de Tras-os-Montes (Vinhaes) et dans quelques endroits de la frontière du Minho, on dit dans la 1^{re} conjug. *-abámos*, comme en galicien, d'après le type latin *-abāmus*. Dans le reste du pays, on dit en général *-ávamos* (ou *-ábamos*). Exs.: *amabámos*, *amávamos* (*amábamos*)¹⁶⁶. A Póvoa de Varzim et à Guimarães *-ábanos*: ex. *andábanos*, *cumprábanos* (ou par dissimilation de *b...m*, ou par influence du pronom atone et enclitique *nos*). – Pour les autres conj., il n'y a pas de différences à noter.

Parfait. – Dans le Nord et dans le Centre, la terminaison *-emos* (*-êmos*, *-émos*, *-iêmos*, d'après les lois phonétiques) est très fréquente dans la 1^{re} conjug.¹⁶⁷, par analogie avec la 1^{re} personne du sing. (*-ei*): < lat. *-amus* (*-auimus*). A l'Alandroal on dit: *-ámos*, comme dans la langue littéraire. Exs.: *amemos*, *amámos*. Dans le Riba-Tejo, et dans les «districtos» de Coïmbre et de Portalegre [ex. *pess.*: e Torres Novas], il est fréquent d'entendre dans toutes les conjugaisons *-rmos*, ex. *passarmos*, *vindermos*, *fugirmos*: ces formes tirent leur origine du plus-que-parfait; il n'est pas rare d'entendre le plus-que-parfait lui-même dans le sens du parfait, ex. *passáramos*, *vindéramos*, *fugíramos*. Cf. *Rev. Lusit.*, IV, 222. – Le phénomène s'observe aussi dans quelques endroits du Nord, mais très rarement.

Plus-que-parfait. – Comme dans la langue littéraire, exception faite des régions de *-era*, *-eras* (voir ci-dessus), où l'on dit *saltéramos* «*saltáramos*» (N. de Tras-os-Montes).

Futur et conditionnel. – Rien à dire.

Présent du subjonctif. – L'accent occupe fréquemment la même place qu'à la 1^{re} personne du sing.: *sáltemos* «*saltemos*», comme *sálte*. Il arrive de même dans les verbes irréguliers: *séjamos* «*sejámos*» (comme *séja*).

Imparfait. – Dans les régions de *-éramos* (plus-que-parfait: voir ci-dessus), on dit naturellement *éssemos*, ex. *saltéssemos*.

Futur du subj. – Dans les mêmes régions on dit: *saltermos*.

e) 2^e Personne du pluriel:

Présent de l'indicatif. – La langue populaire offre beaucoup de particularités.

En Entre-Douro-e-Minho, dans la 1^{re} conjug., on entend fréquemment *-aides*, ex. *andaides* (cf. littér. arch. *-ades*): < l. *atis*. Dans la 2^e

166 [ex. *pess.*: vid. *Opusc.*, II, Errata à p. 215].

167 [ex. *pess.*: tendencia para distinguir do pres.; cf. também *demos*, *estivemos*].

conjug., on entend dans le Minho *-endes* (sous l'influence de *tendes*), à côté de *-eides* (forme parallèle de la I^{re} conjug.), ex. *correndes* «correis», *sabeides* «sabeis» (verbe fort). [ex. pess.: *stãides* em Coura: cruzamento de *stãides* e *standes*, que é o mais usual]. Dans d'autres endroits du Portugal, on entend aussi *-endes*. – Dans le Sud, on n'emploie, ni à ce temps, ni aux autres, la 2^e personne du pluriel, qui est remplacée par la 3^e du pluriel (phénomène syntaxique): de là résultent des irrégularités du genre de celle-ci, dans un vers populaire: «vós criados são de mim» (voir *A Tradição*, II, 107), où *vós* est au lieu de *vocês*: cf. *Rev. Lusit.*, IV, 50.

Imparfait. – Du moins dans la Beira-Baixa, on dit *-ávëis* dans la I^{re} conj., et *-iëis* dans la II^e et III^e, ex.: *cantávëis*, *corriëis*, *fugiëis*. Cf. ci-dessous le parfait.

Parfait. – Dans la région de *-éste* à la I^{re} conjug. (voir ci-dessus), on dit *labrëstis* «lavrastes» (Nord de Tras-os-Montes). Le plus fréquent est *-ásteis* (*-ástais*¹⁶⁸) à la I^{re} conj., *-ésteis* (*-éstâis*) à la II^e, *-isteis* (*-ístâis*) à la III^e. [ex. pess.: analogia *amareis*, *fugieis*, etc.]. Dans plusieurs localités (Beira, par ex.), les terminaisons sont nasalisées: *-ástëis* (*-ástâis*), *-éstëis* (*-éstâis*), *-istëis* (*-ístâis*), ex. *cantástëis*, *corrëstëis*, *fugístâis*.

Plus-que-parfait. – Dans les régions de *-ávëis*, *-ástëis*, on dit *-árëis* (*-arais*), ex. *cantárëis* «cantáreis».

Futur. – Il n'y a rien à dire.

Conditionnel. – Dans les régions de *-ávëis*, *-iëis*, etc., on dit *-riëis*, ex. *cantariëis*, *correriëis*, *fugiriëis*.

Présent du subjonctif. – Le peuple remplace souvent la 2^e pers. du subjonctif par celle de l'indicatif.

Imparfait. – Dans les régions de *-ástëis*, on dit *-ássëis* (*-ássâis*), ex. *cantássëis*, *corrëssëis*, *fugíssëis*.

Futur du subj. – Dans les mêmes régions: *-rëis* (*-râis*), ex.: *se passárâis*, *se corrêrëis*. [ex. pess.: Mangualde: *se o achardâis*].

f) 3^e Personne du pluriel:

Je pourrai simplifier l'étude de ce groupe de flexions, en les considérant ensemble. Dans le «districto» de Portalegre, on dit fréquemment *-im* dans les formes atones de tous les temps et de tous les modes: *fártim-se* «fartam-se»: cf. *Rev. Lusit.*, IV, 221. A côté, on trouve dans le même «districto», *-om* (*-um*). La terminaison *-om* est normale dans le reste de l'Alemtejo, dans l'Algarve et dans l'Estrémadure, dans la I^{re} conjug.: *fártom-se*. En Entre-Douro-e-Minho nous avons *-um*, *-o*, (*-o'*) ex. *falábum* e *falábo* «falavam»; *mátum* e *mato* «matão». Dans le N. de Tras-os-Montes, on entend fréquemment des formes dans *-im*, ex. *saltëssim*, *saltérim*, *sáltim*, à côté de formes en *-ëim* (ex. *sálteim*), et en *-ão*. A Bragança, la 3^e personne du pluriel du parfait se termine par *-erão*, ex. *casérão*¹⁶⁹. Dans la Beira, le normal est *-ão*. A la II^e et III^e conjugaison, nous trouvons *-im* dans l'Estrémadure, et *-em* (c.-à-d. *-ë*) dans les autres provinces

168 [A 1.^a ed. tinha *-ástâis*, que no ex. pess. foi emendado para *-ástais*].

169 Cf. *Estudos de philol. mir.*, II, 44, n. 1.

du Sud, exceptions faites des régions de *-im*, et du Minho où l'on dit *-e* (§50-f). Dans la Beira, *eim* (*-âim*); en Tras-os-Montes, *-im* et *-éim* (*-âim*). En ce qui concerne les formes toniques, Entre-Douro-e-Minho présente *-ðu*, ex. *unirðu* «unirão» (futur); dans le reste du pays, la forme normale est *-ão*, comme dans la langue littéraire. Cette variété de formes dépend des lois phonétiques dans certains cas, et de l'action de l'analogie dans d'autres.

g) **Impératif**. Dans certaines régions, par ex. dans le Nord, on dit *-ande*, *-ende*, *-inde* (cf. la seconde personne du pl. du présent de l'indicatif), ex.: *andande*, *corrende*, *fuginde*, quoique cet usage ne soit pas général, parce que dans le Minho on dit aussi fréquemment *-aide*, *-eide*, *-ide*: *correide*, *fugide*; Camillo Castello Branco, dans les *Volcões de lama*, à la p. 19, reproduit cette expression populaire: *calaide-vos*. – Dans la Beira, on dit *fuge* «foge».

h) **Gérondif et participe**. Il n'y a rien à remarquer, si ce n'est qu'on emploie, à ce qu'on m'a dit, un gérondif en *-endo* pour la 1^{re} conjugaison, ex.: *cantendo* (Valpaços: Tras-os-Montes)¹⁷⁰.

i) **Infinitif**. Sur l'infinitif impersonnel, il n'y a rien à dire. – Les troisièmes personnes de l'infinitif personnel obéissent aux lois auxquelles obéissent les autres temps. Le peuple emploie peu l'infinitif personnel.

75. Verbes irréguliers ou forts

a) ANDAR. D'après l'analogie de *estar*, on créa ces formes *andive*, *andiveste*, *andeve*, *andivemos* etc., dans certains endroits de l'Alemtejo, de la Beira et de Tras-os-Montes. A Avellanoso (N. de Tras-os-Montes): *andeve*, 1^{re} pers.; *andevo*, 3^e pers. A Moimenta (N. de Tras-os-Montes): *andéno*, 3^e pers. pl. du prétérit.

b) DAR. En Tras-os-Montes: *döu*, 3^e pers. sing. prêt.; *dára*, *dárão*, au plus-que-parf.; *deia* (*dea*), *deias* (*deas*), *deia* (*dea*), *demos*, *deis*, *deião* (*deão*), au subj.¹⁷¹ [ex. *pers.*: *dia*, *dias*, *dia*, *díamos*, *díais*, *dião* (Argana, c. de Macedo de Cav.)].

c) ESTAR. Au présent, surtout dans le Sud: *tá* (§62); et dans l'Algarve, à la 1^{re} pers. *stom* (comme *vom* et *som*: «vou», «sou»). Dans le Centre, il est fréquent *stêbe* (*istêbe*), 1^{re} pers.; quelquefois même *stibe* (*istibe*), 3^e. A Campo de Viboras: *stubesse*, forme qui postule *stube*. A Moimenta (N. de Tras-os-Montes), *stibénium* et *stibéno*, à la 3^e pers. pl. du prétérit. [ex. *pers.*: Em Parada d'Infanções, etc. *steije* 3^a conj. sing. (analogia com a 1^a conj.)].

d) DIZER. Du moins dans le Nord et dans le Centre: *dixe*, *dixera*, *dixesse* = disse (§59-c): < l. dixi = dici.

170 [ex. *pers.*: Gerundio com flexão, J. J. Nunes (*Dial. alg.* p. 19) = RL, VII, 51].

171 Cf. *Estudos de phil. mir.*, I, 431.

e) FAZER. A Tras-os-Montes: *fazo* (Moncorvo) «faço», d'après l'infinif; *fazerei* «farei» (ib.), forme analogique; *fai* (surtout sur la frontière), comme *trái*; [ex. pess.: *fairia* em Parada de Infanções]; *fago* (comme *trago*) et *fais* (comme *tráis*) «faço», «fazes» (sur la frontière). Dans le Minho, dans la Beira etc.: *fez*, 1^{re} pers.; *fiz*, 3^e pers.; *fezo*, 3^e (dans un ms. du XVIII^e siècle: cf. note 125).

f) HAVER. A la 2^e pers. sing., on dit vulgairement *hades* = has de, d'après l'analogie de la 1^{re} pers. *heide*, où la préposition *de* s'est agglutinée au verbe. [ex. pess.: *hendres* (sic) = heis, num romance pop. de Sátão]. On emploie impersonnellement *hai* sur la frontière de Tras-os-Montes et dans l'Alemtejo (c'est un trait de la langue archaïque) = *ha i*: cf. esp. *hay*, prov. *ai* (*hai*), fr. *il y a*. A la 3^e pers. pl., *hadem* et *handem*, dans le Sud. On voit que *hade*, 3^e sing., a reçu une flexion dans *hadem*; la forme *handem* est un renforcement de *hande* = littér. *hão-de*, parce que, dès le moment que *de* s'est agglutiné au verbe, on n'a plus réussi à reconnaître un pluriel dans une forme terminée par une voyelle. [ex. pess.: algo semelhante no Novo-Mexico, *Rev. Dialect. rom.*, I, 281]. A Campo de Viboras: *houbo*, 3^e pers. sing. prêt.; *haba*, au subj. (d'après *haber*). Au participe: *havisto* (Serpa), d'après *visto* (de *ver*).

g) PERDER. A la 1^{re} pers., on dit dans certains endroits *perdo*, d'après l'analogie des verbes réguliers.

h) PODER. A Deilão (N. de Tras-os-Montes): *podo*, 3^e pers. sing. du prétérit. [ex. pess.: Conj. *póissa*, *-as*, *-a*, *póissamos*, *póissais* (sem oi), *póissã* Argana (c. de Macedo de Cavall.): < l. **posseam*].

i) PÔR. Dans quelques endroits, on dit *pôs* à la 1^{re} pers. sing. du prétérit. ¹[ex. pess.: em Parada de Infanções: *poiria* (= *poeria*)]. ²[ex. pess.: eu *puse-o* (Taboaço etc.)].

j) QUERER. Au parfait *quijeste*, au plus-que-parfait *quijera* etc. (§59-e). A Campo de Viboras, *quijo* à la 3^e pers. sing. du prétérit. [ex. pess.: *q'reira* = *queira* (Baião)].

k) SABER. Dans la Beira, on dit à la 1^{re} pers. sing. prés. indic., *saibo* < l. *sapio*. Au parfait, *sube*, et dans les dérivés: *subeste*, *subera*, etc.

l) SER. Dans le «districto» de Coïmbre, on conserve la forme archaïque *são* (et *som*) à la 1^{re} pers. Dans l'Algarve: *som*. A Deilão (N. de Tras-os-Montes), j'ai entendu *soi*; cf. esp. *soy*. [ex. pess.: *seije* 3^a pess.]. Au pluriel, il y a une grande variété de formes: *semos*, *sendes* (comme *temos*, *tendes*), *samos* (comme *estamos*), *sondes* (par ex. à Moncorvo; cf. arch. *sodes*). ¹[ex. pess.: nós *samos* | vós *sáis* (Minho algures. Ouvia.) | *sais* "sois" Baião]. ²[ex. pess.: "D'onde *séides* meu menino?" Rom. pop. de Alvações do Corgo].

A Deilão, j'ai entendu *érades* «ereis». Au prétérit: *fïi* (en proclise *fïi*), par ex. dans l'Estrémadure Occidentale; *foi*, 1^{re} pers., et *fui*, 3^e pers., dans le Nord et dans le Centre. [ex. *poss.*: Coimbra Redinha: *fïi*].

m) TER. Dans le Nord de Tras-os-Montes: *teis*, 2^e pers. sing. du prés. de l'indic. (et on m'a dit qu'on emploie aussi *ténem* au pl.); *tibo*, 3^e pers. sing. du parfait. Dans le Centre et dans le Nord: *teve* (*tebe*), à la 1^{re} personne, et *tive* (*tibe*), à la 3^e personne. Dans le Sud, quelquefois *tindes*, 2^e pers. prés. ind. pl. Dans la région du prétérit nasalisé (§76-b): *tinve* = *tïve* «tive». [ex. *poss.*: *entreti*, *entretu-se* (mesmo nos jornaes)].

n) TRAZER. Dans le Nord de Tras-os-Montes, au prés. indic.: *trazo* (d'après *trazer*), *trais* < *tragis, *trai* < *tragit; *trãi* au pl. (d'après le sing.). En Entre-Douro-e-Minho, au prétérit: *troufe* et *trouve*, (cf. §58-c): voir *Rev. Lusit.*, II, 270-271 [ex. *poss.*: *trôufesse* (Guimães), à côté de *trouxe* et *troixe*, qui existent aussi dans la Beira avec *truixe*: < l. *tracsui = *traxui (*traxi*). Dans la Beira-Baixa: *traguer* (d'après *trago*). Dans l'Alemtejo: *trãiga*, au subj. (cf. esp. *trayga*).

o) VER. Dans le Nord de Tras-os-Montes: *beio*, *beis*, *bei*, comme en mirandais.

p) IR. Dans l'Algarve, *vom*, comme *som*. En Tras-os-Montes (dans le Nord): *iba*, *ibas* etc. < l. *ibam*. [ex. *poss.*: *inde* = *ide* (Sátão) como *vinde*; *indes*, como *vindes* (Taboaço)].

q) OUVIR. A Val de Frades (T.-os-M.), on dit *öubo* «ouço» (d'après *öubir*). Dans tout le pays: *ouvisto*, au participe, sous l'influence de *visto*.

r) VIR. A Avellanoso (T.-os-M.): *bénem* au pl. «vem» (comme *ténem*). Dans le Nord, on entend fréquemment: *binheste* «vieste», et dans les temps congénères: *binhesse*, *binhera*, etc. Même dans le Sud, on peut entendre *vinhesse*. Ces formes postulent un **venieste* < **veniisti* ou **veniuiisti* (cf. prov. *venguii* < **veniuii*). En Entre-Douro-e-Minho, *vêo* (*bêo*), sur la frontière, et, de même que dans la Beira, *vêu* (*bêu*): < l. **venut* (*venit*).

76. Observations diverses

a) Le peuple confond parfois les verbes en *-ear* (dans la prononciation *-iar*) avec ceux en *-iar*: *anunceaia* «annuncia», *vareia* «varía», *pronunceaio* «pronuncio», *nomía* «nomeia». [ex. *poss.*: *môa* (moa) Fozcoa]. Il en est de même de certains verbes de la langue littéraire.

b) Dans les verbes forts, il est très fréquent de trouver la 1^{re} personne du parfait nasalisée (Riba-Tejo, Beira-Occidentale, etc.): *fïz*, *pïde*, *quïs*, *vï* «vi», *tïve*. Cf. galicien *fun*, *fïxen*, *fïnx*¹⁷².

172 Saco Arce, *Gramat. gallega*, p. 75.

c) La métaphonie, qui dans la langue littéraire est normale dans *durmo* – *dormes* (l. *dormio* – *dormis*) et *visto* – *vestes* (l. *vestio* – *vestis*), le peuple la transporte dans d'autres verbes, où l'on ne l'attendrait pas: *luzo* – *lox* (Alemtejo), *aflijo* – *aflejes* (Nord, etc.), *rezisto* – *rezestex* (Alemtejo).

5. Particules

77. Les adverbes sont les particules qui offrent le plus d'intérêt.

a) Dans le Sud, on emploie *nã* en proclise, ce qui est très caractéristique des parlers de cette région; dans le Nord et dans le Centre, on emploie dans les mêmes conditions *nũ* et *nu*. Cette différence s'explique ainsi: *nã* provient de *não*, qui a remplacé dans le Sud la forme archaïque *nom*; les formes centrales et septentrionales *nũ* et *nu* reposent sur *nom*, qui a formé corps avec les mots qui les suivaient: *nu* est une forme tout à fait atone et négligée. Comme formes toniques: *nõu*, en Entre-Douro-e-Minho; *não*, dans le reste du pays. Selon les localités, on dit *nanja*, *nãja*, *neija*, *nêja* = *não* + *jã*. Au Sud appartiennent *dênesde* «desde» (< l. de inde ex de), *ont'ãgora* «ainda agora». [ex. *pers.*: *êntes* quero (Sátão), *diênte*]. Dans l'Algarve: *p'rãcã* = arch. *para acá*. On dit partout *mũto* «muito», et dans quelques endroits *mũito*, qui est une forme archaïque; *mũto* s'explique par la tendance à simplifier la diphtongue *ui*, soit orale, soit nasale: cf. dans la langue commune *chuva* = arc. *chuiua*, *fruto* = arc. *fruito*, *enxuto* = arc. *enxuito*, *cutello* = arc. *cuitello*, pop. *cudar* = litter. *cuidar* (§56-i), *lutar* = arc. *luitar*. Dans le Nord de Tras-os-Montes: *assi* (forme arc.) «assim» < l. ad sic; *massi* «mas sim», *alã* (arch.) «lá», *acã* (arch.) «cá». Dans la même province: *tantinho* «um pouco» (fr. «un petit peu»). Dans la Beira: *antão* et *atão* «então»; en Entre-Douro-e-Minho: *antõu* = arc. *entom* < l. in tunc (*tum*). Au langage d'Entre-Douro-e-Minho appartiennent aussi: *adêi* = a d'ai, où l'accent s'est déplacé, pour former une diphtongue décroissante finale; *a cõtio* «quotidianamente» < l. *cottidio* (dans la Beira, *a cõte*). Dans quelques endroits du Nord: *d'õ p'ra tras* = d'ao para trás «para trás». A Vinhaes (Tras-os-Montes): *assenoutã* «à noitinha» (l. **ipsanoctana*?). [ex. *pers.*: *amenhã*, *amanhẽ*]. Les adverbes en *-mente* sont terminés par *-s* dans l'Estrémadure: *principalmentes*; la forme *somentes* s'entend partout. Dans la même province, *inãgora* = *inda agora* (§64), et comme locutions adverbiales: *algum dia* «outr'ora», *ontro dia* = **nontro dia* = (*n*)*õtro dia* «outro dia». ¹⁷³ A Chaves: *ane*, en proclise, = *aonde* (§64). Sur *quaise* et d'autres formes parallèles, voir §52-e.

b) Parmi les conjonctions, je signale: *ca* «do que» (arc. *ca*, *qua*) < l. *quam*; *mais* (arc.) «mas» < l. *magis*; [ex. *pers.*: E *mæs*?] *tamém* «também» (assimilation du *b* à la nasale qui précède: §64); *indasque* «ainda que»; *coma* (arc.) «como» < l. *quo modo* ad; *inquanto* «em quanto». Toutes ces formes sont plus ou moins usitées partout. Selon les lois phonétiques générales: *õ*, *õu* < l. *aut*, *nim* = *nem* (v. ci-dessous n. 169).

173 Dans les expressions adverbiales de temps, on omet fréquemment la préposition: *esta manhã*, *o anno passado*. Donc, *õtro dia* alterne avec *nõtro dia* «em outro dia»; **noutro dia* offre une nasalisation, comme pop. *nonte* (nõite) = *noute*, pop. *nonjo* = *nojo*, *nem* < l. *nec* (§-40a).

c) Parmi les prépositions: *im* «em» et *inté* «até» (partout), *atá* «até» en Tras-os-Montes; *p'ra* (usuelle aussi dans la langue poétique), et *pera* (arc.) < l. per ad «para»; *cum* = com (Minho); *pro* = por (métathèse). Dans des phrases populaires telles que *eu a mais tu*, la particule *a* fonctionne comme *e* dans la même phrase prononcée à la manière de la langue littéraire *eu e mais tu* ou *eu e tu*; mais il me semble que *a* est plutôt une préposition jointe à *mais*.

d) Parmi les interjections: *ech!* (Tras-os-Montes); *ah*, au lieu de *ó*, au vocatif (Alemtejo).

6. Formation des mots

78. Le sujet demanderait de longs développements; mais je suis forcé de me restreindre.

a) Il y a des régions où certains suffixes jouissent d'une grande vitalité, par exemple: *-éco*, *-éca*, dans le Sud; *-axo* (= *-acho*), *ixo* (= *-icho*), dans l'Alemtejo; *-ico*, dans le nord de Tras-os-Montes. Voir §70-c. Aussi dans le N. de Tras-os-Montes, j'ai entendu *pedranha*, *çapatanho*, avec le suffixe *-anho*, peut-être pour *-enho* < l. -ineu- (cf. §44-h). Isolément on trouve: *-arr-uço*, *-ux-inho* (= *-uch-inho*), *-alh-ão* et *-êjo*, dans l'Alemtejo: *cacarruço* «caco de vaso velho» (fr. «tesson»), *pertuxinho* «pertinho», *pedralhão* «pedra grande», *órtêjo* «hortinha». Quand on ajoute le suffixe *-ito* à des noms qui se terminent par une nasale, l'*n* primitive reparaît: *manita*, de *mão* < l. manu; *canito*, de *cão* < l. cane-, sans doute parce qu'on a cru à un suffixe *-nito*, pour *-ito* (Alemtejo et Algarve). Quand on ajoute le suffixe *-inho* à certains noms qui se terminent par une voyelle, on intercale un *-z-*, qui joue à peu près le rôle d'un infixé: *còpezinho* (Estrémadure) «copinho», *cobrezinha* (Tras-os-Montes) «cobrinha», *fontezinha* (ibidem) «fontinha», c'est-à-dire *cop-iz-inho*, *font-iz-inha*, etc.: < l. -ic-inu-. Vid. §70-c. [ex. pess.: Santarem: *pingoxinho* «pinguinho»]

b) Le procédé de l'étymologie populaire est très fécond chez nous (*tintura d'odio* = *tintura d'iodo*, *mal-feio* = *morpheia*); mais, exception faite des noms géographiques et de quelques autres, la plupart des faits de ce genre ne constituent pas de caractéristiques dialectales: dans l'Alemtejo, on dit *Vai-longo* (un village) = Vallongo, sous l'influence de *vai*; dans le Nord, on dit *Berto-Lamego* = Bartholomeu, sous l'influence de *Lamego*, et *Migalhada* = Mealhada, sous l'influence du nom commun *migalhada* (de *migalha*); à Porto, j'ai entendu nommer *Pisco-Paulo* une rue qui s'appelle (*do Paço*) *Episcopal*; dans la Beira-Alta, on dit *Igreija-Nova* = Granja-Nova.

III. – Syntaxe

79. La syntaxe populaire ne diffère pas essentiellement de la syntaxe littéraire. Cependant, il y a à remarquer plusieurs particularités, soit dans le langage populaire général, soit dans les dialectes. – Dans le Nord de Tras-os-Montes, les verbes *ir* et *bir* «vir» sont suivis de la prépos. *a* + infinitif, ex.: *ir a buscar*, *bir a ber*; on y dit aussi *ir d'a pé* «ir a pé». Certaines phrases coordonnées se font accompagner de *a*, dans la même province et dans d'autres: «o corpo e à cabeça», «a cabeça e ó (= ao) corpo». Dans l'Alemtejo: *ê fui star com elle*. Dans cette même province, quand le *managêro* «manageiro» (fr. «contremaître») donne des ordres à ses ouvriers, il dit: *vá lá de comer!* et des phrases analogues. Dans la langue de l'Alemtejo, les pronoms *seu*, *sua* sont suivis de *d'elle*, *d'ella*, *d'elles*, *d'ellas*, pour éviter des ambiguïtés (cf. l'espagnol), ex.: *seu pai d'elle*. Au lieu de *póde ser que*, les *Alemtejanos* disent *póde que*; cf. esp. *puede que*, fr. *il se peut que*. Soit dans l'Alemtejo, soit dans l'Estrémadure, on dit *pois* dans le sens de *pois sim*; dans les mêmes provinces et dans l'Algarve, on dit *á que* pour *é que* dans des phrases comme «hoje *á que* chove muito» (peut-être à l'origine: *ah! que*). Dans les deux provinces de l'extrême Sud, il est très fréquent d'entendre: *vou à de N.* pour «vou *a casa* de F.»; [ex. *pers.*: Já no sec. XV: cf. «pêra a de Mendo Irmida» (Setuval): *AHP*, I, 445]; cf. en latin *ad Vestae*, en grec ἐν Ἄδου (s'il n'y pas lieu, pour le grec, de chercher une autre explication, comme quelqu'un l'a déjà proposé), en anglais *at John's*, dans l'espagnol d'Amérique¹⁷⁴ *en lo de Sánchez*, et en catalan *so d'En N.* «le bien, le domaine de N.» (où *so* est l'article: < I. ipsum), ou, avec une contraction, *son N.*¹⁷⁵. Dans le Minho et en Tras-os-Montes, il y a une ellipse semblable: *ir onde ó Sr: F.* («aller chez un tel»); cf. le galicien *ond'a y outra*, et l'espagnol de l'Amérique¹⁷⁶ *voy donde fulano*. Dans la toponomie de l'Estrémadure, il y a, je crois, des vestiges de cette manière de parler: *A dos Ruivos*, *A dos Francos* (à l'origine: *A aldeia dos...*). Les *Alemtejanos* et les *Algarvios* emploient fréquemment *nunca* au sens de «não», soit avec emphase, soit dans le parler commun; cet emploi est rare dans l'Estrémadure. [ex. *pers.*: *está jantando* corrente no Alemtejo]. Dans le Nord et dans le Centre: *a q'and'elle*, *a q'and'a elle* «en même temps que lui». Dans le Minho: *num faz minga* «não é preciso» (*minga* = *míngo*), *num cobr'a pena* «não vale a pena». On remarque cet emploi de la conjugaison réfléchie: *adormecer-se* (dans une chanson de l'Alemtejo), *não m'acordo* (Tras-os-Montes), *assomar-se* (Beira-Baixa). La tmèse, qui s'observe au futur et au conditionnel, dans la langue littéraire moderne, dans des expressions comme «dir-te-ei», «ir-se-á», n'existe pas dans la langue populaire: *direi-te*, *irá-se*. Sur l'emploi de la 3^e personne du pluriel au lieu de la 2^e dans le Sud, voir le §74-e. [ex. *pers.*: *elle chove*, *elle são horas* (sujeito gramatical)]. Aussi, dans le Sud, il est fréquent de faire accorder *a gente* (un collectif), avec un verbe à la 1^{re} personne du pluriel: *a gente vamos* (littérairement, on dit aujourd'hui *a gente vae*; dans la langue ancienne, on peut trouver *a gente vão*). [ex. *pers.*: *todo sem artigo: todas vezes* (Dial. extrem., I, 19)].¹⁷⁷

174 Voir Cuervo, *Bulletin Hispanique*, III, 60.

175 Voir Morel-Fatio, *Mélanges Renier*, Paris 1887, p. 14.

176 Voir Cuervo, *loc. cit.*

177 [solto: Syntaxe pop. | Para a *Esquisse*, p. 145 | *muitas as vezes* Portimão etc. Tem analogia com *todas as vezes*, que é da lingua comum].

IV. – Remarque sur le lexique

80. Ce n'est pas seulement la grammaire proprement dite qui donne un caractère dialectal aux parlers des provinces, mais aussi le lexique. Il y a beaucoup de vocables qui sont usités dans certains endroits, et peu usités ou inconnus dans d'autres, par exemple *anta* dans l'Alemtejo, *orca* dans la Beira, *caçurro* dans l'Estrémadure, *orreta* en Tras-os-Montes, *agra* dans le Minho, *moledro* dans l'Algarve. Mais on comprend que je ne puisse pas développer ici ce sujet.

V. – Résumé des caractères dialectologiques

81. Pour la commodité du lecteur, je lui présente un rapide résumé des principaux caractères de nos dialectes continentaux, d'après ce que je viens de dire.

1) Dialecte «interamnense»

82. L'adjectif *interamnense* est de formation érudite [ex. *pass.*: Vid. Azevedo]:

«*Interamnense* he o nome latino que se dá á provincia de Entre-Douro-e-Minho, e se deriva de *inter amnes*, ou *entre rios*»¹⁷⁸.

Madureira l'emploie dans l'*Orthographia*, par exemple, *interamnense* à la p. 34 et 89 de la 2^e édition; en 1803, Nascimento Silveira a publié le *Pombeiro interamnense*. – Le dialecte «interamnense» est parlé dans les «districtos» de Vianna, Braga et Porto, et il s'étend au moins, pour quelques-uns de ses phénomènes, jusqu'aux «concelhos» de Sinfães et Rêsende dans le «districto» de Viseu. Dans toutes ces régions, outre le *b < > v*, phénomène commun à d'autres régions, on trouve *-õu < 1. -one* (§45-c), sauf peut-être dans quelques endroits de l'extrême Nord, la 2^e personne pl. en *-ides* (§74-c), et la dénasalisation de *-õ* et *-ẽ* (§§50-f et 51-f). On divise le Minho en *Alto-* et *Baixo-*; l'adjectif qui correspond à l'ensemble de ces régions est *minhoto*, très usité. Le langage du Minho («districtos» de Viana, de Braga et une partie de celui de Porto) possède en commun ces phénomènes: *-ũ- atone* (§51-b), *-ã- atone* (§50-d), *õu* (§56-e). Dans le sous-dialecte *alto-minhoto*, on trouve la terminaison archaïque *-ẽ* (§44-n), qui établit une transition entre le portugais et le galicien, la distinction entre *ç* et *s* (§59-e), et dans certains cas *é* et *ó* pour *ê* et *ô*. Dans le *baixo-minhoto*, on entend couramment *áur*, *éur*, *íur* (§59-d), *uô*, *iê* (§§45-b et 44-b); le langage de Porto avec un *ç* et *z* pour *s* et *f*, et celui de la Borda d'Agoa (Póvoa, Villa do Conde) avec quelques particularités phonétiques, par exemple *ch* pour *x*, appartiennent à ce sous-dialecte. On peut appeler sous-dialecte *baixo-duriense*¹⁷⁹ le langage du Baixo-Douro, auquel se rattache celui de Rêsende et Sinfães (vid. ci-dessus); il se continue dans le dialecte *trasmontano*, à Amarante et à Mesão-Frio: les caractères principaux du *baixo-duriense* sont: *-õ-* ouvert (§51-d) et *-êi-* (§44-m et 50-c).

178 Dom Francisco Xavier de Meneses, *Henriqueida*, Lisbonne 1741, note 573.

179 L'adjectif *duriense*, dérivé de *Durius*, ancien nom du Douro, a été employé au moins depuis le XVIII^e siècle: Carmelo, *Orthografia*, 1767, p. 422, parle des «*povos Transdurienses*»; en 1823, on a publié à Porto la *Borboleta Duriense*.

2) Dialecte «trasmontano»

83. A l'expression populaire *trasmontano* correspond la forme littéraire *trasmontano*. [ex. pess.: Vid. Azevedo na critica (?) da RL]. Dans le sous-dialecte *raiano* (Nord), on trouve la terminaison archaïque *-ã* (§49-e), *-ãηa* (§48-a), des prétérits forts en *-o*, *houbo*, *quijo*, *tebo* (ce qui établit une transition à l'espagnol), des prétérits en *-este*, *-iste* (§74-b), et certaines formes archaïques, comme *frol* «flor», *si* «sim», la diphtongue *ou* (qui le rapproche du *minhoto*), le remplacement de *v* par *b*, comme en mirandais et en espagnol, les noms à deux formes, *só* – *sóa*, *abó* – *abóa*. Dans le sous-dialecte alto-duriense,¹⁸⁰ il y a *ô* pour *ou* (§56-e) et *ê* pour *eu* (§56-b), et, au moins dans une partie de la région appelée *Alto-Douro* il y a *-ã-* pour *-ẽ-* (§§44-m et 50-d); sur les bords du Douro, on entend des formes du type *meinos* (§44-k). Dans une grande partie de la province (Ouest etc.), on établit une différence phonétique entre *z* – *ç* et *f* – *s*, et partout *ch* existe à côté d'*x*.

3) Dialecte «beirão»

84. La province de la Beira comprenait [ex. pess.: Vid. Azevedo], dans l'ancienne géographie portugaise, les territoires qui constituent aujourd'hui la Beira-Alta, la Beira-Baixa et les «districtos» d'Aveiro et de Coïmbre (Beira Occidentale ou Maritime). Elle a le titre de principauté. Les ethniques qui lui correspondent sont *beirão* et *beirense*; le second est purement littéraire. Dans le sous-dialecte *baixo-beirão*, il y a: *ô* et *ö* (ou *ou*) pour *ou* (§56-e), *ü* pour *u* (§47); *é* pour *á* (§43-a); *ê* pour *eu* (§56-b); la forme *trager* (§75-n). L'*alto-beirão* présente dans les «concelhos» de Rêsende et Sinfães des phénomènes de transition à l'*interamnense* (§82); dans certains endroits de son domaine, on trouve *-ũ-* et *-ã-* atones, dans d'autres *-õ-* et *-ẽ-*, et dans d'autres *ou*. Dans le *beirão* occidental, il y a *-ũ-* et *-ĩ-* atones (§50-d). Dans toute la province, on confond *b* avec *v*, mais on distingue *ch* d'*x*. Dans quelques localités de la Beira-Baixa et Alta, on remplace *ç* – *z* par *s* – *f*; dans d'autres, on distingue ces sons l'un de l'autre. Le parler des montagnes du «concelho» de Satão constitue une variété du *beirão*, à cause de sa richesse en diphtongues. Le *beirão* fait la transition entre les parlers du Nord et ceux du Sud. Pour l'étude de ce dialecte au moyen âge, on possède quelques *Foros* intéressants publiés dans les *Portugaliae monumenta historica (Leges et consuetudines)*: celui de Castello-Rodrigo, p. 849 suiv.; et celui de Castello-Melhor, p. 897 suiv. Cf. ce que l'éditeur dit à ce sujet, à la p. 742.

4) Dialecte méridional

85. J'appelle ainsi l'ensemble de parlers des trois provinces du Sud du Mondego. [ex. pess.: Vid. Azevedo]. L'ethnique de l'Estrémadure est *estremenho*, peu usité; celui de l'Alemtejo est *alemtejano*, très usité; celui de l'ancien royaume de l'Algarve est *algarvio*, aussi très usité. Le langage de cette grande contrée a en commun: *ç* – *z* pour *s* – *f*; la distinction de *v* – *b* et de *ch* – *x*,¹⁸¹ sauf dans de rares circonstances, la répugnance à l'égard des diphtongues, l'adverbe *nã* en proclise. Dans l'Estrémadure, il y a *-ĩ-* atone et

180 Sur le nom *duriense*, voir la note 175.

181 [É mantida a lição da 1.ª ed., confirmada pelos autógrafos; a 2.ª ed. introduz aqui uma emenda, justificada por esta nota: «N. de l'Édit.: Dans le texte de la première édition, on lit ici: «la distinction de *v*-*b* et *ch*-*x*». Dans l'inclusion de «et *ch*-*x*», il y a une erreur évidente de l'Auteur que nous nous permettons de corriger.»].

-*ũ*- (§§50-d et 51-d); dans le Baixo-Alemtejo et dans l'Algarve -*ẽ*-, -*õ*- (ib., ib.); l'Alto-Alemtejo présente *õ* (§56-e) et *ü* (§47); l'*ü* existe aussi dans une partie de l'Algarve, surtout en Barlavento. Lisbonne, par le caractère mélangé de sa population, et parce qu'elle est la ville la plus civilisée du pays, et le centre le plus actif de notre production littéraire, scientifique et artistique, peut à peine servir de base à des études dialectologiques, surtout en ce qui concerne le lexique. – Au sous-dialecte *alemtejano* se rattache le portugais parlé à Olivença (Espagne), où l'on dit, de même que dans l'Alemtejo: *têngo*, *vêjo*, *stô* ou *estô*, mais où, à côté de plusieurs vocables espagnols, il y a des phénomènes caractéristiques de l'andalou, comme *fïyo* = filho, *móyo* = molho (*y* pour port. *lh* = esp. *ll*).

Note sur le parler de Barrancos.¹⁸²

Barrancos (§6-a) est un «concelho» de l'Alemtejo, enclavé dans l'Estrémadure espagnole. [ex. *pers.*: Cf. Azevedo]. Ses habitants ont un parler spécial. Je possède encore à ce sujet peu de renseignements. Voici un résumé de ce que j'en ai pu obtenir.¹⁸³ – Ce parler possède le *j* espagnol dans des mots dans lesquels il y a *j* en portugais; le *ch* a le son d'*x*, comme dans l'Alemtejo; on trouve -*ão*, ex. *safurdão* «étable à cochons»; -*s* et *s* devant une consonne sont remplacés par une aspiration, de même qu'en andalous et dans l'*hispano-estremeño*, ex. *buhca* = busca; *ei* et *ou* se simplifient en *ê* et *ô*, ce qui en partie est commun à l'espagnol; -*l* tombe, ex. *Manué*, *sá* = sal, *olibá* = olival, *perá* = peral,¹⁸⁴ *l* devant une consonne se change en *r* dans *sarto* = salto, ce qui est un caractère de l'andalous et de l'*hispano-estremeño*, où l'on trouve *sirguero* = esp. *jilguero*, *arcarde* = esp. *alcalde*, *cardera* = esp. *caldera*, *er* = esp. *el*; -*r* tombe, ex. *guardá*, *alquê* = alquê(e) = alqueire, *açuca* = açúcar, *samiá* = semear, *mulhé* = mulher, *dô* = dor¹⁸⁵; -*z* se change en -*r* devant *d* dans la locution *em ber d'ir* = em vez de ir (cf. §59-e); le *v* se confond avec *b*, comme en Espagnol, ex. *faba*, *binho*, *olibá* = olival, *aconchabá*; on dit *menza* = mesa, comme dans le reste du Sud. Dans les voyelles, je ne trouve rien de spécial, si ce n'est -*i* pour -*e* atone, ex. *cobi* = couve, *azêti* = azeite (cf. §50-e); il semble que les voyelles se prononcent comme en portugais, par ex. -*o* a la valeur de -*u*. Dans les verbes: parfait en -*i* à la I^e conj. (§74-a), ex. *labí* = lavei, *matí* = matei; le parfait de *andar* est *andubi* < > esp. *anduve*; celui de *vir* est *vinheste* (§75-r); celui de *saber* est *supimos*, auquel correspond le plus-que-parfait *supéras* (cf. esp. *supimos* et *supieras*); le participe de *ter* est *tenido*, comme en espagnol (mais l'imparfait *tinha*, comme en port.); on dit *tinha morto* «morrêra» (cf. esp. *habia muerto*). Le pronom portugais «*nós*» se traduit

182 [ex. *pers.*: Fink, p. 55, nt. 2: portugiesisch-zamoranischer Grenzort». Otto Fink, *Studien über die Mundarten der Sierra de Gata*.

183 Une partie de ce que je vais dire se fonde sur ce que j'ai entendu de la bouche d'un *Barraqueiro*; l'autre partie a pour base une liste ms. de mots qu'on m'a fournie.

184 Je trouve ces mots ainsi écrits. Je ne sais pas si, à la finale, il y a une légère aspiration. En andalous: *jenerá* = general (dans le *Folklore andaluz*, 1882-1883, p. 132).

185 J'ai trouvé ces mots ainsi écrits; je ne sais pas si, comme dans l'andalou et dans l'*hispano-estremeño*, il y a une faible aspiration finale. Dans le *Folklore betico-estremeño*, 1883-1884, on cite ces vocables: *andâ*, *querê*, *decî*, *colô* (p. 36), où l'accent circonflexe dénote l'aspiration; dans le *Folklore andaluz*, ci-dessus cité, je trouve: *comensá + h* (p. 132), mais *labraó* = esp. *labrador*, *señó*, *mujé*, *pedí*, *arrecogé* (p. 133), *bení*, *tocá* (p. 134), etc.

par *nosôtros* (c.-à-d. *nuzôtrus* ou *nuzotrux*) <> esp. *nosotros*. Dans la syntaxe: *se morria* «morria»; cf. esp. *morirse*. Dans le lexique, il y a beaucoup de mots qui se trouvent aussi en espagnol, comme: *chascarilho* = esp. *chascarrillo*, *pinchá* = esp. *pinchar*, *nido*, *calhejera* = esp. *callejera*, *engatussá* = esp. *engatusar*, *sacá* = esp. *sacar*, *perá* = esp. *peral*, *rubio*, *campana*, *papa* (au sens de «pomme de terre», esp. *papa* et *patata*), *Pépi* = esp. *Pepe*, *polho* = esp. *pollo* etc.; des mots qui sont féminins en espagnol (mais masculins en portugais) conservent le même genre à Barrancos, ex. *a sá* = esp. *la sal*, port. «o sal», *a mé* = esp. *la miel*, port. «o mel»; on voit que, malgré la forme locale que ces mots ont prise, le genre s'est maintenu. Il me serait facile d'augmenter encore cette liste. A ce qu'il semble d'après ce qui précède, le fond de la langue de Barrancos est le portugais de l'Alemtejo, avec un fort mélange d'éléments grammaticaux et lexicologiques espagnols (andalous), dû au voisinage de l'Espagne; [ex. *pe.ss.*: Ou o inverso como em S. M. de Trevejo?] je ne possède pas encore de matériaux en assez grand nombre, pour exprimer à ce sujet une opinion fondée. Les *Barranqueiros* s'adonnent à l'agriculture et à la contrebande; je crois que leur vocabulaire contient quelques éléments *ciganos*. Ils ont une telle conscience de leur quasi indépendance géographique et linguistique, que, quand on demande à un habitant de Barrancos s'il est portugais ou espagnol, il répond: – *Sô Burranquêro!* («sou Barranqueiro»); l'*o* s'est changé en *u* sous l'influence de la consonne labiale voisine).¹⁸⁶

86. La distribution que je viens de faire de nos dialectes, fondée sur la géographie, se heurte à quelques difficultés (cf. §7-A), parce que des phénomènes que l'on présente comme caractéristiques du parler d'une région, peuvent aussi appartenir à d'autres (par ex. *ôu* appartient en même temps à Entre-Douro-e-Minho et à la Beira-Alta). La seule classification rigoureuse serait celle où l'on considérerait non l'ENSEMBLE des phénomènes, mais CHACUN séparément. Nous aurions, par ex.:

<i>é</i> pour <i>a</i>	dans certains endroits de la Beira-Baixa et de l'Alto-Alemtejo;
<i>ïi</i>	dans certains endroits des mêmes provinces et de l'Algarve;
<i>ô</i> pour <i>ou</i>	dans le Sud-Est de Tras-os-Montes, sur plusieurs points de la Beira, et dans tout le Sud, sauf dans les régions de <i>õ</i> ;
<i>uô</i> et <i>iê</i>	dans le Minho;
<i>ôu</i>	en Entre-Douro-e-Minho;
<i>ç-z</i> à côté de <i>s-f</i>	sur les frontières du Nord et dans plusieurs endroits de la Beira;
<i>b</i> <> <i>v</i>	dans tout le Nord, dans le Centre, et dans quelques points isolés du Sud;
<i>ch-x</i>	dans le Nord et dans le Centre;
parf. en <i>-i</i> à la I ^{re} conj	dans une partie de la Beira et dans le Sud.

186 On observe partout des faits semblables. Par ex., les habitants de Tortosa, dans le N.-E. de l'Espagne, disent qu'ils ne sont ni Catalans, ni Aragonais, ni Valenciens.
– Alors, qu'est-ce que vous êtes?
– *Som Tortosins.*

Et ainsi successivement.¹⁸⁷ Toutefois, la classification géographique, si elle n'est pas absolument parfaite, est du moins commode, et elle correspond aussi, à certains égards, à la réalité. – L'accent musical, qui varie d'une localité à une autre, est un caractère dialectologique important, quoiqu'il ne puisse être apprécié dans un travail comme celui-ci.¹⁸⁸

187 [Neste ponto, a 1.^a ed. tinha um período que foi riscado a lápis azul no ex. pess.: «On verrait en même temps, et d'un coup d'oeil, que les phénomènes dialectologiques sont nombreux». Uma nota manuscrita no rodapé justifica o corte: «Póde parecer que ha contradicção com o que digo a p. 33, §8-A». Aí, o autor afirmava, p. ex., que um camponês do norte de Portugal não tem dificuldade em compreender um outro do sul; cf. p. 58].

188 À titre de curiosité, je cite une observation de l'archevêque Cenaculo (écrivain du XVIII^e siècle), que j'ai trouvée à la p. 4 du «caderno» 18 de ses mss., à la Bibliothèque d'Évora. Il dit que les derniers accents d'une phrase prononcée par un habitant de Beja «não são desaprazíveis, pois são dados em *mi, fa, sol – mi, re, sol*». – Les habitants du Nord, quand ils entendent parler ceux du Sud, Lisbonne comprise, imaginent que ceux-ci chantent.

Chapitre II

Dialectes insulaires

87. Sous cette désignation, je comprends les parlers de nos archipels des Açores et de Madère, qui ont été découverts par les Portugais au XV^e siècle, et qui étaient alors déserts [ex. *pers.*: Cf. Azevedo]. J'appelle ces parlers respectivement *açoreano* et *madeirense* (en français: *açoréen* et *madérien* ou *madérois*). Pour la bibliographie, voir §§17 et 28. – Tout compte fait, il semble qu'il n'y ait pas de grandes différences entre l'*açoréen* et le *madérien*.

I. Dialecte açoréen

88. Les caractères de l'açoréen ont été surtout étudiés par M. Gonçalves Vianna (d'après le langage de Ponta Delgada) et par moi (d'après le langage des Arrifes): voir *Rev. Lusit.*, I, 238, et II, 290. Aux Açores, on a *ü* (§47, ou *ü* français, = *u* port.; *ö* = ou (§56-e); *a* ouvert et tonique labialisé, *â*, dans *câsa*, etc.; *u* = port. *o* dans *flur* = flor, *amur* = amor; un *t* gingival ou palatal; *ã* < > port. *ão* dans *mã* «mão»; il y a *ê* = port. *ei*, ex. *tercêro* = terceiro, dans les prétérits, la diphtongue portugaise *-iu* se réduit normalement à *-i*; le pluriel des noms terminés par *-l* est *-es*, ex. *azules*, sing. *azul* (cf. §70-a). – M. Lang a publié dans la *Rev. Lusit.* une note sur le parler de la colonie açoréenne de New-Bedford (§6-j); il y signale quelques anglicismes qui sont entrés dans le Portugais, par ex.: *chulipe* «dormindo» (*sleep*), *bins* «feijões» (*bean*).

II. Dialecte madérien

89. Dans le langage de Madère, je trouve aussi *ü* dans la bouche des habitants de Machico et Porto-Monis; *â* à Porto-Monis, ex. *caasa*; *u* = port. *ô* à Porto-Monis et Ponta da Cruz, ex. *bum* = bom, *flur* = flor; à côté de *pôco* = pouco, à Ponta da Cruz, je trouve *pessôua* et *Lisbôua*. A Machico, je trouve *ei* dans *rei*, *ceia*, *ribeira*, diphtongue que je n'ai pas trouvée aux Arrifes (Açores). Dans toute l'île de Madère, il y a un *i* spécial que M. Gonçalves Vianna¹⁸⁹ compare à l'*y* polonais, et que je note par *ĩ*, ex. *navio* (presque *navêio*), *riõ*; il y a aussi un *lh* spécial, qui donne

189 *Essai de phonétique*, p. 6 (dans la *Romania*, t. XII).

l'impression que des mots qui, en portugais, contiennent une *l*, comme *grilo* ont le son de *lh* (*grilho*), et que des mots qui, en portugais, contiennent un *lh*, comme *filho*, ont le son de *l* (*filo*). Ces derniers phénomènes, je ne les ai pas encore observés dans les Açores.

90. Les parlers insulaires, comparés à ceux du continent, se dénoncent (surtout celui des Açores) comme originaires du Sud de Portugal.

Chapitre III Dialectes d'outremer

91. Je nomme ainsi, comme je l'ai dit au §§6-g suiv. et 7, le portugais qui date de l'époque de notre expansion coloniale et qui se parle dans nos colonies actuelles, dans celles qui nous ont appartenu et qui ne nous appartiennent plus, et encore dans d'autres régions où s'est fait sentir notre influence et notre action.

Quand des peuples parlant des langues diverses se trouvent en présence les uns des autres, une lutte morale se produit entre eux, parce que c'est le langage qui différencie le plus les hommes. Cela est arrivé entre les Portugais et les peuples des régions dont je viens de parler. Notre grammairien du XVI^e siècle, Fernão d'Oliveira, a noté parfaitement ce phénomène:

«Vemos em Africa, Guiné, Brasil e India não amarẽ muytos os Portugueses que antrelles naçem, so polla diferença da lingua: e os de la nacidos querẽ bem a os seus Portugueses e chamanlhes seus, porq̃ falão assi como elles».¹⁹⁰

Deux faits résultèrent de cette lutte: les Portugais ont été obligés d'apprendre quelquefois les langues indigènes,¹⁹¹ et les indigènes d'apprendre la langue du Portugal. Le second fait est le seul qui m'intéresse pour le moment, parce qu'il en est résulté (voir §6-k) la formation des dialectes créoles, et d'autres variétés du portugais; entre

190 *Gram. da linguagem port.*, 2^e éd., p. 16.

191 Nos missionnaires et nos religieux s'intéressaient spécialement à l'étude des langues indigènes au point de vue catholique, et ils ont composé beaucoup de livres dans ces langues (des grammaires, des dictionnaires, des catéchismes). Cf. Cannecatim, *Dicc. da ling. bunda*, Lisbonne 1804, p. I; Faria e Sousa, *Imperio da China*, p. 153-154. Outre les œuvres destinées directement ou indirectement à la propagation de la foi, il y en a d'autres, faites avec des intentions scientifiques ou de simple curiosité. Il serait intéressant de rédiger, par groupes de langues dans ces conditions, des catalogues semblables à celui qu'a confectionné Cunha Rivara, sous le titre de *Bibliotheca concani*, et qu'il a publié en tête de l'édition qu'il a faite de la *Grammatica concani*, du P. Thomas Estêvão, Nova Goa 1857, p. CXV.

les uns et les autres, on peut admettre des degrés.¹⁹² Au §6-k, note 57, j'ai parlé des éléments portugais introduits dans les langues étrangères, et des éléments étrangers introduits dans notre langue.

Dans les sections qui vont suivre, je ne m'occuperai pas des parlers de toutes les régions que j'ai mentionnés au §6, mais seulement de ceux dont j'ai pu obtenir des textes ou des notices grammaticales.

I. Dialecte brésilien

92. Le Brésil a été découvert par nous en 1500, et il a appartenu au Portugal jusqu'à 1822, année où il s'est déclaré indépendant. Dans la population brésilienne entrent des éléments de trois origines principales: un élément indigène; un élément blanc, surtout portugais; un élément nègre, originaire des possessions portugaises d'Afrique, et apporté au Brésil comme esclave. Mais le Portugais proprement dit et le Nègre de la côte

«não são Brasileiros, e sim estrangeiros. O genuino é o descendente d'estas tres origens».¹⁹³

93. La langue nationale du Brésil est le portugais, qui, transporté dans un milieu si différent de celui de son origine, y a éprouvé beaucoup de modifications. Les écrivains brésiliens ont beaucoup discuté, au point de vue patriotique, si le portugais du Brésil est ou non un dialecte.¹⁹⁴ Si j'appelle *dialecte*, par exemple, le portugais de Tras-os-Montes, à plus forte raison je dois donner ce nom au portugais du Brésil, ou *brésilien*. En prenant pour base, soit les faits que la bibliographie (§§18 et 29-a) m'a fournis, soit ceux que j'ai recueillis moi-même de la bouche de quelques Brésiliens, j'indique dans les §§ suivants les principaux caractères de ce dialecte.

94. Phonologie. L'*e* et l'*o* atones médiaux ne se prononcent pas *ə* (*i*) et *u* comme en portugais, mais ils se prononcent *ê* et *ô*: *sênhôra*, *pêquêno*, *côbraste*, *sôpraste*; on prononce de même *Pàrà*, *càsár*, etc. Cette prononciation dénonce immédiatement à une oreille portugaise le parler du Brésil. La phrase *di lá* «de là» sert chez nous à caractériser les Brésiliens (cf. §8). La diphtongue *ou* se prononce *ô*, par ex.: *pôco*, *andô*; on dit *caxa* ou *caixa*; on ajoute un *i* à la syllabe finale de certains mots terminés par *-ê*: *fei* = **fê* = *fez*, *trei* = **trê* = *tres*, *francei* = **francê* = *francês*; la diphtongue qui dans notre orthographe s'écrit *-em*, les Brésiliens la prononcent *-êi*, ex. *bêi* «bem». L'*-r* tombe: *flô* = *flor*, *muyê* = *mulher*, *ardê* = *arder*, *bôtá* = *botar*; je trouve aussi dans des textes populaires: *mê* = *mel*, *fê* = *fel*, qui ont passé probablement d'abord par les formes **mer*, **fêr*, l'*r* tombant après; en effet, dans la région du fleuve des Amazones,

192 Sur des caractères créoles dans le brésilien, voir §95; et dans le portugais de Goa, voir §108-A.

193 Silvio Romero, *Estudos de poesia popular*, 1888, p. 8.

194 Voir les éléments de cette question, par ex., dans Silvio Romero, *loc. cit.*, p. 310 suiv.; Pires Ferreira, *Notas sobre a lingoa portuguesa*, p. 41 suiv.; Batista Caetano, *Rascunhos de grammat. port.*, p. 5.

l'*l* se change en *-r*, ex.: *animar* = animal, *marvado* = malvado.¹⁹⁵ J'ai entendu un habitant de San-Paulo prononcer l'*-s* comme dans le sud du Portugal, c.-à-d. *x*, ex.: *trêx* = très, *dôix* = dois. L'*l* mouillé (*-lh-*) se change en *y* (*i*), ex.: *muyé* = mulher.¹⁹⁶ Phénomènes isolés: *passo* = pássaro, *ansim* (cf. anc. esp. *ansí*) = assim, *gintém* = vintém, *sinhá* = senhora. – La prononciation brésilienne, comparée à la nôtre, a quelque chose de traînant.

95. Morphologie. Il y a une tendance à supprimer dans certaines circonstances l'*-s* du pluriel des noms: *as casa*, *casas grande*, ce qui est un caractère des dialectes créoles, comme M. Adolfo Coelho l'a déjà remarqué dans son travail (I, 30). La conjonction portugaise *se* a dans le brésilien la forme *si*, et, comme je l'ai déjà dit au §94, la préposition *de* a la forme *di*. Le gérondif et d'autres classes de mots qui ne prennent pas habituellement chez nous la forme du diminutif, la prennent au Brésil, ex.: *dormindinho*.

96. Syntaxe. Un phénomène remarquable est celui de l'inversion des pronoms, ex.: «Supponde que um português *apodera-se* de todos os idiotismos», au lieu de *se apodera*. Le pronom sujet s'emploie au lieu d'accusatif: *chamar elles* «chamá-los» ou «chamá-los a elles». La préposition *em* s'emploie pour *para* et *a* avec des verbes de mouvement: «*levei-o na casa*», au lieu de «*levei-o para casa*».

97. Lexique. Notre lexique a été très altéré. Les mots primitifs ont reçu quelquefois des significations nouvelles, par ex.: *faceira* «mulher casquilha», *babado* «folhos», *capoeira* «mato raro».¹⁹⁷ D'un autre côté, beaucoup de mots indigènes (du *tupi-guarani*) et africains y ont été introduits.¹⁹⁸

98. Sous-dialectes. Le Brésil, à cause de son extension et de la variété des races qui le peuplent, nous offre des différences dialectales. Je ne puis cependant fournir à ce sujet beaucoup de renseignements. Le parler de la région des Amazones, par exemple, présente quelques particularités (voir §94), de même que celui du Pará, où l'on dit *canúa* «canaoa», avec le changement d'*ô* en *u*, comme aux Açores (§88). Du Rio Grande do Sul, Pereira Coruja dit:

«ha alguns vocabulos e phrases que não tem equivalentes nem no uso commum, nem nos dictionarios da lingoa».¹⁹⁹

195 [ex. *pers.*: No *Castrioto Lusitano* de Fr. Rafael de Jesus, Lx.³ 1679, p. 8, diz-se que o gentio do Brasil não tinha no alfabeto da sua lingoa F, L, R [*fé, lei, rei*], o que, segundo o A., se deve entender politicamente].

196 [ex. *pers.*: «Em S. Paulo o povo não pronuncia a molhada [*teyado, moiado*]», Pacheco da Silva J.^{or}, *Gram. hist. da l. port.*, Rio de J. 1878, p. 106].

197 Silvio Romero, *Estudos de poesia pop.*, p. 317.

198 Cf. Silvio Romero, *loc. cit.*, p. 11 n., et 313 suiv.; Verissimo, *Vida amazonica*, p. 24 suiv.; Pires Ferreira, *Notas sobre a ling. port.*, p. 47.

199 Voir le *Vocabulario* que j'ai cité au §29-a.

Silvio Romero, *Estudos de poes. pop.*, p. 339, note aussi quelques différences lexicologiques, selon les localités.²⁰⁰ Dans la *Notícia do Brasil* (XVI^e siècle) contenue dans la *Collecção de notícias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, t. III, Lisbonne 1825, on dit que les Tupinambas:

«para dizerem *Francisco* dizem *Pancisco*, para dizerem *Lourenço* dizem *Rorenço* [remarquer déjà ô = ou, selon le §94], para dizerem *Rodrigo* dizem *Rorigo*»;

faits réellement peu caractéristiques. José Feliciano de Castilho, dans l'*Orthographia portuguesa*, Rio de Janeiro 1860, dit d'une manière générale:

«O [portugais] do Rio de Janeiro diversifica do do interior de San-Paulo; este, do do Ceará ou das Alagoas».

Aux philologues brésiliens, il appartient d'étudier ce sujet.

99. Les différences que j'ai notées aux §§94-95 ne sont pas de toutes les régions, ni de toutes les classes sociales. Je pense que les personnes instruites ne disent par exemple, ni *trei*, ni *muyé*, mais elles disent *môlhár*, *pêquêno*, *di lá*, *si*, et elles font les modifications syntaxiques notées au §96. Ces modifications et l'emploi de *si* et de *di lá*, on les trouve aussi dans la langue écrite, qui, en général, n'offre rien d'autre à noter, si ce n'est le vocabulaire.

100. Parmi les éléments blancs de l'ethnologie brésilienne, il y en a d'autres que le portugais. Ainsi, on trouve beaucoup d'éléments hollandais au Pernambouc, et beaucoup d'éléments allemands et italiens dans le Sud. Déjà dans la *Revista Lusitana*, VI, 189, j'ai publié la traduction d'un article de Sellin, sur les «portugaisismes» introduits dans l'allemand parlé par les colons originaires d'Allemagne, par ex.: *Ranschen*, pl. du port. *rancho*, *Riemen* «remo», *Passascher* «passageiro». – Du portugais parlé par les Nègres Créoles du Brésil, j'ai donné des spécimens dans mon *Dialecto brasileiro*, p. 27 (qui peuvent être rapprochés de ceux que j'ai cités au §18), par ex.: *Abri zôio cu esse gente*, – *No fáce cu zêre susso*.

II. Indo-portugais

101. Par l'expression d'*indo-portugais*, on comprend généralement le portugais parlé autant dans l'Inde propre, qu'à Ceylan. Ici, je ne m'occupe que du portugais de l'Inde propre; le dialecte de Ceylan sera étudié à part.

La découverte de la route maritime des Indes a été réalisée par Vasco da Gama en 1498; notre première forteresse indienne a été Cochin, fondée en 1503. L'État de l'Inde s'est constitué en 1505; mais nous y avons fait des conquêtes encore au XVIII^e siècle.

L'Inde Portugaise se compose, à l'heure actuelle, des territoires suivants: Goa, Damaão et Diu. Jadis les possessions portugaises étaient beaucoup plus vastes; de l'ancienne

200 [ex. pess.: E a p. 60 falla do grande uso de deminutivos em Paraty (prov. do Rio de J.): *tuzinho*, *assimzinho* (cf. *dormindinho* em M. de Mello)].

splendeur, il ne nous reste que peu: ce que je viens d'indiquer; le *patronat de l'Orient*, c'est-à-dire le droit métropolitain que le patriarche des Indes et archevêque de Goa exerce dans les diocèses de Goa, Damão, Cochin et Meliapor (les derniers tout à fait étrangers, les deux premiers seulement en partie portugais); et, enfin, l'emploi plus ou moins répandu de notre langue en dehors des territoires qui appartiennent aujourd'hui au Portugal.

Quelques-uns des parlars dont je vais m'occuper constituent proprement des dialectes créoles; les autres, non. Pour la bibliographie, voir §§18 et 29-c.

1) Dialecte créole de Diu.

102. Pour l'étude du créole de notre ville de Diu, je me sers d'un article publié par le Dr. H. Schuchardt dans ses *Kreolische Studien*, III, Vienne 1883. Au sujet des textes donnés par M. Schuchardt, M. J. Quadros dit dans son livre: *Diu*, Nova Goa, 1899, p. 98, qu'ils

«estão locutivamente perfeitos, em harmonia com o dialecto de Diu ha vinte annos atrás»;

d'où l'on peut conclure que le parler actuel est un peu différent de celui représenté dans ces textes. – Population de Diu (chrétiens et indigènes): 12.758 habitants.²⁰¹ Outre le portugais, on parle à Diu le goujerati (et l'arabe). Nous y avons des écoles de portugais et de goujerati.

103. Les principaux caractères de ce dialecte, tels que M. Schuchardt les a exposés, sont ceux qui suivent. Près de labiales, le *v* tombe parfois: *ós* = vos; mais dans *vor* = hora, un *v* a été ajouté (cf. catal. *vora* < l. ora, pr. *vo* = o); on constate une tendance à supprimer la voyelle finale, après une consonne simple ou un groupe, par ex. *corp* = corpo, *contr* = contra, comme dans les langues néo-hindoues; *-lh-* tombe, ex. *imbrui* = embrulho (cf. §94), *-nh-* tombe aussi, ex. *quião* = quinhão. Le pluriel est indiqué par la répétition du nom, ex. *cão-cão* (cf. le «macaista»). On a des temps périphrastiques, comme dans d'autres parlars créoles: *eu tá vai* «je vais», *eu já comeu* «j'ai mangé», *eu had vai* «j'irai». En fait de syntaxe, M. Schuchardt cite des exemples où le sujet suit le verbe, et où le régime le précède. En ce qui concerne le lexique, il est évident qu'il doit avoir éprouvé l'influence du goujerati. – Ce dialecte, dit M. Dalgado, est

«fallado com tanta rapidez e com entoação tão peculiar, que se torna quasi um arcano aos estranhos pouco praticos».²⁰²

Selon M. Pereira Nunes, il n'y a que peu d'indigènes qui parlent le portugais à Diu.²⁰³

2) Dialecte créole de Damão.

104. La population du «districto» de Damão (fr. Daman) est de 64.248 habitants (1887), d'après les *Noticias e documentos para a historia de Damão* d'A. F. Moniz, Bastorá

201 J. Quadros, *Diu*, Nova Goa 1899, p. 92.

202 *Dialecto indo-português de Ceylão*, Lisbonne 1900, p. XXVII.

203 *Relatorio de Diu*, Nova Goa 1898, p. 15.

1900, p. 215-216. Dans ce livre, il y a un chapitre intitulé *Amostras do dialecto damanense* (p. 254-268), qui se compose de chansons et de la traduction d'une fable d'Esopé. Ce n'est que celle-ci qui est en vrai créole; les chansons sont les unes en portugais pur, les autres en demi-créole (cf. 123). Je me sers du texte de la fable pour l'analyse qui va suivre.

104-A. Dans la phonologie je signale: l'apocope des voyelles atones, de même qu'à Diu (§103): *velh*, *bazruc* «bazaruco» (sorte de monnaie), *histor* = história; l'apocope d'-r: *cordá*, *launtá* = levantar, *turcê* = torcer; l'apocope de certaines syllabes: *contán* = contando, *gemén* = gemendo,²⁰⁴ la simplification des diphtongues *eu*, *ou*, comme dans le Sud du Portugal: *mê-nôt* = meia-noite, *chê* = cheio. Dans la morphologie: les formes suivantes pour le féminin et le pluriel: *um chistós histor*, *doi mulher*, *doi cread*; pronoms: *mim* et *su* (comme possessifs), *ôt* = outro, -a, *aquel*, *ess'noss*, *tud* = todos; verbes: *eu tem contán* «je compte», *tá fazén* «il fait», *tinh fazén* «il faisait», *tinh cantan* «il chantait», *tinh fallán* «il disait», *já fallou* «il a dit», *já respondeu* «il a répondu», *já fez* «il a fait», *nós fazê* «nous ferons»; l'auxiliaire est donc *tem* «tem», «está», «é», «ha», et *tinh* «tinha», «estava», «era», «havia»; particules: *qui lai* «como» (cf. §110), *pu* «para», *num* «não». Dans la syntaxe: l'ellipse du verbe dans cette phrase: «*ess nöss don munt rabjent*» «esta nossa dona é muito rabujenta».

104-B. Un de mes amis qui a habité Damão, m'écrit que les chrétiens indigènes se piquent de parler portugais, plutôt que le goujerati.

3) Dialecte «norteiro».

105. On appelle *norteiro* ou *portugais des Norteiros* le parler des habitants du Nord de la côte occidentale de l'Inde, en territoire anglais: c'est-à-dire Bombay,²⁰⁵ avec Mahīn, Baçaīn, Chaoul, Bandora, l'île de Salsete, etc. Ce dialecte présente quelques variétés. – Voir: Márques Pereira dans la revue *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, I (1899-1900), 64-65; et Sebastião Dalgado, *Dialecto indo-português de Ceylão*, 1900, p. 91 et 99; M. Dalgado a mis à ma disposition quelques textes mss. modernes; et une étude grammaticale qu'il avait commencée.

106. Voici les principaux phénomènes grammaticaux, d'après l'étude de M. Dalgado ci-dessus citée. Suppression des voyelles postoniques, soit après consonne, soit après voyelle: *navi* = navio, *ru* = rua, *filh* = filho, *pobr* = pobre, *palaç* = palácio (cf. les parlers de Diu et de Damão: §§103 et 104-A); quelquefois la suppression de l'-r des infinitifs: *cordá* = acordar; et de l'-s: *elot* = ell'outros; réduction des diphtongues *ei* et *ou* à *ê* et *ô*, comme à Damão (§104-A); -l- devient -lh-, ex. *alhi* (cf. madérien, au §89); *c* devient *ch* dans *rich* = rico (peut-être sous l'influence de l'anglais *rich*); dans *lj* il y a une assimilation de la linguale à la palatale: *alhof* = aljofre. En ce qui concerne la morphologie: le pluriel, *ou* est formé avec -s, ex.: *oficiais*, ou avec reduplication,

204 Par l'intermédiaire de *contand*, *gemend*. Je ne trouve pas ces formes dans le texte que j'analyse, mais j'y trouve *arrendend*, avec -d: cf. dans le dialecte norteiro, le mot *comprand* (§106).

205 [ex. pess.: Dada por Portugal á Inglaterra em dote de D. Catherina quando casou com Carlos II em 1661 [Conde da Ponte o encarregado d'isto]].

comme à Diu, etc., ex.: *fi-fi* = «filhos»; le pluriel ne s'indique pas, quand le nom est accompagné d'un accessoire pluriel ou d'un indéfini, par ex.: *dos camis* «duas camisas», *quant serv* «quantos servos» (cf. le brésilien, au §95), ou encore, quand la pluralité se reconnaît de soi-même, par ex.: *sapat no pé*; pronoms les plus remarquables: *usot* = vós outros, *elot* = ell'outros, *ós* = vós (cf. §103, Diu) qui s'emploie en même temps au pluriel et au singulier, *mim* «meu», «minha», *su* «seu», «suá»; les temps de verbes sont périphrastiques: présent *tá compra*, *tá comprá*, *tá comprand*; parfait *já* ou *ji comprou*, *já* ou *ji compri*; imparfait *tinh comprá*, *tinh comprand*; futur positif *ha* ou *had comprá*; futur négatif *n'ha* ou *n'had comprá*. Dans la syntaxe, je noterai que l'article défini est peu usité: cf. *tant er fom d'aquel rapaz* = tanta era a fome etc. Le lexique se ressent de l'influence des langues indigènes. – M. Joaquim José dos Santos, qui a habité Damão, m'informe qu'à Mahim Supérieur une femme l'a salué de cette façon: *Bô tá, sô pá rigá* (= boa tarde, sr. padre vigário), et une autre: *Pádri, tem bom?* (= padre, está bom?).

4) Portugais de Goa.

107. Goa est notre principale possession dans l'État de l'Inde. Sa population est de 494.836 habitants. Pour écrire le paragraphe qui va suivre, je prends pour base le travail de M. Sebastião Dalgado, cité au §29-c, les observations que j'ai faites moi-même dans la prononciation de plusieurs Indiens, des lettres et des journaux (§18). La langue générale des indigènes est le concani; ils apprennent cependant le portugais, qui est l'idiome naturel des «descendentes»²⁰⁶ et en même temps l'idiome officiel. Une autre langue indigène (littéraire) est le maratha, qui est très proche parent du concani. Sur les luttes entre le portugais et les langues indigènes, voir Cunha Rivara, *Ensaio historico da lingua concani*, Nova Goa, 1857, p. XLIX-CCXXXVI (préface de la Grammaire du P. Estevão). La résistance indigène a été trop grande pour qu'un dialecte créole pût se former; toutefois, le portugais de Goa présente certaines particularités dialectales, pour ne pas parler du lexique, fortement imprégné d'éléments hindous.

108. Observations phonétiques: la voyelle atone finale tombe, ex. *dinheir*, *minh filh* (cf. §103, Diu); il y a une tendance à fermer les voyelles atones ouvertes, par ex. *sumente* = sómente, *âlgum* = algum, *excacões* = exceções, *contracões*, *su'ação*, *hâ quanto tempo*, *a primeira vista* = à primeira v.; -e atone se prononce -i, ex. *fonti*, comme dans le Sud du Portugal; entre une voyelle atone et une voyelle tonique, un *i* se développe, qui supprime l'hiatus, ex. *um ierre* = um R, *goiense* = goense, *puieta* = poeta, *só i elles* = só elles; il y a une tendance à nasaliser l'-i et l'-u toniques, par ex. *concanim* = concani, *bambúm* = bambú;²⁰⁷ à -em correspond -ê (§44-n), ex. *bê*, *tambê* (avec ê nasal), ce qui est un phénomène archaïque; l'adverbe *muito* se prononce *múito* comme dans le portugais archaïque (§77-a); dans *cêar*, *lêoa*, l'*e* ne s'est pas changé en *i* (en port. mod. *ciar*, *lioia*); on dit -êj-, -êlh-, sans diphtongue, par ex. *igrêja*, *têlha*, comme dans le Sud du Portugal (§44-g,i), et de même *caxa* = caixa; la diphtongue tantôt se réduit à ê, tantôt se maintient, avec un *i* atténué, comme dans le Sud du Portugal (§56-g), par ex. *azête*, *fêito*; la diphtongue *ou*

206 On appelle «descendentes», les descendants des anciens Portugais.

207 La tendance à nasaliser l'-i tonique est très généralisée (*Cochim*, *Samorim*): cf. H. Schuchardt dans la *Zeits. f. rom. Phil.*, XIII, 509, et Yule & Burnell, *Glossary*, p. XVII. Même dans les parlars du Portugal, ce phénomène a une certaine extension.

se réduit à *ô* (§56-e), ex. *ôtro, pôco*; l'adverbe *não* en proclise se prononce *nã* (§77-a); il y a le son archaïque *ch* (§60-a); *r-* et *-rr-* se prononcent faiblement, presque avec la valeur d'*r-*, comme à Macao; *v* se prononce comme le *w* anglais, et par conséquent on confond presque *vôo* et *ôvo*; il y a une tendance à la destruction des groupes consonantiques de la langue littéraire, par ex. *sustituir, ustaclo* (e *óstaclo*), *dianóstico* = diagnóstico, *astringente* = adstringente; dans *estranheiro* = estrangeiro, il y a une assimilation de *g* (= *j*) à la nasale précédente. Dans la morphologie: au lieu de dire «*fraquito*», on dit *um pouco fraco*, en remplaçant le suffixe diminutif des adjectifs par *um pouco*; parmi les *pronomina reverentiae* on compte *babá* «*menino*» et *bái* aussi «*menino*», mots venus du concani; le futur du subjonctif de *ver* est analogique, d'après celui des verbes réguliers: *eu ver* «*eu vir*»; dans *si tu queres* = se tu queres, on a *si*, comme au Brésil (§95), ce qui est plutôt un phénomène phonétique. Dans la syntaxe: incertitude dans la place des pronoms personnels *me, se* etc. comme dans le brésilien (§96), ex.: «*foi a carta que tu escreveste-me*», «*onde a cobiça dos poderosos põe-se de pé*»; quelquefois on échange *o* avec *lhe*, ex. *vendo-lhe* = *vendo-o*; omission fréquente de l'article, comme dans le dialecte «*norteiro*» (§106), ex.: «*pequenos como estão*» = *os pequenos*, etc.: le régime précède le verbe, ex. *chave-tire* = *tire a chave*, de même qu'à Diu (§103), ce qui peut être dû à une influence indigène; on emploie fréquemment le prétérit indéfini au lieu du défini, ex. «*se não tens recebido aquela carta*» = *se não recebeste*, etc., trait qu'on note en général chez tous les étrangers qui parlent le portugais; je trouve dans une lettre *queiras mandar-me*, avec la 2^e personne du subjonctif exerçant les fonctions de l'impératif; emploi de *no* au lieu de *ao* dans *sobe no coqueiro*, comme dans le brésilien (§96). Selon M. Dalgado, le mot concani *hĩ*, placé après le verbe revient, dans le langage de la conversation, au sens du portugais «*diz*», «*dizem*», «*diz-se*», français «*on dit*», par ex.: *elle morreu hĩ* «*elle morreu, dizem*».²⁰⁸ Curieuses formes hypocoristiques: *Filú* «*Filomena*», *Fanchique* «*Francisco*», *Manú* «*Manoel*», *Batú* «*Balthasar*», *Polú* «*Polux*»; quand on emploie deux noms juxtaposés, le premier perd fréquemment la partie finale, comme *Anton-Caetano* «*Antonio Caetano*», *Ped-Paulo* «*Pedro Paulo*».

108-A. Après la rédaction des §§ qui précèdent, j'ai lu dans l'*Ilustração Goana* (périodique littéraire), Margão 1864, fascicule I^{er}, un roman où l'auteur met quelques phrases en «*português mascavado*», c.-à-d. embrouillé (baragouiné), dans la bouche d'une femme Rosa, par ex.: *adê, mê fie; como tem ucê August? ucê tá quixand de mund; de mãiam ced; cand'eu ta vai par igrêz; uiá = olhar; uiá tud port; senhô = senhora; iou esprá*. On y trouve quelques caractères créoles, comme *ta' queixand, ta vai* (cf. §104-A). L'auteur du roman dit que la femme qui parle ainsi est une «*plebea lá das terras de Salsete*»²⁰⁹ (p. 44), et il ajoute:

«*Quanto ao portuguez mascavado que fallava a senhora Rosa, apesar de tanta lida com fidalgos e fidalgas: parece-me que mesmo essas fallavam então nada melhor a lingua, apesar da lida com europeus e europeas. O certo he*

208 En hindoustani, *hĩ* signifie «*en vérité*», «*même*», «*précisément*». Voir Platts, *A Dictionary of Urdu, Classical Hindi and English*, Londres 1884, p. 1243 [Je dois ce renseignement à M. Julien Vinson].

209 Salsete de Goa, non pas l'île de Salsete, qui se trouve beaucoup plus au Nord, dans le territoire anglais.

que o portuguez que lá ellas fallavam, precisava de ser traduzido por outro portuguez, pelos maridos, para, ainda assim, ser difficilmente entendido dos verdadeiros senhores da lingua: salvas as excepções. D'então a hoje vai alguma coisa apurado; mas ainda o *ell'outro*, o *mãi-Deus*, e outras phrases peculiares não estão abolidas de todo». ²¹⁰

5) Dialecte créole de Mangalor.

109. En territoire anglais. Ce créole fait l'objet du n° VI des *Kreolische Studien* de M. H. Schuchardt, Vienne 1884. Voici quelques-uns de ses phénomènes: chute des voyelles atones finales, comme à Goa et à Diu (§108) ex. *vint, noit*; formation du pluriel par reduplication, comme dans d'autres créoles, ex. *tud crianç-crianç*; emploi de *no, na* au lieu du simple «em»; présent formé avec *to, tu*, ex. *to vai, tu comé*; parfait positif formé avec *já*, et négatif avec *nunca*; futur formé avec *lo* (et *logo*); et l'usage du génitif anglais en *ś*, ex. *mesa ś riba* «em riba (cima) da mesa», *todos casa ś gente* «toda a gente da casa», – ce qui constitue le caractère le plus saillant du parler de Mangalor.

6) Dialecte créole de Cananor.

110. En territoire anglais. Dans les *Beiträge zur Kenntniss des kreo. Romanisch*, VI (voir *Zs. f. rom. Phil.*, XIII, 523-524), M. Schuchardt publie un très petit texte rédigé dans ce dialecte, d'où il ressort qu'on dit à Cananor *sagude* = saude, que le prétérit se forme avec *já*, comme dans d'autres dialectes créoles, ex. *yeu ja sabe*, que dans la formation du présent, *te* signifie «está», ex. *vos quelei te* «como estais» (*quelei* correspond à *quilaia* = de *que laia* «de que maneira» dans le dialecte de Macao, et à *quilai* de Damão, §104-A), que *bos di* signifie «bons dias», *vos* signifie «vosso», *mas bom* = mais bom, signifie «melhor», et que dans *eu grand sentiment te*, le régime précède le verbe (cf. §108). – Ce dialecte est parlé par 350 personnes; à côté de lui vit l'anglais et le malayâla (langue dravidiennne).

7) Dialecte créole de Mahé.

111. En territoire français. Dans le même article où M. Schuchardt publie le texte de Cananor (§110), il en publie aussi quelques-uns rédigés dans le dialecte créole de Mahé, parmi lesquels cependant il n'y en a qu'un qui soit pur. De ces textes, il résulte qu'on dit à Mahé: *quilai* < > *quilei* de Cananor (§110), *temp*, avec apocope de l'*o*, comme dans le *norteiro* (§110), qu'on emploie le génitif en *ś* (§109): *mesa ś riva*, *Lui ś casa* («Casa de Lui» = fr. Louis); et que dans les verbes le présent peut s'exprimer avec *te*, ex. *te faze*, le parfait avec *ja*, ex. *ja lava*, le futur avec *lo*, ex. *lo vai*. Il semble qu'il y a dans ce dialecte plusieurs éléments français, ce qui est naturel.

8) Dialecte créole de Cochín.

112. En territoire anglais. Je recours encore à M. Schuchardt pour rédiger ce paragraphe. En effet, il a consacré le n° II de ses *Kreolische Studien*, Vienne 1883, au dialecte de Cochín. – De même qu'à Mahé et à Cananor (§§111 et 110), on dit à Cochín *quilai*, par ex.: *quilai tem saude?* exemple qui nous montre en même temps une des manières de former le présent; le prétérit se forme avec *ja*, le futur positif avec

210 *Loc. cit.*, p. 44.

lo, le futur négatif avec *nada*, comme dans d'autres parlers créoles; *na* correspond à «em» (§109); dans les pronoms, la forme la plus usitée est le féminin, comme à Macao et à Ceylan: *sua amigo, minha mandamentos, sua bom obras*; on voit dans ces derniers exemples comment on accorde les noms; le pluriel, du moins, se forme sans *-s*, quand il est accompagné d'un adjectif de pluralité, ex. *dez caringuejo*; dans d'autres circonstances, le pluriel se marque par la répétition du nom, ex. *senhor-senhor* (§109); on emploie *su* au lieu de «de», comme à Ceylan (§118). Il existe une grande ressemblance entre le parler portugais de Cochin et celui de Ceylan. A Cochin, notre dialecte peut presque être considéré comme éteint, parce qu'il est parlé par un petit nombre de familles.

9) Portugais de la côte de Coromandel.

113. Dans les *Beiträge zur Kenntniss des kreo. Romanisch*, n° V, publiés dans la *Zeitschr. f. roman. Philol.*, XIII, 490 suiv., M. Schuchardt fournit de nombreux renseignements, surtout historico-littéraires, au sujet de l'influence des Portugais sur la côte de Coromandel, d'après la publication qui s'intitule *Der königl. Dänischen Missionarien aus Ost-Indien... Berichte, Dritter Theil*, Halle [1729-]1735, et d'après d'autres sources. Cf. aussi A. Marre, *Notice sur la langue portugaise dans l'Inde Française et en Malaisie* (extr. des *Annales de l'Extrême-Orient*). On ne parle plus guère le portugais à Meliapor et Madrastra; mais il est encore la langue des chrétiens de Cuddalor, Pondichéry, Tranquebar et Karikal.

114. De certaines phrases que cite M. Schuchardt, on peut apprécier le caractère créole du portugais parlé dans ces régions: *vôç pad tèn bom?* «*seu pae está bom?*»; *bêrig fôóm comê* (littér. *barriga fome comer*) «*quero comer*», *mim zá tá vai*, où *zá* est au lieu de *já*. – Les missionnaires protestants de Tranquebar ont produit une littérature portugaise d'une certaine importance: M. Schuchardt fournit à ce propos d'intéressantes notices à la page 496 suiv.; mais cette littérature n'est pas du créole, elle prétend être rédigée en pur portugais. De mon côté, je connais un *Manual ou breve instrução* (sic) *que serve por uso d'as crianças que aprendem ler e começam rezar nas escholas portuguezas que são em India Oriental, e especialmente 'na costa dos Malabares que se chama Cormandel*, 1713, où, à la page 44, on lit ce quatrain:

Por tuo Filho unico
Te, Deos, graças darei,
que pelo te bendito sou,
'na Luz de dia andarei...

qui donne une idée de cette espèce de langage.²¹¹ Je connais aussi une *Grammatica Portuguesa para uso das escholas portuguezas de Trangambar*, imprimée à Tranquebar en 1725. – M. Julien Vinson a eu l'obligeance de me communiquer cette chanson populaire de Karikal (1860), à titre de texte portugais-créole:

211 J'ai vu ce *Manual* chez M. le Capitaine Guilherme Ferreira, à Lisbonne. On lit sur cette œuvre dans le *Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words* de Yule & Burnell, Londres 1886, p. XXXIX: «It is a Protestant work, no doubt of the first Danish missionaries of the S. P. G. It contains a prayer *A oração por a Illustrissima Companhia da India Oriental*».

Djamblon miã or ni
Djamblon! Djamblon!
Djamblon miã doci ni
Djamblon! Djamblon!

dont voici la traduction française: «*Jamblon* si cher, ma mie, *jamblon*, *jamblon*!
Jamblon si doux, ma mie, *jamblon*, *jamblon*!».²¹²

III. Dialecte créole de Ceylan

115. Par son importance littéraire, je considère ce dialecte séparément. – Les conquêtes portugaises à Ceylan datent de 1503, mais ce ne fut que dans le dernier quart du XVI^e siècle que notre souveraineté s'est établie dans presque toute l'île:

«in which time many of the natives became Christians, and learned the Portugueze tongue».²¹³

Vers le milieu du XVII^e siècle, les Hollandais y sont arrivés; parlant de notre idiome, Robert Knox, auteur du XVII^e siècle, dit:

«which to this day is much spoken in that land; for even the king himself understands and speaks it excellently well».²¹⁴

Vers la fin du XVIII^e siècle, les Anglais se sont emparés de l'île, et Ceylan est encore en leur possession. Malgré la diversité des dominateurs, et l'opposition formelle des Hollandais,²¹⁵ le portugais s'y est plus ou moins maintenu jusqu'à présent. – Aucun de nos dialectes créoles ne possède une aussi abondante littérature

212 *Jamblon* est le nom tamoul d'un fruit, — une sorte de limon. J'avoue que j'ai une certaine difficulté à interpréter la chanson: dans le premier vers, *or*, traduit par «cher», correspondrait-il à *ôr'* (§108) = *ôro* = port. *ouro*, qui, comme métal précieux, aurait pris le sens de «cher»? *Ni* serait-il pour *(me)ni(na)*? Dans le troisième vers, *doci* est bien le port. *doce*; mais *miã*, je ne le comprends pas, à moins que ce ne soit le port. *(co)mo* ou *(co)ma*, en fr. «comme».

213 Knox, *An historical relation of the island of Ceylon*, Londres 1817, chap. XIII.

214 *An historical relation*, loc. cit.

215 Dans *The history of Ceylon* de Philalethes (pseudonyme), Londres 1817, on lit ce curieux passage, à la p. 228: Chap. XXXVI: *A regulation of the Dutch for the diffusion of their language in Ceylon*: «The Dutch had not long obtained possession of the island before they made some wholesome regulations, for the purpose of diffusing their own language and eradicating that of the Portugueze. With this view, it was ordered that every planter or proprietor in the island should cause the hair of all his male slaves, who could not speak the Dutch language, to be cut off close to their heads; and that all those slaves who could speak the language should be suffered, by way of distinction, to wear long hair. It was at the same time ordained, that all those persons, who did not carry these regulations into effect within six weeks after the date of the same, should be amerced in a fine of three reals, with the exception of those owners, whose slaves already understood the language, which it was the object of the government to diffuse...».

que celui de Ceylan; cette littérature est cependant essentiellement religieuse. On a également écrit sur le dialecte de Ceylan plusieurs travaux, les uns destinés à l'étude pratique (des grammaires et des dictionnaires), les autres scientifiques. Voir sur ce sujet les §§18-b et 29-d. – En 1900, j'ai trouvé à Paris, à l'Exposition universelle, deux indigènes de Colombo, qui connaissaient le portugais de Ceylan. J'ai causé avec eux, et l'un d'eux m'a fourni beaucoup de matériaux intéressants; cet individu, qui était très intelligent, avait appris le portugais avec ses parents, qui le parlaient entre eux. Comme je ne puis étudier ici en détail le dialecte de Ceylan, mais que je désire uniquement esquisser un tableau de sa grammaire, je me borne aux observations que j'ai faites d'après ma consultation orale, et je ne me servirai pas, pour le moment, des travaux de MM. Dalgado et Teza (§29-d).

116. Phonologie. – J'ai entendu des voyelles nasales bien distinctes. L'-o se prononce -u comme en portugais, ex. *cavalo*. L's finale se prononce généralement comme à l'initiale, c.-à-d. avec la valeur de l's = ç de Lisbonne (mais -s devant s- est absorbée dans celle-ci): *Deuç, çoçta* = costa, *dôç* = dois, *cinoç* = sinos; cependant, j'ai entendu dans certains cas -z. Entre voyelles, -s- se prononce -z-, comme en portugais. Les sons qui sont représentés en portugais par *rr* (r-) et -r- (-r) sont réduits à une seule r, qui est un peu plus faible que notre r portugaise vibrante (*rr*, r-). Les consonnes -d-, -b-, -g- entre voyelles ne sont pas fricatives, mais elles se prononcent comme en portugais aux syllabes initiales. Les voyelles nasales, ou devant une consonne nasale, sont tantôt fermées, tantôt un peu ouvertes: *pèna, sônho, criança*. Il y a une certaine tendance à doubler une consonne sourde intervocalique, par ex. dans *çapatto, ácca* «aquele», surtout -p-, par ex. dans *chappé* «chapéu»; quand cela arrive, la première consonne est implusive, et la seconde est explosive. J'ai entendu le son æ (§35) dans *pædra* = pedra, *cabæça* = cabeça, *tæçta* = testa. L'-e atone se prononce -i, comme dans le Sud du Portugal et à Goa (§108). La diphtongue *ou* a été réduite à ô, et la diphtongue *ei* à ê, par ex.: *pôco, cadêra*. Notre consonne j tantôt se prononce dj (§38: le son du j anglais), comme à Macao, etc., par ex. *djá*, tantôt est représentée par i, par ex. dans *ôi* = hoje. La palatale -lh- est représentée: par y ou i dans *oyá* = olhar, *foya* (c.-à-d. fo-ya) = folha; par dj, dans *mudjer* = mulher, *fidjo* = filho; par -i, dans la terminaison -elho, -elha, par ex. dans *brimei* = vermelho, *orei* = orelha. La palatale x est représentée par ç dans *baço* = baixo. A la diphtongue -ão correspond -ã, par ex. dans *sabã*, que mon informateur écrivait *sabāng*, avec l'orthographe anglaise, quoiqu'il prononçât *sabã*. Dans *savôde* = saúde, un -v s'est développé (cf. *vor* au §103, *sagude* au §110),²¹⁶ un η aussi s'est développé (§38) dans *têñorta*, comme dans le N. du Portugal (§42). J'ai entendu l'l gutturalisée portugaise, par ex. dans *sol*. Le mot *woç* = voz se prononce avec le w anglais (cf. §108). L'-r tombe, par ex. dans *ficá* = ficar.

117. Morphologie. – Je signalerai dans les genres: *grãi festa* = grande festa, *bonito orta* «jardim bonito» (littér. *bonita orta*), *ermã macho* – *ermã femi*. Formation du pluriel: *cachôrro* – *cachôrroç*; *um cavalo* – *muito caváloç*, *doç chappé* = dois chapeus, *três animal*, *isti gatoç tẽ branco* = estes gatos são brancos. Pronoms: *eu*, *êli*, *âla* (et *êla*), *étroç* «eles» (= *ell' ôtros?*), *noç*, *boç* «tu», «vós», *mia* (*mĩa*) «meu»,

216 [ex. pess.: Em pavês [Pavia] *dove* = due, *sova* = sua, Salvioni, p. 27].

«minha», *nossa* «nosso», *bossa* «teu», «vosso», *êli su* «seu» («d'elle»), *isti* «este», «estes», *áca* ou *ácca* (cf. §121) «aquele», *qui*. Noms de nombres: *um*, *ũña* (mais *um casa*, *um omi*, *um djenti*²¹⁷) *dôç*, *trêç*, *carto*, *séz*, *sæti*, *óito*, *nóvi*, *dæz* (avec -z), *onzi*, *dózi*, *trêzi*, *catôrzi*, *quinzi*, *diz sézi*, *diz sete*, *dizóito*, *diz novi*, *vinti*, *vinta ãña*,... *trinta*, *carænta*, *cincoænta*, *sezænta*, *setænta*, *ôitænta*, *nòvænta*, *um çænta*, *um mil*. Article défini: *ô* (qui est peu usité). Verbes: présent avec *ta*,²¹⁸ ex. *eu ta amá*, *bóç ta amá*, *eli*, *éla ta amá*, *nóç ta amá*, *boç ta amá*, *étros ta amá*; parfait avec *djá*, ex. *eu*, *bóç*, *eli*, etc., *djá amá*; futur avec *lô*,²¹⁹ ex. *eu lô cazá* «eu casarei»; la forme *tê* signifie «está», «são» etc., ex. *quilai tê vossa saude* (sur *quilai*, cf. §110). Particules: *impa* «de» (au sens du lat. «ab» et «ex»), *par* «para», *su* «de»,²²⁰ *cum* «com», *dê* «dentro», *sê* «sem», *riba* «em cima» (littér. «em riba»), *múito*, *nũ*, *nuco* «nunca».

118. Syntaxe. – Le phénomène le plus notable que j'ai observé, soit dans le langage de mon principal cicerone, soit dans celui d'un de ses compagnons, est le suivant: que les prépositions suivent le régime, comme dans les langues dravidiennes: *noç tudoç par tê muito amor* «ele tem muita amizade a todos nós»; *isti álber tê acca álber su mezmo grandura* «esta árvore tem o mesmo tamanho daquela árvore», *aqui impa par alá* «daqui para alli» (dans la seconde partie de cette phrase la préposition cependant précède le régime), *eu doz ora par djá dormi* «eu dormi duas horas», c.-à-d. «por duas horas», *eu djá vi isti terra par* «vim para esta terra».

118-A. J'ai recueilli encore d'autres matériaux. – On voit que mon informateur connaissait très bien le dialecte portugais-créole de Ceylan, quoique, à ce qu'il m'a dit, il ne s'en servît pas dans la famille; il parlait aussi le cinghalais ou *élou*, langue indigène, l'anglais, et fort peu de français.

IV. Dialecte de Macao ou «macaïsta»

119. Les Portugais se sont établis à Macao (dans la Chine) en 1557; nous possédons aussi près de Macao quelques petites îles, comme Taipa et Coloane. La population de Macao en 1896 était de 78.627 habitants, dont 3.898 Portugais, 74.568 Chinois et 161 étrangers. – Pour la bibliographie du dialecte, voir les §§18-c et 29-e. Presque tout ce que je vais dire a pour base les observations que j'ai faites moi-même dans le langage d'un indigène de Macao.

120. Phonologie. L'*a-* est ouvert: *àbrir*, *Ábril*. La diphtongue *ou* se prononce *ô* dans *ôtro*, *rôco*, et *ó* dans *rôpa*, *u* dans *cusa* = cousa. La diphtongue *ei* est représentée par *ê* dans *candiêro*. Le dissyllabe *-ea* (*-eia*) est représenté par *-ia*, dans *candia* = candêa

217 Il semble qu'on ne dit *ũa* qu'à la pause.

218 Il se prononce *tâ*. Du port. [s]tá. [ex. *peçs.*: Tornou-se â por ser proclítico. Diz-se *já*, por ser palavra independente, ao passo que *ta* não].

219 Du port. *lo[go]*. Cf. §109.

220 Comme à Cochin (§112). Cf. aussi Schuchardt, *Kreol. Stud.*, VI, 25. Ce *su* provient de *sua* [pronom possessif]. – Dans le dial. créole port. de Java: *suwa* = sua, Schuchardt, *Kreol. Stud.*, IX, 217.

(candeia). La palatale *-lh-* se prononce *-l-*, ex. *vela*. L'*-e* se prononce *-i*, ex. *grandi*. La palatale *j* (*ge*, *gi*) se prononce *dj* comme à Ceylan (§116), ex. *djardim*, mais elle est représentée par *z* dans *hoze* = hoje, *greza* = igreja. A la fricative sonore *dj* correspond *ch*, comme dans le N. du Portugal, par ex. *chave*. L'*rr* (*r-*) se prononce comme *-r-*: *caro* = carro, *guera* = guerra (cf. §116: Ceylan); l'*r* tombe dans les infinitifs, ex. *falá*, *querê*. Le *-v-* tombe dans *chua* = chuva (contact de labiales). L'*s* (*z*) se prononce à la syllabe finale comme à la syllabe initiale; *noç* «nosso», *noç tudo* «nós todos», *luç* = luz, *paç* = paz. A la diphtongue *-ão* correspond *-ã-*: *coraçã*, *chã* (cf. §116: Ceylan).

121. Morphologie. On ne distingue pas le masculin du féminin. Dans la liaison avec l'adjectif, l'adjectif garde toujours la forme du masculin: *colher dorado*, *pessoa querido*. Le pluriel se forme par reduplication: *porco-porco*, *festa-festa*. Noms de nombre: *um*, *ũa*, *dôç*, *trêç*, *catro*, *cinco*, *sêç*, *sêti*, *óto*, *novi*, *dêç*, *onze*, *dôze*, *trêze*, *catorze*, *quinze*, *dizassés*, *dizasséte*, *dizóto*, *dizanove*, *vinte*, etc. Il semble qu'il n'y ait pas d'article défini; l'article indéfini est *ũa*, masc. et fém. Pronoms *ilôtro* «elles» (= ell'outro), *acũa* «aquella» (= ac-ũa, comme *aquelle*, c.-à-d. *aq(u)-elle*; cf. *áca* à Ceylan, §117; il est possible que l'adv. *acá* ait exercé ici une influence: voir aussi Schuchardt, *Kreol. Stud.*, IX, 222); *sua* masc. et fém.; *minha* masc. et fém.; *vósso* masc. et fém.; *qui*. Verbes: présent *pôde* «posso», *eu têi* «tenho», *eu ta bô*, *eu tá comê*, *eu passá*; parfait *eu djá vesti*; futur *eu logo gastá*; cf. encore *iêu nadi medo* «não tenho medo», phrases où en outre on voit *ieu* pour *eu*.

122. *Siára* signifie une dame un peu âgée; *nhônha* une dame [= (se)nho(ra)] plus jeune. Le pluriel de *nhônha* est *nhônha-nhônha* et, par dissimilation, *nhônhãoha*. Noms hypocoristiques: *Chêncha* = Florencia, *Quim-quim* = Joaquim, *Dje-djé* = José, *Nina-chai* = Guilhermina (*chai* en chinois «enfant»): cf. §67. – *Laiá-laiá genti* signifie gens de diverses qualités. *Nu meçtê torná vê* signifie «não é mister voltar». *Minha sua* signifie «de mim», où *sua* possède la même valeur que *su* à Ceylan (§118), et suit aussi le complément.

123. A côté du «macaïsta» proprement dit, ou dialecte créole de Macao, on emploie un langage à prétentions littéraires, qui rappelle plus ou moins le portugais usuel; il y a en outre un portugais parlé par les Chinois.²²¹ Le «macaïsta» de la seconde catégorie correspond au «demicroéole» ou «créole-mixte» de M. Schuchardt,²²² et c'est cette variété qui sans doute apparaît le plus souvent dans les textes. Le *portugais des Chinois* correspond au *portugais des Nègres* (§§18 et 100).

V. Malayo-portugais

124. Par malayo-portugais, j'entends le dialecte créole portugais de Java, en territoire hollandais, et ceux de Malacca et Singapour, en territoire anglais; ce sont les seuls dont je connais des textes. – Pour la bibliographie, voir §§18-c et 29-e.

221 Cf. Márques Pereira, dans la revue *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, I, 55.

222 *Beiträge*, V, dans la *Zeitschrift f. rom. Philol.*, XIII, 479-481.

1) Dialecte créole de Java.

125. Sous le titre *Ueber das Malaioportugiesische von Batavia und Tugu*, M. Schuchardt a publié en 1891 un important mémoire qui forme le n° IX de ses *Kreolische Studien*. M. Schuchardt a découvert des documents de l'ancien portugais de Batavia, dont trois remontent au XVII^e siècle, les autres appartenant au XVIII^e: ce sont un vocabulaire, un dialogue, un recueil de poésies et des phrases isolées. Les poésies (XVII^e siècle) sont encore inédites; il me les a montrées chez lui, à Graz, en 1900. Il nous donne dans le mémoire ci-dessus cité des spécimens des autres documents, auxquels il ajoute de nombreux textes modernes de Tugu.²²³ – Notre influence à Java date déjà des commencements du XVII^e siècle, mais elle n'était que commerciale et religieuse. Il y avait beaucoup de rapports entre les chrétiens de Java et ceux de la côte de Coromandel (§113).

126. Dans le portugais de Java nous trouvons, comme dans d'autres créoles, des phénomènes qui proviennent probablement du langage de la métropole, et d'autres phénomènes d'un caractère différent. Parmi les phénomènes de la première espèce, on y observe *e = ei* (dial. *ê*), ex. *drete = drêto = direito*, *premer = premêro = primeiro*, *denire (denere) = dinhêro < dinheiro*, *manire (manere) = manêra = maneira*, – à côté de *feito, Janeiro*, etc.; *o = ou* (dial. *ô*), ex. *ôtre = ôtro = outro*, *poque = pôco = pouco*, *dodes = dôdo (doido) = doudo*, *elotres = ell'outros*. Parmi les phénomènes de la seconde espèce: *sinhores Hollandeses non tein dodes* «os Srs. Hollandeses não são doudos»; *non save drete* «não sei bem»; *eu tem fome agora; ja da* (parfait); *lo mande* (futur); *quilei manire* «de que maneira». Le pluriel s'exprime par la reduplication, ex. *senhor-senhor*. Un fait qui est spécial aux créoles de cette région est l'influence du malais; M. Schuchardt l'a étudiée avec beaucoup de détails, en ce qui concerne tant le lexique, que la grammaire: il va jusqu'à affirmer que le créole de Tugu offre un des exemples les plus remarquables de *Sprachmischung*.²²⁴

2) Dialectes créoles de Malacca et de Singapour.

127. La ville de Malacca a été prise par Affonso d'Albuquerque en 1511. Sá de Meneses a chanté ce haut fait dans son poème *Malaca conquistada*. Notre domaine à Malacca a cessé vers le milieu du XVII^e siècle, époque où elle est devenue possession hollandaise; aujourd'hui elle appartient, comme je l'ai déjà dit, aux Anglais. De l'influence portugaise à Malacca,²²⁵ il ne reste guère que la langue. L'ethnique de Malacca en portugais est «malaqueiro». – Ce que je vais dire a pour base l'article de Prostès, cité au §29-e. – *L'r tombe: fazé, mulhé, lugá*; on dit *ben*, à ce qu'il semble, sans diphtongue, comme dans l'ancien portugais; on dit *fêto*, avec *ê = ei* (§126). Verbes: *tá vai* «eu vou», *já vai* «eu fui», *logo vai* «eu irei», comme généralement dans les autres dialectes créoles. La négation s'exprime avec *nunca*, ex. *nunca bom* «não é bom», *nunca sabe* «não sabe», comme à Java etc. On confond le singulier et le pluriel, le masculin et le féminin, et les personnes du discours: *meu*

223 [ex. *pe.ss.*: aldeia a algumas horas de Batavia, holl. Toegoe, a E. da velha cidade de Batavia, a uns 10 kil.]

224 *Loc. cit.*, p. 23.

225 Il semble que les éléments portugais de Malacca proviennent surtout de Macao.

mulhé, minha chapeu. Ellipse: *eu português* «eu sou português», *nunca bom* «não é bom». Phrases isolées: *fazê ben fêto* «fazer bem», *nunca falá que sabe* «não dizer o que é». – Cf. aussi Adolpho Coelho, *Os dialectos romanicos* etc., II, 16-17; l'article qu'il y cite *L'archipel malaisien* a été reproduit dans la *Revue des Deux Mondes*, 1869 (vol. V de cette année), p. 679, t. 184.

128. A Singapour, il y a une colonie qui se considère comme descendante des Portugais de Malacca, et qui parle aussi un dialecte créole: cf. *Boletim du Soc. de Géogr. de Lisboa*, 1882, p. 697 (article de Prostes), et *Ilustração Goana*, Margão 1886, p. 10. – M. Adolfo Coelho, dans son travail sur les dialectes créoles, III, 14, publie plusieurs textes et observations grammaticales sur le portugais de Singapour; ce sont les seuls documents que je connaisse de ce dialecte. La palatale *lh* est remplacée par *l*, comme dans le «macaïsta» (§120); *ch* conserve son ancienne valeur de *tx*. Il y a d'autres phénomènes qui sont analogues à ceux du portugais de Malacca. Un phénomène intéressant, que M. Coelho signale, sans cependant y insister, est l'emploi de *sua* ou *su*, au sens de *de*, comme à Ceylan et à Macao (§118 et 122), ex. *minha pai sua livro* «livro de meu pai».

VI. Portugais de Timor

129. Selon les renseignements que m'a donné M. le Lieutenant-Colonel Rafael das Dores (§29-e), qui a été à Timor quatre fois, et qui y a habité la première fois pendant trois ans, il n'y a pas à Timor un dialecte créole portugais proprement dit. Je transcris d'une de ses lettres le passage suivant, que je suppose intéressant:

«Algumas raparigas, vindas do interior para criadas, e servindo em casa de pessoas de Macau residentes em Timor, aprendem palavras do *crioulo macaïsta*, mas tanto estas raparigas, como as proprias pessoas de Macau, com o tempo chegam a fallar o português como nós, o que eu observei, e mesmo se nota em Macau nas senhoras que regressam de Timor».

Certaines phrases caractéristiques du parler de Timor, telles que *Nai F. fô recado*, *fô bom dia*, *fô boa noite*, sont dans les conditions ci-dessus indiquées: *nai* en «teto», une des langues indigènes de Timor, signifie «seigneur»; *fô* signifie «donner»; les autres mots sont portugais.

VII. Dialecte créole de l'archipel du Cap Vert

130. L'archipel du Cap Vert, dans l'Afrique occidentale, a été découvert par les Portugais au XV^e siècle. Sa colonisation a commencé en 1562 avec des populations originaires de l'Alemtejo et de l'Algarve, auxquelles se sont ajoutées des populations originaires de la Guinée.²²⁶ – Il y a plusieurs études publiées sur le dialecte ou les

226 Voir Ernesto de Vasconcellos, *As colonias portuguesas*, Lisbonne 1896, p. 29. – M. Márques de Barros est d'avis que l'île de S. Tiago, qui fait partie de cet archipel, aurait été déjà habitée par les Jalofos avant l'arrivée des Portugais: voir *Revista Lusitana*, V, 283.

dialectes créoles du Cap-Vert; je possède moi-même beaucoup de matériaux inédits. Pour la bibliographie, voir les §§18-a et 29-f. – Je suis forcé d'abrégé ici le plus possible.

131. A *-lh-* correspond tantôt *dj*, ex. *medjor* = melhor, tantôt *i*, ex. *vei* = velho; il arrive aussi que *-lh-* tombe quelquefois, ex. *muêr* = mulher; *ch* se prononce toujours *tx*; du moins à S. Tiago, *ch* remplace *x* dans *bacho* = baixo etc. (cf. §82); *s* final, médiale (= *ss*), et devant une sourde, se prononce *ç*, ex. *treç* = tres, *boçta* = bosta; il y a un *d* gingival; *b* se confond parfois avec *v*; *-r* tombe parfois, ex. *chegá*, mais *-r-* peut rester sous la forme *-rr*, ex. *orr* = ouro (S. Nicolas); *á* peut devenir *é*, ex. *pêrte* = parte, comme dans certaines régions du Portugal (§43-a); l'ancien portugais *-om* se maintient, de même que *-em* (*-ê*), ex. *craçom* = coração (arch.), *alguê* = alguém; on dit *vim* «vinho» (cf. Schuchardt, *Beiträge*, IV, dans la *Zs. für rom. Ph.*, XIII, 470, n. 7); *-o* peut devenir *-e*, ex. *mute* = muito; les diphtongues *ei* et *ou* sont devenues *ê*, *ô*, ex. *lête* = leite, *pôco* = pouco; de même *mê* (en proclise) = meu. Les noms et les pronoms sont généralement uniformes. Pluriel: *uns home*, *tante mudjêr* (*muêr*), où la pluralité est indiquée par *uns* et *tante*: cependant on trouve parfois des désinences plurielles. Les pronoms présentent des formes intéressantes: *'m²²⁷*, *ã*, *im*, *um* «eu» = mim, *ami*, *bo*, *bu*, *aêl*, *anôs*, *besôte* = vos outros; *di mê* «meu», *nhâ* «minha» et «meu»; *bô* et *de bôssa* «vosso»; *ês* = esse; *quêl*. Dans les verbes: *tâ cantâ* est le présent et le futur; *cantâ* est le prétérit; il y a des curieuses formes de l'imparfait en *-ba* dans des verbes de la II^e et de la III^e conjug., ex. *comêba* «comia», d'après l'analogie de la I^e conjugaison (*-a-ba* = *-a-va*).²²⁸ Particules: *ca* «não» (qui semble venir de *nunca*), *alôa* = arc. *aló*, *alâl* «ei-lo» (c.-à-d. *aló* ou *alá elle*), *alebo* «eis-te» (c.-à-d. *alli vós*). Exemples de phrases: *im ta ba la*, *si nhô crê*, *ma*, *si nhô ca crê*, *im ca ta ba* «vou lá, se o Sr. quer, mas, se o Sr. não quer, não vou».

132. Comme les îles qui forment l'archipel sont nombreuses, le dialecte présente quelques variétés.

VIII. Dialecte créole de la Guinée

133. La Guinée a été découverte par nous au XV^e siècle. La Guinée Portugaise se compose d'une partie continentale, et d'une partie insulaire. Les races indigènes y sont très nombreuses; les principales sont les Mandingues, les Foulas et les Biafadas, qui parlent des langues spéciales. L'auteur qui a étudié avec plus de détails le «guinéense», ou dialecte créole-portugais de la Guinée, est M. le Chanoine Márques de Barros, que j'ai cité aux §§18-a et 29-f.

134. Il existe beaucoup de ressemblances entre le dialecte de la Guinée et celui de l'archipel du Cap Vert. On trouve dans la Guinée l'arch. *-om* dans *còrçóm* = coração (mod. «coração»), *carbóm* = carvom (mod. «carvão»); le *j* port., quand il

227 Tel que je l'ai entendu prononcer à un indigène de St-Nicolas, ce pronom est réduit à une simple résonance nasale, ex. *'m tá bai*, qu'on peut aussi figurer par un tilde (~ *tá bai*) ou par ã.

228 Cf. *Estudos de philol. mirandesa*, I, 386, note, où j'ai cité des exemples semblables en aragonais. Ce phénomène se trouve aussi en asturien, et dans l'espagnol de l'Amérique: voir R. J. Cuervo, *Bulletin Hispanique*, III, 50.

se conserve, devient *dj*, ex. *djá*. Ce même son représente aussi *-lh-*, ex. *fidja* = filha; dans *grêça* = igreja, *loça* = loja, *quiço* = queijo, le son *j* est représenté par *ç*. – L's a toujours la valeur de *ç*, même à la finale ou devant une sourde, ex. *têrêç* = tres, *cêçta* = cesta. A *ei* et *ou* port. correspondent *ê*, *ô*, ex. *lijero*, *pôco*. Noms de nombre: *nha doç balé* «meus dois balaios»; pluriel formé avec un préfixe africain et une désinence portugaise dans *ba-quissas* «coisas», ou seulement avec un préfixe africain, ex. *ba-djobê* «os curiosos» (*djobê* = olho vê). Formes pronominales: *'m*, *ami* «eu», *bó* «tu», *i*, *ê* «elle». Verbes: présent et futur *bó ta cantá* «tu cantas», «tu cantarás»; présent *ê na ba busca-bo* «elle procura-te» (où le présent se forme avec *na*, dont l'origine est obscure, quoique M. le Chanoine Barros la suppose mandingue: voir *Rev. Lusit.*, V, 274); prêt. *'m comé djá*, *dja-m comê*; imparf. en *-ba* (§131), ex. *comeba*. Particules: *ca* «não» (§131), *pa* «para». Phrases: *'m na ba entergá Sandjom se doç libre de capa sulade, que ê pistá-m'ano passado na Bambayá pa-m'lê* «vou entregar (= entregarei) a S. João os seus dois livros de capa azul (littér. *azulada*), que me emprestou o anno passado em Bambayá para eu ler».

135. A cause de l'extension de la Guinée, le «guinéense» présente aussi quelques sous-dialectes: à Bissao, par exemple, on dit *otro* = outro, *pôs* «pães», *djente*, *missade* = amizade; et à Cacheo *útur*, *pomes*²²⁹ «pães», *guínte*,²³⁰ *mistade*.²³¹ – Sur l'influence du vocabulaire indigène, voir Marcellino de Barros dans la *Rev. Lusit.*, V, 298 suiv., où il cite, par exemple: *dangu* «répondre», du mandingue *dangú*; *djifrafo* «revenant», du feloup *djipurpur*.

IX. Dialectes créoles du golfe de Guinée

136. Actuellement, nous ne possédons dans le golfe de Guinée que les îles de San-Thomé et du Principe [*Prince*].²³² Autrefois nous y avions les îles d'Anno-Bom et de Fernando-Pó, que nous avons cédées à l'Espagne. Toutes ces îles ont été découvertes par les Portugais au XV^e siècle. Exception faite de Fernando-Pó (ou Fernão-do-Pó), elles étaient désertes. Leur colonisation s'est opérée avec des blancs, originaires du Portugal, et avec des indigènes de la côte de la Mine, et d'autres contrées africaines.²³³ – Pour la bibliographie, voir §§18-a et 29-f, où j'ai renvoyé à la *Rev. Lusit.*, V, 5-6. J'ai recueilli moi-même beaucoup de matériaux sur San-Thomé. – Les faits que je vais exposer, appartiennent aux dialectes créoles de San-Thomé, Principe et Anno-Bom. Sur les rapports qu'ils ont entre eux, cf. Schuchardt, *Beiträge*, IV, dans la *Zs. f. r. Phil.*, XIII, 472-474.

229 L'*m* s'est dégagée de la voyelle nasale labiale, comme à Ceylan dans *lumára* «lua» (proprement *lūar*), dans le port. *uma* < arc. *ūa*, dans l'«alemtejano» *jumar* < arc. *j(e)jūar*.

230 A Cap Vert, on dit pareillement *guente*.

231 Dans le port. pop. on trouve de même *amistade* < > esp. *amistad*.

232 La forteresse de S. João Bâtista d'Ajudá [côte de la Mine – Dahomey], où l'on parle le portugais (§6-h), appartient administrativement à cette province; je ne possède pas de renseignements sur le portugais de cette région.

233 Voir Almada Negreiros, *Hist. chronolog. da ilha de S. Thomé*, Lisbonne 1895, p. 54 suiv.

1) Dialecte créole de l'île de San-Thomé. [ex. *pers.*: Cf. Azevedo]

137. Dans la constitution ethnogénique de l'île de San-Thomé, il y a des éléments européens, entre autres des descendants des Juifs de Portugal et d'Espagne, des peuplades nègres de la côte, et des mulâtres; aujourd'hui, il y a là aussi quelques ouvriers chinois. Les *Angolares*, qui descendent des naufragés d'un navire venu d'Angola en 1520, s'y sont fixés à l'état sauvage, et ils forment un groupe spécial, avec une organisation et une langue à eux: cette langue semble être l'ambundo, avec des éléments du dialecte créole de San-Thomé, ce qu'on voit, par exemple, dans des noms de nombre: *ũa* (créole), *dôssô* (id.), *têxi* (créole *tlexi*), *cuâna* (ambundo *uâna*), *tano* (amb. *itâno*), *samâno* (amb.), *samboári* (amb.), *xincoenta* (créole), etc.²³⁴

138. Phénomènes notables du créole de San-Thomé. La place de l'accent est un peu incertaine: *onzé* = onze, *nóve*. L'*r* se prononce parfois *l*, ex. *limó* = arc. *irmom*; -*r* reçoit un *i* d'appui, ex. *frori* = arc. *fror* «flor», et elle tombe dans *cuié* = colhér; -*lh-* devient *y* (semi-voyelle) dans *fôya* = folha, etc.; dans *djelo* = dinheiro, c.-à-d. *dinhêro*, nous avons *l* pour *r*, et la syncope de -*nh-* (cf. *y* < *lh*), d'où *djelo* > **dyelo* > **jelo* (cf. it. *giorno* = diurnu-). *Aj* correspond *dj*,²³⁵ comme dans l'archipel du Cap Vert et ailleurs. La diphtongue *ei* devient *ê* dans *plumelo* = primeiro;²³⁶ *di* + voyelle devient *dj* (par intermédiaire de **dy*): *djá* = dia, *djelo*, ci-dessus cité; quelquefois *j* devient *z*, ex. *zá* = já, à côté de *djá*. Dans *sum* = senhor (pour **senhum*) et dans *cujám* = cozinha (pour **cuzinham*), nous avons une nasalisation progressive: á peut devenir é, ex. *quinté* = quintal, comme dans le dialecte du Cap-Vert (§131). Le pluriel se forme parfois avec l'adjonction de *monchi* = muito au singulier, ex. *piche monchi* «muitos peixes», et de même *dôssô muála* = duas mulheres. Formes pronominales: *'m*, *ami* «eu», *bô* «tu», *ê*, 3^e pers.; *mu*, *mim* «meu», *sê* «esse». La conjugaison présente beaucoup de particularités, dont je ne cite que celles-ci: prés. *ami cá flá* ou *'m flá* «eu fallo», *ami scá bé flori* «vejo uma flor»; parfait, *ami flá zá* (*djá*) ou *'m flá zá* «eu falei»; fut. *'m gá bi flá* «eu falarei». Particules: *ni liba* «em cima», *péto* «perto». Exemples d'ordre inverse: *muala monchi* «muitas mulheres», *cazaco sê ca prêto muto* «este casaco é muito preto», *sûmo* = *sum* + *mo* «meu senhor»; ce qui arrive aussi dans la langue indigène de la Lunda.²³⁷

234 Cf. Almada Negreiros, *loc. cit.*, p. 297.

235 [A 2.^a edição representa este som como *dj*, apesar de Leite usar esse dígrafo para outros casos (§§134 e 135) e de ter reservado para este caso um sinal especial, formado por *j* encimado por um asterisco, em vez de ponto. A distinção é muito nítida no original francês, porque é manuscrita, mas resulta quase imperceptível na 1.^a edição, sendo aqui substituída pelo dígrafo *dj*, como faz a 2.^a edição].

236 Ce furent des mots comme *plumêlo*, *lato* = rato, *lalo* = raro etc., qui ont donné l'un des types de la *lingoa de preto* (§18). Cf. §142. — Quand l'*r* existe dans le dialecte de San-Thomé, elle est faible (= *r* port. dans *era*), même à l'initiale: *ramo*, *re* «rei» [et non pas *rramo*, *rrei*, comme en port.].

237 Carvalho, *Methodo práctico da lingoa da Lunda*, p. 31. — A propos de l'espagnol parlé en Amérique, M. R.-J. Cuervo fait une observation sur l'influence de la langue indigène: «Sé que en Arequipa se apega à los vocativos el posesivo quechua: *viday* [vida mía], *viditay* [vidita mía], *dotorlay* [mi dottor]»: voir *Bulletin hispanique*, III, 54. Il y a donc coïncidence entre les phénomènes de l'espagnol d'Amérique et ceux du portugais d'Afrique.

2) Dialecte créole de l'île du Principe [*Prince*].

139. Dans l'ethnogenie de l'île, il y a de éléments blancs, des mulâtres et des nègres de la côte. Ce que je vais dire, je l'ai extrait de l'article de M. Schuchardt: *Zum Negerportugiesischen der Ilha do Principe* (n.º IV des *Beiträge*, dans la *Zs. f. rom. Phil.*, XIII, 463 suiv.). – Au port. *a* correspond, dans certains cas, *é*, ex. *pué* «*pae*», *mué* «*mãe*», où, sous l'influence des labiales, s'est développée la diphtongue *ué*; nous avons ici *chá* = *tia*, phénomène parallèle à *djá* = *dia*, de San-Thomé (§138), c.-à-d. *ti* > *ch* :: *di* > *dj*; *-nho* devient *-im*, comme dans l'archipel du Cap-Vert (§131); *dj* est devenu *z* dans *zinela* = port. pop. *jinela*; *-r* tombe dans *vendê*, etc.; *irmã* est devenu *rimã*, par intermédiaire de **irimã*; au *-om* de San-Thomé correspond ici *-á*, ex. *poçã* = *povoção* (*poçom* à San-Thomé); *-lh-* tombe, ex. *uriá* = *orelha*; *ei* et *ou* sont devenus *ê* et *ô*; *sũ* provient de *senhor*, comme à San-Thomé. Noms de nombre: *bõ diá* «bons dias». Pronoms: *im* «eu», *issé* «este», *isselá* «aquelle», *me* «meu», qui se place après le nom (§138), ex. *caci mé* «*minha casa*». Verbes: *im sá ki febé* «*estou com febre*»; *qui nova mino tê* «*como está teu filho*». Dans la dernière phrase, nous voyons *qui nova* = *que novas* «*como*», employé dans le même sens que *quilaia* dans l'Extrême-Orient (§110).

3) Dialecte créole d'Anno-Bom ou *fá d'Ambú*.

140. Pour la bibliographie, voir §§18-a et 29-f. Le dialecte s'appelle *fá d'Ambú*, c.-à-d. *fa(la)* (?) *d'Anno-Bóm*. L'*s* (*ç*) devant *i* se change en *ch*: *Chiol* = *Senhor* (Senhor), *princhip* = *principio*, *chírvir* = *sirvir* (servir). L'*r* initiale est représentée par *l* dans: *li* = *rir*, *limetji* (*limeji*) = *remedio*; *-rr-* devient aussi *l*, ex. *tela* = *terra*, *mulé* = *morrer*; l'*r* finale ou tombe, ex. *matá* = *matar*, ou se change en *l*, ex. *Chiol* = *Senhor*, ou reçoit un *-e* d'appui, ex. *miere* = *mulher*; la syllabe *-or* est représentée par *olu* dans *criadololu* = *criador*, *salvadolu* = *salvador*; dans les groupes, l'*r* tombe, ex. *teix* = *tres*, *detu* = *d(i)reito*, où elle se change en *l*, ex. *cumpli* = *cumprir*. La diphtongue *ei* est devenue *e*, ex. *tercelu* = *terceiro*; la diphtongue *ou* est devenue *o*, ex. *otúlu* = *outro*. Les nasales finales disparaissent, ex. *tensá* = *atenção*. Les noms ne possèdent qu'un seul genre. En ce qui concerne le pluriel, le P. Vila dit: «*Cuando los substantivos están en plural, se repiten las primeras sílabas del adjetivo*» (*Gramática*, p. 27), ex.: *mina gabi* «*menino bom*», *namina gagabi* «*meninos bons*». Pronoms: *ami* «eu», *achi* et *vo* «tu», *ele*, *no*, *vutul* «vós outros», *ineny* «elles», *mu* «meu», «*minha*», *tô* ou *di vo*, *d'ele*, *di no*, *di namesseix*, «de vós» (litt. «de vossemecês»). Le pronom possessif s'ajoute au nom: *pe mu* «meu pai» (cf. §138). Verbes: *m'sa* «eu sou», *achi sa* «tu és», *ele sá*, *no sá*, etc.; *onta m'sa* «fui»; *m'lé* «eu leio», *onta m'lé* «eu li», *m'gué lé* «lerei». Particules: *issalá* «lá», *péto* «perto», *ojai* «hoje», *tujia* (litt. «*todos os dias*») «sempre». L'adverbe *ana* «aonde» présente le même phénomène que le *ane* de *Tras-os-Montes* (§77-a).

X. Portugais des côtes de l'Afrique

141. Outre les territoires ci-dessus mentionnés, le Portugal possède en Afrique les provinces d'Angola et de Mozambique, l'une dans la côte occidentale et l'autre dans la côte orientale, – et celles-ci sont ses principales colonies. Cependant, aucun dialecte créole ne s'est développé dans ces provinces. Quoique le portugais qui s'y

parle, à côté de nombreuses langues indigènes, présente plusieurs particularités, elles sont différentes de celles qui caractérisent les parlers créoles. Ce que je connais du portugais de Mozambique n'est pas suffisant pour que je lui consacre un paragraphe; les renseignements que j'ai pu obtenir sur Angola ne sont pas non plus très abondants.

142. J'ai noté ces phénomènes dans la prononciation d'un individu de San-Paulo-de-Loanda, qui avait habité longtemps à Mossamédès: *ô* pour *ou*, *ê* pour *ei*, devant une consonne et à la fin de la phrase, par ex.: *pôc*, *andô*, *Janêro*, *andê*, mais *mêia*, *cêia*, phénomènes qui s'accordent avec ceux que l'on observe dans le Sud du Portugal; l'archaïque *-ê* dans *tê*, *bê*; *-s* après une nasale se prononce *-j*, ex. *pâij* = *pães*, *melôj* (peut-être *-ôij*) = *melões*, cas où dans le portugais usuel on trouve *i* (*pães* = *pães*, *melões* = *melões*). Le même individu disait *eu fui na praça* «eu fui à praça», comme dans le brésilien (§96). Dans les articles de journaux locaux, on observe une certaine hésitation pour la place des pronoms, comme dans le brésilien (§96) et dans le portugais de Goa (§108). – Les Nègres ont toujours une grande difficulté à articuler notre *r*: ainsi, il n'est pas rare d'entendre les indigènes d'Angola prononcer *ela* = *era*, *calálo* = *claro*, *folá* = *fora*; en lundais «*l* confunde-se com *r* brando, ex. *lulúa* = *rurúa*»²³⁸: ce réflexe des parlers indigènes, nous l'avons déjà observé dans les créoles (§138).²³⁹ – En ce qui concerne le lexique, il est évident qu'il dut y avoir plusieurs concessions des deux côtés, et en effet il y en a eu; le portugais du continent lui-même contient des vocables d'origine africaine. Sur les vocables portugais entrés dans le quimbundo, le Dr. Saturnino de Sousa dit:

«Não é raro ouvir-se fallar nbundu (quimbundo) percebendo-se no discurso muitos adverbios e preposições portuguesas: e é certo que os naturaes do país adoptaram todos os termos portugueses que exprimem objectos que lhes eram extranhos antes de se relacionarem com os de Portugal. Assim, tendo os Ngolenses (Angolenses) o termo *pôcu* para exprimir a ideia de *faca*, instrumento de que se serviam, adoptaram o termo *garfo* para exprimir este instrumento, que só mais tarde conheceram, e, adoptando-o, sujeitaram-lhe a pronunção do plural aos preceitos do seu proprio idioma, e dizem no singular *ngálúfu* e no plural *jingálufu*».²⁴⁰

Dans l'intérêt de la glottologie générale, j'indique ici quelques-unes des lois auxquelles obéissent les vocables portugais introduits dans le quimbundo: *c*-quelquefois est devenu *h*, ex. *hâla* = *cal*, *hâma* = *cama*, *héju* = *queijo*, mais quelquefois il reste, ex. *câla* = *cada*; au port. *-ão* correspond *-á* dans *andá* = *então* (pop. *antão*), *besá* = *benção*, *feijá* = *feijão* (cf. §140); *b-*, *d-*, *g-*, *j-* se nasalisent, ce qu'on indique dans l'écriture en plaçant un *m* ou *n* devant ces consonnes, ex. *mbasá* = *bastão*, *ndó*

238 H. de Carvalho, *Methodo da lingua da Lunda*, p. 10.

239 Ce furent des phénomènes linguistiques de ce genre qui amenèrent un certain collaborateur de l'*Almanach de Lembranças* à dire, en parlant des peuples qui habitent les forêts d'Angola: «das cartas que lhes dirigem, ou elles mesmos escrevem em português, *português d'elles*, fazem um livro»; *ob. cit.* (pour l'année 1885), p. 256. L'auteur de l'article le date de la *Barra do Quanza*.

240 Apud Cordeiro da Matta, *Ensaio de diccionario kimbundo-português*, 1893, p. XI.

= dom, *ngácu* = gago, *njanéna* = janella, *r* peut devenir *l*, ex. *rimá* = limão. Parfois, des phénomènes très curieux ont lieu. Comme dans les idiomes bantous, le singulier se distingue du pluriel au moyen de préfixes, et en quimbundo au préfixe *ri-* au singulier correspond *ma-* au pluriel: il arrive que dans le mot *machado* «hache», qui, selon les lois phonétiques, est devenu *maxálu*, les Nègres voient un pluriel formé à l'aide du préfixe *ma-*, et ils lui donnent un singulier *ri-xálu*. Des faits de cette catégorie, quoiqu'ils soient curieux, n'ont cependant rien d'extraordinaire.²⁴¹

241 Cf. mes *Estudos de philol. mir.*, I, 306.

Chapitre IV Portugais des Juifs

143. Nous avons vu au §6-f que le portugais n'est plus parlé ni par les Juifs de Hollande, ni par ceux d'Allemagne, mais que ces Juifs conservent encore, exceptionnellement, quelques expressions de notre langue. J'en donnerai ici des exemples.

144. A Amsterdam, où il y a une colonie d'environ 5000 Juifs d'origine portugaise et espagnole, on dit dans certains actes de la synagogue: *Bôç noiteç! Boaç entrada do Sabado! Boaç feçtaç melhôradaç! Boaç entrada de jejum! Morrer havemos! Saude perfeita!* Un Israélite âgé de 70 ans m'a dit que ses bisaïeux parlaient encore le portugais; de son côté, il le savait aussi, mais il l'avait appris d'un oncle, en continuant à le pratiquer par la lecture. Les phénomènes les plus saillants que j'ai observés dans la phonétique de cet individu furent les suivants: valeur de *g* et de *r* hollandais donnée à nos *g* et *r*; *-s* prononcé *-ç*; *-inha* portugais prononcé *îha* (*î* = *ng* germanique) dans *raîha* = *rainha*, *gâlîha* = *gallinha*; notre *lh* prononcé *llh*. Les noms de famille portugais (§6-f), sont parfois défigurés dans la prononciation: *Tecsera* et *Teicseira* = *Teixeira* (à cause de l'orthographe), *Ossôrio* = *Osorio*, *Lôpeç* = *Lopez*, *Mátoç* = *Matos*, *Jacop* = *Jacob*. Dans la littérature portugaise des Juifs, on trouve quelques particularités grammaticales, mais je ne puis pas m'étendre sur ce sujet.²⁴²

145. A Hambourg, on emploie aussi dans certains actes religieux des formules portugaises: *Boa semana! Que tenha melhoradas festas! Que Deus o escreva em livro de vidas!* A une femme enceinte on dit: *Que faça boa parida, e que vêja de seu filho recém-nascido muito gôsto!* Le livre des prières est appelé *Rezabuch*, mot formé du portugais, *reza* «prière», et de l'allemand, *Buch* «livre», conjoints selon les lois de la composition germanique. Certains comestibles reçoivent des désignations portugaises, comme *bolo* ou *volo* (ex. «Geben Sie mir einen *bolo*»).

242 [ex. pess.: Inscr. portug. dos Países Baixos no *Boletim da 2ª classe da Ac.*, V, 303 ss.].

La synagogue s'appelle *ésnoga*, comme en ancien portugais.²⁴³ M. Cassuto, dont j'ai parlé au §6 f, prononçait *éi* notre diphtongue *ei*, par exemple dans *-éiro*, *-éito*, et il prononçait l'*-s* comme dans le Nord du Portugal; il n'y avait que l'*r* à laquelle il donnât un son germanique. M. Cassuto m'a dit qu'au temps de sa jeunesse, les Juifs de Hambourg prononçaient *baltizar* «batizar», comme dans le portugais populaire. Mots portugais encore usités dans les funérailles: *tumba*, *mortalha*, entremêlés de mots allemands. Dans les cimetières, on lit sur les pierres tombales: *Sepultura do B. A.* («Bem Aventurado»)... C'est une langue qui est en train de disparaître, mais qui ne veut pas tout à fait mourir! – La colonie hébraïco-portugaise de Hambourg n'est pas nombreuse.

243 *Esnoga* provient de *synagoga* par intermédiaire de ces formes: *synagoga* > **senagoga* > **snagoga* (cf. pop. *smana* < semana) > **snaoga* (dissimil.) > *snoga* (cf. *mor* < maor) = *esnoga*. Cf. l'anc. esp. *sinoga* < sina(g)oga.

Chapitre V

Codialectes portugais

146. Il y aurait beaucoup à dire sur les codialectes portugais (§7); sur l'un d'eux, le mirandais, j'ai écrit récemment deux volumes, et sur le galicien il existe toute une bibliothèque. Ici, je dois me borner à présenter quelques observations très succinctes.

I. Galicien

147. Pour la bibliographie, voir §§20 et 31. – Le galicien médiéval différait très peu du portugais; il y a même des cas où il est difficile ou impossible, par le seul moyen de la graphie, d'établir des distinctions entre ces idiomes. – Le galicien traite les voyelles latines comme le portugais, et non pas comme l'espagnol: Ë, Ö, par exemple, restent *e, o*, au lieu de se diphtonguer en *ie, ue*, comme dans l'espagnol; l'-L- est traitée de la même façon dans le galicien et dans le portugais, c'est-à-dire qu'elle tombe, tandis que l'espagnol la conserve, par ex. galicien et portugais archaïque (encore populaire dans le *trasmontano*) *soa*, esp. *sola* < l. *sola*; le groupe CL- est devenu *ch-* en galleco-portugais, tandis qu'en espagnol il est devenu *ll-*, par ex. dans *clamare* > gal.-port. *chamar*, esp. *llamar*. Il y a cependant des circonstances où le galicien, du moins aujourd'hui, se distingue du portugais: en regard du portugais *j* et *-s-* (= *z*), le galicien offre *x* et *-s-* (= *ss-*), ex. gal. *xá* < > port. *já*, gal. *cousa* (= *coussa*) < > port. *cousa* ou *coisa*; ces différences sont fondamentales. Il n'y a pas en galicien certaines diphtongues portugaises, par ex. *ão, ões*, ex. gal. *man* et *mao* (*mau*) < > port. *mão* < l. *manu-*; gal. *visions-visiôs* < > port. *visões* < l. *visiones*. Alors que le port. dit *ãféiã, creias*, le Galicien dit *aféan, créas*. Dans la morphologie, le galicien a, par exemple, *ti* au nominatif, où le portugais a *tu*; il a *che* où le portugais a *te*; au pronom portugais *elle* correspond le galicien *il* (à côté de *el*, qui est aussi port. pop. et arch.); au parfait, la 2^e pers. sing. se termine par *-che*, tandis qu'en portugais elle se termine par *-ste*; il y a en galicien des prétérits forts en *-o*, qui, en portugais littéraire, se terminent par *e*, par ex. *houbo* – *houve* < l. *habuit*; à la particule *se* correspond en galicien *xe*. Dans la syntaxe, il n'y a pas de différences considérables, mais il y en a de très grandes dans le lexique.

148. Le galicien ne se parle pas d'une manière uniforme dans toute son aire géographique: au Nord, on dit *el, este, uns*; au Sud, on dit *il, iste, us*. Dans le Bierzo ou Vierzo, et dans certaines contrées de Léon et des Asturies, le galicien se rattache à l'asturiano-léonais. Voir sur ces sujets mes *Estudos de philologia mirandesa*, II, 57-62.

II. Riodonorais (ou rionorais)

149. Ce codialecte est parlé à Riodonor (ou *Rionor*), petit village du «concelho» de Bragança (Tras-os-Montes), sur la frontière. – Pour la bibliographie, voir §31. – Il possède des caractères qui le rapprochent du portugais et du galicien, par opposition à l'espagnol, et au contraire il en possède d'autres qui le rapprochent de l'espagnol et du mirandais.

150. On y trouve des nasales, comme en portugais; CT, PL-, CL- y sont traités comme en portugais et en galicien: *peito* < l. pectu-, *ché* < l. plena, *chabe* < l. clave- (en espagnol il y a respectivement *-ch-*, *ll-*, *-ll-*); au port. *j* correspond *x*, comme en galicien: *xugo* < > *jugo*; et à *-S-* correspond *-ss-*, ex. *queisso* = l. caseu-; à *-lh-* port. correspond *-y-*, comme dans l'asturiano-léonais, ex. *ureya* < l. oric'la; *-d-* secondaire tombe dans la terminaison *-ATV*, ex. *binau* < **venado* < l. venatu, phénomène qui se trouve aussi dans l'espagnol familier et populaire; *-L-* reste comme en espagnol et en mirandais, ex. *solo* < *sōlu-*, et tombe au contraire en galicien et portugais; *-N-* est traitée de différentes façons: *luna* < l. luna, *tronar* < > l. tonare, *mau* < l. manu-, *rá* < l. rana-, *pã* < l. pane-, *chãñueiro* < l. planariu- «vallón», *chẽ* < l. plenu-, *ché* < plena; *Ě*, *Ŏ* ont éprouvé le même sort qu'en mirandais: *dieç* < dece(m), *pũsto* < l. positu-. – Dans la morphologie, je noterai: sing. *-l*, plur. *-les*, ex. *animal* – *animales*, sing. *-õ*, plur. *-ones*, ex. *fraxõ* – *fraxónes* «haricots»; l'article masculin est *ál* au singulier (cf. esp. *el*), et *os* (= *us*), comme en port., au plur.; pronoms *yõu*, *mũu*, *tõu*, *sõu*, *al* (comme accusatif, ex.: *trágo-al* «je l'apporte»; verbes *fõnũ* < > fuerunt, prët. en *-ei*, *-ête*, *-órũ* (ex. *labéi*, *labéste*, *labórũ*), *-des* à la 2^e personne plur. dans les proparoxytons (ex. *séiades*, *labábades*). – Particules: *astá* (cf. hisp. *hasta*) «jusque», *ende* «y» < l. inde, *guõi* < l. hodie. – Le lexique contient beaucoup de particularités.

III. Guadramilais

151. Le guadramilais est parlé à Guadramil, petit village qui appartient aussi au «concelho» de Bragança, sur la frontière. – Pour la bibliographie, voir §31. – Ce codialecte est dans les mêmes conditions que le riodonorais (§149) à l'égard de l'espagnol et du portugais; entre le riodonorais et le guadramilais, il y a pareillement des ressemblances et des différences.

152. Il possède des nasales, comme en portugais; CT donne *it*, ex. *fruito*; PL- donne *ch*, ex. *chaneira* «vallée» < l. planaria; à *j* port. correspond *x*, comme en galicien, ex. *xuiç* < > *juiz*; à *-s-* port. correspond *-ss-*, aussi comme en galicien, ex. *cassa* < l. casa-, port. *casa*; à *-lh-* correspond *-y-* (ou *-iy*), ex. *abeya* ou *abeiya* < l. apic'la-; *-L-* reste, ex. *selombra* < **solombra* < su(b) (il)la-umbra-; *Ě*, *Ŏ* deviennent *ię*, *ũø*, ex. *semięte*, *bũqssõ*. Jusqu'ici nous trouvons une concordance entre le guadramilais et le rionorais;

il y a cependant des différences dans la façon de traiter le *-d-* secondaire, qui reste en quadramilais ex. *benado*, et dans la façon de traiter l' *-N-*, qui reste aussi toujours, par ex. *rana*, *cheno*, *cadena* < l. *catena*, exception faite des terminaisons *-ANE*, *-ONE*, etc., où, par l'effet de la chute de l' *-E*, la consonne est tombée, après avoir nasalisé la voyelle précédente, par ex. *melô* < l. *melone*. Dans la morphologie: sing. *-l*, plur. *-les*, ex. *animal* – *animales*; sing. *-ô*, plur. *-ones*, ex. *melô* – *melones*; l'article masc. est *ôu* (qui s'explique par *o*, lequel, étant atone et initial, s'est changé en *ôu-*, phénomène qui a un parallèle en mirandais: voir *Est. de phil. mir.*, I, §78); pronoms *yôu*, *mîu*, *tôu*, *sôu*, *lo* (à l'accusatif: *dei-lo* «je l'ai donné»); prétérīts en *-ei*, *-este*, *-óns* (et *-ónũ*): *labei*, *labeste*, *labonẽ*, *fónũ*; quelques particules semblables à celles du riodonrais.

IV. Mirandais (et sendiniais)

153. Parlé dans la Terra-de-Miranda (Tras-os-Montes). – Pour la bibliographie, voir §§20 et 31. – Comme j'ai étudié avec beaucoup de détails ce codialecte dans ma *Grammatica mirandesa*,²⁴⁴ j'y renvoie le lecteur. Cf. aussi *Estudos de Phil. mir.* II, 51, où j'ai signalé les différences et les ressemblances les plus générales entre le mirandais et le portugais.

154. Dans la phonétique, je noterai: $\ddot{E} > i\epsilon$, $\ddot{O} > u\varrho$ (ϱ). O- atone > *ôu-*, E- atone > *ei-*, V devient généralement *b*, -N- reste (exception faite des terminaisons *-ANE*, *-ENE*, *-ONE*, etc., qui deviennent *-ã*, *-ẽ*, *-õũ* etc.), L- devient *lh-*, -L- reste, CL- devient *ch-*, -NN- devient *-nh-*, -LL- devient *-lh-*, -MN- devient *-nh*. Exs.: *tierra*, *buono* (*bono*), *ôucafiôũ*, *eiterno*, *bino*, *rana*, *pã*, *biẽ*, *melôũ*, *lhuna*, *salir*, *cheno*, *anho*, *cabalho*, *sonho*. – Morphologie. Le pluriel dépend naturellement des lois phonétiques: *froles* de *frol*, *fines* de *fĩ*; dans les pronoms, il y a des formes intéressantes, semblables aux formes riodonoraises et quadramilaises (§§150 et 152); l'article défini masc. est *l*, au plur. *ls*; l'article féminin est *la*, *las*; la conjugaison présente beaucoup de particularités, telles que *-este*, *-órũ* au parfait faible, *-o* à la 3^e pers. sing. du parfait fort; dans la classe des particules: *alantre*, *apúis*, *de presto*, *antoces*, *anque* (*ãique*). – Dans la syntaxe elle-même, on trouve des faits saillants, comme: *chubir nel caballo*. – Le lexique est très important.

155. A côté du mirandais, on parle le sendiniais (dans le bourg de Sendim), qui peut être considéré ou comme son sous-dialecte, ou comme un codialecte portugais. Voici l'indication des différences les plus remarquables qui existent entre le sendiniais et le mirandais: L-, qui devient *lh-* en mirandais, reste en sendiniais (comme en portugais); *-ão* correspond au mir. *ôũ-*; \ddot{E} , \ddot{O} deviennent *i*, *u*; \bar{V} et \bar{I} deviennent *ù* (ϱ) et *ì* (ϵ). Cf. *Estudos de phil. mir.*, II, 34 et 337.

244 Elle forme la II^e Partie des *Estudos de philologia mirandesa* (vol. I, p. 267 suiv.).

TROISIÈME PARTIE

Considérations sur les Dialectes Portugais

La langue populaire obéit à des lois. – Importance de notre dialectologie au point de vue de la glottologie générale, romane et portugaise, et de l’ethnologie. – Conditions de l’existence de nos dialectes. – Leur degré de vitalité.

156. De l’étude faite dans la I^e et la II^e Partie de ce travail, il ressort que la langue populaire offre un certain²⁴⁵ nombre de particularités et de problèmes, et que, dans son développement, elle obéit à des lois. Les anciens grammairiens, et encore aujourd’hui la plupart des personnes, considèrent le parler du peuple comme un jargon dépendant du caprice individuel, quoiqu’il n’y ait rien de plus faux que cette idée. Sans doute, je ne demande pas que les personnes instruites parlent et écrivent le langage du vulgaire. Chaque chose a sa place. Quand je soutiens que la langue populaire ne mérite aucun discrédit, je veux dire par là que tous les phénomènes qu’on y observe sont du même ordre que ceux de toutes les autres langues; et il ne peut pas en être autrement, car l’esprit humain est un. Le peuple du Minho a autant de motifs pour prononcer *razôu* ou *rezôu*, que les lettrés pour prononcer *razão*: dans ces deux mots, les terminaisons *-ôu* et *-ão* proviennent de la terminaison archaïque *-om*, qui à son tour provient du latin *-ONE*; la différence consiste en ceci, que *-om* a subi deux évolutions. Ceux qui se moquent du langage plébéien oublient que la langue portugaise a été, comme toutes les langues, formée par le peuple!

157. Quel que soit le point de vue auquel nous considérons la dialectologie, elle a une grande importance. En premier lieu, elle sert à la glottologie générale, parce que, comme les dialectes ont un développement plus libre et plus spontané que la langue des lettrés, qui est en partie très soumise à la tradition littéraire, et dans le lexique, dans le style, et même dans la syntaxe, aux goûts et aux caprices des écrivains en renom, on y peut plus facilement surprendre l’action des forces vives du langage.

Les parlers créoles d’Afrique nous montrent, par exemple, dans leur *ba* du prétérit imparfait de l’indicatif (§§131 et 134), un phénomène d’analogie qui a une grande

245 [No ex. pess., a versão original *grand nombre* foi emendada na margem para *certain nombre*].

extension; dans le même cas est le prétérit en *-i* de la I^{re} conjugaison (§74-a) qui s'est produit par imitation de ceux des II^e et III^e conjugaisons. Des idiomes frontières, comme le mirandais, le riodonorais et le quadramilais, nés entre l'espagnol et le portugais, indiquent comment des langues d'une même famille peuvent se constituer dans des territoires contigus, soit en se croisant mutuellement, soit en s'éloignant les unes des autres, mais en maintenant dans tous les cas une physionomie commune, qui les subordonne au même principe général de classification. Le *barranqueiro*, ou parler de Barrancos (§85), rapprochant constamment le portugais de l'espagnol, montre comment deux langues différentes, quoique d'une même famille, sont susceptibles de se pénétrer et de se mélanger en partie, parce qu'il possède dans sa grammaire des phénomènes qui sont caractéristiques de la grammaire espagnole, et qui ne pouvaient pas s'être produits spontanément sur place. A ce propos, les dialectes créoles sont particulièrement intéressants, parce que, comme ils se sont développés au contact de langues absolument étrangères, ils en ont reçu de nombreux vocables, et parfois quelques caractères spéciaux, comme cela semble être le cas dans le dialecte de Ceylan, où les prépositions sont devenues de véritables *pospositions* (§118), dans le dialecte de la Guinée, où le pluriel se forme au moyen de préfixes (§134), et dans le dialecte de San-Thomé, où les pronoms suivent les noms auxquels ils se rapportent (§138); remarquons encore ce qui arrive dans le dialecte de Mangalor, où existe l'*s* du génitif anglais (§109); sur le malayo-portugais, voir le §126. Ainsi, les dialectes créoles nous aident à comprendre de quelle façon s'implante une langue, quand elle est portée loin de son berceau, et comment tantôt elle présente un développement particulier, tantôt elle s'adapte aux conditions du milieu. Par l'étude des dialectes créoles, nous pouvons aussi éclaircir quelques questions historiques, celle-ci, par exemple: comme l'*á* tonique portugais est représenté par *é* dans certains dialectes créoles de l'Afrique (§§131, 138 et 139), et comme ce phénomène constitue un caractère dialectal du portugais du Nord de l'Alemtejo et du Sud de la Beira-Baixa, dans la même longitude (§43-a), on pourra admettre que la population de ces régions a exercé une certaine influence dans la colonisation des points de l'Afrique où le phénomène se manifeste, et incidemment, que cette particularité phonétique du portugais remontera au moins à l'époque de la colonisation (XVI^e siècle). Autre exemple: comme à la diphtongue portugaise *ou* correspond *ô* dans quelques parlars du continent (§56-e), et que ce même *o* existe dans presque tous nos dialectes d'outremer, il semble que cette réduction s'était déjà opérée chez nous au XVI^e siècle, et peut-être même avant. Nous surprenons ainsi en même temps les rapports qui existent entre les dialectes créoles et ceux du continent.

158. Si de la glottologie générale nous passons à la glottologie romane, personne ne révoquera en doute combien intéressant est d'observer quel degré de différenciation a éprouvé le latin à l'extrémité occidentale de la Romania, dans la bouche d'un petit peuple, qui, non content de le parler en Europe, l'a porté et propagé depuis les rocs du *Promunturium Sacrum*, jusqu'aux rivages des Amazones, et jusqu'à Timor, dans l'archipel asiatique:

«A lingua de tam noble gente e terra, como he Portugal, viverá contente e folgará de se estender pollo mundo»,

a dit judicieusement au XVI^e siècle notre grammairien Fernão d'Oliveira.²⁴⁶ L'aire de la Romania, grâce aux Portugais, a donc pris une très importante extension.

Sur le continent, l'étude de nos dialectes nous montre que, de même que le provençal se rattache en quelque sorte à l'espagnol par l'intermédiaire du gascon²⁴⁷ et du catalan,²⁴⁸ de même l'espagnol se rattache au portugais par l'intermédiaire des parlers frontières de Tras-os-Montes. Ces points de contact entre le Portugal et l'Espagne, qui n'avaient pas été encore bien déterminés, l'ont été récemment.

En descendant à l'examen des détails, nous trouvons que les dialectes portugais enrichissent la glottologie romane. Personne, à première vue, ne croirait, par exemple, que les voyelles latines ont éprouvé une diphtongaison aussi variée que celle que nous avons notée aux §§44-46 (quoiqu'elle soit parfois récente et restreinte à des zones peu étendues), ni que la conjugaison offre autant de variétés que celles qui ont été indiquées aux §§74-76. En ce qui concerne la lexicologie, le vocabulaire provincial portugais présente constamment des nouveautés: le mot *faluppa*, restitué depuis peu de temps au trésor de la latinité, est continué par le portugais *fopa*, qui vit dans le langage de la Beira; à côté de l'ancien français *velre*, du latin *vellus*, -eris, on doit placer le mirandais *beldre*; l'italien dialectal *lambreccia*, du lat. *imbriculu-*, a comme forme parallèle notre mot du Minho *breilho* (proprement d'imbric'lu-); enfin, – pour ne pas allonger cette liste, – je ne citerai plus que le mot *cotío*, du Minho, qui renvoie au lat. *quottidio* ou *cottidio*, qui correspond à *quottidie*) la seule forme que cite Körting dans son *Lat.-rom. Wb.*, 2^e édit.

159. Dans le domaine spécial de la philologie portugaise, l'étude des dialectes facilite celle de la langue générale.

La question orthographique de l's et du ç, sons aujourd'hui confondus dans le parler commun, se simplifie par l'observation de ce qui arrive dans les parlers du Nord et du Centre, où la distinction primitive existe encore (§59-e): ainsi *sossêgo*, que l'on écrit incorrectement avec *c*, s'y prononce avec *ss*, ce qui est d'accord avec l'étymologie. Beaucoup d'expressions, qu'on supposait mortes, parce qu'elles ne sont plus usitées dans la littérature, continuent à vivre dans le langage populaire: par exemple, le mot *tamalavez* «peu», «un peu», qui, à ce qu'il semble, a cessé d'exister dans la littérature après le XVII^e siècle, se continue dans l'Alemtejo, où je l'ai trouvé tout récemment; le mot *fontella*, diminutif de *fonte*, qui semblait s'être pétrifié dans l'onomastique, existe en Tras-os-Montes; *moledo*, qui semblait aussi n'exister que comme nom de lieu, s'emploie dans l'Algarve sous les formes *moledro* et *meledro* «amas de pierres».

L'onomastique, dont l'étude est pleine d'obscurités, s'illumine très souvent, comme nous l'avons vu, par l'examen des dialectes. Ainsi: *Cadaval*, *Cadaveira* et des formes semblables, s'expliquent par le galicien *cádavo* «palo de tojo chamuscado», «hierba»; *Caçurrães* s'explique par la forme *caçurro*, de l'Estrémadure, «monticule inculte au milieu d'un champ labouré».

246 *Gramm. da lingoagem port.*, 2^e éd., p. 4.

247 [ex. *pess.*: O gascão: V > b, ex. *leba* < LEVAT; F > h, ex. *habe* < FABA; R > arr, ex. *arram* < RAMVM].

248 [ex. *pess.*: -LL- > ll; v = b; *vocabulario hesp.*].

En outre, le langage populaire supplée au manque de documents anciens, ou les confirme quand ils existent, en fournissant à chaque instant des formes qui justifient les déductions étymologiques: entre le latin *re-secare* et le portugais littéraire *rasgar* est la forme méridionale *resgar*; entre *bona-* et *boa* est la forme vulgaire *bõa*, aussi très fréquente dans les anciens textes; entre *pluvia-* et *chuva* sont les formes populaires *chuiva* et *chuvia*; entre **venut* < > *venit* et *veio* sont les formes du Minho et de la Beira *vêo* et *veo* (*beo*), aussi attestées par les textes. L'énumération des faits de cette nature serait infinie.

Des mots qui ont été bannis par l'influence littéraire continuent à vivre chez le peuple, par exemple *Santo-Tisso*; aujourd'hui on écrit et on prononce dans la langue commune *Santo-Thyrso*, mais on trouve dans les documents anciens aussi *Santo Tisso*. Le présent éclaircit le passé, et vice-versa.

L'analyse des habitudes phonétiques du peuple donne l'explication de plusieurs phénomènes de la langue cultivée: quand on observe que le peuple du Minho prononce *vĩ nh aqui* au lieu de *vim aqui* (§42), on comprend comment les formes qui, dans l'ancienne langue, se terminaient par *-ïo*, *-ïa*, se terminent aujourd'hui par *-inho*, *-inha*, comme: arch. *vïo*, mod. *vinho*; arch. *tïa*, *tïa*, mod. *tinha*. Je ne finirais jamais, si j'avais la prétention de citer tous les points de contact existant entre la grammaire populaire et la grammaire littéraire.

L'étude des dialectes est aussi nécessaire pour mieux comprendre les documents médiévaux, quand ils contiennent des mots locaux. Chez les anciens auteurs eux-mêmes, nous trouvons parfois le langage populaire, comme dans Gil Vicente, Sá de Miranda et d'autres (§13). Sans la connaissance des dialectes, on ne les interpréterait pas bien.

160. L'importance de la dialectologie portugaise peut encore être appréciée sous d'autres aspects. De même que la flore, la faune, le climat caractérisent physiquement une région, de même les dialectes, aussi bien que les coutumes, le type anatomique, les aptitudes esthétiques, intellectuelles et morales, les tendances morbides, caractérisent dans une certaine manière les populations qui s'en servent. Ainsi la dialectologie sert à l'anthropologie et à l'ethnologie.

161. Puisque je viens de parler d'ethnologie, il conviendrait de connaître les conditions de l'existence de nos dialectes.²⁴⁹

Comme dans d'autres pays, les dialectes continentaux doivent correspondre aux variétés ethniques, géographiques, sociales du pays; mais nous ne savons pas encore dans quelle mesure. A peu près entre les rivières du Tâmega et du Corgo, on parle une sorte de langage; au delà du Tua, on en parle une autre; le Douro sépare approximativement le dialecte *beirão* du dialecte *interamnense*; le Mondego sépare les parlers du Centre des parlers du Midi; dans la Terra-de-Miranda, où il y a une certaine unité de coutumes, vit l'idiome *mirandais*; le *riodonorais* et le *quadramilais* occupent de très petites aires géographiques; le *galicien* est confiné dans la Galice, au delà du Minho; l'*ü* se propage dans une zone géographique bien délimitée (§47); le *ch* existe dans le Nord et dans le Centre, et a été remplacé par *x* dans le Sud; la

249 [ex. pess.: Causas dos dialectos: cfr. *Rev. des l. rom.*, XXXIII, 72-74].

distinction entre *s* et *ç* se maintient surtout sur les frontières du Minho, de Tras-os-Montes et de la Beira; le parler du bas peuple de Lisbonne est plus cultivé que celui de n'importe quelle autre localité.

Les dialectes vivent les uns à côté des autres, dans un certain contact. On ne passe pas brusquement du Nord au Sud, ni de la Beira à l'Entre-Douro-e-Minho: il y a toujours des zones de transition; on peut même quelquefois dire *a priori* si certains phénomènes phonétiques existent ou non dans une région déterminée. Si le mirandais rattache le système portugais au système espagnol (§158), et le riodonorais et le quadramilais rattachent le mirandais au galicien, le *trasmontano* rattache les codialectes de la frontière au reste du portugais, l'*alto-minhoto* est un lien entre la Galice et le Nord du Portugal, et dans le portugais proprement dit le *beirão* rattache le Nord au Sud (§84).

Sur l'évolution du portugais insulaire, d'outremer et les Juifs, j'ai déjà fait quelques observations rapides aux §§7-B, 90, 6-k, 91, 93 et 157.

162. Après avoir parlé de l'importance de notre dialectologie, et des conditions générales des dialectes et des codialectes portugais, il sera utile de dire quelques mots sur leur degré de vitalité.

Le *galicien* disparaîtra tôt ou tard, repoussé par l'espagnol, à moins que les conditions politiques de la Galice ne changent. Le *mirandais* a perdu du terrain, depuis le moyen âge jusqu'à présent, et il sera un jour supplanté par le portugais. Au *riodonorais* et au *quadramilais* arrivera la même chose, et encore plus tôt, parce qu'ils occupent de tout petits territoires. Si ces idiomes ont résisté jusqu'aujourd'hui, c'est à cause de certaines conditions sociales de l'ancien temps. La civilisation maintenant envahit tout: les communications entre les peuples sont plus faciles; des écoles se créent; des journaux et des livres se répandent. Les *dialectes continentaux* et *ceux des îles adjacentes*, comme ils ne diffèrent pas beaucoup du langage littéraire, continueront peut-être à vivre, en se modifiant insensiblement. Les *parlers créoles* sont des idiomes provisoires, ou, pour mieux dire, passagers, destinés à être remplacés soit par les langues indigènes, soit par celles des nations européennes qui dominent dans les aires où ils existent: on commence à voir cela, par exemple, dans le dialecte de Ceylan.

Il est donc urgent de recueillir et d'étudier les matériaux dialectologiques, avant que les dialectes ne cessent tout à fait d'être parlés. Les principaux et les plus remarquables ne tarderont pas à mourir, et ne nous seront bientôt plus connus que par quelques débris. De même que la musique, quand elle finit, ne laisse dans l'oreille qu'une faible résonance, de même ces dialectes, et tous ceux qui se trouvent dans des circonstances analogues, légueront seulement aux langues de l'avenir quelques vocables de plus en plus rares, qui transmettront aux générations futures un vague souvenir de leur origine. C'est ainsi que dans l'archipel malais, il y a beaucoup de nos mots semés au milieu des langues locales; et les Juifs de Hollande et d'Allemagne, qui parlent respectivement le hollandais et l'allemand, emploient encore, mélangés à l'hébreu et au germanique, des noms et des phrases qui proviennent de la langue du Portugal.

Table des Matières

Novidades desta edição da <i>Esquissa</i>	5
Préface	38
Première Partie	40
Histoire générale des dialectes portugais	
Chapitre I. – Délimitation du sujet:	41
A. Portugais populaire et portugais littéraire	41
B. Géographie de la langue portugaise	45
C. Classification des dialectes portugais	54
Définition de dialectologie portugaise	58
Chapitre II. – Bibliographie dialectologique:	59
A. Textes populaires	59
B. Notices et études sur les dialectes	73
Deuxième Partie	
Grammaire sommaire des dialectes portugais	86
Observation préliminaire	87
Chapitre I. – Dialectes continentaux:	88
I. Phonologie	89
a) Classement, description et notation des sons	89
b) Liaison des sons entre eux	92
1. Syllabes et accents	92
2. Phonétique syntaxique	92
c) Étude spéciale des altérations de chaque son et de chaque groupe de sons	93
1. Voyelles toniques qui ne sont pas en hiatus	93
2. Voyelles toniques en hiatus	98
3. Voyelles atones qui ne sont pas en hiatus	99
4. Voyelles atones en hiatus	102
5. Diphtongues toniques et atones	102

6.	Semi-voyelles	106
7.	Consonnes simples	107
8.	Groupes de consonnes	111
9.	Phénomènes phonétiques généraux	111
II.	Morphologie	114
1.	Noms	114
2.	Noms de nombre	115
3.	Pronoms (et articles)	116
4.	Verbes	118
5.	Particules	125
6.	Formation des mots	126
III.	Syntaxe	127
IV.	Remarque sur le lexique	128
V.	Résumé des caractères dialectologiques	128
1.	Dialecte «interamnense»	128
2.	Dialecte «transmontano»	129
3.	Dialecte «beirão»	129
4.	Dialecte méridional	129
	Note sur le parler de Barrancos	130
	Distribution des phénomènes dialectaux	130
Chapitre II. – Dialectes insulaires:		
I.	Dialecte açoréen	133
II.	Dialecte madérien	133
Chapitre III. – Dialectes d’outremer:		135
I.	Dialecte brésilien	136
II.	Indo-portugais	138
1.	Dialecte créole de Diu	139
2.	Dialecte créole de Damão [Daman]	139
3.	Dialecte «norteiro»	140
4.	Portugais de Goa	141
5.	Dialecte créole de Mangalor	143
6.	Dialecte créole de Cananor	143
7.	Dialecte créole de Mahé	143
8.	Dialecte créole de Cochin	143
9.	Portugais de la côte de Coromandel	144
III.	Dialecte créole de Ceylan	145
IV.	Dialecte de Macao ou macaista	147
V.	Malayo-portugais	
1.	Dialecte créole de Java	149
2.	Dialectes créoles de Malacca et de Singapour	149
VI.	Portugais de Timor	150

VII.	Dialecte créole de l'archipel du Cap Vert	150
VIII.	Dialecte créole de la Guinée	151
IX.	Dialectes créoles du golfe de Guinée	152
	1. Dialecte créole de l'île de San-Thomé	153
	2. Dialecte créole de l'île du Principe [Prince]	154
	3. Dialecte créole d'Anno-Bom ou <i>fá d'Ambú</i>	154
X.	Portugais des côtes de l'Afrique	154
Chapitre IV. – Portugais des Juifs:		157
	Amsterdam	157
	Hambourg	157
Chapitre V. – Codialectes portugais:		
I.	Galicien	159
II.	Riodonorais (ou rionorais)	160
III.	Guadramilais	160
IV.	Mirandais (et sendinçais)	161
Troisième Partie		
Considérations sur les dialectes portugais		162
La langue populaire obéit à des lois. — Importance de notre dialectologie au point de vue de la glottologie générale, romane et portugaise, et de l'ethnologie. — Conditions de l'existence de nos dialectes. — Leur degré de vitalité.		163

